

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO

GILSON LUIZ PIBER DA SILVA

ANALÍTICA DA MEDIATIZAÇÃO ESPORTIVA:
Estratégias discursivas das colunas/istas Juca Kfourri e Tostão
sobre a Copa do Mundo de 2014 na Folha de São Paulo

São Leopoldo
2016

Gilson Luiz Piber da Silva

ANALÍTICA DA MEDIATIZAÇÃO ESPORTIVA:
Estratégias discursivas das colunas/istas Juca Kfourri e Tostão
sobre a Copa do Mundo de 2014 na Folha de São Paulo

Tese apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Doutor em Ciências da Comunicação,
pelo Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
- UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Antonio Fausto Neto

São Leopoldo

2016

S586a

Silva, Gilson Luiz Piber da

Analítica da midiatização esportiva : estratégias discursivas das colunas/istas Juca Kfoury e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014 na folha de São Paulo / por Gilson Luiz Piber da Silva. – 2016.

153 f.: il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2016.

“Orientação: Prof. Dr. Antonio Fausto Neto.”

1. Estratégia discursiva. 2. Analítica. 3. Colunistas. 4. Jornalismo esportivo. 5. Midiatização. 6. Copa do Mundo (futebol). I. Título.

CDU: 070:796

GILSON LUIZ PIBER DA SILVA

"ANALÍTICA DA MUDIATIZAÇÃO ESPORTIVA: Estratégias discursivas das colunas/istas Juca Kfourri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014 na Folha de São Paulo"

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 01 de abril de 2016

BANCA EXAMINADORA



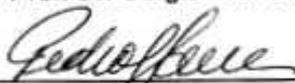
Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos - UFMÁ



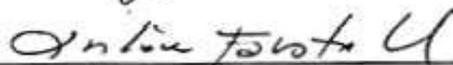
Profa. Dra. Viviane Borelli - UFSM



Prof. Dr. Sérgio Francisco Endler - UNISINOS



Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes - UNISINOS



Prof. Dr. Antonio Fausto Neto - UNISINOS

Dedico este trabalho a minha esposa,
Marise, ao meu filho, Guilherme, e ao
nosso cachorro, Daygon Luiz.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Wilson e Celvina, pelo amor, educação e incentivo.

Aos meus irmãos, Odacir, Leonor e Wilson Marcelo, pela amizade, constante apoio e parceria.

Aos meus sogros, Valter (*in memoriam*) e Therezinha, pela confiança e força.

Aos cunhados(as), Glenir, Marli e Mônica, pela amizade e apoio.

As minhas sobrinhas e ao meu sobrinho-afilhado, Pedro.

A todos os dirigentes, colegas e amigos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em especial à equipe da Coordenadoria de Comunicação Social.

A todos os dirigentes, colegas e amigos do Centro Universitário Franciscano (Unifra), em especial os professores, colaboradores e alunos do curso de Jornalismo.

A todos os dirigentes, docentes e colaboradores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em especial os professores e colaboradores do Doutorado em Ciências da Comunicação.

Ao meu orientador, Antonio Fausto Neto, pela amizade, ensinamentos, confiança e paciência.

A todos os colegas da turma de 2012 do Doutorado em Ciências da Comunicação da Unisinos, em especial Elida Ferreira, Natália Aldrigue e Ricardo Vernieri, pela amizade, coleguismo, apoio e respeito.

Ao professor do CEFD/UFSM, Antonio Guilherme Schmitz Filho, pelos ensinamentos e auxílio na elaboração do projeto de pesquisa.

Ao Thanon Carvalho e família Allebrand Carvalho, pelos churrascos e ótimos bate-papos de domingo, e a Gloria Conceição, amiga e revisora.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.

(Eduardo Galeano)

RESUMO

Este trabalho propõe-se a examinar a analítica da midiatização esportiva, por meio das estratégias discursivas das colunas redigidas por Juca Kfourri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014 no jornal Folha de S. Paulo. O problema de pesquisa está formulado nos seguintes termos: Como se manifesta a analítica da midiatização na esfera do jornalismo esportivo, a partir das estratégias discursivas e enunciativas das colunas de Juca Kfourri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014 no jornal Folha de S. Paulo? A tese estrutura-se em três capítulos. O primeiro busca dimensionar a importância dos estudos sobre midiatização associada às diferentes práticas sociais que funcionam no âmbito da organização social. O segundo aborda como a midiatização afeta, especificamente, as práticas jornalísticas, de acordo com o trabalho de várias operações tecno-discursivas. O terceiro enfatiza a coluna, que é uma das instâncias do ambiente do jornal, por meio do qual se dão também operações de midiatização do jornalismo. A análise resulta que a analítica ocorre em torno de marcas de enunciação e de estratégias discursivas, realizadas pelo trabalho da coluna/colunistas no complexo universo do jornalismo. Entende-se, portanto, a analítica da midiatização como modos de dizer, apontar e avaliar um determinado acontecimento na perspectiva e iniciativa de sujeitos.

Palavras-chave: Estratégias discursivas. Analítica. Colunas/colunistas. Midiatização. Copa 2014.

ABSTRACT

This paper aims to examine the analytics of sports mediatization, through the discursive strategies of columns written by Juca Kfourri and Tostão about the 2014 World Cup in the newspaper Folha de S. Paulo. The research problem is formulated as follows: how analytics of mediatization appears in the journalistic sphere, from the discursive and enunciative strategies in the columns of Juca Kfourri and Tostao about the World Cup in 2014, published in the newspaper Folha de S. Paulo? The thesis is divided into three chapters. The first one searches to measure the importance of studies on mediatization associated with the different social practices related to the social organization. The second one addresses on how mediatization affects specifically journalistic practices, according to the actions of several techno-discursive operations. The third emphasizes the column, which is one of the journal environmental instances, through which also occur operations of journalism mediatization. The study shows that the analytical happens around enunciation marks and discursive strategies carried out by the work of column/columnists in the complex journalism environment. It is understood, therefore, analytical mediatization as ways to say, to point and to evaluate a particular event in the subjected and initiative perspective.

Keywords: Discursive strategies. Analytical. Columns/columnists. Mediatization. 2014 World Cup

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da semiose da midiatização.....	16
Figura 2 - Juca Kfourri atua há mais de 40 anos no jornalismo esportivo.....	75
Figura 3 - Tostão foi campeão pelo Brasil em 70, na Copa do México	76
Figura 4 - Logomarca e falas de jogadores.....	98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A MUDIATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS.....	15
3 A MUDIATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS.....	31
4 A COLUNA COMO DISPOSITIVO JORNALÍSTICO DE ENUNCIÇÃO DO ACONTECIMENTO.....	41
4.1 Olhando alguns estudos sobre colunas	42
4.1.1 A coluna na ambiência e na topografia do jornal.....	50
4.1.2 A coluna como operador de articulação e interação	54
4.1.3 A coluna, enunciação e produção de sentidos.....	61
4.1.4 A coluna como produtora do acontecimento	63
4.1.5 A coluna e o vínculo com o leitor	65
5 A COLUNA, OPERAÇÕES E MARCAS DA ANALÍTICA	68
5.1 Comentário introdutório.....	68
5.2 Algumas noções sobre analítica e analítica da midiatização.....	70
5.3 A biografia midiática de Juca Kfourri e Tostão.....	74
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	78
6.1 As analíticas em exame.....	80
6.1.1 De olho na analítica de Juca Kfourri: o antes da Copa	81
6.1.1.1 Titulação e a tematização do acontecimento	81
6.1.1.2 Operações alusivas à midiatização	82
6.1.1.3 Avaliações comparativas.....	84
6.1.1.4 Marcas interpretativas.....	84
6.1.2 De olho na analítica de Juca Kfourri: o durante a Copa	87
6.1.2.1 Títulos e a tematização da Copa	87
6.1.2.2 Operações comparativas	88
6.1.2.3 Marcas interpretativas.....	89
6.1.3 De olho na analítica de Juca Kfourri: o depois da Copa.....	91
6.1.3.1 Títulos e operações de tematização da Copa	91
6.1.3.2 Operações alusivas à midiatização	92
6.1.3.3 Operações comparativas	93
6.1.3.4 Marcas interpretativas.....	93
6.1.4 De olho na analítica de Tostão: o antes do Mundial	95

6.1.4.1 Títulos e a tematização do acontecimento	96
6.1.4.2 Operações alusivas à midiatização	97
6.1.4.4 Marcas interpretativas.....	100
6.1.5 De olho na analítica de Tostão: o durante o Mundial	101
6.1.5.1 Títulos e a tematização do Mundial.....	102
6.1.5.2 Operações alusivas à midiatização	102
6.1.5.3 Operações comparativas	103
6.1.6 Marcas interpretativas.....	104
6.1.6.1 De olho na analítica de Tostão: o depois do Mundial.....	105
6.1.6.2 Títulos e a tematização da Copa	105
6.1.6.3 Operações alusivas à midiatização	106
6.1.6.4 Operações comparativas	107
6.1.6.5 Marcas interpretativas.....	107
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
Anexo 1	125

1 INTRODUÇÃO

Jornalismo esportivo e futebol são duas temáticas pelas quais temos um carinho especial ao longo da nossa trajetória como jornalista, radialista e docente universitário. Com o ingresso no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom) da Unisinos, em São Leopoldo (RS), na Linha de Pesquisa de Mídia e Processos Sociais, em dezembro de 2011, avançamos na proposta inicial, que intencionava descrever em que medida o ambiente das colunas esportivas desenvolvia estratégias de mídia para as construções antecipatórias sobre o selecionado brasileiro na Copa do Mundo de Futebol de 2014, verificando, dentro do contexto enunciativo do jornalismo esportivo, quais (pré) disposições antecipavam a produção do sentido em distintos momentos do processo de mídia do jornalismo.

As disciplinas cursadas, a partir de 2012, nos abriram novos horizontes e foi possível conhecer melhor e estudar, de modo sistemático, conceitos-chaves para a realização da pesquisa, como os de mídia, processos e campos sociais, processos midiáticos, interações, circulação, acontecimento e epistemologia, entre outros. Tais conceitos passaram a tensionar as perguntas sobre nosso problema de pesquisa em transformação e, de modo específico, conceitos como os de enunciação, mediação e análise da mídia passaram a provocar os estágios da pesquisa, levando em conta o objetivo de analisar as colunas de Juca Kfour e Tostão, publicadas no jornal Folha de S. Paulo (FSP).

A nossa proposta de pesquisa ganhou um novo olhar, em relação à ideia anterior, que tratava das estratégias de mídia para as construções antecipatórias sobre a participação da seleção brasileira na Copa de 2014. Isso ocorreu graças às aulas, além de seminários ministrados por convidados internacionais, que serviram de base para avançar na problematização e redesenho do trabalho. Foi possível perceber a variedade de questões relacionadas ao campo da Comunicação que são acionadas pela mídia, sem perder de vista o cuidado sobre os materiais empíricos. Como exemplo, a processualidade do evento esportivo, com um antes, um durante e um depois da Copa, a enunciação, a análise e as estratégias empregadas pelos jornalistas, bem como a mídia

Ficou evidente, por exemplo, que o planejamento é importante em qualquer pesquisa, para tornar o caminho exitoso. Que uma boa reflexão sobre processos observacionais auxilia na busca de encaminhamentos mais adequados e que a análise

dos fenômenos da midiática passa, ainda, por metodologias multidisciplinares e aportes correspondentes. O desafio foi estabelecer uma pergunta-problema, em que a abdução atuasse como processo reflexivo para produzir a descoberta.

Consideramos a coluna jornalística, de modo geral, e as colunas esportivas de Juca Kfourri e Tostão, eleitas por nós como objeto, espaços singulares e recortados, com autoria, regularidade, temática, regras e enunciação próprias. São lugares de mediação, associados a práticas que se estruturam e se desenvolvem a partir de operações de sentido engendradas no âmbito enunciativo da cultura midiática. Também nos chamou atenção o fato de os dois colunistas não falarem só sobre futebol, com seus aspectos físico, técnico e tático, mas de outros assuntos - economia, política, cultura, sociedade. Os indícios e os primeiros observáveis das colunas aqui arrolados nos levaram a formular o nosso problema de pesquisa nos seguintes termos:

Como se manifesta uma análise da midiática na esfera do jornalismo, a partir das estratégias discursivas e enunciativas das colunas de Juca Kfourri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014, publicadas no Jornal Folha de S. Paulo?

Juca Kfourri e Tostão, atores sociais reconhecidos no jornalismo esportivo brasileiro, ao assinarem colunas para a Folha de S. Paulo, oferecem agendas singulares aos leitores na formação de suas ideias e de seus comportamentos. Ambos os colunistas adotam estratégias discursivas e enunciativas, segundo operações enunciativas que dão, às narrativas de suas colunas, singularidade, ao tratarem a temática da Copa em três momentos específicos, o antes, durante e após o certame. Assim, nossa motivação é estudar as marcas e operações que emergem dessa processualidade, algo que nos leva a formular a hipótese a ser aqui estudada, segundo a qual Juca Kfourri e Tostão fazem uma análise singular da Copa de 2014 como acontecimento esportivo.

Tais elementos nos ensejam, então, a formular o objetivo geral da pesquisa, que é o de compreender as estratégias discursivas e enunciativas das colunas jornalísticas esportivas escritas por Juca Kfourri e Tostão, na Folha de S. Paulo, sobre a cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil, a fim de descrever o funcionamento de uma análise diferenciada sobre a midiática da Copa de 2014.

Os objetivos específicos visam a identificar as marcas das operações enunciativas utilizadas pelos dois colunistas, tendo em vista as temáticas abordadas nos textos; descrever como as duas colunas implicam o atravessamento de práticas sociais em função dos episódios externos ao jogo em si; e apontar como se manifesta a

produção discursiva dos dois colunistas, visando à produção de uma analítica da mediatização do acontecimento esportivo.

Para fins de entendimento do leitor sobre mediatização, nos valem de uma definição de Fausto Neto (2008):

A mediatização resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais, tema eleito em reflexões analíticas de autores feitas nas últimas décadas e que chamam atenção para os modos de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas (FAUSTO NETO, 2008, p. 90).

A mediatização funciona, afeta e é afetada pelas práticas sociais diversas. Tal processo amplia a complexidade da sociedade. Por exemplo, a questão não é o que determinado jornal diz, mas que tipo de ação tenta fazer ou faz para dizer algo ao seu leitor.

A Copa do Mundo de Futebol é um macro acontecimento, de caráter mundial, que é construído por meio de intervenções de estratégias de diferentes campos sociais. Pode ser considerado um fenômeno cultural diverso porque seu desenvolvimento se dá através de uma complexa construção, envolvendo muitas operações, agenciamentos, transações etc. Tais fatores levam o jornalismo a lidar com esse acontecimento, segundo variadas motivações e perspectivas interpretativas. No caso dos colunistas, eles trabalham em termos de enunciação com uma analítica que se engendra nas discursividades que se manifestam em suas colunas durante os momentos da Copa – antes, durante e depois.

As razões por escolher o jornalismo esportivo impresso como universo de minhas observações vinculam-se a nossa atuação profissional como jornalista, nas editorias de Esporte dos jornais A Razão, de Santa Maria, e Pioneiro, de Caxias do Sul, publicações no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, e em sites na Internet e na produção/apresentação de programas esportivos na TV Campus, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Ressaltamos, também, as atividades que nos vinculam ao meio radiofônico esportivo, em Santa Maria (RS), nas rádios Medianeira, Universidade, Imembuí e Santamariense. De agosto de 2010 a agosto de 2013, fizemos parte da equipe de coordenação do Laboratório de Análise dos Cenários Esportivos na Mídia (LACEM), do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da UFSM, participando da produção e apresentação do programa Cenários Esportivos, na TV Campus, da UFSM. Desde 2011, atuamos como comentarista da Rádio Guarathan, de

Santa Maria (RS), nos jogos do Inter-SM e do Riograndense, válidos pela Série A e a Divisão de Acesso do Futebol Gaúcho. A partir de março de 2015, passamos a fazer parte da equipe do programa Central do Esporte, da TV Unifra, como comentarista.

Outra razão está relacionada a nossa condição de professor universitário, pois, em 2005, passamos a integrar o corpo docente do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), de Santa Maria (RS), no curso de Jornalismo, ministrando as disciplinas de Radiojornalismo I e II, Oficina de Produção Radiofônica, Jornalismo Esportivo, Jornalismo Político e Projeto Experimental em Rádio, além de coordenar o Laboratório de Produção Radiofônica de 2007 a 2010 e, novamente, a partir de 2013. Orientamos alunos do curso de Jornalismo em programas e transmissões esportivas pela Radioweb Unifra e em Trabalhos Finais de Graduação (TFGs) que abordam temáticas do esporte.

Na posição de leitor da mídia e do noticiário sobre o acontecimento esportivo, surgiu a curiosidade de analisar as colunas de Juca Kfourri e Tostão, pelas estratégias enunciativas adotadas ao escreverem sobre a Copa do Mundo, extrapolando as questões do campo de jogo e trazendo fatos externos para dentro das colunas. Mas isso requer um deslocamento profissional de jornalista, radialista e professor universitário na área de rádio para a posição de um processo interpretativo mais refinado. Tal desentranhamento se fez necessário para apurar o olhar sobre as colunas, a fim de compreender as transformações que este tipo de colunismo produz na apresentação do relato do acontecimento esportivo. Acompanhamos os colunistas, seguindo-os em seus processos e circuitos pela disposição observacional da pesquisa, caminho longo e cujas descrições são feitas aqui.

Para tanto, organizamos o percurso em capítulos distintos, como passo importante na estruturação da tese. Começamos pelo capítulo que engendra a importância das pesquisas sobre midiatização, associada às diferentes práticas sociais. No capítulo seguinte, vamos examinar como a midiatização afeta, especificamente, as práticas jornalísticas, levando em conta o trabalho de várias operações tecno-discursivas. Na sequência, vamos apresentar um capítulo que trata da coluna como dispositivo jornalístico de enunciação do acontecimento. Isso porque a coluna é uma das instâncias do ambiente do jornal, por meio do qual se dão, também, operações de midiatização do jornalismo. Esses capítulos justificam-se porque as colunas de Juca Kfourri e Tostão são escritas no contexto da sociedade em vias de midiatização, na qual os jornais e suas estruturas – as colunas, por exemplo - sofrem muitas mutações na sua forma de funcionamento.

Na sequência, partimos para o percurso metodológico e a análise dos materiais selecionados (colunas). Por fim, as considerações finais do trabalho. Assim, convidamos os leitores para nos acompanharem na leitura dos capítulos que seguem.

2 A MIDIATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS

O referido capítulo busca dimensionar a importância dos estudos sobre mediação associada às diferentes práticas sociais que funcionam no âmbito da organização social, a partir de uma visita a pesquisas específicas.

Inicialmente, trazemos o conceito de mediação, com base em autores vinculados a diferentes contextos de produção acadêmica, principalmente, e segundo ângulos que são refletidos no quadro brasileiro, latino-americano e europeu. Em seguida, examinamos ângulos que chamam atenção para as afetações da mediação sobre as práticas sociais de diferentes naturezas - a saúde, esportiva, religiosa, política, dentre outras.

O argentino Eliseo Verón é o pioneiro na construção conceitual de mediação no contexto latino-americano. Suas pesquisas servem de base para outros estudos, particularmente, os desenvolvidos no PPGCOM da Unisinos, ao qual nos filiamos. Segundo ele mesmo formula, da perspectiva histórica de longo prazo.

A mediação certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. Essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, em uma variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes em nossa história evolucionária desde o início e afetaram profundamente a organização das sociedades ocidentais muito antes da modernidade (VERÓN, 2014, p. 14).

Verón (2012, p. 18) trata de deixar claro que a mediação é a exteriorização de processos cognitivos que teria iniciado com a indústria da pedra e de “maneira plena na famosa revolução neolítica”. Para ele, a mediação tem características particulares nos últimos tempos e implica a materialização de processos cognitivos. A partir do raciocínio do autor, o processo de mediação ainda está incompleto. Verón destaca que o desafio atual é compreender o papel dos dispositivos, pois sobre eles está calcado o conceito de mediação. Para refletir sobre esse processo, o autor propõe o conceito de espaços mentais que se agrupariam e se aglutinariam graças aos dispositivos técnicos, o que seria uma consequência histórica.

Para Verón (2012), os espaços mentais se configuram na relação com os dispositivos técnicos. Um exemplo de configuração de espaços mentais são as profissões, pois, para o autor, “sempre estão associados a práticas, a rotinas, rotina de

comportamento, que se aglutinam e que se legitimam em torno de dispositivos técnicos” (VERÓN, 2012, p. 23).

A mídia e seus processos se legitimam como instância responsável por criar esse ambiente de mediação técnica, e os instrumentos, que surgem por meio das tecnologias de comunicação e informação, estão em constante complexificação. Verón (1997) problematiza o processo de midiaticização da sociedade através do modo como os meios de comunicação articulam os dispositivos tecnológicos e as condições de produção e recepção de sentidos, estruturando discursividade no âmbito de práticas sociais diversas, e de suas respectivas relações.

A midiaticização dinamiza os processos midiáticos, segundo atividade acelerada, como resultado da evolução dos dispositivos tecnológicos e da emergência de novas tecnologias, mas também como resultado da evolução da demanda. Na busca pela compreensão de como ocorrem as relações no âmbito da midiaticização, Verón (1997) apresenta um esquema para análise da midiaticização, que se utiliza de três instâncias: instituições, mídias e atores individuais, permeados por quatro coletivos em relação recíproca. Tal esquema visa a definir a midiaticização em aspectos processuais do seu funcionamento. A Figura 1, a seguir, é reproduzida a partir do modelo desenvolvido por Verón (1997b).

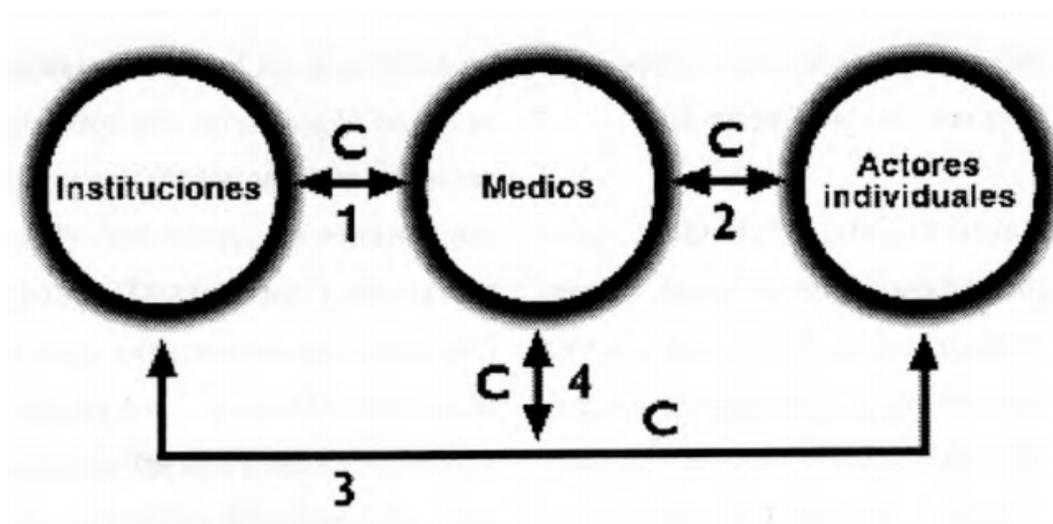


Figura 1 - Esquema da semiose da midiaticização

As instituições são definidas pelo autor como esferas que possuem a função de organização e de regramento da sociedade. Já as mídias são também instituições, diferenciadas das demais pela centralidade que lhes é conferida neste ambiente de relações. Os atores individuais têm um caráter diferenciado do comum, como observado

pelo próprio autor. A opção de usar atores individuais ao invés de atores sociais ocorre em razão de que o ator prefere representar o indivíduo membro da sociedade e não o coletivo que o representa. Os coletivos de relação e as flechas compõem a base do que representa a mediação, as construções e produções e os discurso e sentidos.

Dessa forma, para Verón (1997b), os quatro coletivos se contatam através de interações complexas que são acionadas por operações e práticas midiáticas, ou seja, apresentam a relação entre as mídias e as instituições da sociedade (C1); a relação entre as mídias e os atores individuais (C2); a relação entre as instituições da sociedade e os atores individuais (C3); e a forma como as mídias afetam a relação entre as instituições da sociedade e os atores individuais (C4).

O autor ressalta que o último coletivo de relação ganha destaque, pois trata da forma como as mídias afetam a relação entre as instituições da sociedade e os atores individuais. As relações são compostas de movimentos de várias ordens, em que ocorrem negociações, trocas e determinações marcadas por fatores complexos e interdependentes. Essas sobrepostas relações se estruturam e são estabelecidas nos processos de mediação que resultam em complexas interações dos campos, das mídias e dos sujeitos. Verón (2004) enfatiza que a mediação não é um fenômeno abstrato, mas que afeta o funcionamento da sociedade e de todas as práticas sociais, ainda que de modo não uniforme.

Mata (1999) aproxima-se, de alguma forma, da perspectiva veroniana, ao destacar que o que acontece é algo mais amplo, uma mudança de paradigma, um novo modelo no desenho das interações sociais. A mediação, nesse contexto, suscita o processo fundamental de compreender a transformação na qual uma ordem social se comunica, se reproduz e se transforma.

A mediação, na ótica de Gomes (2015), é um conceito que descreve o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considera as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural. Grosso modo, mediação significa ação de mediar, dar visibilidade, colocar na mídia. Porém, Gomes (2015, p. 33) destaca mais que isso, dizendo que “cada um lhe dá o significado (mediação) que melhor lhe agrada... e o conceito de mediação é tratado através de múltiplas vozes”. Isso significa que existe uma atividade intensa de elaboração sobre tal conceito no mundo acadêmico, em termos recentes.

É no final do século XX que a discussão sobre mediação se intensifica no ambiente acadêmico brasileiro. Gomes (2015) ressalta:

No Brasil, esta problemática vem merecendo destaque na pesquisa científica. Os diversos Programas de Pós-Graduação vêm colocando a midiatização no horizonte de sua pesquisa. Num primeiro momento, sem mencioná-lo explicitamente, houve o sensível deslocamento para a abordagem via mediação, superando as abordagens setoriais. O passo seguinte aconteceu quando, em 1999, foi estruturado o curso de doutorado dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, tendo como área de concentração: *Processos Midiáticos*. A consideração dos processos, para além do tradicional *mensagem, meio e receptor*. A reflexão em torno dos processos criou as condições para que a midiatização se impusesse como objeto de estudo científico. Aqui começa a se impor a necessidade de um avanço no processo de pesquisa sobre a midiatização. Os questionamentos colocados pela realidade apontam para que se caminhe na consideração dos processos midiáticos na sua vertente de midiatização, tendo em vista que, nestes últimos anos, graças ao rápido desenvolvimento das tecnologias de comunicação e o incremento exponencial dos sites de relacionamento e das redes sociais, o fenômeno da midiatização vem se constituindo num objeto científico de referência (GOMES, 2015, p 46).

Tais questões, conforme lembradas por Gomes, suscitam interesses de outros programas de estudos que discutem parte da problemática formulada de um modo mais específico pelo PPGCom da Unisinos. Gomes (2015) lembra que o PPGCom da Unisinos avança com tais elaborações, ao projetar sobre um coletivo maior, a rede Prosul, o estudo da midiatização. Neste caso, através do edital Prosul, do CNPq, desenvolve programa de trabalho sobre midiatização, envolvendo Uruguai, Argentina, Colômbia e Brasil. Na mesma linha, realizou um Programa Procad com as Universidades Federais de Juiz de Fora e de Goiás, e estabeleceu uma Escola de Altos Estudos com a França, com o objetivo de promover a discussão sobre midiatização.

Apontamos a seguir, de modo mais peculiar, ângulos da pesquisa brasileira sobre tal objeto, especificando-os a partir da visão acadêmica do PPGCom da Unisinos, segundo análise sistêmica da sociedade e reflexões sobre esta nova ambiência. Destacamos os estudos de autores como Antonio Fausto Neto (práticas e ofícios jornalísticos), José Luiz Braga (circuitos e interações), Jairo Ferreira (epistemologia e práticas sociais) e Pedro Gilberto Gomes (processos midiáticos e práticas religiosas). O que precede esses estudos em midiatização é a própria reflexão do programa em cima de processos midiáticos, que gera a linha de pesquisa. O foco de abordagem envolve o campo das mídias, os sistemas eletro-eletrônicos de comunicação e as demais esferas implicadas nas interações sociais tecnologicamente mediadas. São realizadas pesquisas sobre as mídias, produtos e processos, e sobre suas implicações na sociedade, na identidade dos sujeitos e das culturas através de sistemas de significação singulares.

Apresentamos, então, alguns ângulos como tal conceito vem sendo formulado na literatura brasileira de comunicação. Braga (2012) percebe hoje a midiatização da sociedade como uma criação e recriação contínua de circuitos, nos quais, articulados com processos de oralidade e processos do mundo da escrita, os processos que exigem ou exercem intermediação tecnológica se tornam particularmente caracterizadores da interação. Diz que, na sociedade em midiatização, não são “os meios”, ou “as tecnologias”, ou “as indústrias culturais” que produzem os processos – mas sim todos os participantes sociais, grupos ad-hoc, sujeitos e instituições que acionam tais processos e conforme os acionam (Braga 2012). O envolvimento vai além dos meios técnicos e coloca sujeitos e instituições no centro da processualidade, com ênfase para os circuitos e as interações estabelecidos entre as partes envolvidas.

Da perspectiva de Braga, o estudo da midiatização não corresponde, então, a explicar ocorrências singulares pela indicação das lógicas supostamente inexoráveis que se encontrariam em ação. Corresponde, antes, a estudar minuciosamente aquelas experiências sociais de produção de circuitos e de dispositivos interacionais para, através das percepções aí obtidas, identificar os riscos, os desafios, as potencialidades e os direcionamentos preferenciais; procurando perceber como estão se encaminhado as mediações comunicativas da sociedade e - sempre que relevante – tentando incidir praxiologicamente sobre elas. “São os processos da midiatização que hoje delineiam e caracterizam, crescentemente, as mediações comunicativas da sociedade”, enfatiza Braga (2012). Estudar a processualidade, portanto, passa a ser de suma importância para os pesquisadores, levando em conta a produção, a mediação, os circuitos e as interações sociais dos atores envolvidos.

O autor parte, então, para relacionar perspectivas sobre lógicas de processos sociais e sobre lógicas de mídia ao processo de midiatização da sociedade. Braga (2015, p. 24) considera tal processo aberto e diz não ter nenhuma pretensão de abrangência, nem mesmo de assegurar que estejam aí listadas as características mais relevantes. Ele enfatiza, no entanto, que “o conjunto oferece variedade suficiente para nossa reflexão, no que se refere a relacionar a situação com as lógicas de mídia estabelecidas ou percebidas na sociedade”. Consideramos quatro itens centrais da consideração de Braga, dos quais a midiatização afeta as práticas sociais:

- 1) Ocorre um atravessamento de todos os campos sociais por processos interacionais midiatizados - quer sejam acionados pelo campo dos media;

quer acionados de fora, por outros campos ou por setores da sociedade ao largo; quer, ainda por iniciativa de subsetores dos próprios campos sociais.

2) Passam a ocorrer eventos de fronteira - entre campos sociais diversos e o campo dos media; entre campos não diretamente midiáticos; entre campos e a sociedade ao largo. O acionamento, aí, de processos interacionais com uso de tecnologias midiáticas não se encontra regulado pelas práticas mais estabelecidas, gerando indefinições de todas as ordens.

3) Campos diversos da sociedade - seja por iniciativa de atores plenamente autorizados nas práticas do próprio campo; seja por vozes marginais, tentando ocupar espaços dentro deste - passam a ampliar/qualificar/reforçar/modificar processos internos ou de interação com o extracampo, através de tecnologias midiáticas.

4) Setores sociais não diretamente organizados como campos sociais buscam se qualificar perante campos sociais de seu interesse, desenvolvendo experimentações de ordem interacional com acionamento de processos midiáticos (BRAGA, 2015, p 24-26).

O atravessamento de vários campos sociais, a ocorrência de eventos de fronteira, a presença de inúmeros atores e os processos interacionais, atrelados a lógicas de tecnologias midiáticas ou do campo dos media, tornam possível constatar que outras características não têm diretamente essa origem ou vinculação - e algumas parecem se contrapor a lógicas já estabelecidas. Isso leva Braga (2015) a perceber

Que a mediação, com tais características, implica um espectro mais amplo do que o das instituições midiáticas, exigindo incluir aí as alternativas entre o mediado e o presencial, suas incidências mútuas, os processos de transformação e as articulações em suas múltiplas variantes (BRAGA, 2015, p. 26).

Fausto Neto (2008) aborda a mediação da perspectiva das práticas e dos ofícios jornalísticos. A mediação, como possibilidade de ação tecno-discursiva-interpretativa que se institucionaliza crescentemente na sociedade, implica levar em conta dois aspectos: o processo crescente de autonomia e de transformação do campo midiático e que se manifesta na própria singularização das estratégias deste universo, enquanto um novo; e a compreensão que o próprio trabalho teórico tem sobre esses processos de autonomização e de transformação do campo midiático, sobretudo, dos seus efeitos, ao refletir sobre as transformações da sociedade dos meios na sociedade mediada (FAUSTO NETO, 2008). Ocorre a migração dos processos referenciais da realidade para outras práticas sociais, com atravessamento e afastamento por operações significantes, cujo emprego é condição para que as mesmas passem a ser reconhecidas.

A mediação resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais, tema eleito em reflexões analíticas de autores feitas nas últimas décadas e que chamam atenção para os modos de estruturação e funcionamento dos

meios nas dinâmicas sociais e simbólicas (FAUSTO NETO, 2008). A midiatização não ocorre só quando se produz ou recebe uma informação, mas na sua processualidade como um todo, conforme os demais autores já citados nesse texto.

Para a configuração e o funcionamento das relações que concebem a midiatização no universo do jornalismo e de sua prática, conforme Fausto Neto (2008), existem certos aspectos a considerar, especialmente o fato de que a produção jornalística tem sofrido transformações. A partir destes aspectos, o autor concebe que há modificações do status do leitor, que se transforma em protagonista. Esse fator, decorrente da midiatização, intensifica processos de operações no discurso, alterando também as interações entre produtores e receptores. Com o novo processo, para o autor, passa a emergir um fator que refaz as fronteiras de interação, dando um novo espaço ao receptor.

Fausto Neto (2008) ressalta o conceito de midiatização da perspectiva das interações, particularmente sobre a emergência de uma “zona de contato” entre produção e recepção. Esse ambiente coloca produtores e consumidores em um mesmo patamar, uma mesma realidade de ações contemporâneas e imediatas. O autor problematiza que há uma nova noção para explicar o momento da comunicação midiática, pois a dinâmica e a organização dos processos representam um modelo diferente nas formas de enunciar a realidade e os fenômenos de interação.

Ao se converter numa espécie de sujeito dos processos e das dinâmicas de interação social, a cultura midiática torna-se um complexo dispositivo em cujo âmbito se organiza um tipo de atividade analítica, cujas gramáticas, regras e estratégias geram ainda, por operações autorreferenciais engendradas no dispositivo, as inteligibilidades sobre as quais a sociedade estruturaria suas novas possibilidades de interpretação (FAUSTO NETO, 2008).

Já Ferreira e Folquening (2010, p. 11) destacam o valor dos processos de midiatização, agrupados em três níveis: de comunicação, os dispositivos e os processos sociais. Para eles, “a midiatização são as relações e intersecções entre esses três níveis definidos a partir de aportes teóricos e epistemológicos”.

Antes disso, Ferreira (2007b) desenvolveu um conceito de midiatização articulado a partir de três polos em relação de mútua determinação, formando uma matriz, que busca definir a midiatização por meio das relações e intersecções entre dispositivos (DISP), processos sociais (PS) e processos de comunicação (PC). Na visão de Ferreira (2007b, p. 2), “essa matriz primária indica um conjunto de relações possíveis

de interpretação da mediação”, com a adoção do método histórico-dialético. Mesmo considerando tratar-se de um conjunto teórico (abstrato), o pesquisador comentou que, somente por uma abstração, é possível separar as três dimensões, que devem, num segundo movimento de análise, ser reintegradas para que possamos falar de mediação.

Já no plano internacional, como na Europa, a partir da concepção dos dispositivos midiáticos, a mediação também ocupa a ação dos pesquisadores, conforme relata Gomes (2015):

A revista *Hermes* (1999), por exemplo, na França, dedica um número completo sobre os dispositivos tecnológicos de comunicação. Entre os autores, destacam-se: Bertin, Poitou, Tisseron, Klein e Brackelaire, Meunier, Hert, Nel, Thomas. Merece destaque especial o pesquisador Daniel Peraya que propõe uma definição geral do conceito de dispositivo e apresenta sua pertinência para descrever todo meio educativo, todo dispositivo de comunicação e de formação mediada. Ele identifica, em seguida, as características comunicacionais fundamentais desse tipo de dispositivo: a mediação e a mediação de um lado e a interatividade de outro. Ele propõe, enfim, uma modelização dos componentes de todo dispositivo midiático: tecnoculturais, semicognitivos e relacionais. A França trabalha, igualmente, a relação entre mediação e produção de sentido, onde ganha relevância a constatação de que os processos midiáticos são fundamentais para a produção de sentido social. Outra dimensão do conceito é trabalhada no mundo anglo-saxão, cuja abordagem acontece a partir dos estudos culturais. Esta é a perspectiva observada na Inglaterra e nos Estados Unidos, com incidência na América Latina, do México ao Brasil (GOMES, 2015, p. 49-50).

Ainda na perspectiva europeia, trazemos o ponto de vista que pensa a mediação articulada a conceitos e/ou disciplinas das Ciências Sociais como de influência ou efeitos, conforme Hjarvard (2012). Ele destaca que o “conceito-chave para a compreensão da influência da mídia na cultura e na sociedade é a mediação” e observa que o “termo mediação foi aplicado, pela primeira vez, ao impacto dos meios de comunicação na comunicação política e a outros efeitos na política” (HJARVARD, 2012, p. 55). Vale-se da reflexão do pesquisador sueco da comunicação Kent Asp (1986), que foi o primeiro a falar sobre a mediação da vida política, referindo-se a um processo pelo qual “um sistema político é, em alto grau, influenciado pelas e ajustado às demandas dos meios de comunicação de massa em sua cobertura da política” (ASP, 1986, p. 359).

O núcleo compreensivo de Hjarvard (2012, p. 64) entende “por mediação da sociedade, o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica”. Portanto, a ideia deste

autor aproxima o conceito de vínculos com outras práticas sociais. Segundo ele, o processo é caracterizado por uma dualidade, em que os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições sociais, ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em pleno direito. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação. A ênfase está na reação das mídias com a sociedade mais ampla.

De acordo com Dias (2015), Andreas Hepp (2014) adotou a vertente socioconstrutivista para examinar o fenômeno da midiatização. Sua proposta é uma fusão entre a sua vertente e a perspectiva institucionalista, estudada por Hjarvard (2012) e Strömbäck (2011). Conforme Hepp apud Dias (2015), as duas tradições diferem em seu foco porque a primeira se interessa principalmente na mídia tradicional de massa e sua influência como uma lógica de mídia; já a segunda volta-se para as práticas de comunicação cotidianas, relacionadas principalmente à mídia digital e à comunicação pessoal, e enfoca a transformação da construção comunicativa da cultura e da sociedade. Por sua vez, Strömbäck estuda a midiatização da política, em um ponto de vista voltado, principalmente, a meios de comunicação tradicionais,

Esse reencontro com os autores visou, justamente, a situá-los como referências no estudo da midiatização e, de alguma maneira, suas ideias vão nos acompanhar na sequência do trabalho. Esta perspectiva se amplia, na medida em que a midiatização não somente afeta as práticas midiáticas propriamente ditas, mas aquelas de outros campos sociais cujas manifestações são progressivamente atravessadas por lógicas e operações e mídias

Até aqui, vimos elaborações sobre o conceito de midiatização em vários trabalhos acadêmicos, em ângulos diferentes. Para isso, buscamos alguns pesquisadores, nos últimos dez anos, levando em conta os objetos por eles escolhidos e como cada um fez a aproximação com tal conceito. No segundo estágio deste capítulo, vamos ver a seguir algumas referências que articulam a midiatização com diferentes práticas sociais e que destacam níveis de aplicações em torno de manifestações empíricas, conforme vai poder ser observado.

Zucolo (2014), na sua tese, examinou a relação TV e fenômenos educativos e comunitários, segundo um dispositivo interacional indicativo de uma experiência singular que se insere no cenário complexo das dinâmicas relacionais entre mídia e sociedade, capaz de fornecer elementos para a problematização dos fenômenos

comunicacionais decorrentes do processo de midiatização. O objeto de estudo diz respeito às processualidades desencadeadas em torno da implementação do Projeto Maleta Futura: ação que integra as estratégias do Canal Futura para a distribuição de seus conteúdos e os de seus parceiros, junto aos grupos sociais de atuação comunitária - no caso investigado, a TV OVO e o Grupo Ecológico Guardiões da Vida, duas ONGs gaúchas de forte atuação no social, sediadas nas cidades de Santa Maria e Passo Fundo, respectivamente. Tratou-se de uma pesquisa empírica de abordagem qualitativa em que se utilizou de um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos na análise, tanto de aspectos específicos do objeto em estudo quanto de aspectos transversais que permitem inferir sobre tal processo interacional, num contexto de midiatização. Tais procedimentos envolveram pesquisa bibliográfica e documental, observação, entrevistas e análise de documentos midiáticos. Foi verificado que as diferentes estratégias e operações provocaram afetações de parte a parte, gerando circuitos comunicacionais não previstos e colocando em circulação novos códigos no quadro das interações comunicativas estabelecidas entre os agentes participantes, no cotidiano das práticas sociais e midiáticas.

Xavier (2014) estudou as experimentações de dispositivos interacionais “psi” na sociedade em midiatização, buscando compreender a singularidade das experimentações tentadas em torno dos saberes “psi” em dispositivos interacionais midiatizados que findam por deslocar os referentes da consulta, de modo a transformá-la. Tais transformações foram observadas em três dispositivos interacionais “psi” com ampla circulação social: a coluna Vida Íntima, de Alberto Goldin; o site Ajudaemocional.com, de Olga Tessari; e as enunciações produzidas por Ildo Rosa da Fonseca e Anahy D’amico, no programa Casos de Família. Os observáveis foram cartografados e tensionados em suas lógicas particulares, de modo a alcançar as regularidades e as singularidades emergentes em cada um. A análise desenvolvida como um estudo de casos múltiplos conduziu a pesquisadora a perceber significativos aspectos dos processos sociais condensados nos dispositivos. Também permitiu inferências de modos como esses dispositivos podem fazer avançar os campos de saberes envolvidos em sua produção.

Gonçalves (2014) estudou a constituição do processo de midiatização em três comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes: seringal Floresta (município de Xapuri) e seringais Porvir e Filipinas (município de Brasileia), no Acre. Foram investigadas experiências individuais e coletivas na perspectiva da midiatização,

levando-se em consideração a presença de distintas mediações no processo. Nessa articulação entre midiaticização, sujeito rural e mediações, a autora buscou compreender como os extrativistas se inscrevem em dispositivos midiático-comunicacionais, ingressando em circuitos de oferta midiática e como essa relação constitui processos de comunicação e interações sociais. Em suas conclusões, ficou evidenciado que os usos e apropriações de dispositivos midiáticos se desenvolvem profundamente marcados por aspectos contextuais, que são ultrapassados por novas referências interacionais construídas cotidianamente, influenciando as relações sociais. Na interseção desses processos, foram identificados formatos de uma midiaticização periférica.

A partir de um estudo de caso, a tese de Araújo Neto (2013) examinou as estratégias de midiaticização da inovação científica desenvolvidas pelo Instituto Internacional de Neurociências de Natal/RN Edmond e Lily Safra – tendo como seu objeto a performance do cientista Miguel Nicolelis – que se caracterizam pela circulação de ações que se fazem no campo da ciência e da comunicação. A pesquisa nasceu a partir da pergunta ‘Como o empreendedor-cientista realiza um trabalho de natureza comunicacional, desenvolvendo movimentos em múltiplas direções de um lugar de fala típico de um cientista, para outros lugares de fala – se não totalmente de um comunicador – mas que estaria hibridizado por operações e lógicas de comunicação midiaticizada?’, como problema. Foi estudada, particularmente, a postura comunicacional do Cientista Ator, no uso de mídias tradicionais, virtuais e em outras ações específicas, segundo a análise das suas estratégias comunicacionais e discursivas. A partir de um diálogo com o marco teórico sobre midiaticização das práticas científicas, teve-se como foco a promessa da invenção, cuja materialização se constitui por fluxos enunciativos que culminaram com a sua materialização no contexto de um acontecimento esportivo, a solenidade de abertura da Copa do mundo em 2014, onde foi anunciada a referida experiência. O estudo permitiu identificar um conjunto de estratégias adotadas pelo cientista, que se constitui por meio de discursos que midiaticizam uma inovação que ainda está por vir, enquanto movimenta-se estabelecendo interações protocoladas por ele. Os principais achados mostram que o Ator opera uma complexa engenharia de mídia por operações discursivas que o estabelecem como a principal referência do que pesquisa em laboratório e em função dos diversos personagens que constituem sua performance midiática.

No contexto de estudos que envolveram midiaticização e práticas esportivas, Neves (2011) examinou as lógicas de mediaticização que atuam via processos

interacionais em jogos de futebol. Para tanto, fez trabalho de campo durante sete meses, segundo 14 momentos de observação. O método para coleta de dados foi a etnografia, por meio da técnica da observação participante. Em tal grau, percorreu os setores das arquibancadas, sala de imprensa e cabines de imprensa; nestas, visitou as cabines da imprensa escrita, Rádio Guaíba e RBS TV. Para a compreensão da mediatização social pelas relações entre campo esportivo e campo midiático, dimensionou a realidade dos jogos em três partes. Na primeira, considerou que as disputas envolvem três momentos: o antes, o durante e o depois dos jogos. A segunda parte mostrou o funcionamento da instituição esportiva Internacional, conforme lógicas de mídia. Na última, foram conhecidos modos de operação das mídias impressa, radiofônica e televisiva na cobertura de jogos de futebol.

Sanchotene (2011) analisou os processos de interação entre igreja e fiéis, a partir do blog do bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Hospedado através do portal Arca Universal, o blog é um ambiente potencializador de novas formas de contato entre o mundo religioso e o mundo dos credos. Por meio das possibilidades interacionais da chamada web 2.0, permite aos fiéis internautas coparticiparem desta plataforma digital, oferecendo a eles a oportunidade de manifestarem suas religiosidades em caráter multimídia. Nesse sentido, analisou-se como o blog de Macedo reconfigura as práticas religiosas com seus fiéis no ambiente interacional da internet. A partir desta questão central, estudou-se o processo de interação estabelecido e os sentidos em circulação, por meio das postagens e comentários. O estudo configurou-se como uma pesquisa do tipo descritiva de cunho qualitativo, em que a metodologia compreende consultas bibliográficas, observação e descrição do objeto empírico. A análise evidenciou que o blog fomenta um sentimento de participação, criando uma rede de reconhecimento, aproximação, visibilidade e legitimidade.

A investigação de Fiegenbaum (2010) teve como foco os processos pelos quais quatro igrejas do ramo protestante histórico brasileiro – as igrejas Metodista (IM), Presbiteriana do Brasil (IPB), Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e Evangélica Luterana do Brasil (IELB) – estão implicadas na dinâmica da mediatização da sociedade. Relacionou os discursos sobre comunicação das igrejas, as suas práticas midiáticas, realizadas em dispositivos midiáticos por elas instituídos, e o modo como os atores individuais respondem a estas iniciativas das igrejas por meio de dispositivos de resposta. O trabalho visou a contribuir para o debate e as pesquisas que têm sido feitas a

respeito não apenas do tema mídia e religião, mas, principalmente, da problemática da midiaticização, colaborando para que as instituições em geral compreendam melhor os seus processos e, com isso, encontrem maneiras de definir as suas políticas de comunicação, conciliando os seus interesses mais legítimos com o perfil de uma sociedade que se apresenta cada vez mais midiaticizada.

Gasparetto (2009) se propôs a examinar o fenômeno da midiaticização da religião caracterizada como “comunidades de pertencimento”, dando atenção para as suas causas, mas, sobretudo, mostrando experiências televisivas que atravessam o cotidiano dos fiéis, deslocando-os para vivências que se realizariam no interior da comunidade demarcadamente sociorreligiosa-televisiva. Mostraram-se as estratégias de reconhecimento de sentido religioso e práticas sociossimbólicas religiosas, desenvolvidas por receptores católicos da TV Canção Nova, em Caxias do Sul. A metodologia da pesquisa consistiu em mostrar como a recepção relacionava-se com a oferta e, dessa relação, estrutura aquilo que parecia ser a sua especificidade no processo de constituição do funcionamento no âmbito dessa comunidade. A pesquisa realizou a descrição e análise qualitativa do material empírico, para descrever as apropriações que os fiéis realizaram na constituição da comunidade de pertencimento.

Na tese “Estratégias de midiaticização das drogas: estudo de uma campanha de prevenção às drogas promovida pela CTDia”, Chagas (2009) investigou a midiaticização do fenômeno das drogas, por meio de uma ampla campanha de prevenção desenvolvida pela ONG CTDia e pela agência de publicidade Opus Múltipla. O foco da pesquisa examinou as estratégias e operações desenvolvidas, procurando chamar atenção para a natureza complexa da campanha, ao tomar como referências vários campos sociais, principalmente operações midiáticas. A problemática das drogas, sob a forma de uma campanha, foi vista no trabalho como um fenômeno amplo, complexo e multifacetado, chamando atenção para uma estratégia que é desenvolvida por campos não midiáticos, levando em conta a existência e o funcionamento da midiaticização. A proposta era saber por que uma área tão sólida, que trata das drogas, produz um manejo estratégico de uma campanha, com auxílio de operações midiáticas, sendo contaminada pela sua lógica para fazer um ponto de vista se tornar público. As ações preventivas contra o uso de drogas existem há décadas, enquanto que, paradoxalmente, seu consumo aumenta todos os anos. Assim, o autor buscou saber o que está em jogo nesse tipo de empreendimento discursivo e simbólico, sobretudo, por que há um interesse social e institucional constante em mostrar que se trata de uma problemática social séria. Por fim, procurou

elucidar, dentro de um dado contexto sócio-histórico, frente às interações dos campos sociais, instituições e discursos, que tipo de especificidades essa campanha promove na ocasião em que se apropria de operações do campo midiático para sua construção.

Borelli (2007) pesquisou a midiaticização de fenômenos religiosos, especialmente, os modos com que os processos midiáticos afetavam os rituais e as práticas religiosas por meio de análise das estratégias desenvolvidas pela Rede Vida na construção da Telerromaria da Medianeira. Mostra-se que, ao produzir a Romaria, que ocorre em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Brasil, a mídia televisiva passa a impor as suas próprias regras e *gramáticas*, gerando uma outra cerimônia, a midiática, sobre fundamentos de rituais e lógicas no campo religioso. Ao analisar essas processualidades – da festa ao cerimonial televisivo – identificam-se distintos momentos e estágios de afetação dos cerimoniais midiáticos sobre as práticas religiosas. Evidencia como a midiaticização estrutura e regula as relações entre os campos, por meio do trabalho de seus dispositivos tecno-simbólicos. É nessas condições que a tese mostrou que o processo de midiaticização da Romaria acaba gerando um produto, a *Romaria midiaticizada*. Nesse contexto, a investigação foi elaborada numa perspectiva em que, cada vez mais, as *festas* passam a ser co-determinadas pelas atividades midiáticas, que se realizam através de operações técnicas e discursivas de seus dispositivos, por meio de distintas estratégias de produção de sentidos. Para tanto, utilizou-se um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos (pesquisa bibliográfica e documental, observação, entrevistas e análises de documentos midiáticos). A tese concluiu que os processos de midiaticização fazem com que a cerimônia em si seja reconfigurada e que o campo religioso passa a ser permeado por lógicas midiáticas, reestruturando os modos de organização de seus rituais para adaptá-los às lógicas midiáticas.

A midiaticização de aspectos que envolvem cidadania e promoção social foi o tema e o objeto da tese de Gomes (2007), tendo como base a teoria sistêmica. Foram analisadas as intervenções televisivas voltadas para o marketing social, especialmente as estratégias de midiaticização da Campanha Criança Esperança, operador institucional da Rede Globo de Televisão, nos períodos de campanha relativos aos anos de 2005 e 2006, sendo focos pontos da programação tradicionalmente classificados como inserções publicitárias, telejornalísticos e programas de entretenimento. Tal processo de análise discursiva ajudou na compreensão sobre os modos como, contemporaneamente, o televisivo se constitui um sistema social autônomo. A partir disso, compreender como a sociedade se tem hoje representada por meio do sistema midiático, no caso, pela

televisão. Todo esse processo resultou na midiaticização do social, contextualizado em um tempo histórico da ascensão da mídia, do terceiro setor e de todas as formas que garantam a indivíduos e sistemas uma situação da alta visibilidade.

Leite (2006) investigou as interações entre laboratório científico e seu contexto social, focalizando os processos midiáticos na produção de inovações tecnológicas. Dada a multiplicidade de agentes envolvidos na trajetória da inovação, identificados no estudo de caso, foi pretendido mostrar que o processo da invenção requer modos diferenciados de interações comunicacionais para que o deslocamento do laboratório para a sociedade possa transformar o invento em inovação. Desta forma, desenha o espaço social da inovação tecnológica, oriunda de pesquisas químicas e farmacológicas, permeada por aspectos culturais, políticos, simbólicos e midiáticos. Inspirada pela indagação de como as interações se realizam na disputa de sentidos e interesses da inovação, a tese tencionou verificar como a comunicação midiática agiu neste espaço e o que os aspectos midiáticos fazem do invento científico. A análise chegou à conclusão de que o laboratório necessita constituir sua invenção científica num espaço de invenção social, onde a imagem pública da ciência é utilizada como processo midiático, caracterizando confluências e intersecções, que vão interfacear diferentes campos sociais.

Heberlê (2005) desenvolveu pesquisa sobre o funcionamento semiótico do conceito "transgênicos", no contexto da mídia impressa no Rio Grande do Sul. Buscou-se refletir sobre o processo de interpretação e as operações de sentido na mídia em relação ao conceito. Observou-se que, em função da ação das diferentes forças que interagem no contexto e das múltiplas interações e das pressões advindas de vários campos sociais em disputa, o conceito, ao se apresentar na esfera pública contemporânea, sofre alterações de significado, uma vez que, semioticamente, são inumeráveis as possibilidades de interpretação. As observações mostraram que, em sua dinâmica interpretativa, um conceito pode denotar coisas diversas e até opostas. Isso porque a relação semiótica entre o objeto a ser representado e o signo pode gerar (e de fato gera) múltiplos sentidos; embora exista a procura da verdade na sociedade, a síntese ou convergência interpretativa é algo difícil de atingir quando se trata de uma novidade tecnológico-científica como esta, metabolizada pela mídia.

Os ângulos destacados pelos autores acima e que chamam a atenção para aspectos da midiaticização das práticas sociais são investigações que contemplam leituras, estratégias, operações de sentido, operações enunciativas, fenômenos religiosos,

processos midiáticos, dispositivo interacional e processos interacionais. Em linhas gerais, a midiatização afeta as práticas sociais quando as dimensões tecnológicas, sociais e de sentido são produzidas e transformadas em níveis e ritmos diferenciados. Isso envolve dispositivos, estratégias, processos, circulação e interações, numa complexidade que conta com a participação de atores, instituições, meios e sociedade.

A midiatização do jornalismo esportivo, via as colunas, afeta e é afetada pelos atores (colunistas), instituições (entidades do futebol, como confederações, federações, clubes, etc.), meios (jornais impressos, no nosso caso de estudo) e sociedade (torcida e população em geral). Tudo passa por uma processualidade, que é complexa, e vai além da produção e da recepção do ambiente jornalístico e da própria topografia do jornal, onde a coluna está inserida.

Assim como nos valem de um capítulo para compreendermos a relação e a afetação entre a midiatização e as práticas sociais, faz-se necessário um outro capítulo teórico, que vem a seguir, para falarmos sobre a midiatização das práticas jornalísticas, já que nosso objeto de estudo são as colunas esportivas escritas por Juca Kfourri e Tostão, e publicadas no jornal Folha de S. Paulo.

3 A MUDIATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

Neste capítulo, vamos examinar como a midiatização afeta, especificamente, as práticas jornalísticas, segundo o trabalho de várias operações tecno-discursivas. Para tanto, nos apoiamos em autores que trabalham a questão, desenvolvendo reflexões e visando a explicar os complexos processos de produção de sentidos no contexto da midiatização das práticas jornalísticas. Os dispositivos são outros e requerem uma atualização do profissional para o seu uso.

No caso específico da prática jornalística, há mutações em curso, em função da emergência de outros dispositivos técnicos. Compreendemos que o processo de midiatização provoca, de forma crescente, impactos tecno-discursivos sobre o jornalismo, já que há uma outra lógica produtiva, na qual o leitor faz parte do ambiente jornalístico, interagindo, opinando, sugerindo, compartilhando e criticando os materiais produzidos. Nesse contexto da midiatização, é preciso entender que as relações entre os campos sociais, seus sujeitos e a sociedade mudam e que o jornalismo é considerado uma prática específica que faz parte de um campo mais amplo, o midiático, e possui características singulares que lhe garantem o domínio e a ingerência sobre uma área específica da experiência (RODRIGUES, 2000).

No cotidiano das práticas jornalísticas, existem rotinas contínuas, porém dispersas, que são seguidas pelos profissionais que atuam na área. É uma questão operacional do processo diário dos veículos de comunicação. No meio impresso, invariavelmente, uma reunião de pauta ocorre no final da manhã ou no início da tarde na redação, principalmente com os editores, para estabelecer os principais assuntos que devem ser apurados para a edição do dia seguinte. Marocco (2011) vai além:

No âmbito do saber jornalístico, as práticas são reguladas por um conjunto de procedimentos que delimitam o dizível: o que é permitido e o que é proibido nas ações dos jornalistas para que possam operar em uma ordem do discurso jornalístico, identificada com o presente que nos cerca e que faz o jornalismo ser como ele aparenta ser (MAROCCO, 2011, p. 1).

Invariavelmente, os jornais possuem os seus manuais de redação, nos quais as práticas e os procedimentos dos profissionais estão regulados. De um lado, os manuais buscam estabelecer uma homogeneidade de texto linguístico e jornalístico entre seus pares. De outro, traçam a linha editorial do impresso e apontam diretrizes a serem observadas pelo jornalista. Isso é posto de forma objetiva, porém, cada profissional é

diferente do outro, pela sua capacidade intelectual, bagagem cultural, sensibilidade e histórico de vida. Cada profissional afeta e é afetado pelas rotinas produtivas na redação onde trabalha e por referências do próprio contexto em que vive. Assim, o jornalista já não é mais soberano no trabalho de produção da notícia. Há um “modelo de enunciação que escapa à edição do jornal. Fontes investem em operações e regras, pondo em xeque a regência unilateral do ato jornalístico de produção da realidade” (FAUSTO NETO, 2009, p. 20).

A processualidade das práticas jornalísticas passa, ainda, pelo trabalho dos repórteres na apuração das notícias, buscando e entrevistando as fontes para a construção do texto jornalístico. Feito isso, o texto vai para o crivo do editor de área (editoria), que avalia o material produzido e faz, quando necessário, os devidos ajustes. Tal material pode ser repassado ao editor-chefe e ganhar espaço na capa ou na contracapa do jornal, como manchete ou chamada. Outros passos do processo envolvem a diagramação das páginas do jornal, as imagens (fotografias), a impressão e a distribuição ao leitor-assinante ou de banca no dia seguinte. Outra rotina passa pelo fechamento da edição, normalmente entre 19h e 22h, principalmente em jornais do interior. Com o advento da Internet, a maioria dos jornais passou a ter sites, para concorrer com o rádio, a televisão e os próprios portais pela instantaneidade e o imediatismo das informações. Porém, não vamos avançar aqui nesta abordagem.

O entorno do jornalismo é afetado por transformações na ambiência do trabalho jornalístico, por parte das dinâmicas da midiaticização, como explica Fausto Neto:

O avanço nos processos físicos da circulação, envolvendo nichos de produtores e leitores, repercute sobre o processo da noticiabilidade na medida em que as condições de sua gestação passam a ser o grande acontecimento das atuais rotinas jornalísticas (FAUSTO NETO, 2009, p. 23).

A gestação da produção jornalística ganha espaço nas atuais rotinas e cria uma nova relação entre os ditos “profissionais da notícia” e os leitores. Fausto Neto comenta:

O que nós estamos chamando de ambiente do jornalismo, é, digamos assim, o seu grande entorno, tão bem descrito pelas teorias clássicas dos anos 1960. Essas teorias que falavam das rotinas, da divisão do trabalho, dos valores-notícias. Mudanças na ambiência de trabalho afetam largamente a divisão social de trabalho inerente ao mundo do jornalismo. Vemos hoje, que grandes jornais brasileiros, por exemplo, estão a publicizar, estão a autodescrever, as formas e as características de funcionamento dos seus ambientes, nos quais se organiza a produção da noticiabilidade. A redação jornalística já não é mais a redação dos anos 1970, 1980 e mesmo a dos anos 1990 (FAUSTO NETO, 2015, p. 175).

A publicização da atividade jornalística é levada até o leitor, com o intuito de mostrar detalhadamente o trabalho realizado pelos profissionais e, sobretudo, para aproximar esse mesmo leitor do “ambiente do jornalismo”, fazendo-o parte do processo.

Fausto Neto (2008, p. 5) observa, ainda, que “o avanço da midiática sobre a sociedade, e com efeitos também sobre o próprio mundo midiático, trata de reformular suas práticas”. Desta forma, a midiática afeta as práticas jornalísticas, suas operações e a própria problemática da produção dos sentidos.

Soster (2007, p. 80) postula que estamos vivenciando um “quinto jornalismo”, o midiático, que corresponde à “consolidação dos webjornais e dos blogs como novos suportes à atividade”. Isso ocorre graças ao advento da internet e mostra o avanço das tecnologias de comunicação e informação não só no jornalismo como também na sociedade em geral.

Na sequência do que Soster (2007) afirma, nos valem aqui da classificação do jornalismo feita por Marcondes Filho (2000), para um melhor entendimento, em distintas fases:

Pré-história (1631-1789), o modo era artesanal e o jornal é semelhante ao livro e tem poucas 5 páginas; primeiro jornalismo (1789-1830), com características político-literárias, inicia um período de profissionalização e surge a redação; o segundo jornalismo (1830+-1900) é considerado a imprensa de massa, quando surgem “rotativas e composição mecânica por linotipos”, telégrafo, telefone e passa a ter jornalistas profissionais; o terceiro jornalismo (+-1900 a +- 1960) é considerado monopolista, havendo influência do mercado publicitário e das relações públicas; e, por último, o quarto jornalismo (+- 1970 até a atualidade) é caracterizado pela “informação eletrônica e interativa”, havendo implantações de novas tecnologias, alterações nas funções dos jornalistas e “a sociedade produz informação” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 48).

Resumindo, a classificação do jornalismo também teve épocas e momentos, de acordo com a evolução tecnológica e da própria sociedade, atravessando séculos de maneira gradativa.

Por sua vez, Fausto Neto (2006) afirma que as práticas jornalísticas são transformadas num novo dispositivo de produção de sentidos em função das “descontinuidades produzidas pelas instituições; o avanço da midiática (...) e o papel dos seus atores, convertidos em especialistas - com rosto e nome, como forma de existência” (FAUSTO NETO, 2006, p. 3). A relação do jornalista com a sua profissão sofre alterações.

Se, em tempos passados, a permanência e a compreensão sistêmica da redação caracterizavam a relação do jornalista com a sua profissão, nos tempos atuais, de alguma forma, o jornalista é atomizado em um processo caracterizado por fluxos e mobilidades que tratam de levar o jornalista a diferentes pontos de uma nova topografia, onde o cerne da sua relação se dá com equipamentos eletrônicos e digitais (FAUSTO NETO, 2015).

Antigamente, jornalista e redação funcionavam como um sinônimo pela intimidade profissional entre ambos, algo bem diferente dos dias atuais. O jornalista do século XXI produz os seus textos fora das redações, graças à internet e ao aparato tecnológico, como smartphones, tablets, notebooks e netbooks, sem falar nas redes sociais, como Twitter e Facebook.

Para Ferreira (2002, p. 10), o jornalismo é um campo de significação e de conhecimento, não podendo ser reduzido a um “espaço de conflito entre objetividade e sensacionalismo, compreensão ou mercado, democracia ou manipulação, mesmo que esses conflitos sejam observáveis”. Esse “campo de significação” vai além dos conflitos internos e externos do jornalismo e da própria sociedade, afinal, existe uma representação mental relacionada a uma forma linguística, um conjunto de sinais, uma aceção, um sentido, um significado. Quanto ao “campo de conhecimento”, está o ato ou efeito de conhecer, de perceber ou compreender por meio da razão e/ou da experiência. O jornal seria uma matriz que “não comanda apenas a ordem dos enunciados, mas a própria postura do leitor” (MOUILLAUD, 1997, p. 32).

Feita uma explanação específica sobre a midiatização das práticas jornalísticas, vamos focalizar na sequência alguns trabalhos que examinam práticas jornalísticas da perspectiva dos processos de midiatização, sob vários ângulos. Visamos, com este diálogo, a extrair subsídios e ângulos que possam ser úteis ao nosso exercício de leitura das colunas, no próximo capítulo. São estudos de alguns pesquisadores realizados na última década. A exceção é a investigação de Bacin (1999), que trata de uma pesquisa de prática jornalística esportiva. O autor se situa no interior de estudos sobre manifestações jornalísticas que se passam no contexto da sociedade dos meios. As demais pesquisas já ocorrem no contexto da sociedade em midiatização.

Sgorla (2015) propôs um estudo de caso do telejornal Jornal Nacional (JN), da Rede Globo de Televisão, que analisou disposição e circulação discursiva que se realiza na manifestação como zona de contato expandida na rede social Facebook, de outubro de 2011 a fevereiro de 2015. Situa-se no âmbito dos aportes da midiatização e, após,

desenvolve uma discussão sobre esse conceito. Discutiu a compreensão de zona de contato, como instância de interacional entre produtores e receptores, e levantou elementos sobre as formas interacionais da televisão e do telejornalismo no passar dos anos, com ênfase no atual estágio da mídiatização. Por meio de uma análise qualitativa das disposições e das operações discursivas, a pesquisa apreendeu que o telejornal desenvolve uma atividade coordenada e autorreflexiva na rede social Facebook, com vistas a criar rotinas e vínculos com o ator social e que as interações por parte do telejornal também acontecem, mas não ponto a ponto com o usuário. Na zona, o ator social participa do fluxo comunicacional que se realiza de modo contínuo e revela a diversidade de suas lógicas. Nessa perspectiva, a fan page do JN no Facebook é campo para uma nova ordem de mídiatização do televisivo, quando o mostra a partir de outra força interacional, bem como é campo para a mídiatização do ator social, que oferta sentidos à sociedade e ao televisivo e participa de processos de coenunciação.

Rodrigues (2015) analisou as estratégias e ações comunicacionais, que, articuladas com lógicas e operações de vários campos sociais, especialmente as situadas no âmbito do campo comunicacional, construíram o desembarque do Brasil na África, tendo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) como seu principal operador. A análise dos materiais tomou por base as teorias da comunicação, inclusive jornalísticas, dos campos sociais e da mídiatização. Um conjunto de ações comunicacionais foi analisado com base nos conceitos centrais desenvolvidos e que mostraram como tais ações operaram neste caso emblemático, construindo o desembarque. Após as avaliações, observamos que os campos da política e da diplomacia tiveram um papel definidor em todas as demais ações desenvolvidas no evento em estudo e inclusive sobre as ações comunicacionais. Chamou a atenção a autogeração proporcionada pelos processos de mídiatização, quando as notícias se projetavam em escala, sem controle, para outras esferas e suportes, tomando proporcionalidades multidimensionais e imprevisíveis.

Souza Júnior (2014) analisou como os processos e as interações, que ocorrem por força das práticas de mídiatização de produtores e receptores, se realizam na interação em blogs esportivos. A tese se apresentou como um estudo de casos múltiplos sobre quatro blogs de pertença a portais e sites de âmbito esportivo, cujas marcas são de mídia televisiva e impressa, nas quais foram investigados os processos e as operações de mídiatização neles manifestados, visando à produção de interação com leitores. O objeto de estudo gerou como pergunta: como os processos e as operações de

midiação se realizam nas interações nos blogs esportivos? Foram investigados os blogs de Paulo Vinicius Coelho, o PVC, do ESPN-Estadão; no Blog Jogos que eu vi, do jornalista Lédio Carmona, do Sportv; no Blog do Serginho, do jornalista Sérgio Xavier, do site da Revista Placar; e no Blog Papo com Benja, do jornalista Benjamin Back, do site Lancenet. A análise ocorreu por meio de categorias, organizadas em três eixos: arquitetura dos dispositivos, interações produtores e receptores e circulação discursiva. A análise das categorias revelou que a qualidade das arquiteturas e estrutura dos suportes afeta suas possibilidades de interação; os discursos procuram instituir vínculos de interação entre produtores e receptores, manifestando-se uma elevada fidelização dos leitores aos jornalistas blogueiros; e existem particularidades nos movimentos de circulação discursiva, segundo processos e operações de midiação que se apresentam em cada blog estudado. As conclusões evidenciam que os processos e as operações de midiação produzem efeitos comunicacionais muito complexos e engendram novos modos de interações na relação entre produtores e receptores na ambiência digital dos blogs esportivos, culminando em circulação discursiva e na formação de novos circuitos de informações.

Casali (2014) buscou elaborar o fenômeno da circulação de saberes sobre Jornalismo na sociedade em midiação, especialmente no que concerne à compreensão de articulações entre circuitos estabelecidos e fluxos comunicacionais mais tentativos de prática e crítica jornalística. Para tanto, foram observadas experiências de práticas jornalísticas (produção de blogs e sites por amadores e apropriação de notícias em redes sociais) e experiências de críticas jornalísticas (circulação de textos acadêmicos e de especialistas em Jornalismo na Internet). A partir da análise desses casos, que são observados tão somente em suas características que servem ao fenômeno, buscou-se apreender a relação (afetações, promessas e expectativas) entre circuitos e fluxos comunicacionais de prática e crítica jornalística na sociedade em midiação. Os referenciais teóricos que tencionam esses observáveis derivam de perspectivas da midiação desenvolvidas especialmente por Braga (2006; 2012a; 2014). Quanto à prática jornalística, a tese produziu inferências sobre a capacidade que os amadores têm em dominar lógicas midiáticas e criar seus próprios espaços de produção de sentidos e narrativas sobre o mundo, à parte de, mas também em relação, aos grandes meios de comunicação de massa. Acerca da crítica jornalística, as inferências produzidas revelaram um cenário em que os circuitos acadêmicos já estabelecidos se fecham entre os próprios pesquisadores, enquanto que fluxos

comunicacionais de crítica sobre a produção dos meios de comunicação são exercidos, ainda de maneira dispersa e tentativa, via redes sociais. Em ambos os eixos de análise – de prática e crítica jornalística – verificou-se, sobretudo, que saberes em Jornalismo circulam na sociedade em midiatização, independente da atuação de circuitos acadêmicos ou profissionais.

Tramontini (2013) analisou o papel dos jornais Zero Hora (RS) e Folha de S. Paulo (SP) na construção de Dilma Rousseff como candidata à Presidência do Brasil. Partiu-se da hipótese de que a condição atual, de ascensão das minorias, favorecia a candidatura de uma mulher. Além disso, acreditou-se que alguns episódios ocorridos no período contribuíram com a humanização da candidata, como o diagnóstico de um câncer e o fato de se tornar avó. A tese surgiu de uma pesquisa exploratória inicial que fomentou este trabalho de profundidade para extrair do empírico as ‘operações de sentido’ que constituem as estratégias midiáticas colocadas em prática pelos jornais Zero Hora (RS) e Folha de S. Paulo (SP) para ‘construir’ a candidata ao longo de três anos (2008/2010). Não foi possível descartar elementos contextuais (como a luta pelos direitos individuais e de minorias) somados a aspectos circunstanciais da candidata como pessoa (a luta contra o câncer), elementos conjunturais da própria campanha (a crise com a secretária Lina Vieira ou a suposição de um dossiê que nunca fora descoberto) ou o momento de duplo palanque vivenciado no RS. Percebeu-se que não houve uma intencionalidade nessas ‘operações’, que apareceram ao longo do tempo em momentos de intensidade e tensão. Foi a totalidade dessas ‘operações de sentido’ que configuraram as estratégias midiáticas do que foi dito no tempo e no espaço desses jornais.

A pesquisa de Klein (2012) define-se como um estudo de caso, elegendo como objeto central o programa televisivo Profissão Repórter, exibido semanalmente desde 2008 pela Rede Globo, às terças-feiras, na faixa de horário das 23h30min, antes do último telejornal de rede. Pelo estudo de caso do Profissão Repórter, a pesquisa efetuou a problematização do jornalismo e as interações sociais através dele articuladas, em processo de transformação na sociedade em midiatização. A pesquisa realizada foi de base empírica, com acionamento de uma multiplicidade de ângulos para iluminar aspectos específicos do caso estudado e aspectos transversais, que permitiram a realização de inferências sobre o contexto social e a inserção na dinâmica televisiva. O Profissão Repórter se constrói como objeto pertinente para observar as transformações na caracterização dos gêneros jornalísticos, tendo em conta a imbricação com lógicas

derivadas de gêneros não factuais e associados ao entretenimento. A singularidade de Profissão Repórter está num modelo estrutural organizado por processos autorreferenciais, que endereçam elementos didáticos sobre a atividade jornalística ao espectador.

Rosa (2012), na tese sobre a fixação de símbolos nos processos de midiatização, abordou como tema central a imagem em sua materialidade, em relação ou não com os textos verbais em jogo, que convocam imagens interiores ou estruturas mais profundas do social. Com base nas análises exploratórias dos três casos que compõem o corpus da pesquisa (11 de setembro, Saddam Hussein e Michael Jackson), transformados em coleções, foram mobilizados conceitos para observar os processos de midiatização das imagens e sua força simbólica. Deste modo, foi posto em discussão na tese, não, simplesmente, o lugar dos dispositivos, mas principalmente o da circulação. Porém, como entendê-la? O foco para pensar a circulação é a distribuição, isto é, busca-se compreender a distribuição de imagens inscritas em dispositivos diversos e percebe-se nesse processo a inscrição de determinadas imagens como lugares simbólicos, definidores de usos e interações sociais de imagens em processos midiáticos. Assim, se, por um lado, a circulação decorre de valores agregados na produção e na recepção a tais imagens distribuídas, percebe-se que esses valores se agregam em torno do que - no desenvolvimento da tese - se denominou imagens-totens. Ou seja, parte-se da proposição organizadora, sobre o objeto em análise, de que a totemização das imagens, identificável na distribuição, é circulação na medida em que resulta da produção de valor (fixação simbólica), incidindo em processos de comunicação midiatizados, e infere-se nos processos sociais correlatos ao tema do acontecimento jornalístico. O desafio à tese, portanto, foi identificar as incidências dos processos de midiatização na configuração de imagens socialmente reafirmadas como referência dos acontecimentos.

Kroth (2012) investigou as estratégias e operações desenvolvidas pelo programa João Carlos Maciel, da Rádio Medianeira AM, de Santa Maria (RS), para dar funcionamento a uma estrutura que visa à manutenção de um projeto de assistência social. Sob a ótica do problema de pesquisa a respeito do avanço da midiatização sobre a sociedade, e com efeitos também sobre o próprio mundo midiático, ele buscou responder como se estrutura um dispositivo de midiatização do social, a partir de operações que envolvem a performance do ator e de suas interações com as lógicas radiofônica, política e do assistencialismo social. Como objetivos da tese, fez-se a descrição dessas operações a partir da problemática da midiatização. O estudo foi

realizado de 2009 a 2012, tendo como metodologia múltiplas técnicas, com ênfase em conceitos da etnografia e estudos de caso. Os resultados principais da tese evidenciaram que ações advindas do campo midiático, mais precisamente os efeitos da dinamização de operações realizadas pelo ator, no interior do dispositivo radiofônico, movimentam sujeitos que se agregam ao dar sentido a um determinado social, por meio de processos em constante reelaboração. Para que as ações, com vistas a fazer funcionar a proposta de projeto social, via rádio, se efetivem, evidencia-se a importância da performance do ator, o comunicador João Carlos Maciel. Ele se constitui na principal operação do dispositivo, ao agenciar operações midiáticas que não se restringem apenas ao contexto interno do dispositivo. Inserido na sociedade, as ações dadas no contexto operativo do dispositivo se alastram sobre os demais sujeitos, constituindo, como efeito, uma rede.

Bacin (1999) tratou de observar o cerimonial empreendido e a relação do dispositivo com o acontecimento esportivo trazidos pela Rede Globo na abertura dos Jogos Olímpicos de Atlanta, em julho de 1996. Ele pesquisou como a emissão brasileira acionou suas estratégias discursivas para dar conta de uma cerimônia particular, a “Olimpíada Globo”. Segundo ele, as mídias assumem um papel importante na construção e emissão dos grandes eventos esportivos e tais manifestações não existiriam sem a presença da TV, sem o “olhar eletrônico” midiático.

Os trabalhos sobre midiatização das práticas jornalísticas citados acima contribuem para a nossa pesquisa quando apontam: existe uma processualidade na análise feita pelos pesquisadores; a ênfase se volta para a produção e a recepção midiática; são destacadas estratégias e ações comunicacionais, processos e interações em blogs esportivos, estratégias, operações e dispositivo (rádio) de midiatização e relação do dispositivo com o acontecimento esportivo.

Observamos, também, que há poucos trabalhos realizados sobre a midiatização de práticas esportivas, pelo menos no contexto do PPGCom da Unisinos, e isso serviu de incentivo – e com pertinência - para a feitura da nossa pesquisa, com ênfase no colunismo esportivo impresso, algo praticamente inédito no referido programa.

No próximo capítulo, vamos tratar da coluna como uma das instâncias da ambiência e da topografia do jornal que realiza a midiatização do jornalismo, segundo o gênero da sua natureza, seu espaço de notícia, sua função didático-pedagógica, a natureza do texto autoral e as condições de produção de um texto que, de alguma forma, se autonomiza, relativamente, do controle editorial do jornal. Tais aspectos envolvem uma construção teórica sobre o colunismo como dispositivo de midiatização do

jornalismo. Vamos, inicialmente, apresentar um estado da arte sobre estudos de colunas, chamando atenção para os ângulos abordados pelos autores e procurando mostrar ainda a coluna na ambiência e na topografia do jornal, como operador de articulação e interação, dispositivo de enunciação e produção de sentidos, produtora do acontecimento, e no vínculo com o leitor.

4 A COLUNA COMO DISPOSITIVO JORNALÍSTICO DE ENUNCIÇÃO DO ACONTECIMENTO

Este capítulo do trabalho trata da coluna, que é uma das instâncias do ambiente do jornal, através do qual se dão também operações de mediação do jornalismo. A coluna guarda relações internas e externas com o próprio ambiente que a faz funcionar, e seu funcionamento afeta também as práticas sociais dos meios, indivíduos e instituições, na medida em que ela executa aspectos do contrato de leitura formulado pelo jornal como meio. Em função dessas considerações, este capítulo é fundamental na nossa tese porque a análise e a formulação conceitual sobre a coluna vão nos ajudar na descrição dos processos de engendramento da análise da mediação esportiva sobre a Copa do Mundo de 2014, segundo as estratégias discursivas e enunciativas das colunas de Juca Kfoury e Tostão, na Folha de S. Paulo. Como objeto de nossa tese, visamos a descrever as estratégias das duas colunas, escolhidas como universo da análise aqui proposta. Para tanto, organizamos esse capítulo, conforme as seguintes disposições.

Inicialmente, apresentamos um estado da arte sobre estudos acadêmicos de colunas para conhecermos ângulos de trabalhos, especialmente de questões discutidas e problematizadas pelos autores, algo que nos auxilia a abordar a coluna na ambiência e na topografia do jornal, como operador de articulação e interação, como dispositivo de enunciação e produção de sentidos, como produtora do acontecimento, e no vínculo com o leitor. Podemos dizer, ainda, que neste espaço do jornal se enuncia o acontecimento-coluna, ou seja, observações e descrições da realidade esportiva que levam em conta certos elementos de uma totalidade da gramática de um determinado jornal. Ou seja, a coluna integra a topografia do jornal, ocupando um lugar de opinião especializada no espaço e no tempo da publicação, e agindo como um operador de articulação e interação com o leitor. A coluna é, também, um dispositivo de produção de sentidos, pois, ao emitir pontos de vista, o colunista materializa um determinado modo de dizer assuntos que estruturam a realidade por ela construída. A produção do acontecimento é contada, relatada e repercute na esfera social, numa relação do contrato de leitura¹, em que o colunista oferece ao leitor o olhar crítico sobre determinadas

¹ O contrato de leitura é um conceito proposto por Eliseo Verón (1999) para identificar as negociações estabelecidas entre os veículos de imprensa e seus leitores.

situações, busca a adesão e, sobretudo, o vínculo com o leitorado neste processo jornalístico.

4.1 Olhando alguns estudos sobre colunas

Junto a alguns estudos acadêmicos sobre colunismo, procuramos refletir sobre as temáticas desenvolvidas, dialogando com os autores e discutindo suas perspectivas, ângulos teóricos, objetivos e resultados de suas respectivas pesquisas, em consonância com metas propostas de nossa problemática de estudos. Não se trata de uma incursão vasta em trabalhos, mas apoiada em pesquisas que se aproximam da nossa temática de estudo e dos processos por meio dos quais a coluna é uma modalidade de midiatização do acontecimento esportivo no âmbito do jornalismo. Buscamos os materiais em artigos de revistas científicas, pesquisas de programas de pós-graduação em Comunicação e Letras, com ênfase nos estudos sobre colunismo. Anteriormente, apresentamos pesquisas realizadas no PPGCom da Unisinos nos capítulos sobre a midiatização das práticas sociais e das práticas jornalísticas. Assim, neste item vamos nos deter a estudos que foram elaborados além das fronteiras do PPGCom da Unisinos, onde realizamos nossos estudos de doutoramento.

A pesquisa “O gênero coluna esportiva: informação e opinião”, examinada por Wollenhaupt (2004), teve como objetivo estudar o gênero da coluna esportiva de Paulo Sant’Ana, veiculada no jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS). Wollenhaupt selecionou 15 colunas, no período de janeiro a julho de 2003. Ela considerou relevante a temática no contexto do Brasil, país onde os textos esportivos têm grande repercussão e circulação. A autora partiu das seguintes hipóteses: 1) o gênero textual coluna esportiva oferece tão rico material de estudos como os textos socialmente valorizados (político, religioso, literário); 2) a coluna esportiva de Paulo Sant’Ana pode ser classificada como gênero, pois apresenta características do gênero coluna; e 3) os elementos metadiscursivos (VANDE KOPPLE, 1985) são de grande importância para o processo persuasivo no texto, constituindo-se em um dos principais recursos utilizados pelo autor para atrair seu público para a leitura da coluna. Foi trabalhada a configuração contextual, através da análise das variáveis campo, relação e modo, elementos obrigatórios na identificação de um gênero. De acordo com Wollenhaupt, tais recursos servem ao colunista para exercer poder sobre o público-leitor. Ela defende uma leitura crítica do leitor, não aceitando de imediato as ideias defendidas pelo autor do texto.

Destaca, ainda, que as ideias devem ser avaliadas, “reagindo aos argumentos e procurando identificar as estratégias usadas pelo escritor para persuadir os leitores” (WOLLENHAUPT, 2004, p. 90). Na comparação como o nosso trabalho, a investigação de Wollenhaupt contribui no sentido de considerar que existe uma analítica do colunista para atingir o leitor, bem como marcas e uma enunciação própria, tais como as comparações e os contrastes.

Almeida (2011), em as “Rotinas de produção em colunas de notas políticas no período eleitoral”, analisou os efeitos da relação entre jornalistas e fontes na produção das colunas de notas políticas Giro (jornal O Popular) e Panorama Político (jornal O Globo), no período eleitoral de 2010. A pesquisa se apoiou em estudos de *newsmaking* e *gatekeeping* e na revisão bibliográfica sobre colunas, importância das notícias de bastidores da política ao longo da história, no surgimento do gênero nos Estados Unidos até a sua consolidação no Brasil. Para a análise, foi feito o acompanhamento *in loco* das rotinas de produção dos colunistas. Entre as principais conclusões, estão a de que a maioria das fontes desses profissionais são autoridades e assessores do governo; a relação entre o colunista e a fonte tem peso maior na edição das notas que o conteúdo das informações; e as colunas não seguem regras consideradas fundamentais para a prática jornalística, como as de checagem de informações e busca por equilíbrio. O trabalho de Almeida reforça o valor das colunas, principalmente nos aspectos de dispositivo e enunciação, algo que também tratamos na nossa tese/pesquisa.

Em “Espaços da crônica: espetáculo e bastidores do febeapá, de Stanislaw Ponte Preta”, Pinto (2003) examinou 11 crônicas selecionadas do livro FEBEAPÁ 1, 1º Festival de Besteiras que Assola o País, de Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto) (1966). O trabalho investigou o processo enunciativo e as condições de recepção criadas pelo mesmo, demais estratégias da organização textual, tendo como parâmetro a relação literatura-história. Estabeleceu, assim, a dinâmica instituída entre as crônicas e os outros tipos de textos presentes no jornal em que foram veiculadas (o Última Hora), considerando-se, sobretudo, as condições de enunciação. Investigou, além disso, como se processava a construção da figura do narrador, em sua relação com a função do riso e da teatralização, no contexto das relações de poder. A pesquisa revelou que o texto era construído em torno de um festival de teatro, fazendo do Brasil o espaço onde se desenrolavam as cenas protagonizadas por um elenco composto por atores que circulavam no cenário nacional, espaço de poder entrecortado por diferentes vozes. O Festival se tornou singular pelas inúmeras estratégias que empregava, seja a linguagem

ligada ao dinamismo do discurso jornalístico, seja pelo discurso do autor marcado pelo humor, e pela colaboração das personagens no jogo em que verdades são relativizadas. A temática se aproxima do nosso trabalho quando aborda o processo de enunciação, quando Pinto (2003) afirma que o tom imposto ao discurso do cronista - Stanislaw Ponte Preta - é construído por estratégias: a ironia, o humor e as vozes que se desprendem das crônicas.

“Coluna política e agendamento: A “Página 10” do Jornal Zero Hora”, pesquisa de Leães (2009), examinou o agendamento no colunismo político, tendo como objeto a coluna política “Página 10”, do jornal Zero Hora. Foram analisadas dez edições da coluna “Página 10”, publicadas em 2007. Para tanto, a pesquisa buscou o apoio científico nas seguintes categorias: comunicação política, política, colunismo, *agenda-setting* e poder. Quanto à metodologia, a escolhida para a pesquisa foi a hermenêutica de profundidade (HP), de John B. Thompson. A HP elege o estudo da produção de sentido através das formas simbólicas (FS) que, de acordo com Thompson, são ações, falas, textos e imagens que servem para sustentar ou estabelecer relações de poder. A hermenêutica de profundidade divide-se em três fases: a) análise sócio histórica (ASH), análise formal ou discursiva (AD) e interpretação/reinterpretação. Para Leães (2009), a hermenêutica de profundidade serviu também para que se pudesse analisar, edição por edição da coluna, num total de dez. Esse processo todo permitiu que se fizesse a interpretação/reinterpretação dos fatos pesquisados. Com base nisso, Leães (2009) chegou a algumas conclusões. Na sua ótica, o colunismo reafirmou-se como um gênero de grande relevância no jornalismo impresso atual pelo seu processo de busca de notícias exclusivas, com texto mais refinado e que consegue transmitir, em três ou quatro linhas, uma informação relevante, com um toque diferenciado. O trabalho mostrou que a colunista tem várias fontes. Não fica presa a meia dúzia de pessoas que transitam bem no mundo político. A jornalista Rosane de Oliveira procura informações também com os repórteres da Editoria de Política do jornal Zero Hora, além de buscar conteúdos em pessoas que servem ao poder, como funcionários importantes de carreira dos quadros do serviço público. O colunismo político, como gênero jornalístico, é reforçado e consagrado nessa averiguação. A coluna, que tem como meta principal a de antecipar os fatos, servindo como pauta para os demais veículos de comunicação e os jornalistas, é uma realidade cada vez mais presente na imprensa brasileira, com todos os grandes jornais tendo vários colunistas, às vezes até sobre o mesmo tema. Consideramos que o mesmo vale para os colunistas esportivos, que procuram antecipar

fatos e estão cada vez mais ocupando espaço nos jornais brasileiros. A contribuição do levantamento de marcas desta analítica, que se baseia na HP, está nos aspectos sócio-históricos, discursivos e de interpretação e reinterpretação, bastante vistos nas colunas de opinião.

Em “Entre as quatro linhas: da crônica do futebol ao colunismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista”, Brauner (2010) discutiu o surgimento, o desenvolvimento e o fim da crônica esportiva. De início, a relação entre a crônica e o futebol era conturbado, já que o referido esporte era considerado uma coisa estrangeira, praticada pela alta sociedade. Com a entrada dos homens de letras no mundo da crônica esportiva, casos de José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, a crônica passou a ter um papel fundamental na criação de um certo imaginário futebolístico, como a mística do Flamengo, a realeza de Pelé, a camisa canarinho e o complexo de vira-latas, por exemplo. Por fim, no momento em que a literatura abandona a crônica esportiva, fica a opinião e o vocabulário do especialista, do cronista esportivo que discute esquemas táticos e escalões. O literato é substituído pelo especialista em futebol, um analista, um ser racional para contrapor a passionalidade do torcedor. A crônica deixa a literatura para se tornar um simples colunismo, em que a opinião especializada ganha primazia, em detrimento do texto mais literário. Desta forma, a enunciação atua como instância de uma analítica, algo muito significativo no modo de tratar a coluna como espaço de dispositivo simbólico. Ocorre uma transformação enunciativa sobre a analítica do futebol, através do trabalho da coluna. Outros modelos enunciativos são adotados, com ênfase no especialista do esporte e seus modos de dizer e produzir sentidos.

Em “Mercado e tradição: os colunistas esportivos e a construção da identidade da seleção brasileira de futebol na Copa de 2002, Souto (2009) analisou a disputa pela construção da identidade da seleção brasileira de futebol por dois campos distintos: os “tradicionalistas” e os “modernos”. Para isso, foi feita uma leitura crítica de três dos principais colunistas esportivos dos jornais brasileiros: Fernando Calazans (O Globo), Tostão (Jornal do Brasil) e Juca Kfourri (Lance!). Os três foram escolhidos como representativos da “comunidade interpretativa” dos jornalistas e filiados a uma corrente que defende a representação dessa identidade, a partir de valores ligados “à tradição”. Por conta dessa visão, explicitam seu estranhamento com os novos paradigmas baseados em valores de “mercado”. O recorte escolhido foi a Copa do Mundo de 2002, realizada no Japão e na Coreia do Sul. Para acompanhar esse processo, foram escolhidas as colunas escritas durante aquela Copa e, acessoriamente, as dos períodos

imediatamente anterior e posterior da competição, bem como as de outros momentos, quando isso se revelasse pertinente. Além do material empírico, recorreu-se a alguns pressupostos teóricos fundamentais, como: a crítica da sociedade guiada pela ideologia do mercado autorregulado (POLANYI, 2000); as ações dos hegemons para manterem seu poder (HARVEY, 2005); a economia das trocas simbólicas (BOURDIEU, 1974); o papel social da memória (HALBWACHS, 1990); a memória de grupos sobreviventes (POLLACK, 1992); a comunidade interpretativa (TRAQUINA, 2002); a definição de identidade nacional em relação a algo que lhe é externo (ORTIZ, 2006), que dialoga com a compreensão da identidade dos sujeitos como parte de um processo cultural (HALL, 1997).

Em “Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico”, Souza (2009) tratou das colunas de notas. Porém, ele observou que o desenvolvimento das colunas sociais no Brasil ocorreu paralelo às mudanças no jornalismo no século XX, que levariam as colunas de notas contemporâneas, em que a política e economia recebiam mais destaque; um gênero jornalístico único e ainda cercado de controvérsias. O objetivo geral da investigação foi pesquisar o que teria levado a maior parte da grande imprensa brasileira a investir ostensivamente neste estilo jornalístico. Para Souza (2009), a construção de uma coluna de notas obedece a um jogo de interesses e poder entre colunistas e suas fontes, e onde a política muitas vezes dá o tom. Apesar de a grande maioria dos colunistas brasileiros – geralmente selecionados entre os mais bem informados e de maior experiência na grande imprensa – fazer questão de salientar a importância da apuração bem feita e a checagem dos fatos correta, não há dúvida de que estas colunas são também espaços mais “livres”, em que o colunista pode abrir espaço a um sem-número de rumores, insinuações, boatos, apenas para “medir a temperatura” de uma informação passada em primeiríssima mão. O corpus escolhido para a análise comparativa das colunas de notas foi buscado nos jornais O Globo e Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. A pesquisa se deu no período determinado entre a segunda-feira anterior ao Referendo do Desarmamento – dia 17 de outubro de 2005 – até a segunda-feira seguinte, 24 de outubro, quando o resultado eleitoral já se confirmava. Entre as seções analisadas, estiveram as de Boechat e Márcia Peltier, do Jornal do Brasil, e de Ancelmo Gois e Joaquim Ferreira dos Santos, de O Globo. Souza (2009) adotou a proposta de análise de discurso, por meio de estudos de casos, sugerida por Eni Orlandi e outros teóricos, segundo o qual a análise de discurso busca menos a interpretação do que a compreensão do processo discursivo. Ou seja, a

análise do discurso visa a compreender o texto, na mesma medida em que procura explicitar a história dos processos de significação, para atingir os mecanismos de produção (ORLANDI, 1988). Nas conclusões, o pesquisador afirmou que não é mais possível classificar o gênero das colunas de notas como “colunismo social” apenas. “Conjugam interpretação, opinião e informação no mesmo espaço. De comum, além do texto curto, direto e livre, sem amarras ou imposições de regras jornalísticas” (SOUZA, 2009, p. 220-221). Outra consideração apontada é que, da metade do século XX aos dias de hoje, o Brasil passou de um jornalismo literário e político, de inspiração francesa, para uma imprensa mais informativa, influenciada pelas técnicas de redação do jornalismo norte-americano, bem como de um jornalismo provinciano, mais disposto a convencer do que informar, para um jornal plural e heterogêneo. Por fim, o pesquisador comentou que, por serem um território cercado de controvérsias, as colunas de notas representam com perfeição um inusitado perfil do processo jornalístico brasileiro atual: à notícia em tempo real, elas entregam o olhar específico e interpretativo de cada colunista; à falta de investimentos em reportagens investigativas, as colunas promovem a notícia antecipada e exclusiva; a compensar a pressa do leitor, notas curtas e rápidas, direto ao ponto. São, portanto, parte inegável do que foi e do que se tornou nosso jornalismo.

“Jornalismo de opinião: o Pan Rio 2007 na visão de colunistas da mídia impressa brasileira”, trabalho de Pires e [et al.] (2008), teve como objetivo verificar como colunistas de jornais da considerada grande imprensa nacional enfocaram o Pan/2007. A pesquisa caracterizou-se como descritiva, com abordagem quantitativo-qualitativa do recorte procedido; o corpus de análise constituiu-se da análise das colunas dos jornais Folha de S. Paulo, O Globo, Diário Catarinense e O Estado de São Paulo. Tendo em vista a falta de alguns exemplares, os dados do Estado de São Paulo acabaram não sendo analisados na pesquisa. Foram consideradas apenas as colunas que, de forma direta ou indireta, referiam-se aos Jogos Pan-Americanos-2007. A leitura das colunas para a respectiva classificação foi procedida por meio da análise de conteúdo, com base em Bardin. Para a análise das colunas publicadas nos jornais, foram utilizados os textos e as fotos, quando havia, procurando classificá-las em onze categorias para análise pré-estabelecidas: técnica, infraestrutura, política, segurança, econômica, cultural, turística, nacionalismo, humor, sobre a mídia e variedades. Por meio da análise e discussão dos resultados, foi possível verificar que existem peculiaridades em cada jornal, tendo o Diário Catarinense e O Globo dado mais ênfase à categoria “técnica” em suas colunas,

veiculando assuntos ligados à performance dos atletas e resultados. Já na Folha de S. Paulo, a categoria “política” foi priorizada, o que se explica pelo fato de este jornal possuir uma coluna voltada somente à política, a qual durante o evento esportivo abordou especificamente as relações entre política e os Jogos Pan-Americanos. As colunas analisadas valorizaram o conceito de esporte de rendimento e da busca por bons resultados, transformando esse esforço numa responsabilidade nacional, que extrapola o plano esportivo, transformando-se numa questão de Estado. O trabalho de enunciação dos colunistas não foi enfatizado na pesquisa, que tratou de explorar a performance dos atores, que eram os atletas.

“Carlos Castello Branco e a opinião no jornalismo brasileiro” foi o trabalho de Rêgo (2007) e analisou a Coluna do Castello no Jornal do Brasil, sob a ótica do jornalismo opinativo. A pesquisadora partiu da trajetória do jornalista Castellinho e enveredou pelos caminhos teóricos do jornalismo opinativo para chegar até a análise da Coluna do Castello, onde, além do estudo sobre o gênero e os formatos praticados pelo jornalista, atestou a importância de seu texto para a vida política nacional durante a segunda metade do século XX. O corpus de análise foi constituído por dez enunciados veiculados em sua coluna ao longo de trinta anos e que são representativos de fatos históricos decisivos para o Brasil. A amostra foi composta de comentários publicados na Coluna nos dias 3 de janeiro de 1963, 24 de março de 1964, 31 de março de 1964, 29 de maio de 1964, 14 de dezembro de 1968, 30 de outubro de 1975, 12 de abril de 1984, 30 de setembro de 1992, 15 de outubro de 1992 e 28 de fevereiro de 1993. Rêgo, na seleção dos enunciados da Coluna do Castello, abordou parte da análise conjuntural sobre a política brasileira em diferentes fases. Nas conclusões, a pesquisadora ressaltou a capacidade de discernimento e de análise conjuntural de Castello e a própria coluna como veículo importante e de reflexividade do poder. Também enfatizou que a atuação de Carlos Castello Branco ajudou a consolidar o gênero opinativo no jornalismo brasileiro, tanto em momentos de supressão do estado de direito como em momentos de democracia plena. Foram abordadas questões políticas e da própria figura de Castello como colunista, mostrando também uma certa narratividade do personagem estudado, com alusão ao funcionamento de uma determinada analítica, ou seja, um modo de dizer.

Em “A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil”, Lucena (2003) tratou da crônica como gênero que se dedicou a narrar as primeiras ações esportivas no Brasil, no século XX. Primeiro, o autor discutiu o que caracterizava a crônica como gênero que se preocupou em narrar coisas simples do cotidiano das nossas cidades e,

depois, com base em crônicas de José de Alencar, Olavo Bilac, Lima Barreto e Rubem Braga, tentou mostrar como esses escritos nos permitem enxergar as primeiras preocupações com o esporte no Brasil. Para Lucena (2003), o cronista contribuiu para a elaboração de uma linguagem própria dos jornais e do próprio dizer “esportivo” no fazer jornalístico. Quando o esporte ganhou cor e importância na pena dos políticos e educadores, há muito já vinha sendo considerado pelos cronistas que observaram o seu desenrolar na vida das cidades. Não se limitando aos preceitos da literatura ou do jornalismo, Lucena (2003) considera que a crônica permitiu construir, com precisão, um espaço de discussão e difusão de uma “invenção social” com o esporte, que se fez mais brilhante e objeto de devoção com a fala de nossos cronistas. O esporte visto como fenômeno social e a participação de cronistas retratando esse mundo nas suas escritas são aspectos que nos aproximam do trabalho de Lucena (2003). Isso leva a crer que os cronistas já tinham também uma analítica para abordar o esporte, um modo de dizer próprio, o que reforça o nosso estudo sobre a analítica da midiatização do colunismo esportivo sobre a Copa do Mundo de 2014.

As pesquisas apresentadas nesse levantamento nos ajudaram a compreender que existe uma analítica, um modo dizer, de quem escreve, por exemplo, uma crônica, uma coluna, enfim, um texto. Entre as principais características desses estudos, apontamos a existência de ângulos diferentes de análise sobre os objetos tratados. Nesta linha, citamos o gênero da coluna esportiva, das colunas de notas políticas e jornalísticas, processo enunciativo, agendamento do colunismo político, surgimento, desenvolvimento e fim da crônica esportiva, construção da identidade da seleção brasileira de futebol por meio das colunas, colunistas opinando sobre os Jogos Pan-Americanos de 2007, a coluna do Castello sob a ótica do jornalismo opinativo² e a crônica como gênero das primeiras ações esportivas no Brasil.

A maioria dos trabalhos citados contribui com a nossa tese, no sentido de valorizar o jornalismo opinativo na imprensa nacional como objeto de estudo, claro, com suas particularidades, mas revelando experiências e apontando caminhos no exame científico do jornalismo esportivo via colunas.

No item seguinte, vamos tratar da coluna na ambiência e na topografia do jornal, por entender que este ângulo não foi refletido no rol dos trabalhos aqui visitados nesta fase inicial deste capítulo, no que pese as diferentes percepções e matrizes trabalhadas.

² O jornalismo opinativo faz parte dos gêneros opinativos. Melo (2003) define os gêneros opinativos em oito formatos: editorial, comentário, resenha/crítica, artigo, crônica, coluna, caricatura e carta.

Assim, vamos fazer a escolha de uma outra abordagem, considerando a premissa segundo a qual a coluna se constitui em um dos lugares de operações de sentido no contexto da ambiência do jornal. A coluna faz parte da topografia do impresso, ao mesmo tempo em que ali realiza um trabalho específico, segundo operações que enunciam o que aqui se persegue nesta tese, aspectos da analítica de um determinado acontecimento esportivo, no caso, a Copa do Mundo de 2014.

4.1.1 A coluna na ambiência e na topografia do jornal

Inicialmente, buscamos fazer uma caracterização da coluna e sua relação com a totalidade do jornal. Para Rabaça e Barbosa (2002, p. 12), a coluna é tida como um determinado lugar, uma “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum”. Acrescentam que a coluna, como elemento de sua morfologia, “compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas”. Eles ainda ressaltam que “as colunas mantêm um título ou cabeçalho constante e são diagramadas costumeiramente em posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita sua localização imediata pelos leitores habituais”. Elas integram a topografia do jornal, têm nome, geralmente o do próprio colunista, como um operador de sua identificação, destacando-se como uma unidade que faz parte do gênero opinativo do jornalismo.

A coluna³ está no âmbito da prática jornalística e integra a topografia do jornal, como um espaço nobre de opinião concedido a um especialista ou figura proeminente para escrever sobre determinado assunto ou área. O conceito do autor supera o de suporte, pensado apenas como algo material, pois remete a uma pré-disposição dos elementos integrantes de sua matriz significativa visando a caminhos prováveis e possíveis de leitura e, conseqüentemente, um vínculo com o leitor

Mouillaud (2012) comenta que a produção do sentido no ambiente do jornal começa com o trabalho da diagramação que ali é realizado, no caso em questão, da coluna. Se o jornal diário tornou-se, como ele acrescenta, “um substituto do espaço público, um fórum” (MOUILLAUD, 2012, p. 44-45), a coluna pode ser vista também

³ Melo (2003, p. 140) usa a seguinte definição para o gênero coluna: “Trata-se, portanto, de um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. Na verdade, a coluna cumpre hoje uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do aparecimento do rádio e da televisão: o furo.”

como uma instância no contexto do impresso, enquanto um eco das vozes públicas - vozes mediadoras, como a dos colunistas - e por meio de duas estratégias: a de enunciar um fazer-saber da realidade, conforme ainda operações enunciativas que visam a compartilhar um “fazer crer”, fundamentado na credibilidade do enunciador (colunista) e na credulidade do leitor. Evidente que a distribuição espacial da coluna no jornal necessita de uma “posição nobre”, ou seja, estratégica na página, invariavelmente na parte superior, em dois blocos (colunas) verticais, três ou até cinco horizontais. Isso para chamar a atenção do leitor e já marcar posição na página, como lugar de um contato cotidiano entre o mundo externo do jornal e sua comunidade externa. É quase inadmissível encontrarmos colunas postadas na parte inferior da página de qualquer impresso, visto que a visibilidade se torna prejudicada pela posição topográfica colocada, não atraindo a atenção do leitor.

Reiteramos que a coluna ocupa um lugar analítico no espaço-temporalidade do jornal. Trata-se do chamado espaço singular criado pelo jornal e concedido por este a um jornalista, que é convertido em um mediador dentro da tarefa mediadora a qual é confiada pelo impresso. Se o jornal é um agente de representação do leitor, ocorre que pelo trabalho de uma coluna - e do perito a quem sua existência é confiada - esta condição se desdobra na medida em que ela se materializa, segundo operações de sentidos que lhe são inerentes pela vocação. Trata-se, assim, de uma ambiência de opinião e que integra a topografia do jornal, com fisionomia e identidade próprias, além da reputação do seu enunciador. Cada colunista, porém, tem o seu “modo de dizer”, que alude ao trabalho de enunciação, e adota estratégias enunciativas para captar o leitor, razão maior do trabalho realizado. No entanto, existem colunas que não são assinadas e representam o ponto de vista institucional do jornal, que, se torna o próprio enunciador, com suas marcas editoriais e identitárias.

A literatura, como é o caso do Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1996), já trazia a seguinte definição para os tópicos coluna e coluna lateral, como possibilidade de definir a sua especificidade como território, unidade da ambiência e parte da topografia:

Coluna - Cada uma das faixas verticais em que a página do jornal é dividida. As páginas da Folha atualmente são divididas em seis colunas verticais. Por extensão, coluna também significa o espaço no jornal em que uma pessoa escreve regularmente.

Coluna lateral - Na Folha, módulo editorial criado nas capas dos cadernos para dar maior visibilidade a notas de grande leitura. Pode conter seções internas

como Personagem, A frase, O número. Ocupa toda a extensão da coluna da esquerda abaixo do logotipo do caderno. Quando o caderno tem cores, a coluna lateral ganha fundo colorido em tons claros (NOVO MANUAL DE REDAÇÃO, 1996, online, p. 1).

Fica estabelecido de forma institucional, portanto, que a coluna, no caso da Folha de S. Paulo, tem “uma pessoa que escreve regularmente” e a coluna lateral abrange o “módulo editorial”, com a opinião da empresa. O jornal também possui colunas muito específicas, como é a do “ombudsman”, uma palavra sueca que significa representante do cidadão. Na imprensa, o termo é utilizado para designar o representante dos leitores dentro de um jornal. A Folha de S. Paulo tem, atualmente, a 11ª versão do seu “ombudsman”, após a sua criação, em 1989.

A especificidade do trabalho da coluna, que é de opinar, não é uma tarefa fácil. Pelo contrário, exige conhecimento profissional na abordagem feita. De acordo com Campos (2002), imaginar que emitir opiniões assinadas num jornal é menos perigoso do que pilotar um avião como aprendiz, sozinho, é ledão engano. Ele destaca:

A palavra publicada é uma arma poderosa e fatal. Engrandece ou aniquila, eleva ou derruba, estimula ou desanima. Uma vez publicada, a palavra não volta mais, por mais que se retifique. Sem contar que opiniões desastradas podem bater de frente com a opinião geral da empresa. Seria acreditar no Coelho da Páscoa ignorar que o jornal é um negócio destinado a dar lucro e que a notícia é, realmente, um produto à venda (CAMPOS, 2002, online, p. 1).

Como o jornal lida para realizar a escolha do tipo de perito que vai fazer operações enunciativas deste porte em um espaço tão especial, não é à toa que são buscados profissionais experientes e com bagagem profissional, entre outros requisitos, para serem colunistas em seus veículos de comunicação. Este aspecto é interessante, pois o perfil de níveis credibilidade, prestígio etc, de um jornalista a se constituir em meio mercadológico para exploração de um certo colunismo da credibilidade na opinião também virou um produto no jornalismo contemporâneo, conforme comenta Amaral apud Campos (2002).

O motivo desse prestígio é que a coluna não é o resumo dos principais acontecimentos do dia, mas a explicação íntima desses fatos, o dado que faltou ao grande noticiário e que não chegou ao conhecimento do público, o lado pitoresco do acontecimento, o detalhe curioso, a história particular de cada decisão. O colunista concorre com o repórter, o comentarista e o redator. Do primeiro, há que ter o gosto pelo furo, da notícia em primeira mão; do segundo, a sagacidade, a agudeza de espírito, a perspicácia de dizer o máximo com o mínimo de palavras. E a tudo isto somar o bom-humor

constante e a originalidade, a fim de tornar sua coluna um lugar sempre atraente (AMARAL apud CAMPOS, 2002, online, p. 1).

Entre as aptidões que se espera do operador da coluna, está a habilidade de trazer algo novo ao já informado nas seções de notícias do jornal, com explicação objetiva, discernimento, análise apurada e projeção do que pode ocorrer após o fato informado. Tudo isso deve ser realizado em um curto espaço topográfico do impresso. Desta forma, a opinião ganha relevo e atrai a atenção do leitor.

Modos de complexificação do funcionamento da coluna, por exemplo, surgem dos debates e discussões daquilo que foi escrito pelo colunista, com concordâncias e discordâncias por parte do leitorado. Com o advento da internet, porém, o leitor passa a participar do “eco de vozes públicas” destacado por Mouillaud (p. 45), postando comentários, nem sempre respondidos pelo colunista. Algo que pode transformar a coluna em um palco de batalha campal entre leitor e jornal – vide os casos das demissões dos ombudsmen da Folha⁴, bem como os efeitos do ingresso de um jovem “militante de direita⁵” no espaço do colunismo do jornal, algo recém acontecido.

O jornal é uma moldura, conforme comenta Mouillaud, que garante, guarda, abriga a coluna e outras seções, tendo o seu nome como, talvez, o principal operador simbólico para o mundo (leitores). A coluna está inserida no quadro interior, mas com vazão voltada ao exterior, ávida pelo leitorado que busca respaldo na opinião de “alguma autoridade” (grifo meu). Portanto, o quadro (coluna) é peça integrante da moldura (jornal) e opera um modo de dizer (colunista) ao leitorado. Esse processo comunicativo – moldura (jornal), quadro (coluna) e operador (colunista) -, como o próprio Mouillaud (2012, p. 47) enfatiza, estabelece que “...o discurso do jornal não está solto no espaço; está envolvido no que chamaria de ‘dispositivo’ que, por sua vez, não é uma simples entidade técnica, estranha ao sentido”. Tudo é feito seguindo determinada racionalidade, visando, dentre outras metas, à construção de vínculo leitor-jornal, a exemplo de outras unidades, como o editorial, as reportagens, os comentários, os artigos, as fotos, as notas etc.

Além da coluna se constituir em um dispositivo, um lugar de produção de sentido, devemos admitir que isso é materializado segundo operações que são feitas por ela, por suas relações com outras operações jornalísticas, e, de maneira específica, nos modos com os quais vai se vinculando ao ambiente que lhe é externo, seja aquele mais

⁴ Os ombudsmen demitidos da Folha de S. Paulo foram Mário Magalhães e Maria Rita Kehl.

⁵ O dito “militante de direita” é Kim Kataguire, que virou colunista da Folha de S. Paulo no ano de 2016.

imediatos como outros espaços do próprio jornal, afora do próprio tecido social. Destaca-se como lugar analítico, conforme o trabalho que lhe é próprio e que se constitui no modo de dizer a realidade que é específico, muitas vezes, em relação aos grandes marcos editoriais do próprio jornal. Tal abordagem vai ganhar uma noção mais aprofundada no tópico sobre dispositivo de enunciação, logo mais adiante. O item seguinte destaca a coluna como operador de articulação e interação com o leitor.

4.1.2 A coluna como operador de articulação e interação

Ao mesmo tempo em que a coluna faz parte da topografia estrutural do jornal, realiza outras atividades mais dinâmicas, como tematização e agendamento, além de desenvolver operações mais complexas, como de articulação e de interação, seja em termos da ambiência interna jornalística, seja desta com o ambiente externo à sociedade. Neste sentido, a coluna preserva sua atividade de uma instância mediadora ao se colocar como uma instância que media a relação do jornal com outras partes, mas também com seu mundo externo. Neste caso, preserva a sua função mediadora, mas segundo operações muito complexas que se engendram, tomam forma e se valem das dinâmicas sócio técnico-discursivas, no contexto da midiaticização crescente.

Sob um certo ângulo, a partir do pensamento formado pelo colunista, a coluna serve de referência para oferecer ao leitor a potencialidade de o mesmo tomar posição sobre o tema abordado: “[...] a explicação íntima desses fatos, o dado que faltou ao grande noticiário e que não chegou ao conhecimento do público, o lado pitoresco do acontecimento, o detalhe curioso, a história particular de cada decisão” (AMARAL, 1982, p. 155). O colunista, por meio das suas fontes, busca ir além do mero relato noticioso para trazer algo novo e que instigue a reflexão do leitor. Desse ato, a temática pode ganhar outras nuances nas edições seguintes do jornal. Essa articulação, baseada na relação com os leitores e outros entes públicos e privados, gera a interação entre as partes envolvidas e o desenrolar de outros fatos que alimentam a coluna e as próprias páginas informativas do impresso. No entanto, ela representa uma das instâncias que viabilizam políticas e ações editoriais de um jornal, tomando como referência as dinâmicas dos processos de midiaticização. A coluna, o contrato de leitura e a produção de vínculo com o leitor devem estar interligados.

A seguir, para examinar estas proposições, destacamos três trabalhos que tratam do funcionamento da coluna, sua relação com a ambiência jornalística, seu entorno, e o

leitorado, algo caro ao nosso objeto de pesquisa. Em “Ombudsman: a interrupção de uma fala transversal”, Fausto Neto (2008) enfatiza as transformações dos ‘regimes de falas’ de processos interacionais desencadeados no âmbito jornalístico no contexto da midiatização, a partir das estratégias discursivas que estruturam o trabalho do ombudsman como um dispositivo interpretante. É explorada uma manifestação de tensão no processo interacional jornal-ombudsman-leitor, não a narrativa em si, mas o acontecimento da saída do ombudsman e os efeitos disso no próprio processo interacional, no contrato do jornal com o leitor. O então ombudsman da Folha de S. Paulo, jornalista Mário Magalhães, motivado por novas rotinas, pretendia ampliar o espaço de participação do leitor na coluna, inserindo-o na sua ambiência digital. Essa introdução ocorreria nas práticas jornalísticas por conta dos processos de midiatização pela ampliação das condições de transformações de uma fala por outra.

De acordo com Fausto Neto (2008):

Tais fatores, na sua origem, tornam este fato não um simples episódio, mas um acontecimento complexo. O ombudsman, neste novo ambiente da midiatização, não obstante ter recebido uma delegação de natureza organizacional, exerce uma atividade discursiva muito mais complexa do que as designações antevistas pelas motivações explicitadas pelo discurso empresarial que subsidia a sua existência (FAUSTO NETO, 2008, p. 4).

O ombudsman, por meio do seu modo de operação, vai além da mera função atribuída a ele na organização jornalística, e age na relação jornal-leitor, com ênfase na defesa do leitorado. Ele atua como um mediador e, neste caso, gera-se uma crise que leva o próprio colunista a se demitir de suas funções. A atitude do ombudsman não agrada à direção do jornal, que opta pela troca do ombudsman, o que gera um acontecimento complexo. O “demitido” escreve a sua última coluna em tom de despedida e abre a reflexão sobre a crise do modelo de interação proposto pelo impresso.

Ocorre, assim, que a midiatização processa uma transformação a respeito da função do ombudsman e do próprio leitor:

A midiatização transforma o papel do ombudsman, que sofre uma ‘socialização’ provocada pela natureza das interações produzidas, segundo novas temporalidades individuais, culturais e tecnológicas. A reflexão sobre os processos jornalísticos continua sendo a sua matéria-prima. Mas, desta feita, é dinamizada por um outro tipo de relação discursiva com o leitorado. Estes, não mais situados nas fronteiras externas ao ambiente midiático, uma vez já estão instalados nas próprias dinâmicas e nos fluxos deste ambiente. Emerge nova dinâmica interacional que coloca o ombudsman numa outra

relação com o leitor, e que reformula o seu protagonismo no processo editorial jornalístico (FAUSTO NETO, 2008, p. 12).

As interações produzidas entre ombudsman e leitor, graças ao processo de midiaticização, aproximam ambos no ambiente midiático e do leitorado, e determinam uma nova processualidade entre eles, dinamizando a relação e o próprio contexto editorial jornalístico, a atividade interpretativa jornalística (analítica), segundo novas características enunciativas, e a presença do leitor com novo status. Os efeitos da midiaticização também complexificam o trabalho do colunismo enquanto um elo intermediário entre jornal e leitores. A coluna tematiza e agenda novos fatos, o que possibilita a interação com o leitorado e com o contrato de leitura entre este, e o jornal.

Em outro artigo, publicado em 2010, Fausto Neto estudou outra ruptura do processo interacional colunista-leitor, e que tem relação com a repercussão na web da demissão da psicanalista Maria Rita Kehl, colunista do jornal O Estado de S. Paulo. Conforme o pesquisador, ao escrever artigo em defesa das políticas sociais do governo Lula, a colunista teria se afastado dos princípios acordados com o jornal, o qual esperava que ela abordasse temas psicológicos, enquanto especialista dessa atividade. O caso ocorreu às vésperas das eleições presidenciais de 2010 e deslocou-se para a internet, gerando debate discursivo sobre o afastamento da colunista (FAUSTO NETO, 2011). A análise esteve baseada no exame de um processo analítico que entrou em rota de colisão com os objetivos editoriais do jornal.

Fausto Neto (2011) comenta:

Os dois casos – complexamente midiaticizados – estão marcados por amplo processo de circulação de discursos midiáticos. Os acontecimentos que se passam no ambiente jornalístico e nas colunas, enquanto espaço de mediação, parecem assumir um status próprio (FAUSTO NETO, 2011, p. 238).

Como consequência da midiaticização, a circulação gera efeitos sobre as interações entre jornal-coluna-leitor e nos discursos midiáticos. De acordo com Fausto Neto (2011), a passagem para a “sociedade em vias de midiaticização” gera enunciações inéditas, transformando os receptores em “coprodutores de atividades discursivas midiáticas” (FAUSTO NETO, 2011, p. 37). Isso exige a elaboração de novos dispositivos analíticos para o entendimento das problemáticas de efeito de sentido.

Em função desta questão, recorreremos a Braga (2007 apud Lelo e Grohmann, 2014), que aborda a circulação do ponto de vista de um processo interacional. Para ele,

a mídia é um importante objeto de referência dos estudos em Comunicação, mas as pesquisas não podem se bastar ao estudo dela. Se “a sociedade constrói a realidade através de processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam” (BRAGA, 2007, p. 143), pensar “mídia” e “sociedade” como uma dualidade é incoerente, já que a inserção dos media nos contextos cotidianos extravasa as interações pontuais e diretas com produtos midiáticos específicos, de modo que as práticas interacionais envolvem recursos extraídos de processos mediados na constituição da trama social.

No artigo “Enfermidade em circulação: sou eu mesmo que noticia o meu tratamento”, ocorre uma outra forma de colunismo pelos efeitos dos processos dessa circulação. Fausto Neto (2011) examinou os processos de transformação dos jornalistas de mediadores - também colunista - em atores de acontecimentos. Tomou-se, como objeto de análise, estratégias discursivas da coluna jornalística de Paulo Sant’Ana, no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS), na qual o enunciador construía a trajetória de sua enfermidade a partir de operações autorreferenciais. O caso em análise reuniu marcas dos processos de mutações que apontavam para o deslocamento do jornalista da condição de “guardião do contato” para a de operador de um outro trabalho discursivo, convertendo-se em fonte e objeto, e, ao mesmo tempo, em dinamizador interpretativo do próprio processo de inteligibilidade do acontecimento. O caso transformou o jornalista em ator, pois ele enunciou a sua enfermidade diretamente aos leitores via a sua coluna. Também gerou novas articulações entre o ambiente jornalístico e o leitorado.

O jornalismo é praticado em um novo universo comunicacional, no qual, além de ver sua atividade produtiva permeada por novas lógicas, o trabalho de seus atores se faz largamente apoiado em uma enunciação de caráter autorreferencial. Na então “sociedade dos meios” (marcada pelo protagonismo das mídias), os jornalistas funcionavam como uma espécie de “elo de contato” entre instituições e leitores, mas segundo enunciações que os mantinham à distância dos acontecimentos. Na atual sociedade em vias de mediação são convertidos em atores, segundo um outro modelo de performance midiática (FAUSTO NETO, 2011).

A ação mediadora do jornalista é transformada, já que ele próprio relata a sua doença no espaço da coluna e se transforma no ator do acontecimento. É um processo autorreferencial. Exemplo claro da passagem da sociedade dos meios para a sociedade em vias de mediação, levando em conta a atividade enunciativa do profissional e as

novas operações de referência praticadas por ele, bem como as novas estratégias de produção de sentidos que envolvem o seu trabalho.

Os efeitos do processo de midiaticização sobre a transformação do colunismo, no caso citado, mostram um ator social (Sant'Ana) que conta a história da sua doença na própria coluna escrita por ele, usando uma estratégia autorreferencial. Ele tira o acontecimento do espaço do jornal e convida o leitor a segui-lo em várias mídias, o que revela um ângulo de uma nova interação.

Tal movimento gera novos vínculos entre jornal-leitor, pois o colunista abandona o lugar de “delegado do jornal” e assume uma função mais personalizada, a de ator-mensageiro de si próprio, algo que vai desembocar no blogueiro. O resultado disso na interação postulada pelo jornal perde o vigor, já que a função e os efeitos da coluna e do colunista junto ao leitor, no contexto da missão clássica de mediação e de representação do colunista, esmorece diante do trabalho atorizante que a coluna assume.

As transformações experimentadas no processo de midiaticização da sociedade atravessam a atividade jornalística. Ocorrem, durante a produção midiática, afetações significativas, na geração de conteúdo, no oferecimento do jornalismo e dos seus produtos e no ordenamento e busca de circulação social. Afeta, também, as estruturas de sentido do jornal e a função dos seus operadores, no caso colunas e colunistas.

Fontoura (2014) fez uma análise do material opinativo sobre futebol em dois jornais de Porto Alegre, Zero Hora e Correio do Povo, com foco nas crônicas em torno das disputas entre Grêmio e Internacional, e também de entrevistas com os autores das colunas selecionadas. O objetivo foi detectar como os jornalistas escolhidos lidavam com a mobilização passional implicada no futebol, traduzida em paixão pelos clubes, e que contextos culturais são acionados nesse processo. No Rio Grande do Sul, o acirramento entre seus dois principais clubes constitui-se dentro de construções culturais das quais, pressupõe-se, participa a crônica esportiva produzida pelos jornais de referência. A pesquisa trabalhou com conceitos advindos dos estudos de gêneros jornalísticos, da tribo e comunidade jornalística formulados por Nelson Traquina, e do circuito comunicacional juntamente com seus códigos, presentes nos estudos de Stuart Hall. No campo da prática jornalística, foram abordados pensamentos de ética, com destaque para Eugênio Bucci, e do discurso como gênero, de Márcia Benetti. Contribuições de outras áreas que englobam o futebol foram retiradas também dos estudos de Roberto da Matta, Fausto Neto e Ronaldo Helal, entre outros autores. Acredita-se que a proposta possa contribuir para o entendimento dos procedimentos

jornalísticos nessa área, da construção de opiniões e suas complexidades em território minado de passionalidade e para o exercício da crítica sobre jornalismo esportivo no sentido de qualificar seus processos.

Silva (2014) analisou as estratégias discursivas do colonismo político, tendo como objeto a Coluna do Castelo, escrita pelo jornalista piauiense Carlos Castello Branco e publicada por longos anos no legendário Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. As colunas estudadas compreendem o período entre 1963 e 1969, que traziam comentários acerca de eventos políticos engendrados nos bastidores do poder central do país. Tratou-se de uma pesquisa documental, visando a estudo de caso, na qual o autor buscou entender a opinião de Castello sobre o golpe de 1964 e as seguidas ações adotadas pelos militares no sentido de consolidar a tomada do poder e perpetuar o regime. O estudo inscreveu a argumentação no campo jornalístico, procurando identificar a anatomia discursiva dos comentários de Castello: seus argumentos, seus valores, seu lugar de fala e sua postura em relação aos militares no poder. Utilizou, como método, a análise argumentativa da opinião, no intuito de interpretar o conteúdo dos comentários, privilegiando os juízos de valor que os moldam e as circunstâncias em que são produzidos. A pesquisa buscou respaldo na retórica de Aristóteles (2005, 2013) e na nova retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), em que a argumentação é entendida em uma situação de comunicação, uma ação pelo discurso, cujo objetivo é provocar a adesão do público a teses que lhe são propostas, e contou, como suporte, com os estudos de Philippe Breton (1999, 2001), Michel Meyer (2007), Olivier Reboul (2004), Roland Barthes (2001) e Gabriel Tarde (1992). Na análise, o pesquisador constatou que Castello estabeleceu relação amistosa com suas fontes no campo do poder político civil e do poder militar, o que garantiu o lugar que lhe é atribuído no jornalismo político brasileiro.

A coluna aparece como dispositivo realizando outra atividade analítica, algo que vamos mostrar em nossa tese, e que faz surgir uma analítica do acontecimento esportivo, e que se engendra pelo trabalho da enunciação. O texto redigido pelo colonista traz opiniões de e sobre fatos, formuladas pelo enunciador, levando em conta múltiplas ordens de determinação.

As colunas, a exemplo de outras instâncias de práticas jornalísticas por nós visitadas em capítulo anterior, realizam operações muito específicas, que são afetadas mas que também afetam a ambiência e a dinâmica dos processos de midiaticização das práticas jornalísticas. Uma delas é justamente a constituição do “acontecimento-

coluna”, cujos processos produtivos e operações de sentidos produzidos ingressam nos circuitos e na circulação social com mais intensidade e singularidade em relação a outras operações de práticas jornalísticas. Ou seja, para a ambiência à midiatização jornalística e fornecem elementos dos bastidores que emergem muito antes de o próprio ato desenvolver protagonismos na encenação. Tais elementos são provenientes, muitas vezes, da relação que o colunista mantém com as fontes, sabendo antes de determinados fatos e pondo-os à disposição dos seus leitores. A partir daí, surge um debate sobre aquele assunto que vai ganhar novos desdobramentos na seção informativa do jornal.

Neste contexto, é possível destacar as colunas como espaço de disputa de sentidos, segundo estratégias que necessariamente não convergem, reunindo a política informativa, a ação da coluna e as expectativas dos leitores. A nova relação entre fontes-colunas-jornais e leitores se dá segundo uma nova atividade de engendramentos de sentidos, e cujos efeitos não são necessariamente convergentes. Devemos admitir, porém, que as colunas também agem na elaboração de sentidos e na preparação de conjunturas para o estabelecimento das funcionalidades necessárias ao equilíbrio de uma dada ambiência.

Os colunistas, como atores centrais neste processo, são também vistos como celebridades e também como especialistas e desfrutam de prestígio e notoriedade. Conhecem fontes e, na relação com elas, conseguem trabalhar com a antecipação de alguns fatos. Conforme Melo (2003, p. 140), a “coluna tem como espaço privilegiado os bastidores da notícia, descobrindo fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressam, ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública”. De alguma forma, esse trabalho transforma o colunista em celebridade e serve para redimensionar a sua atividade mediacional no contexto da midiatização.

Verón (1980) considera o texto como lugar de manifestação de uma multiplicidade de traços decorrentes de diferentes ordens. Segundo ele, a leitura, que ele trata como “reconhecimento”, deve considerar essa multiplicidade de fatores que instauram o texto como instância da “produção”. Esses fatores são da ordem do social – máquina que funciona pelo sentido -, do metatextual e, principalmente, do ideológico. Porém, os discursos não são percebidos nas suas muitas dimensões, a não ser por um olhar atento, analítico. Para o autor, as forças ideológico-sociais inscrevem-se nos discursos, sem a consciência total do seu produtor.

O próximo item vai tratar da coluna, enunciação e produção de sentidos.

4.1.3 A coluna, enunciação e produção de sentidos

A coluna não é só um espaço gráfico, mas sim um território tecno-simbólico de produção de sentido. Isso ocorre quando ela enuncia, fala, opina, modaliza e tematiza, tecendo e co-tecendo narrativa que o jornal faz, segundo regras, que, embora subordinadas ao impresso como um todo, pertencem a sua racionalidade. Neste caso, somente em determinados dias e naquele espaço, haverá um processo de enunciação deliberado e um lugar dedicado, no caso, a falar da Copa do Mundo, por exemplo.

A coluna é uma instância que também atua na criação de uma modalidade de memória, conforme assim pleiteia o discurso jornalístico. Desta forma, a coluna é um dispositivo de fala e tem uma singularidade simbólica dentro do jornal, porque se faz por meio de processos de enunciação que lhes são singulares. Dentro da noção de coluna como instância da máquina significante do jornal, ela realiza um contato regular, persistente, quase cotidiano com o mundo do leitor. Um dos efeitos presumíveis de produção de sentidos é a criação de uma memória sobre uma prática social, no caso, o esporte.

Dispositivo é um conceito-chave para compreender o processo de midiatização da sociedade. Porém, no contexto desta tese, ele deve ser pensado como uma matriz de enunciação, que materializa, segundo operações tecno-discursivas, o sentido via uma modalidade determinada de texto. Assim, pensando o dispositivo, em termos discursivos, Verón (2004, p. 216) observa que a “enunciação diz respeito não ao que é dito, mas ao dizer e suas modalidades, os modos de dizer”. Ele denomina esse dispositivo de enunciação o contrato de leitura, do qual já sai uma manifestação do próprio dispositivo, que cria o vínculo entre o suporte (jornal) e o leitor.

Para Véron (2004), é por meio do estudo de dispositivo de enunciação que é possível perceber as particularidades de cada suporte de comunicação e destacar essas especificidades em relação aos seus concorrentes. Para formular esta noção, o autor vai refletir sobre conceitos da Teoria da Enunciação, envolvendo o ato enunciativo, seus pares enunciado/enunciação e, digamos, seus atores enunciador/destinatário, para depois formular o que entende por contrato de leitura. Olhando pela ótica de Verón, o discurso jornalístico só consegue estabelecer vínculos com os demais grupos sociais porque recorre a modos de dizer (dispositivos de enunciação) para conquistar receptores. O colunista é o enunciador, o texto é o enunciado e o leitor é o destinatário. A relação está vinculada. “A ordem do enunciado é a ordem do que é dito (conteúdo), enquanto a

enunciação diz respeito não ao que é dito, mas ao dizer e suas modalidades, os modos de dizer” (VERÓN, 2004, p. 216).

Por sua vez, Benveniste (1989) coloca que a enunciação é um ato individual, assim a mesma se dá uma única vez em cada situação, não se repetindo, sendo realizada por um locutor baseado num interlocutor. Ele destaca, ainda, que a relação do último com o primeiro é que vai determinar a maneira como a enunciação se apresentará no discurso. Benveniste considera a atuação do eu em função do tu e faz alusão a dois tipos de sujeitos, o da enunciação e o do enunciado. O primeiro se refere ao lugar idealizado do Eu, a imagem deste, a maneira pela qual o Eu se define no próprio discurso, enquanto que o sujeito do enunciado se manifesta como personagem do texto. O enunciado pode ser uma frase, parte de um discurso ou discurso (oral ou escrito) em associação com o contexto em que é enunciado; segmento da cadeia falada produzida por um falante numa determinada língua que é delimitado por certas marcas formais: de entonação, de pausas (expressão oral), de pontuação (expressão escrita). O conjunto dos enunciados constitui o corpus utilizado para a descrição e a análise de uma língua. Quem enuncia ou produz o enunciado é o enunciador. A quem é dirigido o enunciado, a enunciação, chama-se enunciatário.

Para Porto (2010, p. 38), “a enunciação é uma ferramenta linguística e social que se parece com a caixa de marchas de um carro. Através do ato de embreagem, buscam-se as marchas de que o carro precisa para se locomover.” Alguém, no caso os colunistas Tostão e Juca Kfourri, diz algo para quem com intenções e em determinadas circunstâncias. Porto (2010, p. 38-39) acrescenta que “o trato enunciativo é parte íntegra daquilo que fazemos profissionalmente”. Os colunistas buscam dar sentido nos seus textos, como numa “embreagem linguística”. Nesta operação, enunciados e sujeitos são partes essenciais.

Mouillaud (2012, p. 53) também faz sua elaboração sobre este conceito, dizendo que os “os próprios dispositivos pertencem a lugares institucionais” e exemplifica:

Um anfiteatro de universidade não é apenas uma cena espacial, mas um subconjunto da instituição universitária. Os dispositivos e as instituições têm uma relativa autonomia entre si – um lugar institucional pode ser o mesmo com dispositivos diferentes, e um dispositivo pode funcionar em diferentes lugares. Entretanto, o dispositivo e o lugar são indissociáveis do sentido no qual só se atualizam um pelo outro (MOUILLAUD, 2012, p. 53)

O dispositivo possui um modo específico de se estruturar no espaço e no tempo, concebe Mouillaud (1997). A partir desse conceito, entende-se que, em sua complexidade constitutiva, o jornal é formado por vários dispositivos que buscam organizar a oferta discursiva para o leitor, como o sistema de titulação, a organização em seções e em colunas, o uso de legendas, olho e capitular, por exemplo. Falando sobre as colunas, particularmente, é neste âmbito que as práticas jornalísticas tomam forma. Os colunistas usam mecanismos enunciativos para garantir inteligibilidade aos temas que abordam e assegurar que o discurso empreendido signifique algo para seus leitores.

Apesar de os conceitos de enunciado e enunciação apresentarem diferenças nítidas, Verón (2004) observa que não há uma oposição separativa entre eles, mas uma conexão indispensável e complementar. Esse par é simultâneo e essencial na construção dos sentidos na sociedade, seja em conversas informais, seja no cotidiano do jornalismo.

Na ótica de Peruzzolo (2010), por exemplo, a imprensa trabalha com uma vasta quantidade e qualidade de informações, que constituem os enunciados. Mas cada empresa jornalística mostra a realidade, conforme seu modo de dizer, ou seja, ordena, escreve, ilustra, aborda essas informações de uma maneira diferente e particular, ou seja, produz enunciações próprias.

A coluna fala sobre algo ao mundo dos leitores, com quem cria vínculos, ao mundo dos leitores mais especializados (outros colunistas, por exemplo), ao campo esportivo (dirigentes, técnicos, jogadores) ou a um leitor imaginário, que integra a totalidade do leitorado. O espaço de dizer enuncia, extrai, mostra e externaliza aquilo que é da vocação, da tarefa e do ofício de um enunciador específico, no nosso caso, o colunista.

Na sequência, vamos abordar a coluna como produtora do acontecimento.

4.1.4 A coluna como produtora do acontecimento

O jornal forma um todo, mas está estruturado e articulado em unidades, como o editorial, as notas, as reportagens, as colunas, as fotos etc. Todas as partes podem falar sobre o macro acontecimento - no caso da nossa pesquisa, a temática é Copa do Mundo de 2014. Porém, a abordagem é distinta até na mesma edição diária, em virtude dos diferentes olhares e suas respectivas operações sobre o assunto.

É fundamental tecermos algumas considerações sobre o trabalho da enunciação na gestação do acontecimento, especialmente da modalidade enunciativa com que se estrutura a coluna. Desta forma, apresentamos algumas noções de acontecimento para, em seguida, examinarmos a relação com enunciação da perspectiva dos estudos midiáticos, como é o caso da coluna.

Como aponta Quéré (2005), é o acontecimento que rompe o contínuo da existência e designa situações e sentidos diversos:

Também novos campos problemáticos se constituem com a emergência de acontecimentos, nomeadamente a partir do trabalho realizado em torno deles, explicitando o que está em causa, no âmbito da regulação política das condições do viver em conjunto numa coletividade (QUÉRÉ, 2005, p. 72).

Rodrigues (1993, p. 27), por sua vez, observa que “é acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”. A medida do acontecimento, na ótica de Rodrigues, também está na sua imprevisibilidade: quanto mais improvável, maior é a probabilidade da ocorrência ascender ao espaço da mídia.

O acontecimento jornalístico é, por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. Neste sentido, faz parte de um conjunto relativamente restrito que pertence a um universo muito vasto (RODRIGUES, 1993, p. 27).

O trabalho jornalístico, de natureza enunciativa, tem efeito multiplicador social, com ênfase nos acontecimentos públicos e privados. Isso determina, ainda, a produção de micro acontecimentos, já que a temática é vista por ângulos e intervenções diferentes. Surgem aí as especificidades, os recortes, as particularidades da cobertura. Neste contexto, a coluna particulariza um certo modo de falar sobre a Copa do Mundo de 2014, ao produzir um tipo de acontecimento esportivo por ela lido, na perspectiva de sua organização tecno-narrativa.

Na ótica de Alsina (2009), o acontecimento diz respeito à percepção do sistema, enquanto a notícia é de geração do sistema. No entanto, a passagem do acontecimento para a notícia não é um processo simples, afinal, a notícia é considerada uma construção social da realidade. "O que é notícia para um sistema pode ser acontecimento para

outro" (ALSINA, 2009, p. 132-133). Quem ajuda a determinar o que, entre tantos acontecimentos, merece ganhar visibilidade e ser conhecido é a cultura de uma sociedade. O acontecimento está dentro de um sistema, que caracteriza e classifica determinados fenômenos como acontecimento jornalístico ou não. Desta forma, Alsina (2009) propõe a variação do ecossistema, a comunicabilidade do fato e a implicação dos sujeitos como elementos essenciais para o acontecimento. O primeiro elemento se refere à variação da cultura como determinante para definir o acontecimento. A comunicabilidade do fato é característica para a construção da notícia, pois o acontecimento precisa ser percebido para se caracterizar como jornalístico. O terceiro elemento se refere à implicação do sujeito, ou seja, o grau de envolvimento da sociedade para a qual o veículo de comunicação se volta é categórico para valorizar um acontecimento como notícia. Logo, reiteramos que a construção da notícia depende de muitos fatores que podem ser internos e externos à própria notícia.

Neste âmbito, o colunista, por exemplo, tem o olhar, a escuta, a percepção, as fontes e a experiência para realizar o processo produtivo da sua coluna, onde expõe as suas marcas como enunciador. A coluna transforma-se em um operador técnico-discursivo e produtora de um acontecimento. O dispositivo tem uma relação com o jornal na sua política editorial de cobrir a Copa do Mundo, mas também tem autonomia para gerar diferentes ângulos de cobertura, que têm outros desdobramentos. Tudo para produzir um acontecimento esportivo à luz de uma analítica própria.

No próximo item, vamos destacar a coluna e o vínculo com o leitor.

4.1.5 A coluna e o vínculo com o leitor

A coluna é um espaço de alteridade (qualidade ou estado do que é outro) e autorialidade (marcas do lugar de fala, autoria), mas inicialmente está vinculada ao jornal como espaço de produção de sentido. Nessa relação, surgem duas contiguidades: uma mais próxima, com o jornal, e outra mais distante, com o leitor. Desta forma, a coluna se transforma em um espaço de tensão entre a alteridade e a autorialidade.

Os colunistas escrevem para um leitor ideal, que gosta de lê-lo e vira seu seguidor; um imaginado, que gosta do seu estilo; ou um cifrado, sócio-demográfico. De algum lugar, o colunista recebe alguma instrução do próprio jornal, da formação, da sua sensibilidade-, que o permite escrever para seus leitores.

Baseado em uma pesquisa de Verón (1986), é criada também uma economia vincular entre colunista e leitor. No estudo de Verón, onde é tratada a relação do telejornal com o telespectador, o esquema é o seguinte: ele está lá (telespectador), ele me olha (telespectador), eu o falo (âncora do telejornal). Trazendo para a relação do colunista com o leitor, o vínculo pode ser estabelecido desta forma, guardadas as devidas proporções: eu (colunista) digo a ele o que ele (leitor) não sabe; ele (colunista) está lá, ele sabe algo que eu (leitor) não sei, por isso busco algo nele (colunista). Propõe-se aí, um vínculo de complementaridade entre colunista e leitor.

A interação entre colunista e leitor é mediada por complexos e emergentes processos de midiaticização, por meio de operações técnicas. Em virtude disso também, é criado um vínculo de identificação, de projeção, de expectativa e de reconhecimento do leitor ao colunista. A coluna é um espaço de circulação de vínculos explícitos ou tácitos, que vão externar efeitos dessa analítica. Ou seja, o leitor vai ler a coluna do seu jornalista favorito naquele determinado dia da publicação.

Os agentes do campo jornalístico, na competência do trabalho dos colunistas, buscam estabelecer constantemente posições e definir, a partir delas, formas independentes e autônomas à enunciação. Para isso, engendram estratégias discursivas e enunciativas, cujas marcas e operações ensejam o funcionamento do discurso analítico específico, no nosso estudo, sobre a Copa do Mundo de 2014.

O modo de dizer dos colunistas faz parte de uma enunciação particular e busca a adesão dos leitores, segundo efeitos de sentidos pré-elaborados pelas colunas. Pode-se inferir que, na interlocução buscada na produção dos textos, via estratégias desenvolvidas pelo colunista (locus de negociação social), se produz um dispositivo ordenador de um dado sentido relacionado à enunciação dos acontecimentos esportivos, na singularidade do espaço da coluna (que é a própria forma do acontecimento).

A coluna, assim, adquire tal ponto de organização e significância que o dispositivo – texto – não é apenas um ordenador da enunciação ali disposta, mas pleiteia ser preparador da atenção do leitor, e o sentido não se constrói por determinações. A enunciação é uma operação de oferta e não de imposição. Quem ordena algo tem certo poder de emitir e autorizar. O colunista emite um texto com os seus pontos de vista a respeito de determinado assunto e o oferece para a apreciação do leitor. No entanto, o poder de ordenação não se consome, pois o leitor realiza outros processos com a ordenança, como desvios, leituras paralelas, interpelações, divergências de sentidos etc.

E é durante a reorganização constante do contrato com o público que se verifica uma surpreendente quantidade de mundos possíveis à espera de novas estratégias discursivas que embalam ressurgimentos, ou seja, diferentes contratos para diferentes leitores a todo o momento.

5 A COLUNA, OPERAÇÕES E MARCAS DA ANALÍTICA

5.1 Comentário introdutório

Neste capítulo, inicialmente, são feitas algumas definições e caracterizações da coluna como lugar de funcionamento de determinadas analíticas a serem examinadas ao longo deste texto. Podemos definir a coluna como um elemento da superfície topográfica do jornal, que, articulado à dimensão gráfica, técnica e discursiva, transforma-se em um dispositivo que engendra sentidos. Formalmente, integra o gênero opinativo, apresenta-se como um lugar de práticas analíticas no âmbito do jornal, diferenciando-se de outras unidades do seu universo, como a reportagem, a nota, a notícia. É, assim, um dispositivo de interpretação que funciona conforme rotinas, seu próprio contrato de leitura e obedece a um ritual dentro das rotinas produtivas do jornal.

O contrato de leitura pode ser entendido “como operações que visam a estabelecer o ‘modo de dizer’ do jornal e que se explicitam nas mensagens endereçadas ao leitor” (FAUSTO NETO, 2007, p. 10), no sentido de que vínculos sejam construídos entre estas duas instâncias. Um discurso em produção propõe prever sentidos que o leitor deve observar enquanto conjunto de normas como condição de interpretação. Nossa meta é também identificar certas manifestações do contrato de leitura de cada uma das colunas aqui estudadas, como referências do funcionamento da analítica da Copa.

De modo geral, os colunistas se projetam como produtores do discurso, segundo operações de enunciação. As colunas esportivas nos jornais brasileiros, a exemplo certamente de outros universos, são ocupadas, principalmente, por jornalistas especializados na área, ex-atletas e outros profissionais ligados aos assuntos esportivos. Invariavelmente, as características temáticas dos enunciados tratados restringem-se às competições em si, na atuação das equipes, nos destaques individuais, no trabalho dos técnicos etc. Nestes espaços, os colunistas destacam também assuntos históricos e/ou factuais relacionados às rotinas do esporte e apresentam os seus pontos de vista com relação aos temas abordados, segundo processo enunciativo que rompe a dimensão do que se chamou até então a dita objetividade.

As colunas colaboram para a constituição da ambiência à midiatização jornalística e fornecem, muitas vezes, elementos dos bastidores que emergem muito antes de o próprio ato desenvolver protagonismos na encenação. Tais elementos são

provenientes, muitas vezes, da relação que o colunista mantém com as fontes, sabendo antes de determinados fatos e pondo-os à disposição dos seus leitores. A partir daí, surgem debates sobre um assunto que vai ganhar novos desdobramentos na seção informativa do jornal. Neste contexto, é possível destacar as colunas como espaço de busca e troca de interesses, não necessariamente, convergentes. Mas, também, como espaço de organização de modos de ver, enquanto enquadres, o mundo que circunda, que são fornecidos aos leitores.

O colunista tem a meta de trazer algo novo ao leitor que, por sua vez, espera isso de quem elege para formar sua opinião diante dos fatos colocados. Esta seria a regra básica do contrato de leitura, que estruturaria a relação coluna-leitor. As colunas também agem na elaboração de sentidos e na preparação de conjunturas para o estabelecimento das funcionalidades necessárias ao equilíbrio e mesmo ao questionamento de uma dada ambiência. No processo, estão incluídos circuitos que reúnem colunistas-fontes-leitores, de acordo com relações e dinâmicas. Os colunistas são vistos, também, como peritos, celebridades, especialistas e ainda desfrutam de prestígio e notoriedade. Conhecem fontes e, na relação com elas, as inserem, com frequência, como 'condições de produção' de seus comentários nas colunas. E, pelo seu trabalho, buscam, ainda, o reconhecimento social do público, fonte do capital cultural e da reputação do colunista.

É possível perceber que a midiaticização não pode ser observada simplesmente como um momento em que o avanço tecnológico dos meios de produção de discurso e sentidos aumentou o consumo e a autoridade do campo midiático, mas também por um trabalho enunciativo que aponta para determinada analítica, enquanto processo interpretativo que é engendrado no corpo do próprio jornal, pelos seus peritos, no caso, os colunistas. Mata (1999), ao comentar este contexto, destaca que o que acontece no processo é algo mais amplo, uma mudança de paradigma, um novo modelo no desenho das interações sociais. A midiaticização, nesse contexto da coluna, suscita o processo fundamental de compreender a transformação na qual uma ordem social se comunica, se reproduz e se transforma.

As colunas representam uma das estruturas de implementação do trabalho de mediação do jornalismo. Para tanto, elas funcionam através de vozes autorizadas que o jornal credencia para o desenvolvimento do jornalismo analítico, opinativo etc. Juca Kfoury e Tostão estão autorizados e credenciados pela Folha de S. Paulo a, segundo determinados contratos de leitura, desenvolverem analíticas sobre o acontecimento

esportivo Copa do Mundo de Futebol de 2014, nos três momentos estabelecidos, ou seja, o antes, o durante os jogos, e o depois, enquanto fatos, após transformado pelo trabalho de enunciação do acontecimento esportivo.

Desta forma, inicialmente, procuramos apresentar algumas reflexões sobre a noção de analítica da midiatização e suas relações, antes de realizar propriamente o trabalho de análise das colunas aqui eleitas.

5.2 Algumas noções sobre analítica e analítica da midiatização

O referido item é aberto com algumas noções que são sugeridas pelo dicionário sobre o próprio conceito de analítica, de acordo com a visão de alguns autores. O procedimento serve para entendermos a conceituação do termo posteriormente. Em capítulo anterior, à luz de Fausto Neto, Gomes, Braga e Ferreira, vimos que a noção de midiatização trata da ambiência e da produção de sentidos que circulam segundo regras e dinâmicas, dentre elas, os processos interpretativos. A seguir, fazemos um mapeamento sobre o conceito de analítica, conforme prometido.

Paschoal (2001), ao falar sobre o termo analítica, diz que o mesmo foi utilizado pela primeira vez para designar alguns escritos de Aristóteles que tratavam da Lógica (Primeiros Analíticos e Segundos Analíticos). Seguindo a tradição que se constituiu a partir do filósofo grego, o termo indica um sistema que procede por análise, ou seja, por meio da separação de um todo em suas partes para que, no estudo em separado das partes e na busca da inter-relação entre elas, se tenha uma melhor compreensão do todo.

O filósofo alemão Martin Heidegger usou o termo “analítica” (Analytik) em sua obra “Ser e Tempo” (1927), em lugar de “análise” (Analyse). O termo analítica, utilizado por Kant e retomado por Heidegger, não conduz a uma desintegração do fenômeno, mas sim ao seu caráter originário, ao seu sentido, sua condição de possibilidade. A analítica tece e destece para libertar o sentido que possibilita o tecido e para vislumbrar o próprio tecer e re-tecer. Esta é a via pela qual Heidegger compreendeu a analítica.

Conforme Oliveira (1996), enquanto no olhar e no ouvir “disciplinados” – a saber, disciplinados pela disciplina - se realiza a nossa “percepção”, será no escrever que o nosso “pensamento” se exercitará da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo quanto próprio das ciências voltadas à construção da teoria social. Conforme veremos, os colunistas olham, ouvem e escrevem, segundo enquadres

e estilos próprios, sobre a Copa do Mundo, produzindo um discurso a ser posto à disposição de outros processos interpretativos dos seus leitores.

Japiassú e Marcondes (2001, p. 13), no Dicionário Básico de Filosofia, afirmam que “analítica diz respeito ao processo de referenciamento da realidade, o mundo externo, por exemplo, por meio de análise”. Eles observam que “uma proposição é analítica quando se pode validá-la ou invalidá-la sem recorrer à observação, embora ela não forneça nenhuma informação sobre a realidade”. Em Aristóteles, citam os autores, “a analítica é a parte da lógica que trata da demonstração”. Já em Kant, eles destacam, que “é a parte da lógica transcendental (analítica transcendental) que tem por objeto a decomposição de nosso conhecimento a priori nos elementos do conhecimento puro do entendimento”, isto é, das categorias.

No Dicionário de Psicologia, Mesquita e Duarte (1996) falam em analítica da Psicologia com a teoria criada por Jung, segundo a qual a libido é uma expressão daquilo a que este autor designou por energia vital. Ao contrário de Freud, Jung acreditava que a libido não tem exclusivamente origem sexual, não reconhecendo na infância um papel determinante na eclosão das neuroses da idade adulta, justificando-as segundo uma dialética entre o indivíduo e o meio exterior.

Os conceitos trazidos sobre analítica ratificam a ideia de que ela se faz em torno de processos de observação e de ‘escuta interessada’, ou não, detalhada e minuciosa na pesquisa. Assim, servem ao nosso propósito para mostrar uma relação entre as noções de analítica e enunciação, ou seja, esta última como um modo de construir um ponto de vista acerca do mundo, das práticas e dos atores sociais.

Em *Tiempos y Escrituras*, Verón (2011) fala sobre a dimensão temporal da atividade da escritura. Ele distingue três construções para este cenário: a temporal, a do espaço determinado pela editoria do veículo e a imposição do autor a si mesmo. A primeira está relacionada ao tempo dedicado à reflexão e elaboração, antes da atividade da escrita e da publicação. A segunda leva em conta o número de caracteres para cada artigo e/ou coluna. A terceira fica no âmbito do próprio redator e a imposição para escrever o seu texto. Conforme Verón, o colunista é um observador do mundo, enquanto o leitor é um aferidor destas escritas.

Aproximando o conceito de analítica ao universo da análise de fenômenos de mediação com a perspectiva de estudá-los, Fausto Neto (2008) propõe que se trata de um:

trabalho de leitura realizado por uma modalidade de comunicação, segundo práticas que envolvem dispositivos tecno-discursivos que tomam como referência o modo de existência das lógicas e dos pressupostos da cultura midiática, se estruturam em suas próprias formas de linguagens e por meio de operações de sentido para construir realidades, na forma de textos nos quais se figuram representações sobre a realidade construída (FAUSTO NETO, 2008, p. 94).

Entendemos a analítica da midiatização como um conjunto de operações realizadas por um determinado dispositivo, no caso o colunista, visando a instituir relação com o outro - o indivíduo ou o mundo -, no sentido de escutá-lo, mas também de interpretá-lo, elegendo, portanto, como objeto tentativo, a realidade do acontecimento esportivo. Ainda nesta direção, entendemos a analítica como enquadres de argumentos, de figuras de linguagem, de relação de tensão e de enunciações (marcas). Em outras palavras, a analítica é o modo de dizer e de escutar o objeto, os atores sociais, bem como de observar o outro no sentido do mundo que circunda o jornalismo, por exemplo. Trata-se de uma analítica específica porque reúne pré-requisitos que a distinguem de outras analíticas que são proferidas por outras práticas, especialmente seus peritos e narratividades. Assim, associamos a ideia de enunciação como um ato analítico, no sentido de modo de ler o mundo, através do ato linguístico-discursivo.

O estudo sobre uma diferente analítica da Copa do Mundo de Futebol de 2014, via as colunas de Juca Kfoury e Tostão na Folha de S. Paulo, está associado a algumas dessas reflexões, principalmente, um modo de dizer, conforme um ritual, um lugar de fala, estratégias como fins, táticas como operações intermediárias, regras, retórica, relações com outro, dialogias. A analítica é um aparelho de apreensão, classificação, qualificação e interpretação do mundo.

Para Fausto Neto (2008), o funcionamento desta analítica, segundo determinado procedimento de observação, para examinar as práticas jornalísticas, apresenta pelo menos quatro aspectos: 1) transformações da topografia jornalística, como espaço organizador do contato; 2) a autorreferencialidade do processo produtivo; 3) autorreflexividade sobre seus fundamentos teóricos; e 4) transformação do status do leitor, assim caracterizados pelo autor.

Transformações da topografia jornalística como espaço organizador do contato - Cada vez mais, jornais e revistas transformam seções em que se dirigem aos leitores em

espaços nos quais relatam a organização e funcionamento da dinâmica dos seus ambientes de trabalho.

Autorreferencialidade do processo produtivo - As estratégias através das quais o dispositivo da analítica se põe em contato com os leitores desdobram-se num outro tipo de operações, e que consistem na produção de discursos autorreferenciais sobre o processo produtivo. Não se trata mais de falar para o leitor, apontá-lo a realidade construída, ou dizer que sabe ou que soube antes, mas relatar como faz para dizer que sabe antes. Na apresentação desta realidade da construção, edifica-se um novo contrato de leitura, por meio do qual as mídias acabam sendo seu próprio objeto.

Autorreflexividade posta em ato - As operações discursivas, em que se assentam essas estratégias do ato analítico, trazem reflexões contíguas sobre o fazer jornalístico, uma espécie de operação autorreflexiva, na qual se teoriza sobre o ato jornalístico e seus processos de produção. São enunciações que refletem os desafios e os efeitos de um modo de dizer, chamando atenção para as concepções do dispositivo sobre o seu trabalho, e seu processo produtivo.

Estratégias de protagonização do leitor - Intensos processos de operações discursivas transformam não só a topografia do dispositivo jornalístico, mas as interações que reúnem produtores e receptores de discursos. A lógica dominante prevê uma espécie de diluição entre as fronteiras que os reúne, e mesmo de zonas de pregnâncias que os aproximariam, na medida em que os receptores são crescentemente instalados no interior do sistema produtivo, como co-operadores de enunciação. Tais mutações alteram, substancialmente, as identidades desses atores e também as suas posições discursivas, como enunciador e enunciatário, circunstância que por si poderia ser um tema de um incitante estudo. Essa nova economia discursiva estaria produzindo profundas e complexas alterações nas próprias rotinas da cultura e do trabalho do jornalismo, para não dizer nas regras que orientam a codificação da realidade e que passam a ser compartilhadas com os receptores (FAUSTO NETO, 2008, 97-100).

Concordamos com Fausto Neto, pois consideramos que a topografia do jornal é por vezes maleável e abarca várias unidades, entre elas, as colunas. Outro ponto é que ocorre uma apresentação do processo produtivo da notícia ao leitor, bem como são postas à mesa estratégias do ato analítico praticado no jornalismo pelos profissionais. Tudo para tornar o leitor um protagonista desse processo, um co-operador do sistema jornalístico, como ressalta o autor. Dos quatro aspectos trazidos por Fausto Neto, vamos utilizar a autorreferencialidade e a autorreflexividade como referências na nossa análise

da analítica das colunas. A analítica depende da incidência de outras discursividades sobre as práticas discursivas dos dois colunistas. Ela evoca um “processo de terapêutica”, no sentido de ouvir e ver o mundo esportivo e seus componentes e praticar o exercício de escutas, olhares e interpretações, produzindo diagnósticos sobre os mesmos. O acontecimento esportivo é um processo discursivo complexo, atravessado por problemáticas e manifestações externas, como a midiática, a política, a econômica e a social. A Copa do Mundo é um acontecimento que resulta de múltiplas ressonâncias enunciativas, pois recebe retorno das construções discursivas realizadas nas processualidades dos campos, especialmente no contato das estratégias enunciativas do campo esportivo - como a coluna - com os demais campos.

Na sequência, destacamos uma breve biografia midiática dos colunistas Juca Kfourri e Tostão, protagonistas do nosso objeto de estudo. Justificamos a inserção do item nesta parte do trabalho para apresentar a trajetória dos dois colunistas. Eles são dois peritos, cujo trabalho interpretativo praticado traz marcas de suas trajetórias, especialmente o que chamamos aqui de um determinado tipo de biografia - a midiática - e também pelo fato de que são tidos como especialistas de destaque na área onde atuam pelos leitores e pelos próprios colegas de jornalismo esportivo brasileiro. A pertinência, ainda, está no fato de que o trabalho de análise vai mostrar marcas destas características logo depois das informações sobre os procedimentos metodológicos da tese.

5.3 A biografia midiática de Juca Kfourri e Tostão

O paulistano José Carlos Amaral Kfourri, o Juca Kfourri, nasceu em 4 de março de 1950, é jornalista e tem formação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Atua na área há mais de 40 anos. Já dirigiu as revistas Placar e Playboy, além de ter sido comentarista esportivo do SBT e da Rede Globo. Participou do programa Cartão Verde, da Rede Cultura, e comandou o Bola na Rede, na Rede TV. Apresentou o programa de entrevistas na rede CNT, Juca Kfourri ao vivo, e atualmente está na ESPN Brasil. Na emissora de televisão, participa do programa Linha de Passe, que vai ao ar na segunda e na sexta-feira, das 21h às 23h, e de coberturas especiais quando o assunto é futebol. No Portal UOL, tem, ainda, o Blog do Juca.

Como colunista de futebol, atuou em “O Globo” e no Diário Lance! entre 1995 e 1999, foi colunista do jornal Folha de S. Paulo, para onde voltou em 2005 e está

atualmente. Escreve às segundas, quintas e domingos, na versão impressa de "Esporte" do referido impresso.



Figura 2 - Juca Kfourri atua há mais de 40 anos no jornalismo esportivo

No site da Folha, as colunas ficam à disposição dos internautas a partir das duas horas da madrugada dos referidos dias. Juca Kfourri é um “militante” do esporte brasileiro, principalmente do futebol. É questionador, polêmico e instiga a discussão sobre o trabalho dos dirigentes de clubes e dos detentores do poder nos órgãos diretivos do futebol, como as federações estaduais, a CBF e a Fifa. Já foi processado algumas vezes, mas nunca baixou a guarda para os seus críticos e opositores. O colunista associa as questões sociais do país ao futebol.

Tostão é o apelido do ex-jogador de futebol campeão mundial pelo Brasil na Copa de 1970, médico e ex-professor da UFMG Eduardo Gonçalves de Andrade, que nasceu em Belo Horizonte (MG), no dia 25 de janeiro de 1947. Ele deixou de jogar futebol aos 26 anos, devido a um problema de descolamento da retina do olho esquerdo. A vida de colunista esportivo começou em 1996, no Jornal Estado de Minas. Em 1997, lançou o livro “Lembranças, Opiniões, Reflexões sobre Futebol”, pela Editora DBA. Atualmente, escreve duas colunas semanais para mais de uma dezena de jornais brasileiros, entre eles a Folha de S. Paulo, às quartas e domingos. Seus textos, nos

referidos dias, também são disponibilizados para os internautas, no site do jornal, a partir das duas horas da madrugada.

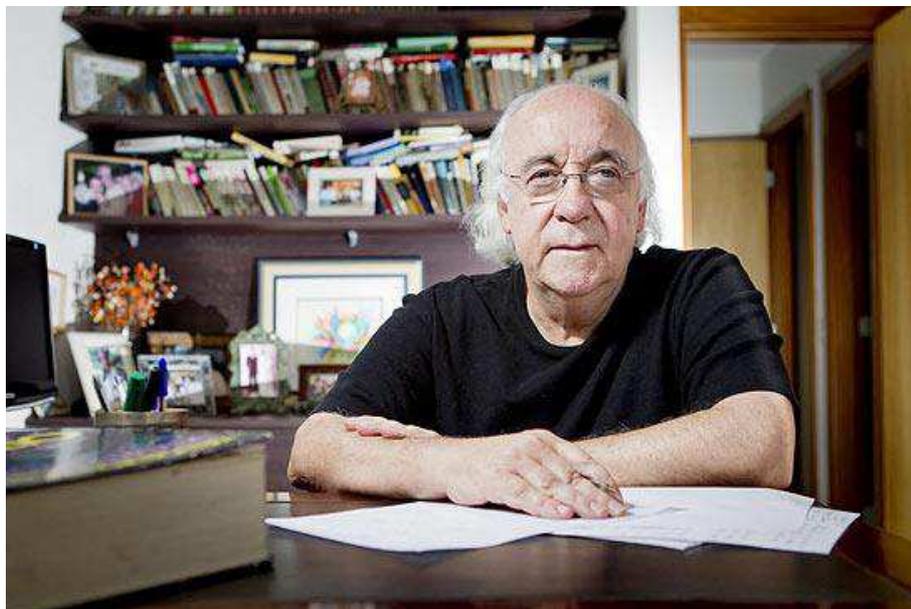


Figura 3 - Tostão foi campeão pelo Brasil em 70, na Copa do México

Tostão é introvertido e não gosta de polêmicas. É mais didático e recorre a dados históricos e da literatura para escrever as suas colunas, em meio a questões técnicas e táticas do jogo.

Destacamos, também, uma breve biografia sobre a Folha de S. Paulo, nosso co-objeto de estudo, pois algum elemento da sua existência se manifesta, de uma forma ou de outra, sobre as colunas em análise. O impresso está entre os jornais brasileiros com o maior número de colunistas. São cerca de 120 nomes, que opinam durante a semana. Isso sugere que a Folha é um veículo de comunicação que tem a diversidade de opinião como uma das características do seu contrato de leitura, dando ênfase para o jornalismo autoral. O jornal foi fundado em 1921 e, atualmente, é o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação entre os diários nacionais de interesse geral. Dados de agosto de 2015 apontam uma circulação paga de 344.022 exemplares aos domingos e de 316.860 nos dias úteis. A média de circulação, entre segunda e domingo, fica em 320.741 exemplares. Os números foram auditados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC). Em 2010, houve a unificação das redações do jornal impresso e on-line, reforma gráfica e editorial. A Folha On-line foi reestruturada e passou a se chamar Folha.com. Aplicativos para iPhone, iPad e Galaxy Tab também foram lançados.

De acordo com o site da Folha, o Caderno de Esporte “trata o esporte como espetáculo e fenômeno empresarial”. O esporte é encarado pelo jornal, portanto, não só como lazer e entretenimento, mas também como um grande negócio. Sem citar números, o jornal ressalta que atualmente o Esporte é uma das seções mais lidas da Folha. O objetivo é abordar o tema de forma diferenciada, com reportagens investigativas e que fogem ao padrão dos resultados de jogos e análises rasas. Além de acompanhar os principais campeonatos, traz assuntos relacionados a política, marketing, legislação e moda. Foi o primeiro caderno no país a usar estatísticas e banco de dados, preparados pelo Instituto Datafolha, na análise esportiva. Tais procedimentos são marcas da Folha e apontam para a realização de um jornalismo interpretativo⁶.

A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos que norteiam a nossa pesquisa e, principalmente, a análise do nosso objeto.

⁶ Por jornalismo interpretativo vamos entender aquele que, a partir do grau de noticiabilidade dos acontecimentos e liberdade estilística, permite não apenas o posicionamento do autor do texto como uma interpretação/explicação mais contextualizada do conteúdo por parte de quem tenha acesso a ele (SOSTER e PICCININ, 2010).

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa aborda um acontecimento esportivo de uma magnitude complexa - Copa do Mundo de 2014 - na perspectiva enunciativa das colunas de Juca Kfourri e Tostão, publicadas no jornal Folha de S. Paulo, e cujas atividades se manifestam em três momentos que estruturam a construção do Mundial de Futebol: o antes, o durante e o depois. Ao lado dos Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo de Futebol é um dos dois principais eventos esportivos do planeta. Para se ter uma ideia, para o Mundial de 2018, na Rússia, 208 países inscreveram seleções para a fase eliminatória, que vai classificar só 32 equipes para a etapa final no país do leste europeu.

De acordo com a Fifa e o Comitê Organizador Local (COL) da Copa de 2014, o evento esportivo teve um público presente nos 64 jogos de 3.429.873 pessoas (2ª melhor da história), só atrás dos Estados Unidos, na Copa de 1994 (3.587.538 em 52 jogos). A Fifa investiu mais de 850 milhões de dólares na organização do Mundial, que foi disputado em 12 sedes: Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Salvador (BA), Recife (PE), Fortaleza (CE), Natal (RN), Cuiabá (MT) e Manaus (AM).

Foi distribuído pela Fifa um valor total de 576 milhões dólares (cerca de 1,3 bilhão de reais, cotados em 5 de dezembro de 2013) como premiação da Copa. No entanto, o lucro da Fifa foi histórico na Copa do Brasil, chegando a 5 bilhões de dólares, o equivalente a 16 bilhões de reais na cotação de março de 2015, conforme o jornal O Estado de São Paulo.

Pela primeira vez em um Mundial, a arbitragem foi auxiliada pela tecnologia *goal-line*, usada nos estádios para saber se uma bola ultrapassou ou não a linha de fundo entre os postes da goleira.

Os visitantes estrangeiros que estiveram no Brasil em junho e julho de 2014, quando foi disputada a Copa do Mundo, gastaram US\$ 1,586 bilhão, segundo dados do Banco Central. Em julho, a entrada de dívidas, também recorde para o mês desde 1947, somou US\$ 789 milhões, valor pouco abaixo dos US\$ 797 milhões de junho. Na comparação com o mesmo período de 2013, houve aumento de 60%. Mais de 1 milhão de visitantes internacionais estiveram no Brasil durante a Copa, dos quais 61% visitaram o país pela primeira vez, conforme pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisa Econômica para o Ministério do Turismo. Cerca de 20 mil profissionais de TV, rádio, jornal e internet - um recorde - cobriram a Copa do Mundo do Brasil. Do

total, apenas 20% eram brasileiros. O Mundial do Brasil foi televisionado para 220 países.

O período estudado da nossa pesquisa vai de 1º de janeiro de 2014 a 14 de agosto de 2014, ressaltando três momentos da Copa, o antes, o durante e o depois do acontecimento esportivo. Nesta fase, foram publicadas cerca de 300 colunas de Juca Kfourri e Tostão. Deste total, elegemos um corpus de 178 colunas, levando em conta a extração de textos que abordavam a temática Copa do Mundo de 2014. De um total de 178, inicialmente, selecionamos 53 colunas. Em seguida, esse número caiu para 41 em virtude de marcas repetidas dentre as colunas escolhidas. O corpus final para a pesquisa fechou em 30 colunas, com ênfase na tematização explícita do acontecimento esportivo, segundo operações e marcas enunciativas visíveis de mediação da Copa. A partir daí, elegemos quatro categorias de análise: **1) operações alusivas à mediação 2) tematização explícita, 3) operações comparativas e 4) marcas interpretativas (avaliativas)**, que foram identificadas nos materiais pré-observáveis.

A divisão em fases - três momentos - contribui para a estruturação e o desenvolvimento da pesquisa. Afinal, a Copa, como um complexo acontecimento, envolve três momentos; um antes, um durante e um depois, períodos que implicam o modo de lidar com os fatos e as relações que as colunas fazem com os mesmos. São momentos que se entrelaçam pelas suas temporalidades (praticamente oito meses e meio de 2014), especialmente pela tensão e especificidade de cada um deles. É no âmbito destes três momentos que se manifestam complexas transações entre os atores da Copa. Não devemos esquecer as relações entre o campo esportivo e o campo jornalístico como dois atores, dentre outros, geradores desta grande ambiência tecno-narrativa sobre o Mundial.

A categoria da enunciação, cujo efeito é determinante sobre o nosso trabalho, é chave na leitura das colunas para entendermos a analítica que elas desenvolvem na sociedade em mediação. A coluna enuncia, fala, opina, modaliza e tematiza, porque tem a sua singularidade no trabalho discursivo e de efeitos de sua simbólica, mesmo fazendo parte da totalidade do jornal.

A etapa um (1) abrange 12 colunas e é definida como o antes do Mundial, para descrever a etapa que antecede a Copa do Mundo de 2014, e reúne seis (6) colunas escritas por Juca Kfourri e seis (6) por Tostão, publicadas na Folha de S. Paulo, entre 1º janeiro de 2014 e 11 de junho de 2014. O subcorpus um (1) agrega o conjunto de

acontecimentos examinados no ano do Mundial, antes de a bola rolar, ou seja, a Copa começar a sua disputa propriamente dita em campo.

A fase dois (2) totaliza oito (8) colunas e é estabelecida como o durante o Mundial. A etapa descreve os momentos que vão de 12 de junho de 2014 a 13 de julho de 2014, data do jogo final da Copa. O subcorpus dois (2) envolve quatro (4) colunas de Juca Kfourri e quatro (4) de Tostão que tratam da Copa em si.

A etapa três (3) é tratada como o depois da Copa de 2014 (os efeitos). O pós-Copa descreve o cenário que vai de 14 de julho a 14 de agosto de 2014 e analisa o mês seguinte à disputa do Mundial de Futebol. São analisadas 10 colunas, sendo cinco (5) escritas por Juca Kfourri e cinco (5) por Tostão.

As três fases mantêm articulações, mas também especificidades, segundo temporalidades e características de cada uma. No ato um (1), descrevemos as estratégias analíticas das colunas sobre os 'preparativos da Copa', e, neste caso, chamamos atenção para um conjunto de operações que envolvem processos de agendamento, e outros procedimentos, como percepções, incertezas e movimentação.

O estágio dois (2) traz a Copa em si. Trata-se mais de uma descrição analítica do acontecimento em si, o jogo, a competição e a Copa em ato. Nela, examinamos a analítica olhando o jogo, a disputa e suas decorrências.

Por fim, a instância três (3) envolve uma etapa propriamente avaliativa, em que marcas deste trabalho de enunciação chamam atenção sobre um porquê dos fatos relativos ao acontecimento, que se sucederam segundo certas condições.

6.1 As analíticas em exame

Para efeitos de análise das colunas de Juca Kfourri e Tostão, consideramos, conforme já anunciamos acima, quatro categorias: **1) operações alusivas à midiatização** **2) tematização explícita**, **3) operações comparativas** e **4) marcas interpretativas (avaliativas)**, sempre levando em conta a analítica, que busca um posicionamento enunciativo dos colunistas nos textos publicados na Folha de S. Paulo no período estudado.

A categoria de **operações alusivas à midiatização** trata das relações das colunas com outras marcas que envolvem elementos da midiatização. Na sua abrangência, algumas marcas também operam no interior do próprio ambiente onde as colunas são publicadas, no caso, o jornal. Por exemplo, com a ambiência da internet, com outros

colunistas, com outras mídias, mostrando marcas de sua co-determinação com outros discursos, e tensões com o próprio discurso da Folha.

Já a categoria de **tematização explícita** enfatiza as operações de especificação do acontecimento, no caso a Copa do Mundo, encontradas nos títulos das colunas, e de avaliação, como críticas, julgamentos, predição etc. A categoria de **operações comparativas** observa comparativos feitos pelos colunistas como, por exemplo, sobre as Copas já disputadas e as seleções participantes, entre outros aspectos. Por fim, a categoria de **marcas interpretativas (avaliativas)** dá destaque às expressões linguísticas trazidas nas colunas, segundo modalizadores. Neste item, surgem operações de autorreferência (eu digo) e correferência (eu digo o que ele diz), além do tema Copa associado a fatos não pertencentes ao mundo esportivo, enunciados que se fundem em sentenciamentos, avaliações ou comparações, e estratégias de ponderabilidade. Em suma, enunciados que chamam atenção para aspectos avaliativos.

6.1.1 De olho na analítica de Juca Kfourir: o antes da Copa

Conforme já dissemos, o momento um (1) é definido como o que antecede a Copa de 2014, descreve operações que se manifestam nas colunas de Juca Kfourir, no período entre 1 de janeiro e 11 de junho de 2014. Foram selecionadas seis (6) colunas e nelas examinamos os títulos e fragmentos de alguns textos com marcas que contemplam as quatro categorias do nosso estudo: **operações alusivas à midiatização, tematização explícita, operações comparativas e marcas interpretativas (avaliativas)**. Neste caso, começamos a análise pelos títulos, na categoria de **tematização explícita**.

6.1.1.1 Titulagem e a tematização do acontecimento

Das seis colunas selecionadas de Juca Kfourir - **O ano da Copa (27.01.2014), Vai ter Copa (30.01.2014), A Copa das covas (10.02.2014), O papel da Copa-2014 (2) (16.02.2014), Que aqui dê tudo errado (27.02.2014) e Quase tudo certo (08.05.2014)** - a categoria de tematização explícita apresenta as operações de especificação do acontecimento esportivo, no caso a Copa do Mundo, em três, nos títulos das colunas publicadas nos dias 27 e 30 de janeiro de 2014, e no dia 16 de fevereiro de 2014. Nesses títulos, a palavra Copa identifica o evento esportivo que seria realizado em 2014, anunciando o certame, a sua ocorrência e o seu papel, apesar de

algumas situações que desagradavam aos organizadores, entre elas, a conclusão das obras dos estádios e de infraestrutura no país. Ou seja, o evento é enunciado, especificado, mas algum tipo de associação aparece vinculado a esta operação.

No título **A Copa das covas (10.01.2014)**, ocorre uma operação de avaliação feita por Juca, uma vez que a inscrição remete às sete mortes de operários ocorridas, até aquele momento, em obras de estádios para o Mundial do Brasil. O termo *covas* significa o local, no plural e na linguagem popular, onde as pessoas são enterradas após a morte. Ou seja, faz uma associação da Copa com outro tipo de acontecimento que se produz no âmbito do certame, que é a morte de trabalhadores.

Outras operações de avaliação aparecem associadas a esta categoria de tematização, conforme os títulos: **Que aqui dê tudo errado (27.02.2014)** e **Quase tudo certo (08.05.2014)**. Na titulação da coluna de 27 de janeiro, Juca Kfourri teme o fracasso da Copa no Brasil, em virtude dos equívocos de organização e de obras atrasadas no país. O colunista espera, ainda, que **A Copa das Copas...não acabe em mau anúncio final**. No título **Quase tudo certo (08.05.2014)**, o colunista resume a sua avaliação sobre as escolhas do técnico Luiz Felipe Scolari, da seleção brasileira, na convocação para o Mundial. A discordância de Juca está no anúncio do goleiro Júlio César. Juca faz alusão a isso e relata: **Júlio César jamais estaria na minha lista, muito menos ainda como titular**.

6.1.1.2 Operações alusivas à midiatização

Saímos dos títulos e partimos para a análise de fragmentos dos textos das seis colunas selecionadas de Juca Kfourri, no momento um (1) da analítica, o antes da Copa, agora na categoria de **operações alusivas à midiatização**.

No contexto das colunas publicadas **nos dias 27 e 30 de janeiro, 10 e 27 de fevereiro, e 8 de maio de 2014** são trazidas **operações alusivas à midiatização**. Na parte inferior delas, do lado esquerdo para o lado direito, em uma linha, está uma lista de nomes dos “Colunistas da Semana” que fazem parte do Caderno de Esporte da Folha e os respectivos dias que escrevem: **Segunda: Juca Kfourri e PVC (apelido do jornalista Paulo Vinicius Coelho), quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão**. O revezamento de colunistas revela um intenso trânsito de opinião no Caderno de Esporte da Folha. A citação, conforme a transcrição, apresenta, de alguma forma, ecos sobre as

rotinas do jornal para a veiculação das colunas. Assim, o impresso compartilha com o leitor como organiza a difusão dos colunistas, de acordo com uma tabela que, de alguma forma, ajuda a firmar uma agenda entre jornal e leitor, e vice-versa, como mostra os anexos 1, 2, 3, 5 e 6.

Ainda na coluna publicada em **8 de maio de 2014**, na parte superior, ao longo das cinco colunas de texto, surge a logomarca de um operador de identificação - de natureza publicitária e informativa - do acontecimento, a logo da cobertura do Mundial, com a inscrição **Copa 2014**, no canto superior esquerdo, seguida de três afirmações entre aspas no alto da página. São pequenos fragmentos, que trazem depoimentos de três jogadores convocados para integrar a seleção brasileira na Copa, Neymar, Paulinho e Henrique. A fala de Neymar, atacante do Barcelona, diz: **Chegou a hora não só de representar a minha família, mas representar o Brasil inteiro.** A frase de Paulinho, à época volante do Tottenham, da Inglaterra, vem acompanhada de uma foto do seu rosto, o popular boneco do jornalismo impresso. Ele declara: **Nunca imaginei uma Copa do Mundo. Não há outro pensamento a não ser vencer.** A terceira fala é do zagueiro Henrique, que jogava no Napoli, da Itália: **Não tinha falado com o Felipão antes, estava aqui esperando.** Não se tem clareza se as frases são inseridas pelo colunista ou pelo próprio jornal, se sobrepondo ao espaço-fronteira da coluna. São opiniões que vêm de fora e que são ditas por atores esportivos (jogadores convocados), não se situando dentro da coluna. Trata-se de uma manifestação da própria Folha, como “macro operador”. Trata-se de uma **marca de co-presença** do processo editorial do jornal, como um todo, no mínimo, do editor esportivo, o que dita a página. Dos três jogadores que emitem opinião, somente Neymar é citado por Juca na coluna. É possível afirmar que, reunidos (coluna e fala dos jogadores), temos, por exemplo, a produção de presumíveis efeitos de sentidos.

Na coluna de 10 de fevereiro de 2014, duas operações alusivas à midiatização podem ser vistas quando Juca fala em **Tanto bastou para a internet ser infestada com uma versão falsa e apimentada da reportagem, o que tornou ridículo o que é sério e revelou com clareza o esforço covarde, e eleitoral, dos que apostam no quanto pior melhor.** É uma operação que mostra relações da coluna com a ambiência da internet. No enunciado **"Dia desses a tradicionalíssima revista semanal francesa, e parceira da Fifa na premiação da "Bola de Ouro", "France Football" , trouxe em sua capa uma ampla reportagem sobre os rumos preocupantes, atrasos estarrecedores, gastos exorbitantes e clima de temor que cercam a Copa brasileira:**

"O Mundial do medo", diz a chamada de capa, ocorre a relação da coluna com outra mídia, ou seja, a Revista France Football.

6.1.1.3 Avaliações comparativas

Na coluna publicada em **27 de janeiro de 2014 (O ano da Copa)**, há enunciados que apontam para outra categoria de análise, no caso, as *avaliações comparativas*, em dois trechos:

1) O time nacional **não é hoje tão qualificado como o de 1982 nem como, no papel, os que perderam em 1998 e 2006.**

2) Que o **otimismo** não se confunda com **ufanismo** e, também, com **salto alto**. Porque, **desnecessário dizer, quanto mais alto o salto, maior a queda.**

No enunciado 1, Juca Kfourri compara a seleção brasileira de 2014 com as que disputaram os Mundiais de 1982, 1998 e 2006. O exercício comparativo do colunista oferece ao leitor a noção de desconfiança em torno da qualificação da equipe visando à disputa da Copa. Já no enunciado 2, baseado na conquista do título da Copa das Confederações de 2013 pelo Brasil, chamada na coluna de **Copa das Manifestações**, pelos protestos ocorridos em várias capitais do Brasil, o colunista alerta para que o *otimismo* não seja confundido com **ufanismo e salto alto**, ou seja, **patriotismo exagerado e clima do já ganhou**. Juca ainda destaca os marcadores que, **quanto mais alto o salto, maior a queda**, numa alusão a um possível fracasso pelo excesso de confiança na seleção. Ele opera como um observador, cuja análise funciona como uma espécie de alguém que profere advertências.

6.1.1.4 Marcas interpretativas

A categoria de **marcas interpretativas (avaliativas)** dá ênfase às expressões linguísticas trazidas nas colunas, através das quais, se apontam marcas claras de um trabalho avaliativo, segundo operações. Para tanto, o colunista funciona como um analisador e recorre a elementos mais amplos das discursividades sociais para situar a realização do evento. Por exemplo, fragmentos do discurso do campo político atravessam a narrativa do campo jornalístico sobre o evento esportivo, no caso, a Copa do Mundo, quando Juca escreve na coluna **Vai ter Copa (30.01.2014)** que **Mentir e distorcer como fazem os que escondem 502 anos de História do Brasil, como se o**

país tivesse apenas 12, são outros 500, a outra face da mesma moeda. As manifestações de junho passado não foram exatamente contra o governo federal, mas, se também contra ele, ainda assim a seu favor, pelo aprofundamento das melhorias que trouxe para quem as desconhecia. Lembremos que ao lado das responsabilidades indiscutíveis do PT, vimos o PSDB cúmplice, em São Paulo, da exclusão do Morumbi como um dos palcos do torneio. E em Minas, que não dá conta nem das chuvas, para não falar das estradas, mas fez outro Mineirão. Trata-se de uma marca da qual o tema Mundial está associado a fatos não pertencentes ao mundo esportivo, mas sim ao campo político, que aparecem de modo explícito em colunas que convencionalmente narrariam apenas a Copa, nas suas `fronteiras internas`.

Já na coluna publicada em 30 de janeiro de 2014, Juca Kfoury usa a marca interpretativa de correferência ao trazer afirmações do ex-presidente do Chile, Salvador Allende para o texto, como uma interpretação que recorre à co-citação de outra fala: SALVADOR ALLENDE...costumava dizer que os extremos se postavam às suas costas e que referia-se às extremas direita e esquerda... Outra marca é que a Copa do Mundo se associa a fatos não pertencentes ao mundo esportivo, numa afirmação de cunho próprio do colunista, no enunciado Guardadas as proporções, temos hoje no Brasil os extremos reunidos sob a mesma ideia: "Não vai ter Copa". Black blocs de um lado e uma certa oposição ao governo do outro. O enunciador, porém, sentencia e cita um co-enunciador de modo anônimo, vago: É claro que a Copa acontecerá mais ou menos como na Copa das Confederações.

A estratégia de ponderabilidade também é mostrada pelo colunista, em outra afirmação do próprio punho, no texto: Mais se a polícia cometer excessos. Menos se a prevenção for feita com a cabeça e não com o porrete. Um enunciado de avaliação, na mesma linha, também ganha corpo na coluna: Mas não há como evitar que a independência crítica siga em seu trabalho de mostrar todos os absurdos que cercam o megaevento, postura longe de se confundir com complexo de vira-lata ou falta de patriotismo.

Um enunciado formulado na voz condicional surge como marca interpretativa de próprio punho: Se à esquerda o padrão Fifa virou paradigma para hospitais, escolas e mobilidade urbana, à direita virou rótulo das deficiências das políticas governamentais. Outra operação de avaliação aparece na coluna, modalizada de forma afirmativa, quando o colunista comenta que Nos extremos das duas posturas, juntam-se a violência que bota fogo na fervera e a demagogia de quem só pensa nos

excluídos como bucha de canhão. A Copa brasileira não será a "Copa das Copas" como quer o governo, assim como o Brasil não é o país do futebol como supõe a Fifa. Juca Kfoury volta a sentenciar na coluna, usando operadores na forma condicional, mas também pela modalização afirmativa: **Ao optar pelo megalomaniaco ao fazer a Copa em 12 cidades quando deveria tê-la limitado às oito exigidas pela Fifa, a Copa do Mundo no Brasil perdeu a oportunidade de ser a Copa do Mundo do Brasil.**

A marca interpretativa, via o recurso da correferência, retorna ao texto: ... **como dizia Millôr Fernandes**, sabe que jornalismo é oposição, não armazém de secos e molhados.

Há novo retorno ao trabalho interpretativo, quando o colunista sentencia e avalia : **Em resumo, "Vai ter Copa" - tomara** - marcas de sentenciamento e de avaliação - **com a derrota dos que apostam no quanto pior melhor e sob a vigilância dos que não se deixam cooptar nem por gregos nem por troianos, para que ao fim dela o Brasil esteja, ao menos, mais maduro.** Em mais uma operação de avaliação, Juca conclui a coluna, antevendo que, **Com novo foco, a Olimpíada de 2016, história que fica para outra vez.**

Na coluna **A Copa das covas (10.02.2014)**, usa-se a fortemente a autoexpressão como uma das características do seu contrato de leitura, trazendo elementos externos ao fato esportivo como coadjuvantes. Com uma dose de humor, ele critica a presidenta Dilma Rousseff em **cinco vezes da Jules Rimet**, sobre os cinco títulos mundiais do Brasil; a ministra da Cultura na época, Marta Suplicy, em **a primeira em 60 anos**, sobre uma das três reformas do Estádio Maracanã, no Rio de Janeiro, desde 1999; e o ex-jogador da seleção brasileira e Atleta do Século, Pelé, em **quatro anos pelos votos que dessem a Copa ao Brasil**, já que não houve disputa pela sede da Copa e sim aclamação, e **o futebol não tem nada a ver com corrupção**, sabendo-se que a modalidade tem o seu submundo de transações e de negociatas. São marcas interpretativas que o colunista utiliza, por meio do “eu digo o que ele (a) diz”, para discordar e criticar afirmações dadas por personalidades brasileiras.

No enunciado **Já basta** estarmos fazendo uma Copa do Mundo **mais cara que as três últimas, no Japão/Coreia do Sul, Alemanha e na África do Sul, somadas**, da coluna **A Copa das Covas (10.02.2014)**, compara e critica os gastos do Mundial do Brasil com a totalidade dos das últimas três Copas, o que evidencia uma

marca interpretativa. O **já basta** é um alerta para o excesso de recursos financeiros aplicados para a realização do Mundial do Brasil.

Assim, concluímos a análise do momento um (1) da Copa, o antes, das colunas selecionadas e escritas por Juca Kfourri, por meio das quatro categorias adotadas. Partimos a seguir, com a descrição do funcionamento da analítica do momento dois (2) do Mundial, o durante a Copa, fase da disputa em si do certame de futebol.

6.1.2 De olho na analítica de Juca Kfourri: o durante a Copa

A etapa dois (2) é estabelecida como a que determina a disputa do Mundial em si, ou seja, a competição jogada entre as 32 seleções classificadas e divididas em oito grupos de quatro. Vamos relatar operações que se manifestam nas colunas de Juca Kfourri, no período entre 12 de junho e 13 de julho de 2014. Foram selecionadas quatro (4) colunas e nelas analisamos os títulos e fragmentos de alguns textos com marcas que contemplam as quatro categorias da nossa pesquisa: **operações alusivas à midiáticação, tematização explícita, operações comparativas e marcas interpretativas (avaliativas)**. A análise inicia pelos títulos, na categoria de **tematização explícita**.

6.1.2.1 Títulos e a tematização da Copa

De forma direta, Juca Kfourri não tematiza a Copa do Mundo via os títulos das quatro (4) colunas selecionadas que aborda a fase dois (2), a disputa em si. No entanto, a titulação tem um forte caráter avaliativo e questionador, sobre jogos propriamente ditos, como descrevemos a seguir: **Bola e apito (13.06.2014), Que Brasil é este? (24.06.2014), Júlio César redimido (29.06.2014) e O inferno de Dante (09.07.2014)**.

Em **Bola e apito (13.06.2014)**, aborda-se a vitória do Brasil sobre a Croácia, na estreia da Copa, por 3 a 1, fala sobre o jogo e questiona a atuação do árbitro japonês Yuichi Nishimura, que assinalou um pênalti inexistente em favor da seleção brasileira. **Bola** remete a jogo e **apito** a árbitro, dois termos prioritários em um jogo de futebol. Condensam-se, no título, os aspectos mais importantes de um jogo, cuja análise gira em torno da partida, mas sobretudo de um dos seus protagonistas, no caso, o árbitro.

No título **Que Brasil é este? (24.06.2014)**, o observador age como fazendo observações sistemáticas sobre a performance brasileira, interpelando, segundo

operador interrogativo, o desempenho da seleção brasileira. Então, ele pergunta sobre um momento da atuação do selecionado nacional, algo que certamente somente se visualiza no corpo do texto. Assim, questiona a irregularidade da seleção brasileira na partida contra Camarões, apesar da vitória por 4 a 1.

Assim como interpela, sentencia e, também, julga, como é o caso da coluna de **29 de junho de 2014**, quando o desempenho do goleiro do Brasil, Júlio César, é sancionado por Juca Kfourri, de forma positiva, ao dedicar ao atleta marcas deste julgamento, no título do texto: **Júlio César redimido**. Foi uma homenagem, um salvo-conduto pela atuação do goleiro brasileiro no jogo diante do Chile, vencido pela seleção nacional nos pênaltis, por 3 a 2, após 1 a 1 no tempo normal. O termo **redimido** significa eximir, isentar, livrar. No futebol, um jogador **redimido** é um atleta recuperado, salvo etc. Juca chegou a criticar Júlio César quando convocado por Felipão para a Copa, na coluna publicada na Folha, no dia 8 de maio de 2014. Além disso, a mídia brasileira havia colocado o goleiro como um dos culpados pela eliminação do Brasil na Copa de 2010, na África do Sul, pela derrota de 2 a 1 para a Holanda.

Em **O inferno de Dante**, apoiando-se em uma figura literária, a coluna opina sobre a trágica goleada sofrida pelo Brasil para a Alemanha, por 7 a 1, nas semifinais da Copa. Assim, Juca fez um trocadinho na titulação da coluna, usando o nome de uma obra do poeta italiano Dante Alighieri, que construiu uma geografia para o inferno, paraíso e purgatório cristãos por meio das representações coletivas do homem medieval, e em alusão ao zagueiro brasileiro Dante, substituto do capitão Thiago Silva, que estava suspenso para enfrentar os alemães. Na crença religiosa, o termo **inferno** é visto como um lugar de sofrimento e, também, de punição.

Nossa análise, agora, segue para a categoria de **avaliações comparativas** das quatro colunas selecionadas de Juca Kfourri sobre a fase dois (2) da analítica, o durante a Copa, já que não encontramos nos referidos materiais marcas da categoria de **operações alusivas à midiatização**.

6.1.2.2 Operações comparativas

Na categoria de **operações comparativas** do momento dois (2), o durante o Mundial, na coluna **Que Brasil é este?, de 24 de junho de 2014**, Juca é enfático ao analisar as implicações da troca de um jogador por outro no jogo diante de Camarões:

COM PAULINHO a seleção foi uma coisa. Com Fernandinho a seleção foi outra coisa.

Outro exemplo de comparação posto vem no enunciado **A vida é assim. Nós, brasileiros, que detestamos a prudência dos três volantes, regredimos tanto no futebol de fantasia que já foi jogado por aqui que invertemos as prioridades.** O fragmento integra a coluna **O inferno de Dante (09.07.2014)**. Há um comparativo entre o futebol praticado pela seleção nacional no passado e no presente. Neste caso, as operações que apontam para a comparação se manifestam através dos marcadores **regredimos** e **futebol de fantasia que já foi jogado por aqui**.

Na mesma coluna de **9 de julho de 2014**, compara os sentimentos de vencedores (alemães) e perdedores (brasileiros): **Jamais havia visto um estado de tamanho perplexidade num estádio e não apenas entre os derrotados. Os vencedores também não esperavam tamanho facilidade, tanta que ficou constrangedor comemorar.** Os marcadores da operação comparativa são, por exemplo, **derrotados, vencedores, jamais, também, tamanho e tanta**.

6.1.2.3 Marcas interpretativas

Fechamos o momento dois (2) da análise, o durante a Copa, buscando apontar operações da categoria de **marcas interpretativas (avaliativas)** nas quatro colunas de Juca Kfourri que selecionamos.

Uma marca de crítica realizada pelo colunista está colocada no enunciado do texto **Bola e apito (13.06.2014)**, no fragmento **Comportamento ruim** mesmo só o da **torcida que, depois de cantar belissimamente (advérbio de modo) o Hino Nacional à capela, xingou a presidente da República de maneira a envergonhar seus filhos.** Juca faz uma afirmação forte e repudia a atitude de parte da torcida que xingou Dilma Rousseff durante a partida diante da Croácia. Xingar é o mesmo que insultar e ofender, enquanto envergonhar remete a afrontar e desonrar, algo, para o colunista, não compatível para com o (a) presidente (a) de um país, no caso, o Brasil, sede da Copa.

Marcas de operação condicional e estratégias de ponderabilidade aparecem em um fragmento da coluna **Que Brasil é este? (24.06.2014)**, quando Juca escreve: **O Chile pode, mas só se houver um milagre ou se outra a seleção brasileira facilitar sua vida e não tratar dos defeitos que ainda estão visíveis.** O **mas** e o **se** (duas vezes) evidenciam a relação do enunciador com o que ele interpreta na coluna.

Na coluna **Júlio César redimido (29.06.2014)**, Juca faz uma co-citação de uma frase atribuída a Jesus pelo Cristianismo, acrescentando o nome de Júlio, então goleiro da seleção brasileira, que foi destaque na classificação da equipe no jogo contra o Chile: **A CÉSAR o que é de César, o Júlio.**

Em **O inferno de Dante (09.07.2014)**, o discurso esportivo é codeterminado pelo discurso religioso, quando Juca escreve que **DA ESTRELA de David Luiz para o inferno de Dante, e de seus companheiros, foi um passo.** David Luiz e Dante foram os zagueiros do Brasil na acachapante derrota de 7 a 1 para Alemanha, na semifinal da Copa. No discurso religioso, a **estrela de Davi(d)** é um símbolo do Judaísmo conhecido em todo o mundo. Ela é formada por dois triângulos equiláteros sobrepostos que simbolizam a proteção, a união do feminino e do masculino, a união dos opostos, bem como a ligação entre o céu e a terra. **O inferno de Dante**, como já visto na categoria analisada anteriormente, remete a uma obra do poeta italiano Dante Alighieri. Trata-se de uma estratégia de avaliação que o colunista faz se valendo do uso de um outro discurso, no caso, a literatura.

O enunciado **Entre tantas exclusividades que o futebol brasileiro amealhou em sua portentosa história, agora há mais uma, acachapante** integra a coluna **O inferno de Dante (09.07.2014)** e se funde em um sentenciamento e numa avaliação feitos por Juca no referido texto, após a goleada de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil. A expressão **agora há mais uma** e o termo **acachapante** denotam as marcas do sentenciamento feito pelo colunista.

Em outro enunciado, escrito na mesma coluna de 9 de julho de 2014, Juca destaca: **Se o cartola da CBF falou em ir para o inferno em caso de derrota, esperemos que de lá ele não volte e que os que ficarem por aqui entendam que a derrota tem de servir para fazer desta merecida lição a base para novos tempos...** O colunista, mais uma vez, adota o sentenciamento como marca interpretativa, como estratégia principal, ao lado de que desenvolve um argumento que funciona quase que como uma palavra de ordem, ao exigir novo rumo para o futebol brasileiro. A cobrança recai sobre os dirigentes da CBF, os ditos cartolas, desafetos de Juca.

Finalizada a análise do ato dois (2) da Copa, o durante, das quatro colunas selecionadas, partimos para outra etapa. Na sequência, segue a análise das colunas de Juca Kfourri, que envolvem o momento três (3), aqui por nós definido como etapa pós-certame.

6.1.3 De olho na analítica de Juca Kfourri: o depois da Copa

Chegamos à etapa final da analítica da coluna em estudo, examinando textos que foram publicados depois da Copa, fase três do nosso trabalho, período compreendido entre 14 de julho e 14 de agosto de 2014. Nosso corpus de análise para esta fase é de cinco (5) colunas, nas quais o olhar recai sobre os títulos e enunciados dos materiais selecionados.

As quatro categorias - **operações alusivas à midiaticização, tematização explícita, operações comparativas e marcas interpretativas (avaliativas)** - continuam norteando a análise das colunas escolhidas. Outra vez, começamos a análise pelos títulos, na categoria de **tematização explícita**.

6.1.3.1 Títulos e operações de tematização da Copa

Nos materiais selecionados nesta fase pós-acontecimento esportivo, Juca Kfourri volta a não tematizar a Copa nos títulos das colunas de maneira direta, já que o acontecimento esportivo foi finalizado e as observações recaem sobre os resultados e consequências. Assim, o colunista parte para uma titulação avaliativa, de críticas e de julgamentos.

A coluna de **14 de julho de 2014** traz como título **Um tetra épico**, onde o colunista valoriza a quarta conquista da Alemanha em Copas e diz que o tetra foi merecido. O termo **épico** remete a notável, esplêndido e sublime, principalmente porque os alemães impuseram uma goleada de 7 a 1 sobre o Brasil, em pleno solo nacional, no Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, na fase semifinal, antes de baterem a Argentina, por 1 a 0, na prorrogação da final.

Em **Sinal vermelho (24.07.2014)**, o colunista comenta que as derrotas para a Alemanha (7 a 1), na semifinal, e a Holanda (3 a 0), na disputa do 3º lugar, vão além dos 10 gols sofridos nas duas partidas. Os termos **sinal** e **vermelho** servem de indicativo para algo fechado, numa relação com o semáforo de trânsito, mas sobretudo estão relacionados com **perigo**, no caso, para o nosso futebol, após os dois resultados frustrantes na Copa.

No título **Talvez desenhando (27.07.2014)**, questiona quem avalia as consequências sem analisar a causa que conduz à perpetuação do equívoco, no caso, o mau desempenho da seleção brasileira na Copa de 2014. Trata-se de um recado aos

dirigentes que comandam o futebol brasileiro, ou seja, membros da CBF. **Desenhar** significa mostrar, por meio de traços, desenhos, imagens e sinalizações, por exemplo, como algo deve ser feito para funcionar. O colunista usa de ironia e faz fortes críticas até à Globo, rede de televisão que tem os direitos de transmissão dos jogos da seleção em canal aberto. Juca Kfourri é ainda mais incisivo e questionador ao cobrar, na coluna seguinte, na bateria de críticas que faz à CBF, do então presidente da CBF na época, José Maria Marin, explicações da goleada de 7 a 1 para a Alemanha no Mundial. Em **Ei, Marin, e o 7 a 1? (31.07.2014)**, o colunista diz que os brasileiros sempre vão se lembrar da semifinal no Mineirão, porque os cartolas se acham mais espertos do que são.

Na coluna **Na marca do pênalti (03.08.2014)**, o foco de Juca está na semana da possível votação da Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte, na Câmara Federal, em Brasília. Para ele, a aprovação representaria melhorias na gestão do esporte nacional, leia-se, o futebol. A expressão **na marca do pênalti** encaminha para algo importante, de atenção, decisivo, em um jogo de futebol, a marcação de um gol, numa relação entre o goleiro e o batedor. Se a penalidade for convertida, a alegria do cobrador. Se o pênalti for chutado para fora, bater na trave ou ocorrer a defesa, o goleiro festeja com os demais colegas de time.

6.1.3.2 Operações alusivas à midiaticização

A categoria de **operações alusivas à midiaticização** passa a balizar a nossa análise, a partir deste momento, por meio da descrição de um fragmento de texto selecionado em uma das cinco colunas de Juca Kfourri sobre a fase três (3) da analítica, o depois da Copa.

No enunciado **É possível até que a TV se dê conta de que já não vale tanto a pena investir na baixa qualidade deste futebol que trocou o hexa por sete palmos e apostou em Dunga**, na coluna **Sinal vermelho (24.07.2014)**, Juca evidencia relações do jornal com outra mídia, ou seja, a TV, sendo uma marca visível de midiaticização. Ou seja, a bateria analítica se expande, afetando também a mídia televisiva, que investe muito dinheiro para adquirir os direitos de transmissão dos jogos de futebol, principalmente numa Copa do Mundo. As marcas destacadas são **já não vale tanto a pena investir, baixa qualidade deste futebol, trocou o hexa por sete palmos e**

apostou em Dunga. A TV investe no futebol, mas busca retorno publicitário e audiência. Com resultados ruins da seleção brasileira, o investimento fica prejudicado.

6.1.3.3 Operações comparativas

O momento três (3) da analítica de Juca Kfourri, o após a Copa, aponta um enunciado que contempla a categoria de **operações comparativas**, segundo as colunas selecionadas para esta etapa. Isso ocorre em **Sinal vermelho (24.07.2014)**, no enunciado **Mexer no futebol brasileiro é tentar mudar a instituição mais resistente ao novo que temos no país, o que há de mais refratário a quaisquer novidades, dominado por gente que se contenta em raspar o tacho e nem liga se matar a galinha dos ovos de ouro**. O enunciado apresenta duas operações comparativas quando trata de comparar **mudar x resistente e refratário x novidades**, usando a palavra **mais** (duas vezes) como essa marca de comparação.

6.1.3.4 Marcas interpretativas

Destacam-se, nesta etapa, operações da categoria de **marcas interpretativas (avaliativas)**, que buscamos nas colunas de Juca Kfourri que contemplam a fase três da nossa pesquisa, o pós-Copa.

Como exemplo um (1), na coluna **Um tetra épico (14.07.2014)**, Juca avalia o Mundial no enunciado **ACABOU** (modalização afirmativa) A COPA que se imaginava um vexame fora dos estádios e uma apoteose brasileira dentro, com a consagração do hexacampeonato. Deu-se **exatamente** (marca via advérbio de modo) o inverso. Trata-se de uma marca interpretativa utilizada pelo colunista. Ainda na mesma coluna, Juca faz nova avaliação crítica do Mundial no enunciado dois (2): **A seleção brasileira registrou seu maior fiasco em cem anos de história e, embora a Copa do Mundo tenha sido, futebolisticamente (marca via advérbio de modo) falando, de grande qualidade, o legado esportivo que deixa é a tardia, e urgente, reforma de métodos de gestão na podre estrutura de poder da CBF e suas apaniguadas federações**.

No enunciado três (3) da coluna **Um tetra épico (14.07.2014)**, Juca usa a estratégia de argumentação, ao afirmar que **Por menos que (marca de argumentação) os adeptos do quanto pior melhor queiram admitir, o Brasil, graças (outra marca de argumentação) à simpatia popular e às suas belezas que encantam e cegam os**

estrangeiros, também ganhou (modalização afirmativa). O colunista desenvolve ‘teses’ acerca de opiniões divergentes em torno das quais figura a opinião pública sobre a Copa. Porém, ele aponta, segundo seu argumento, algo que se destaca da ideia dominante.

O enunciado 4, ainda na coluna de **14 de julho de 2014**, parte de uma construção demonstrativa, segundo várias figuras, mas contém argumento: **...elefantes brancos que ficarão como heranças pesadas, superfaturamentos, mortes de trabalhadores nos estádios ou embaixo de viadutos, feriados para minimizar congestionamentos, desocupações desumanas, falta de iluminação no jogo de abertura, invasão de torcedores no Maracanã, prisões arbitrárias para evitar manifestações, shows pífios de abertura e encerramento, enfim** (marca de argumento), **o rebaixamento, como** (outra marca de argumentação) **vingança, do tal padrão Fifa, por mais que** (mais uma marca de argumentação), **de fato, os estádios sejam belos e confortáveis**, avalia, de uma forma descritiva e demonstrativa, por Juca Kfourri, os problemas ocorridos durante a Copa e o legado deixado com o fim do certame. Talvez, esse tipo de enunciado seja um dos mais típicos das estratégias argumentativas, quando usadas pelo colunista.

Na coluna **Talvez desenhando (27.07.2014)**, Juca parte de uma construção dubitativa, marcada pela dúvida, e interpela em seguida o leitor da sua coluna, numa operação de marca interpretativa. Trata-se de uma operação de dupla deferência ao leitor, ao chamá-lo de você e não qualquer leitor, mas um raro, ao ser tratado de caro e específico. A partir daí, dirige perguntas ao leitor: **Você, raro leitor, já conversou com José Maria Marin, com seu antecessor ou com seu sucessor?** E Juca dirige nova pergunta: **Se não, já parou para: prestar atenção numa entrevista, num pronunciamento deles?** O colunista se mantém firme na postura de criticar os dirigentes da CBF. Na sequência da coluna, o enunciado **tal estrutura não se romper, virá um Felipão para ser campeão e outro para sofrer humilhação. Um Dunga para brigar com a sombra ou pregar paz e amor. Ou um Parreira para dar vinho ou vinagre** aponta que o futebol brasileiro só vai mudar quando a estrutura de comando for alterada. Na mesma linha, Juca chama a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) de **Casa Bandida do Futebol**. Aparece uma marca que atravessa todas as outras operações, ao nomear significativo o título que deveria ser atribuído à CBF.

Juca volta a atacar a dupla Marin e Del Nero, interpelando-os, duplamente, já no título de uma coluna, seja pela interjeição com que os interpela seja ainda pelo

enunciado formulado em forma interrogativa: **Ei, Marin, e o 7 a 1? (31.07.2014), quando utiliza duas marcas interpretativas: Ambos, filhotes da ditadura, não podem ser esquecidos, além é claro, do 7 a 1, por mais manobras de frágil maquiavelismo arquitetadas pela dupla...** O colunista também une Marin e Nero pelo símbolo do cifrão, que remete a dinheiro, em duas expressões no seu texto: **Marin\$Nero** e **Nero\$Marin**.

Ainda da coluna **Ei, Marin, e o 7 a 1? (31.07.2014)**, extraímos o enunciado **ALOIS ALZHEIMER...alemão...Não era jogador de futebol como os autores dos sete gols alemães na semifinal da Copa do Mundo no Brasil. Era psiquiatra e descobridor da terrível doença neurodegenerativa, causadora do apagão...da memória**. Juca busca no campo da saúde um discurso para atravessar o campo esportivo, tornando a analítica mais complexa na sua coluna. Trata-se de uma operação que visa a validar o discurso por um outro, que é mobilizado como correferência.

Concluída a análise do momento três (3) da Copa, o pós-Mundial, é possível apontarmos algumas características centrais do trabalho analítico de Juca Kfourri, nas suas colunas, após exame das três etapas. De forma resumida, na fase um (1), é possível afirmar que o colunista realiza operações para especificar o acontecimento esportivo Copa nos títulos, bem como adota operadores de avaliação, crítica, sentenciamento, comparação, ponderação, condição, auto-expressão e correferência. Juca também faz relação, nas colunas, com outras mídias e promove o atravessamento de discursos em vários campos sociais.

Na fase dois (2), o colunista opta por títulos avaliativos e questionadores a respeito da disputa do Mundial, o jogo em si. Os operadores de avaliação, crítica, sentenciamento, comparação, ponderação, condição e autoexpressão se mantêm.

O depois do certame, fase três (3), faz com que Juca Kfourri eleja, novamente, títulos avaliativos, críticos e sentenciadores. As estratégias de argumentação ganham destaque, bem como marcas interpretativas fortes para cobrar, principalmente da CBF e de seus dirigentes, ações efetivas para mudar o futebol brasileiro.

Na continuação do nosso trabalho de análise, vamos para a analítica do outro colunista em estudo, Tostão, retornando ao momento um (1) do Mundial, o antes da Copa.

6.1.4 De olho na analítica de Tostão: o antes do Mundial

Dando continuidade à análise do nosso trabalho, partimos para a leitura das colunas de Tostão, iniciando pelo momento um (1), estabelecido como o que antecede o Mundial de 2014. Vão ser examinadas as colunas no período entre 1º de janeiro e 11 de junho de 2014, tendo sido selecionados seis (6) textos. Neles, vamos observar os títulos e enunciados que apresentem marcas que contemplam as quatro categorias da nossa pesquisa: **operações alusivas à midiatização, tematização explícita, operações comparativas e marcas interpretativas (avaliativas)**. Iniciamos a análise pelos títulos, na categoria de **tematização explícita**.

6.1.4.1 Títulos e a tematização do acontecimento

Das seis colunas de Tostão que selecionamos, em nenhuma delas manifesta-se a categoria de *tematização explícita* nos títulos, com a palavra Copa, similar ou próximo, identificando o acontecimento esportivo. Eis os títulos: **A soberba não pode mudar de lado (01.01.2014), Festanças e protestos (02.02.2014), Pensamento Mágico (16.02.2014), Ainda não é, mas pode ser (09.03.2014), Procurando Trajano (12.03.2014) e Começou a festa (08.05.2014)**. No entanto, o colunista emprega, nesta fase, títulos que se mesclam entre o aconselhamento e a advertência, algo que se situa na categoria avaliativa, conforme vamos ver a seguir.

No título **A soberba não pode mudar de lado (01.01.2014)**, Tostão alerta para os perigos da *soberba*, já que o Brasil foi campeão da Copa das Confederações em 2013 e se criou uma euforia em torno da seleção para o Mundial de 2014. Ou seja, a **soberba** remete à arrogância e vaidade, que não combinam com futebol, um jogo coletivo e de equipe, que opera segundo regras nas quais a soberba não seria contemplada.

A dualidade, no sentido do que é duplo em natureza, aparece no título da coluna **Festanças e protestos (02.02.2014)**, quando Tostão observa, no texto, que ambas as atividades terão de conviver até o fim da Copa contra a ganância e o desperdício. De um lado quem ganha dinheiro com o Mundial e de outro quem usa mal os recursos para financiar o acontecimento esportivo no país.

Pensamento mágico é o título da coluna de Tostão publicada na Folha, no **dia 16 de fevereiro de 2014**. A titulação se refere ao técnico Felipão, da seleção brasileira, e suas futuras escolhas na convocação para a Copa. O colunista, por sua vez, ironiza a

figura do treinador, atribuindo-lhe ser portador de uma modalidade de pensamento - o **mágico** como algo maravilhoso e extraordinário no campo da emoção. O termo **pensamento** *alude que o técnico é portador de um pensamento não racional, negativo e, no caso, desqualificado*. Tostão nomeia suas colunas com construções desprovidas de indícios e de fatos, de modo tal que o leitor precisa acompanhar o texto da coluna a fim de identificar o que no corpo do material tem relação com o título.

Em **Ainda não é, mas pode ser (09.03.2014)**, Tostão refere-se à sua preocupação com a equipe brasileira, tida como pronta pela conquista da Copa das Confederações e, por isso, sem algo novo e surpreendente para encarar os adversários no Mundial. É um título avaliativo, que aponta dúvidas sobre o desempenho da seleção. E nele o colunista deixa claro que a seleção é ainda uma possibilidade, que pode vir a ser, desde que alguns dos seus aconselhamentos sejam observados.

A coluna do dia **12 de março de 2014. Procurando Trajano (12.03.2014)**, traz uma construção mais intimista, quando o colunista se reporta à fala do amigo e jornalista José Trajano, da ESPN Brasil, e de um livro escrito por este que foi lido por Tostão. Ele desenvolve um outro modelo de conferência, ao buscar num outro jornalista argumentos, por meio dos quais explica seus aconselhamentos táticos. Contudo, as questões táticas, técnicas e físicas estão no horizonte de abordagem da coluna, em mais um cenário avaliativo. **O jogo é também uma representação da vida. Os sistemas táticos servem de referência, de repressão e de avisos aos atletas**, observa Tostão, em um enunciado do texto.

A convocação dos jogadores para o selecionado é nomeada por Tostão como uma festa, ou seja, ele faz um título alusivo - **Começou a festa (08.05.2014)** -, designando um evento estrito da rotina da seleção, no caso a convocação, como uma festa. Esta pode ser empregada também em um outro sentido, isto é, a convocação se resume a uma festa que assim se inicia.

Apesar de os títulos das colunas de Tostão não trazerem registros do início da Copa, ocorre outra construção, esta do ponto de vista temático, com alusões ao certame.

6.1.4.2 Operações alusivas à midiatização

Depois de analisarmos os títulos, vamos examinar fragmentos dos textos das seis colunas selecionadas e que se situam ainda no momento um (1) da analítica, o antes do Mundial. Trata-se, agora, da categoria de **operações alusivas à midiatização**.

As colunas de Tostão publicadas **nos dias 1º de janeiro (A soberba não pode mudar de lado) e 12 de março de 2014 (Procurando Trajano)** trazem **operações alusivas à midiatização**. Na parte inferior delas, do lado esquerdo para o lado direito, em uma linha, está uma lista de nomes dos “Colunistas da Semana” que fazem parte do Caderno de Esporte da Folha e os respectivos dias que escrevem: **Segunda: Juca Kfourri e PVC (apelido do jornalista Paulo Vinicius Coelho), quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão.** A mesma operação foi observada na coluna de Juca, quando o jornal explica o funcionamento do ambiente de opinião, ao lembrar como se dá o revezamento entre colunistas. Tal revezamento de colunistas revela um intenso trânsito de opinião no Caderno de Esporte da Folha. A citação, em termos reais, apresenta as rotinas do jornal para a veiculação das colunas. Assim, o impresso compartilha com o leitor como organiza a difusão dos colunistas, de acordo com uma tabela que, de alguma forma, ajuda a firmar uma agenda entre jornal e leitor, e vice-versa.

A logomarca de um operador de identificação do Mundial - de natureza publicitária e informativa - aparece na coluna intitulada **Começou a festa (08.05.2014)**, na parte superior, ao longo das cinco colunas de texto. Trata-se da logo da cobertura do Mundial, com a inscrição **Copa 2014**, no canto superior esquerdo, seguida de três afirmações entre aspas no alto da página



Figura 4 - Logomarca e falas de jogadores

Esses pequenos fragmentos trazem depoimentos de três jogadores convocados para compor o grupo da seleção brasileira na Copa, Hernanes, David Luiz e Willian. O volante Hernanes, da Inter de Milão da Itália, fala: **Vou trabalhar para ser um protagonista da Copa**. A manifestação do zagueiro David Luiz, à época no Chelsea da

Inglaterra, vem junto com uma foto da sua face, o popular boneco do jornalismo impresso. Ele comenta: **Viver esse momento é inexplicável! Farei tudo para honrar meu povo!** A fala seguinte é do meia Willian, do Chelsea da Inglaterra, também acompanhada de uma foto-boneco do jogador: **Passou um filme na minha cabeça de tudo o que passei para chegar aqui.** Os três comentam sensações relacionadas com seus vínculos com a Copa, especialmente o fato de terem sido convocados. David Luiz faz uma promessa solene ao coletivo de brasileiros, aqui designados como povo. Ele promete que vai tratar de honrá-lo na competição.

Não se é possível saber se as frases são introduzidas pelo colunista ou pelo próprio jornal, avançando ao espaço-fronteira da coluna. Trata-se de ideias externas e que são expostas por atores esportivos (jogadores convocados), não se colocando dentro da coluna. Pode ser declaração da própria Folha, como macro operador, bem como uma **marca de co-presença** do processo editorial do jornal, na sua totalidade, no mínimo, do responsável pela editoria de esporte, aquele que organiza a página.

Em *Festações e protestos (02.02.2014)*, duas **operações alusivas à midiatização** são vistas quando Tostão registra matéria de jornal na qual se apoia para o desenvolvimento das questões apresentadas na coluna acima citada. **No domingo passado, o jornal "O Globo" publicou uma matéria sobre o aquecimento nesta época, da venda de materiais (bolas, camisas e outros) relacionados com a história do futebol brasileiro.** É uma operação que mostra relações da coluna com outro jornal, no caso, "O Globo", atribuindo-lhe a tal fonte autoridade para falar de um assunto que é por ele aqui retomado no mesmo tom, alude a algo por ele observado em documentário televisivo, o que mostra que citações das mídias para este colunista são condição de produção para as reflexões que apresenta em sua coluna. No enunciado **Nesses dias, vi um documentário, na Globo News, sobre o poeta Manoel de Barros, que sempre viveu no Pantanal**, ocorre a relação da coluna com outra mídia, ou seja, a Globo News, canal de TV por assinatura da Rede Globo.

Na coluna **Procurando Trajano (12.03.2014)**, mais duas **operações alusivas à midiatização** são registradas. A primeira se caracteriza por recurso à fonte literária, na qual Tostão se baseia para construir argumentos trabalhados em suas colunas. Ele escreve assim: **Li, em poucos dias, o delicioso livro "Procurando Mônica", escrito por José Trajano**, jornalista e amigo do colunista da Folha que atua na ESPN Brasil. Ocorre aí uma relação com um colega de outra mídia. A segunda **operação alusiva à**

mediatização é levada a efeito no seguinte enunciado: **Em 1998, antes da Copa, saí da TV Bandeirantes, recebi convites da Globo e de outras emissoras, mas preferi a ESPN Brasil, por causa de Trajano, que já conhecia.** A coluna se relaciona com outra mídia, a TV, no caso exposto, três emissoras, a Bandeirantes, a Globo e a ESPN Brasil.

6.1.4.3 Avaliações comparativas

Na categoria de **avaliações comparativas**, buscamos apresentar enunciados das colunas que apontam essas marcas, sempre com foco na fase pré-Copa, o antes.

Na coluna intitulada **A soberba mão pode mudar de lado (01.01.2014)**, o colunista traz um enunciado de avaliação comparativa, no seguinte trecho: **É preciso conciliar os dois sentimentos, a confiança, sem atingir a prepotência, o já ganhou, com o receio de perder, sem entrar em pânico.** Tostão dá importância ao lado comportamental esportivo na coluna, com base na sua formação na área da saúde (médico). Porém, seus comentários reúnem, ao lado de observações técnicas, outras de fundo deontológico, e mesmo, de natureza ética.

Outra avaliação comparativa encontrada está na coluna **Começou a festa (08.05.2014)**, quando Tostão escreve: **...as seleções que mais brilharam ficaram prontas durante a competição. As coisas mais encantadoras e eficientes são as que surpreendem.** Seguindo uma modalização afirmativa, ele avalia as condições de formação da seleção brasileira para a Copa. **O time titular (do Brasil) já foi escalado um ano antes do Mundial**, traz o enunciado, na contramão do que Tostão pensa.

O enunciado **Nunca vi uma seleção, antes de uma Copa, tão pronta e com um técnico tão bajulado, o super-herói do povo brasileiro**, trazido por Tostão também na coluna **Começou a festa, de 8 de maio de 2014**, tem um traço comparativo. O termo **tão** é o operador desta marca.

6.1.4.4 Marcas interpretativas

A categoria de **marcas interpretativas** dá ênfase às expressões linguísticas trazidas nas colunas, segundo seus modos e operações.

No enunciado da coluna publicada no dia **2 de fevereiro de 2014**, Tostão usa a sua própria pessoa para relatar fatos com ele acontecidos e que se envolviam com a

Copa por ele jogada. Recorre, assim, a autotestemunhalidade, como operação de autorreferência: **Se alguém estiver curioso para saber onde estão as camisas que joguei a final no México, dei a do primeiro tempo ao médico Roberto Abdala Moura, presente no estádio, que tinha me operado do descolamento de retina, oito meses antes da Copa...Fiquei apenas de sunga. Se não fossem os policiais, teria ficado nu.** As marcas ficam expressas no uso dos *verbos* **joguei, dei e fiquei** no texto. Na mesma coluna, em outro enunciado, Tostão volta a adotar operadores de autorreferência: **Como fui campeão do mundo, já recebi alguns convites para as festas.** A utilização dos verbos **fui e recebi** atesta isso.

Na coluna **Pensamento mágico (16.02.2014)**, Tostão surge como questionador e faz três perguntas, uma aos indiferentes ou revoltados com a Copa - **O grande número de pessoas indiferentes ou revoltadas com os absurdos gastos públicos vão vestir a amarelinha, quando a bola rolar?** As outras duas são voltadas ao leitor da coluna - **As manifestações serão maiores, menores ou tão intensas quanto às do ano passado? O Brasil vai ganhar a Copa?** O colunista deixa de opinar e passa a ser um perguntador. Na primeira pergunta, **a amarelinha** significa a camiseta da seleção brasileira. As perguntas, para quem acompanha o acontecimento esportivo, geram dúvidas naquele momento, ou seja, ficam sem respostas.

No enunciado **Porém, há sempre um porém, as seleções que mais brilharam ficaram prontas durante a competição**, da coluna de **8 de maio de 2014**, Tostão apresenta um operador adversativo. O termo **porém** serve de alerta e adverte para situações que podem mudar de uma hora para outra. No futebol, isso é bem possível, quanto mais numa Copa do Mundo.

Agora, partimos para a analítica do momento dois (2) do Mundial, ou seja, o durante a competição.

6.1.5 De olho na analítica de Tostão: o durante o Mundial

A fase dois (2) é definida como a disputa do Mundial em si, ou seja, a bola rolando nos 12 estádios que abrigam jogos da Copa no Brasil. Vamos apresentar operações que ocorrem nas colunas de Tostão, entre 12 de junho e 13 de julho de 2014. Foram selecionadas quatro (4) delas, nas quais analisamos os títulos e fragmentos de alguns textos com marcas que contemplam as quatro categorias da nossa pesquisa:

operações alusivas à midiatização, tematização explícita, operações comparativas e marcas interpretativas (avaliativas). Pela categoria de **tematização explícita**, com foco nos títulos, iniciamos a análise.

6.1.5.1 Títulos e a tematização do Mundial

Tostão recorre a títulos avaliativos para tratar da Copa do Mundo, nas quatro (4) colunas selecionadas que abordam a etapa dois (2) do nosso trabalho, o jogo em si. Vejamos:

Em **Nós temos Neymar (13.06.2014)**, o colunista usa o coletivo **nós** para reunir um coletivo amplo, em cujo universo afirma ter a posse de Neymar. Isso é atestado no texto, quando Tostão diz: **...o Brasil venceu, graças a Neymar...Ainda bem que temos Neymar.** O título personifica em um jogador as razões ou parte delas de o Brasil ter iniciado o Mundial com vitória.

No título **Faltou mais talento (18.06.2014)**, Tostão faz uma afirmação avaliativa para justificar o empate em 0 a 0, com o México, no segundo jogo do Brasil na Copa. No texto, três fragmentos contribuem para nossa opinião, quando o colunista faz comentários técnicos sobre o desempenho do time nacional: **o Brasil não teve meio-campo. É defesa e ataque...o time não pode depender tanto de Neymar...É necessário mais talento e fantasia.**

Na coluna publicada no **dia 29 de junho de 2014**, o título **Ufa! Salve, Júlio!**, volta a personificar um jogador da seleção brasileira, o goleiro Júlio César. No texto, no último parágrafo, ele nomeia a lista dos seus atletas preferidos, segundo a performance que tiveram frente ao Chile. Tostão escreve: **Os destaques do Brasil foram Thiago Silva, David Luiz e Júlio César, que, além dos pênaltis, fez uma defesa espetacular.**

Em **Derrota histórica**, publicada no **dia 9 de julho de 2014**, o título avaliativo volta a figurar. Primeiramente, o colunista informa o fato, quando menciona a qualidade da derrota (**histórica**). Em segundo lugar, a nomeia como uma tragédia, e depois reitera os sentimentos que geraram efeitos de sentidos a partir destes momentos. - **triste, muito triste, a maior derrota de toda a história da seleção brasileira**, numa alusão ao placar de 7 a 1 para a Alemanha.

6.1.5.2 Operações alusivas à midiatização

Nossa análise, na sequência, examina o enunciado de uma coluna das quatro selecionadas de Tostão sobre a fase dois (2) da analítica, o durante o Mundial, e que traz a categoria de **operações alusivas à midiatização**.

Tostão recorre ao escritor Carlos Drummond de Andrade, também mineiro como o próprio colunista, no enunciado final da coluna **Derrota histórica**, publicada no **dia 9 de julho de 2014**, na Folha. O discurso da literatura avança sobre o discurso esportivo e jornalístico, na tentativa de uma reflexão sobre a goleada de 7 a 1 imposta pela Alemanha ao Brasil, numa das semifinais do Mundial. O enunciado enfatiza: **“...Depois da hora radiosa a hora dura do esporte, sem a qual não há prêmio que conforte, pois perder é tocar alguma coisa mais além da vitória, é encontrar-se naquele ponto onde começa tudo a nascer do perdido, lentamente”** (Carlos Drummond de Andrade). Literatura e esporte ficam unidos junto ao jornalismo.

6.1.5.3 Operações comparativas

Na categoria de **operações comparativas** do momento dois (2), o durante o Mundial, na coluna **Nós temos Neymar (13.06.2014)**, Tostão compara as chances de a seleção brasileira ganhar a Copa. Para tanto, formula esta possibilidade segundo determinadas condições: **Se existem outras três seleções fortes (Argentina, Espanha e Alemanha), além de outras, que têm pouquíssimas chances de ser campeãs, deduzo, mesmo sendo um péssimo estatístico, que as possibilidades de o Brasil ganhar o título são menores que 50%**. É uma operação comparativa avaliativa feita pelo colunista e que reúne as seguintes marcas: **se, pouquíssimas chances e deduzo**.

Na coluna **Faltou mais talento (18.06.2014)**, Tostão avalia o desempenho da seleção brasileira no segundo jogo da Copa, diante do México, e a compara com a do confronto contra a Croácia: **A atuação do Brasil foi regular, como contra a Croácia. Continuamos fortes candidatos ao título**. Pela primeira vez, ele formula um enunciado em bases de uma modalidade afirmativa, na qual vaticina que **continuamos fortes candidatos ao título**.

Em **Ufa! Salve, Júlio! (29.06.2014)**, mais uma vez, Tostão avalia a trajetória da seleção na Copa e a compara com outros selecionados na disputa pelo título. Ele atesta tais ângulos através de um outro enunciado, que é formulado de modo afirmativo: **O**

Brasil continua forte candidato ao título. Há muitas seleções boas, mas nenhuma excepcional.

6.1.6 Marcas interpretativas

O fechamento da fase dois (2) da análise, o durante o Mundial, busca apontar operações da categoria de **marcas interpretativas (avaliativas)** nas quatro colunas de Tostão que selecionamos.

Marcas avaliativas aparecem em dois enunciados da coluna **Nós temos Neymar (13.06.2014)**, logo após a vitória do Brasil sobre a Croácia, por 3 a 1, na estreia do Mundial: **A vitória e a atuação do Brasil não mudam em nada os prognósticos para a Copa...Quero apenas salientar que a seleção, mesmo sendo a maior favorita, não é nenhuma maravilha. Não será uma grande surpresa se o Brasil perder.** Tostão usa de uma postura crítica para avaliar a seleção após o seu primeiro jogo na Copa, quando afirma: **não é nenhuma maravilha** e **não será uma grande surpresa se o Brasil perder.** Assim, ficam exteriorizadas suas manifestações de sentidos sobre a Copa.

Em primeira pessoa, na mesma coluna, Tostão chama atenção para o seu próprio dizer neste enunciado: **Tenho também a sensação e a vontade de afirmar que o Brasil será campeão, mas o futebol e a vida me ensinam que essa certeza é mais fruto do desejo e da onipotência do pensamento.** É uma marca de autorreflexão sobre a qual compartilha acesso, exteriorizando sentimentos distintos, e cujo processo de enunciação aponta enunciados que revelam sentimentos distintos.

Na coluna **Ufa! Salve, Júlio! (29.06.2014)**, usa um advérbio de modo para avaliar o sistema defensivo da seleção brasileira: **Individualmente, o Brasil tem dois zagueiros excepcionais e Neymar.**

Ao utilizar as palavras **contrariando (duas vezes), escapou** e **contrariar**, numa fusão de enunciados da coluna **Derrota histórica (09.07.2014)**, Tostão avalia, criticamente, o fim das possibilidades de o Brasil ser hexacampeão mundial, após a goleada de 7 a 1 sofrida para a Alemanha: **O hexa não chegou, contrariando o que estava escrito no ônibus da seleção brasileira. A taça escapou, contrariando a frase dita por Parreira, de que o Brasil estava com ela nas mãos. O Brasil perdeu, pior, de goleada, para contrariar Felipão, que tinha dito que ganhar o Mundial era obrigação e que a seleção seria campeão.** As expectativas foram todas por terra.

Após concluir a análise do momento dois (2), o durante o Mundial, das quatro colunas selecionadas e escritas por Tostão, partimos para a analítica da etapa três (3) da Copa, com a fase pós-certame.

6.1.6.1 De olho na analítica de Tostão: o depois do Mundial

Ao analisar as colunas situadas no momento três (3) - o depois do Mundial - no período compreendido entre 14 de julho e 14 de agosto de 2014, o corpus é constituído por cinco (5) colunas, nas quais os títulos e enunciados serão analisados à luz das quatro categorias - **operações alusivas à midiatização, tematização explícita, operações comparativas e marcas interpretativas**. Iniciamos a análise pelos títulos, na categoria de **tematização explícita**.

6.1.6.2 Títulos e a tematização da Copa

Nesta fase, a tematização da Copa é explicitamente mais avaliativa, sobretudo diante dos resultados do evento esportivo e os efeitos destes resultados, especialmente para a seleção brasileira, e das consequências deles.

Na coluna **Título merecido (14.07.2014)**, Tostão qualifica o título da matéria, ao adjetivar a natureza do mesmo (merecido), e faz comentários sobre a final da Copa entre Alemanha e Argentina, vencida pelos alemães. No texto, em um enunciado, o colunista valoriza o trabalho de longo prazo no futebol: **O time alemão começou a se formar em 2006.**

São textos marcados por fortes questionamentos, como, por exemplo, em **Triste realidade (23.07.2014)**, quando critica a volta de Dunga ao comando técnico da seleção brasileira. Afirma ter ficado perplexo, surpreso e sem entender nada com o retorno do treinador, que comandou o Brasil na Copa de 2010. Ele define o perfil ideal de um treinador para a equipe nacional, pois **A Seleção precisa de um técnico que una conhecimento científico com a sabedoria de um bom observador, a gana de vencer com o prazer de jogar bem, de uma maneira agradável, e que tenha independência e criatividade, sem esquecer o pensamento cartesiano.**

A coluna intitulada **De vez em quando (30.07.2014)** remete aos aspectos positivos que o futebol brasileiro possui, em certas ocasiões. No texto, Tostão faz alusão

a isso no enunciado: **Há coisas boas no futebol brasileiro. De vez em quando, vejo excelentes partidas, belos lances e times com um jogo coletivo, moderno e eficiente. De vez em quando, vejo partidas com poucas faltas, poucas simulações, poucos chutões, poucas trombadas, poucas discussões e poucas ofensas. De vez em quando, vejo estádios cheios e boas arbitragens. De vez em quando, vejo dirigentes com boas ideias.** A expressão **de vez em quando** é usada várias vezes no texto, para lembrar que os avanços do selecionado dependem de situações episódicas vivenciadas por este coletivo.

Em **Mentiras têm pernas curtas (03.08.2014)**, Tostão aborda as mentiras do futebol brasileiro. No texto, ele é enfático na avaliação. Eis um enunciado que traduz isso: **O desconhecimento, a indústria do entretenimento e o marketing exagerado ajudam a criar grandes mentiras. Jogadores medianos são anunciados como bons, e os bons, como craques. Técnicos medíocres são tratados como mestres. O torcedor, consumidor, é enganado. A mentira de que o Brasil continuava com o melhor futebol do mundo foi desmascarada na Copa. Mentiras têm pernas curtas.**

No texto da coluna cujo título é **Enquanto isso... (13.08.2014)**, Tostão observa que os envolvidos com futebol no Brasil devem estudar e aprender para não repetir condutas e discursos ultrapassados, como ocorreu na Copa do Mundo. No enunciado a seguir, o colunista comenta: **O Brasil precisa estudar e evoluir... Enquanto isso, pessoas despreparadas, interesseiras, bajuladoras e sem nenhuma gana de aprender e de evoluir repetem condutas e discursos ultrapassados e se perpetuam no poder e no comando técnico do futebol. Enquanto isso...** A expressão **enquanto isso** também articula o texto e leva a crer que o tempo passa e a situação do futebol nacional não melhora.

6.1.6.3 Operações alusivas à midiatização

A categoria de **operações alusivas à midiatização** passa a orientar a nossa análise, a partir de agora, por meio da existência de marcas em enunciados que apontam registros de referência da ambiência da própria midiatização. Assim, selecionamos cinco colunas sobre a etapa três (3) da analítica, o depois do Mundial.

No enunciado **Raríssimos foram os que, antes do Mundial, criticaram Felipão e o time, como Mauro Cezar Pereira, da ESPN Brasil, na coluna Título**

merecido (14.07.2014), o colunista busca na correferência de matéria de outra mídia, a fonte da sua argumentação. Tostão apresenta as relações do jornal com outra mídia, ou seja, o canal televisivo **ESPN Brasil** e um jornalista membro desta instituição (**Mauro Cezar Pereira**).

Da coluna **De vez em quando (30.07.2014)**, foi retirado o enunciado “**Os que têm estudo explicam a claridade e a treva, dão aulas sobre os astros e o firmamento, mas nada compreendem do universo e da existência, pois bem distinto de explicar é compreender e quase sempre os dois caminham separados**” (O Albatroz Azul, de João Ubaldo Ribeiro). Tostão volta a utilizar uma construção literária, a fim de dar corpo aos argumentos e reflexões que fez sobre o fracasso da seleção. Desta forma, promove um atravessamento de campos sociais e complexifica a analítica.

Outra operação alusiva à midiaticização aparece em um enunciado da coluna **Enquanto isso... (13.08.2014): Lembro-me ainda de uma recente entrevista de Edu Lobo a Roberto D'Ávila, na Globo News**. Tostão estabelece relações com outra mídia, o canal televisivo por assinatura **Globo News**, e utiliza suas construções como estratégia de apresentação de seus argumentos.

6.1.6.4 Operações comparativas

O estágio três (3) da analítica de Tostão, o depois do Mundial, contempla a categoria de **operações comparativas**, em dois enunciados.

Em Título merecido (14.07.2014), os operadores de avaliação comparativa no enunciado da coluna são as palavras **antes**, **até** e **agora**, com função temporal. A redação de Tostão foi a seguinte: **Antes do Mundial e até o jogo contra a Alemanha, a maioria estava otimista com o Brasil... Agora, a maioria dos que eram otimistas critica os que não conseguiam enxergar a realidade**.

Na coluna **Mentiras têm pernas curtas (03.08.2014)**, Tostão escreve que **As mentiras são frequentes em todas as áreas, em todo o mundo, especialmente no futebol brasileiro. Muitas se confundem com os autoenganos**. O termo **com** é o operador da avaliação comparativa entre as mentiras do futebol brasileiro e os autoenganos.

6.1.6.5 Marcas interpretativas

O momento três (3) da análise, o depois do Mundial, parte para apontar operações da categoria de **marcas interpretativas** nas cinco colunas de Tostão que selecionamos.

Na coluna *Triste realidade (23.07.2014)*, Tostão utiliza a expressão interrogativa **Por que Dunga?** na abertura de quatro parágrafos do texto, tornando-a um operador interpretativo e questionador. O colunista questiona a escolha da CBF pelo técnico, que já dirigiu a seleção brasileira na Copa de 2010, na África do Sul, e comenta: **A realidade é outra, triste. A realidade é Dunga.** Assim, ele avalia esta nova conjuntura do futebol brasileiro.

Em **De vez em quando (30.07.2014)**, Tostão parte para enunciados que se fundem em avaliações e sentenciamentos, misturando-os com enunciados de natureza programativa, como, por exemplo; **O problema do futebol brasileiro é que as coisas boas acontecem de vez em quando. É preciso haver um grande esforço de todos para que as coisas boas ocorram com mais frequência. Para isso, é necessário ter mudanças, dentro e fora de campo, que deveriam começar pela CBF.** Surgem operadores que referendam isso, como **coisas boas** (duas vezes) e a dualidade entre **de vez em quando** e **com mais frequência**.

Por fim, na coluna **Enquanto isso... (13.08.2014)**, Tostão parte para uma avaliação em caráter conclusivo sobre o futebol brasileiro, identificando os desafios que devem ser enfrentados, como metas programativas: **O Brasil precisa estudar e evoluir. Enquanto isso, pessoas despreparadas, interesseiras, bajuladoras e sem nenhuma gana de aprender e de evoluir repetem condutas e discursos ultrapassados e se perpetuam no poder e no comando técnico do futebol. Enquanto isso...** A expressão **enquanto isso** remete à perda de tempo e demora na evolução do futebol nacional.

Desta forma, ao finalizar a análise do momento três (3) da Copa, o depois do Mundial, das cinco colunas de Tostão selecionadas, chamamos atenção para alguns elementos sobre os quais repousam procedimentos analíticos das três fases. No momento um (1), o colunista adota uma titulação avaliativa e de alerta, operações de midiaticização com outras mídias, avaliações comparativas e marcas interpretativas de autorreferência e de questionamentos.

Na etapa dois (2), Tostão, mantém a titulação avaliativa e traz marcas de personificação. Nas operações de midiaticização congrega futebol, literatura e jornalismo.

As comparações avaliativas continuam e as marcas interpretativas reúnem operadores que avaliam, criticam, sentenciam e autorreferenciam.

No depois do Mundial, na instância três (3), o colunista segue avaliativo e questionador nos títulos, principalmente após a eliminação do Brasil na Copa, na goleada de 7 a 1 sofrida para a Alemanha, na semifinal. A literatura, o esporte e o jornalismo continuam ligados nas operações de mediação.

Assim, apresentamos algumas inferências sobre o trabalho analítico de Tostão, que serão comparadas e ampliadas com o de Juca Kfourri logo na sequência, nas considerações finais da tese.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enxergamos no jornalismo esportivo uma área instigante de atuação profissional, assim como um vasto campo para a pesquisa acadêmica. Tais reconhecimentos nos ensejaram a oportunidade de desvendar caminhos no curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, em São Leopoldo (RS). Tratava-se, até então, de um sonho vivido desde os tempos de guri, na quadra de areia do Esporte Clube Areião, na rua Gonçalves Dias, no bairro Perpétuo Socorro, na zona norte de Santa Maria (RS).

Pesquisar sobre colunas esportivas em jornal impresso não foi uma escolha fácil, sobretudo pelas angulações que foram eleitas para nossa análise, mas os nomes de Juca Kfourri e Tostão, profissionais com atuação na Folha de S. Paulo, um dos principais jornais do Brasil, contribuíram para o aceite da ideia lançada pelo professor-doutor Antonio Guilherme Schmitz Filho, do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Ainda mais tendo a Copa do Mundo de 2014 como cenário de fundo.

Do percurso de disciplinas no PPGCom da Unisinos, passando pelo seminário de tese e a qualificação do trabalho, até chegar à conclusão do estudo, no período de quatro anos, o aprendizado foi enorme e constante, fruto de uma convivência harmoniosa e enriquecedora com os doutores Antonio Fausto Neto, José Luiz Braga, Jairo Ferreira e Gilberto Gomes e os colegas de doutorado e, também, de mestrado.

Em meio a inúmeras dúvidas, o problema da pesquisa foi sendo alinhavado até a sua definição, ou seja, **como se manifesta a analítica da midiatização na esfera do jornalismo esportivo, a partir das estratégias discursivas e enunciativas das colunas de Juca Kfourri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014 no jornal Folha de S. Paulo?** A formulação do objetivo geral da pesquisa resultou em apontar e descrever as estratégias discursivas e enunciativas das colunas jornalísticas esportivas escritas pelos dois colunistas, na Folha de S. Paulo, sobre a cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil, a fim de entender o funcionamento de uma analítica diferenciada sobre a midiatização da Copa de 2014.

Juca Kfourri e Tostão podem ser considerados formadores de opinião com as suas colunas publicadas na Folha de S. Paulo. Segundo mostra a nossa análise, suas colunas apresentam estratégias discursivas e enunciativas, que conferem singularidade, como a autorreferência e a autorreflexividade às suas narrativas, conforme operações de

tratamento à temática da Copa em três momentos específicos, o antes, durante e após o certame. Assim, nossa motivação visou a estudar as marcas e operações que emergem dessa processualidade, algo que nos levou a formular a hipótese a ser aqui tratada, segundo a qual, Juca Kfourri e Tostão fazem uma analítica singular em relação a outros enunciadores da Copa de 2014, como acontecimento esportivo, que foram consultados.

No nosso entender, a analítica é uma atividade de leitura e de interpretação do mundo, conforme práticas que envolvem objetos vários, mas no caso, os dispositivos tecno-discursivos midiáticos. E, nestas condições, cada colunista, no caso em estudo, elege modelos e estratégias de leitura para ver a cena esportiva, ainda mais numa Copa do Mundo, acontecimento complexo cuja processualidade existe, pois o certame estrutura-se em torno de um calendário que envolve três fases - um antes, um durante e um depois, segundo a mobilização de processos narrativos, conforme aqui mostrados.

A midiatização também é um elemento que repercute nestas narrativas jornalísticas, no caso, as colunas e suas analíticas, pois, como enfatiza Fausto Neto (2008), ela resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais e que despertam atenção para os modos de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas (FAUSTO NETO, 2008). A midiatização funciona, afeta e é afetada pelas práticas sociais diversas. Tal processo amplia a complexidade da sociedade.

A pesquisa foi realizada com base em três capítulos específicos. O primeiro tratou de dimensionar o valor dos estudos sobre midiatização associada às diferentes práticas sociais, com funcionamento na esfera da organização social, a partir de uma visita a pesquisas específicas.

O segundo capítulo examinou como a midiatização afeta, especificamente, as práticas jornalísticas, conforme o trabalho de inúmeras operações tecno-discursivas. Valemo-nos de autores que trabalham sobre a questão, desenvolvendo reflexões e visando a explicar os complexos processos de produção de sentidos no contexto da midiatização das práticas jornalísticas.

A formulação conceitual sobre o status da coluna foi tratada no terceiro capítulo, já que se trata de uma das instâncias da topografia e da ambiência do jornal, por meio do qual se dão também operações de midiatização do jornalismo. O funcionamento da coluna afeta também as práticas sociais dos meios, indivíduos e instituições, na medida em que ela executa aspectos do 'contrato de leitura' formulado pelo jornal como meio. Ela integra o gênero opinativo e é, também, um dispositivo de interpretação que

funciona conforme seu próprio ‘contrato de leitura’ e obedece a um ritual dentro das rotinas produtivas do jornal. `

As principais características dos contratos de leitura destas colunas, reveladas pela nossa pesquisa, são as avaliações e os questionamentos sobre o mundo do futebol, que envolve dirigentes, jogadores e técnicos.

O período estudado da nossa pesquisa foi de 1º de janeiro de 2014 a 14 de agosto de 2014, com ênfase em três momentos da Copa do Mundo, o antes (de 1º de janeiro a 11 de junho), o durante (de 12 de junho a 13 de julho) e o depois do acontecimento esportivo (de 14 de julho a 14 de agosto). Nesta fase, foram publicadas cerca de 300 colunas de Juca Kfour e Tostão. Deste total, elegemos um corpus de 178 colunas, levando em conta a extração de textos que abordavam a temática Copa do Mundo de 2014. Das 178, inicialmente, selecionamos 53 colunas. Na sequência, esse número caiu para 41 em virtude de marcas repetidas dentre as colunas escolhidas. O corpus final fechou em 30 colunas. A partir daí, definimos quatro categorias para análise: **1) operações alusivas à midiaticização** **2) tematização explícita**, **3) operações comparativas** e **4) marcas interpretativas (avaliativas)**, que foram identificadas nos materiais pré-observáveis.

A categoria da enunciação foi fundamental na leitura das colunas para entendermos a analítica que elas desenvolvem sobre acontecimentos que se passam no contexto da sociedade em midiaticização, como é o caso da Copa do Mundo. A coluna enuncia, fala, opina, modaliza e tematiza. Sua singularidade está no trabalho discursivo que seus enunciadores realizam, bem como nos efeitos de sua simbólica, mesmo sendo uma unidade da totalidade do jornal.

Queremos destacar, ao final deste trabalho, algumas características centrais encontradas no trabalho analítico dos colunistas Juca Kfour e Tostão, conforme o processo de leitura realizado, com foco nas quatro categorias de análise estipuladas.

No momento um (1), antes da Copa, Juca realizou operações para especificar o acontecimento esportivo Copa nos títulos, bem como adotou operadores de avaliação, crítica, sentenciamento, comparação, ponderação, condição, autoexpressão e correferência. Também fez relação, nas colunas, com outras mídias e promoveu o atravessamento de discursos em vários campos sociais. Na etapa dois (2), o colunista optou por títulos avaliativos e questionadores a respeito da disputa do Mundial, o jogo em si. Os operadores de avaliação, crítica, sentenciamento, comparação, ponderação, condição e autoexpressão mantiveram-se. O depois do certame, fase três (3), fez com

que Juca Kfoury elegesse, novamente, títulos avaliativos, críticos e sentenciadores. As estratégias de argumentação ganharam destaque, bem como marcas interpretativas fortes para cobrar, principalmente da CBF e de seus dirigentes, ações efetivas para mudar o futebol brasileiro. A característica central da analítica do Juca é a vigilância crítica do mundo esportivo.

Ao contrário de Juca, Tostão, no momento um (1), adotou uma titulação avaliativa e de alerta sobre a Copa do Mundo, elencando, ainda, operações de mediação com outras mídias, avaliações comparativas e marcas interpretativas de autorreferência e de questionamentos. Na etapa dois (2), Tostão manteve a titulação avaliativa e trouxe algumas marcas de personificação de dois jogadores da seleção brasileira - Neymar e Júlio César. Nas operações de mediação, congregou discursos sobre futebol, literatura e jornalismo. As comparações avaliativas continuaram e as marcas interpretativas reuniram operadores que avaliaram, criticaram, sentenciaram e autorreferenciaram. No depois do Mundial, na etapa três (3), Tostão seguiu no tom avaliativo e questionador nos títulos, principalmente após a eliminação do Brasil na Copa, na goleada de 7 a 1 sofrida para a Alemanha, na semifinal. A literatura, o esporte e o jornalismo estiveram conectados nas operações de mediação. Outro dado relevante, consultando as colunas, foi a mudança de posição - de horizontal para vertical - durante o período da Copa. Elas também ganharam um “selo”, respectivamente, de “Juca na Copa” e “Tostão na Copa”.

Desta forma, é possível afirmar que Juca e Tostão tiveram uma analítica diferenciada da Copa do Mundo de 2014 e expuseram isso por meio das suas colunas. Juca traz, do viés das Ciências Sociais, o seu espírito crítico e combatente, ao avaliar e interpretar as questões do esporte, principalmente, do futebol, contextualizando com o mundo externo mais amplo. Ele é uma espécie de um ‘militante esportivo’, que detesta os dirigentes da CBF e aqueles que se aproveitam do mundo esportivo e legislam em causa própria.

Tostão, por sua vez, desenvolve uma analítica de fundo mais didático, saudosista e literário na forma de analisar o futebol. Traz consigo eco de uma atividade dentro das linhas do futebol, já que jogou por clubes nacionais, entre eles Cruzeiro (MG) e Vasco da Gama (RJ), além da seleção brasileira, na qual foi tricampeão mundial em 1970, no México. Herdou dessas andanças o gosto pela técnica e a tática do futebol, bem como pelos aspectos comportamentais e da saúde, já que se formou em Medicina e atuou como professor na UFMG. A analítica de Tostão, invariavelmente, é feita de dentro para

fora dos gramados, ao contrário da de Juca, que traz do mundo externo as problemáticas do social e as atravessa com matrizes analíticas de outros campos e discursos. A característica principal da analítica de Tostão é a prática do futebol-arte, ancorado na ciência esportiva.

Em enunciação, o trabalho do analista é mostrar como funciona a oferta do discurso, agindo sobre a mesma, através de outros discursos que se manifestam no espaço da coluna. Juca e Tostão são dois analistas esportivos, com contrato de leitura e gramática singulares e, portanto, distintos. A analítica não se faz na abstração, mas nos procedimentos com que os meios de comunicação, neste território da mediação, impulsionam a leitura do mundo e da realidade. Por meio do modo de dizer, o colunista anuncia, avalia e descreve o mundo para o leitor.

Para a nossa formação - jornalista, comentarista, professor, esportista e leitor do mundo - a conclusão desta pesquisa abre novas perspectivas de análise de materiais ligados ao jornalismo esportivo e suas nuances. O trabalho contribui, ainda, por meio da analítica da mediação, no sentido de ampliar a nossa escuta e observação sobre os acontecimentos esportivos, qualificando a nossa capacidade interpretativa. No segundo semestre deste ano, o Brasil vai sediar os Jogos Olímpicos e, ao que tudo indica, novos fenômenos esportivos vão poder ser apreciados e estudados pela comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. C. A. M. **Rotinas de produção em colunas de notas políticas no período eleitoral**. Dissertação (Mestrado). UnB. Brasília, 2011.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Coleção Clássicos da Comunicação Social).

AMARAL, L. **Jornalismo: matéria de primeira página**. Fortaleza: Tempo Brasileiro, 1982.

ARAÚJO NETO, Jefferson Garrido de. **Mediatização da inovação científica: estratégias do Instituto Nacional de Neurociências de Natal/RN pela intervenção do Ator Cientista (Miguel Nicolelis)**. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013.

ASP, Kent. **Mäktiga massmedier: Studier i politisk opinionsbildning [Powerful mass media: studies in political opinion-formation]**. Stockholm: Akademilitteratur. 1986.

BACIN, Miro. **A construção da cerimônia televisiva: estudo de caso das estratégias discursivas da Rede Globo sobre a Olimpíada de Atlanta - 1996**. Dissertação (Mestrado) Unisinos. São Leopoldo, 1999.

BAREMBLITT, G. **Compêndio de Análise Institucional**. Rio de Janeiro: 3a. ed., Rosa dos Tempos, 1996.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo, Campinas: Pontes, 1989.

BERGER, C. **Das Relações: Realidade & Linguagem, Política & Comunicação**. In: Campos em confronto: a terra e o texto. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Portugal, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão – a influência dos jornalismo e os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BORELLI, Viviane. **Da festa ao cerimonial midiático**: as estratégias de midiaticização da teleromaria da Medianeira pela Rede Vida. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2007.

_____. **A midiaticização do esporte**: leitura das estratégias discursivas da cobertura jornalística da Olimpíada de Sydney (2000). Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2002.

BRAGA, José Luiz. **Lógicas da mídia, lógicas da midiaticização?** In: Relatos de investigaciones sobre mediaticizaciones. Antonio Fausto Neto ... [et.al.]. - 1a ed. Rosario. UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2015. E-Book.

_____. **Circuitos versus campos sociais**. In: JUNIOR, Jeder Janotti; MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilda. Mediação e midiaticização. (organizadores). Salvador: EDUFBA: Brasília: Compós, 2012.

_____. **Sobre mediaticização como processo interacional de referência**. GT Comunicação e Sociabilidade, 15º Encontro Anual da Compós, Bauru: junho de 2006. CD-ROM.

_____. BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAUNER, E. **Entre as quatro linhas**: da crônica do futebol ao colunismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista. Dissertação (Mestrado). UFRGS. Porto Alegre, 2010.

CASALI, Carolina. **Circulação de saberes sobre jornalismo na sociedade em midiaticização**. 2014. 155 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

CHAGAS, Arnaldo Toni Sousa das. **Estratégias de midiaticização das drogas**: estudo de uma campanha de prevenção às drogas promovida pela CTDIA. 2009. 284 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2009.

DIAS, Eduardo Covalesky. **Midiaticização da política na Argentina**: Governo Kirchner versus Grupo Clarín e as transformações midiáticas e políticas no contexto de aplicação

da Lei de Meios Audiovisuais. Dissertação (Mestrado). UFPR. Curitiba, 2015.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FAUSTO NETO, Antonio. **Jornalismo**: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiatização. In: Revista Latino-Americana de Jornalismo Âncora. João Pessoa - Brasil. Ano 2. Vol 2. Nº 1. Jan-Jun 2015. p. 170 -187. Entrevista.

_____. **Enfermidade em circulação**: Sou eu mesmo que noticia o meu tratamento. Revista Galáxia, São Paulo, n. 22, pp. 237-249, dez. 2011.

_____. **“A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim”**. IHU online. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 13 de abril de 2009. Edição 289.

_____. **Enunciação mediática e suas “zonas de pregnâncias”**. In: VELÁZQUEZ, Teresa. Revista Designis 13. Buenos Aires: La Crujía, 2009.

_____. **Escrituras sobre a enunciação jornalística**. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor. São Paulo: UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), novembro de 2008.

_____. **Ombudsman**: a interrupção de uma fala transversal. In: Revista Intexto. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 19, 2008, p. 1-15, jul/dez.

_____. **Fragmentos de uma analítica da midiatização**. In: Matrizes, n. 2, abril 2008.

_____. **Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo**. Estudos em Jornalismo e Mídia . Ano V - n. 1 p. 109-121 jan./ jun. 2008.

_____. **Enunciação, autorreferencialidade e incompletude**. Revista Famecos. Porto Alegre, nº 34, dezembro de 2007. Quadrimestral. p. 78-85.

_____. **Contratos de leitura**: entre regulações e deslocamentos. In: Diálogos Possíveis - Revista da Faculdade Social da Bahia. Ano 6, n.2 (jul/dez) Salvador: FSBA, 2007b.

_____. **Mutações nos discursos jornalísticos:** Da ‘construção da realidade’ à ‘realidade da construção’. In: FELIPPI, A.; SOSTER, D. de A.; PICCININ, F. Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

_____. **Midiatização, prática social: prática de sentido.** In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e Comunicação (COMPÓS), 15, 2006, Bauru/SP. Anais eletrônicos.

FERREIRA, Jairo; FOLQUENING, Victor. **O indivíduo e o ator nas brechas da midiatização:** contrabandos em espaços conjuminados. Artigo inédito. 2012.

_____. **Midiatização:** dispositivos, processos sociais e de comunicação. ECompós (Brasília), v. 10, p. 1-15, 2007b.

_____. **O jornalismo como campo:** do homogêneo ao heterogêneo. Revista Fronteira (UNISINOS), São Leopoldo, v. 4, n.1, p. 81-94, 2002.

FIGENBAUM, Ricardo Zimmermann. **Midiatização: a reforma protestante do século XXI?** Igrejas, dispositivos midiáticos e sistemas de valor, de visibilidade e de vínculo entre regulações e resistências. 2010. 260 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2010.

FONTOURA, J. P. J. **A paixão clubística no Rio Grande do Sul:** um traço da identidade local presente nas linhas e nas entrelinhas das colunas de Zero Hora e Correio do Povo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo. 2014.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiatização da Religião:** processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova. 2009. 459 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2009.

GOMES, Ana Ângela Farias. **A midiatização do social:** Globo e Criança Esperança tematizando a realidade brasileira. 2007. 255 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2007.

GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização: um conceito, múltiplas vozes.** In: Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones. Antonio Fausto Neto ... [et.al.]. - 1a ed. Rosario. UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2015. E-Book.

_____. **Sociedade em midiatização: saude ou esperança?** Paper: UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

_____. **Buscando o objeto para encontrar a metodologia (ou fenomenologia da midiatização).** In: FAUSTO NETO, A.; VALDETTARO, S. Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina. Rosario: [s.n.], 2010. p. 91-106.

_____. **A filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade.** São Leopoldo: Unisinos, 2006.

GONÇALVES, Diva da Conceição. **Midiatização e contexto rural: análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre.** 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

HEBERLÊ, Antonio Luiz Oliveira. **Significações dos transgênicos na mídia do Rio Grande do Sul.** 2005. 334 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2005.

HEIDEGGER, M (1927). **Ser e tempo.** v. I, v. II. Petrópolis: Vozes, 1989.

HEPP, A. **As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da "mediação de tudo".** Matrizes, São Paulo, v. 8, n. n. 1, p. 45-64, Janeiro-Junho 2014.

HJARVARD, S. **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural.** Matrizes, São Paulo, n. n. 2, p. 53-91, Janeiro-Junho 2012.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro: 3a. ed., Jorge Zahar Editor, 2001.

KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. **Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo**: o caso do Profissão Repórter. 2012. 440 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2012.

KROTH, Maicon Elias. **O rádio como dispositivo de mediatização do social**: um estudo do programa João Carlos Maciel, Santa Maria/RS. 2012. 209 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2012.

LEÃES, E. T. **Coluna política e agendamento**: a “Página 10” do Jornal Zero Hora. Dissertação (Mestrado). PUCRS, Porto Alegre, 2009.

LEITE, Sandra Nunes. **Ação comunicacional da quitosana**: o percurso social da inovação. 2006. 302 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2006.

LUCENA, R. F. **A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, volume 25, número I, setembro de 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.

MAROCCO, Beatriz. **Os “livros de repórteres”, o “comentário” e as práticas jornalísticas**. Contracampo, v. 22, p. 116-129, 2011. Disponível em: Acesso em: 10 março 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTINS, Marcel Neves. **Além dos 90 minutos**: etnografia da mediatização do Estádio Beira-Rio. 2011. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2011.

MATA, M. C. **De la cultura masiva a la cultura mediática**. Revista Diálogos de la comunicación, Lima, p. 80-91, 1999.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinitivo**: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MESQUITA, R.; DUARTE, F. **Dicionário de psicologia**. Lisboa: 1a ed., Plátano Editora, 1996.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal**: da forma ao sentido. Sérgio Dayrell Porto (org). 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

_____. **O jornal**: da forma ao sentido. Traduzido por Sérgio Grossi Porto, Brasília: Paralelo 15, 1997.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir e escrever. In: Revista de Antropologia, v. 39, nº 1. São Paulo: USP, 1996.

PASCHOAL, A. E. **Metodologia da pesquisa em educação**: analítica e dialética. Revista Diálogo Educacional. Curitiba: v. 2, n.3, p. 161-169, jan./jun. 2001.

PERUZOLLO, A. C. **Dispositivo de enunciação televisiva**. Japaratinga: Ciseco 2010. Acesso em 8 de maio de 2014.

PINTO, R. S. **Espaços da crônica**: espetáculo e bastidores do febeapá, de Stanislaw Ponte Preta. Dissertação (Mestrado). PUCMG. Belo Horizonte, 2003.

PIRES, G. L (Org.). **Jornalismo de opinião**: o Pan Rio 2007 na visão de colunistas da mídia impressa brasileira. Paper apresentado no IV Congresso Sul-brasileiro de Ciências do Esporte. Faxinal do Céu (PR), 2008.

PORTO, Sérgio Dayrell. **Análise de discurso**: o caminho das seis leituras interpretativas em massa folhada. Brasília: Casa das Musas, 2010.

QUÉRÉ, Louis. **Entre facto e sentidos**: a dualidade do acontecimento. Revista Trajectos, Lisboa, n.6, p. 59-76, 2005.

RABAÇA, C. A. e BARBOSA, G. G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RÊGO, A. R. **Carlos Castello Branco e a opinião no jornalismo brasileiro**. Paper inscrito no V Congresso de História da Mídia. São Paulo, 2007.

RODRIGUES, A. D. **Experiência, modernidade e campos dos media**. Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação. Portugal: 1999. Acessado em dezembro de 2013.

_____. **A emergência do campos sociais**. In: Reflexões sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: UFPI. Editora Revan, 2000.

_____. **Comunicação e Cultura, a experiência cultural na era da informação**. Lisboa: Editora Presença, 1994.

_____. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

RODRIGUES, Maria Devanir Freitas. **O desembarque do Brasil na África: o caso da Embrapa em Moçambique**. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

ROSA, Ana Paula da. **Imagens-Totens: a fixação de símbolos nos processos de midiaticização**. 2012. 360 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2012.

SANCHOTENE, Carlos Renan Samuel. **Religi@o 2.0: interações entre igreja e fiéis no blog do bispo Edir Macedo**. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2011.

SGORLA, Fabiane. **Complexificação da zona de contato na ambiência midiaticizada: um estudo da interação do Jornal Nacional com os receptores na fanpage no Facebook**. 2015. 227 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

SILVA, Ionio Alves da. **Argumentação no jornalismo opinativo: um estudo da Coluna do Castello no período de 1963 a 1969**. 2014. 192 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

SOSTER, Demétrio. **Jornalismo midiaticado**: a mídia na frente do espelho. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio; PICCININ, Fabiana. (orgs.) *Metamorfoses Jornalísticas: formas, processos e sistemas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

SOUZA JUNIOR, Arnaldo Oliveira. **Midiaticação do jornalismo esportivo em ambiente digital**: interações entre produtores e receptores em Blogs dos Websites Espn-Estadão, Sportv, Placar e Lancenet. 2014. 220 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

SOUTO, S. M. **Em jogo duro**: tradição x mercado - Os colunistas esportivos e a construção da identidade nacional da seleção brasileira. Paper apresentado no Intercom Sudeste. Rio de Janeiro, 2004.

SOUZA, R. M. **Dos canapés à política**: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico. Rio de Janeiro, 2009. Tese de Doutorado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

STRÖMBÄCK, J.; DIMITROVA, D. **Mediatization and Media Interventionism**: A Comparative Analysis of Sweden and the United States. *The International Journal of Press/Politics*, v. 16, n. n. 1, p. 30-49, 2011.

TRAMONTINI, Mariana Bastian. **Dilma Rousseff como candidata à Presidência** - Estratégias midiáticas de Zero Hora (RS) e Folha de S. Paulo (SP). 2013. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013.

VERÓN, Eliseo. **Teoria da midiaticação**: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. n. 1, p. 13-19, Janeiro-Junho 2014.

_____. **Midiaticação, novos regimes de significação, novas práticas analíticas?** In: *Mídia, Discurso e Sentido*. FERREIRA, M. F.; SAMPAIO, A. O.; FAUSTO NETO, A.(orgs). Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. **Tiempos y Escrituras**. In: *Papeles em el tiempo*. Paidós: Buenos Aires, p. 17-23, 2011.

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

_____. **Esquema para el análisis de la mediatización.** In: Revista Diálogos de la Comunicación, n.48, Lima: Felafacs,1997.

_____. **Perón o muerte.** Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista (En colaboración con Silvia Sigal). Editorial Legasa, 250 p. Buenos Aires, 1986.

_____. **Ethnographie de l'exposition.** L' espace, lê corps et lê sens. Paris: Centre Georges Pompidou, 1983.

_____. **A produção do sentido.** São Paulo: Cultrix,1980.

XAVIER, Monalisa Pontes. **A consulta transformada:** experimentações de dispositivos interacionais "psi" na sociedade em midiatização. 2014. 369 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

ZUCOLO, Rosana Cabral. **Dispositivos interacionais e interações midiatizadas:** um estudo sobre a implementação do Projeto Maleta Futura, do Canal Futura, em Santa Maria e Passo Fundo/RS. 2014. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

WOLLENHAUPT, S. F. **O gênero coluna esportiva: informação e opinião.** Dissertação (Mestrado). UFSM. Santa Maria, 2004.

Documentos eletrônicos on-line

CAMPOS, Pedro Celso. **Gênero opinativo.** Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da010520026.htm>. Acesso em 11 de jan de 2016.

NOVO MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO 1996. **Coluna e coluna lateral.** Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm. Acesso em 9 de jan de 2016.

Anexo 1 – O ano da Copa - Juca Kfourri

FOLHA DE S.PAULO

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 2014 ★ ★ ★ esporte D3

DESDE QUE me dou por gente a seleção brasileira é apontada como uma das favoritas a ganhar as Copas do Mundo que disputa — e disputou todas, como havia disputado as anteriores.

Assim aconteceu de 1962, no Chile, para cá, depois que, na Suécia, em 1958, conquistou a Jules Rimet pela primeira vez.

Ao vencer três vezes em quatro Copas, apesar do fiasco de 1966, na Inglaterra, quando caiu ainda na primeira fase, este favoritismo só se acentuou.

Nem por isso deixou de padecer por 24 anos, entre 1970, no México, e 1994, nos Estados Unidos.

Faram cinco Copas de jejum, apesar dos honrosos quarto e terceiro lugares na Alemanha, em 1974, e na Argentina, invicta, em 1978.

No caminho, a sofrida derrota na Espanha, em 1982, tão doída para

minha geração quanto a de 1950, no Brasil, quando eu recém nascia.

Imagino que, então, por ser em casa, o time brasileiro experimentou pela primeira vez a condição de ser um dos apontados como favoritos.

Hoje é que não poderia ser diferente, embora ao lado de potências como a Alemanha, a Argentina, a Espanha e, sempre, a Itália, nesta ordem, segundo vejo.

Batemos na trave com o vice-campeão na França, em 1998, o jogo veio quatro anos depois, no Japão, e o hexa que parecia inevitável

O ano da Copa

JUCA KFOURI

Há mais de 50 anos que os brasileiros são sempre um dos favoritos nas Copas do Mundo. Agora também

em 2006, na Alemanha, transformou-se em enorme decepção, que a última Copa, na África do Sul não amenizou, embora, como em 1974, a eliminação tenha sido imposta pela Holanda vice-campeã nas duas ocasiões.

O time nacional não é hoje tão qualificado como o de 1982 nem co-

mo, no papel, os que perderam em 1998 e 2006.

Mas ganhou uma personalidade e confiança surpreendentes na última Copa das Confederações, suficientes para readquirir o respeito internacional.

Se a torcida brasileira voltar a abastecer o time com o combustível do Hino Nacional à capela como os cearenses ensinaram no Castelão a partir do segundo jogo da Copa das Manifestações, dificilmente o título escapará — como os franceses não permitiram que escapasse no Stade de France, ao cantar a Marselhesa

para empurrar os tricolores de Zinedine Zidane a triturar o combalido Ronaldo Fenômeno e seus companheiros, 16 anos atrás.

E oíhe que os franceses só cantaram durante os 90 segundos regulamentares da gravação impostos pela Fifa, além de nos 90 minutos do jogo...

Haverá quem veja excesso de otimismo nesta previsão e é compreensível que seja assim.

Explico-a: não dava nada para a seleção antes de junho passado e a personalidade demonstrada naqueles dias de povo nas ruas e nos estádios mudou radicalmente a minha visão.

Que o otimismo não se confunda com ufanismo e, também, com salto alto. Porque, desnecessário dizer, quanto mais alto o salto, maior a queda.

Feliz 2014!

TÊNIS

Persistente, Wawrinka é campeão na Austrália

Suíço bate Nadal e leva troféu na 36ª tentativa

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Após 36 tentativas, o suíço Stanislav Wawrinka, 28, conquistou seu primeiro título de Grand Slam. O oitavo do mundo venceu o líder do ranking, o espanhol Rafael Nadal, por 6/3, 6/2, 3/6 e 6/3 na final do Aberto da Austrália.

"Nunca sonhei com isso [ser campeão] porque achava que não era bom o suficiente para derrotar esses caras", afirmou Wawrinka.

O suíço é o segundo tenista que mais tentou antes de levantar o título de um dos quatro principais torneios do tênis — o cecaço Goran Ivanišević venceu Wimbledon em 2001 em sua 48ª participação.

Tentar é uma coisa que está literalmente na pele do suíço. Em 2013, tatou no braço esquerdo as palavras do dramaturgo Samuel Beckett: "Sempre tentou. Sempre fracassou. Não importa. Tente de novo. Fracasse de novo. Fracasse melhor".

"Tenho essas palavras na minha cabeça há muito tempo. É parte da minha vida e como vejo a vida, especialmente a vida no tênis", afirmou o suíço, que até ontem havia perdido todas as 26 sets em 12 partidas contra Nadal.

Wawrinka, porém, iniciou sua primeira final de um torneio desse porte sem dar chances para o espanhol.

No início do segundo set, viu o espanhol deixar a quadra para receber tratamento para as costas no vestiário.

Com 2 sets a 0, o suíço se desconcentrou e permitiu que o rival vencesse a terceira parcial. Mas Wawrinka se recuperou e fechou o jogo em duas horas e 21 minutos.

"Estou muito feliz pelo Stan. Somos grandes amigos", afirmou Nadal. "Tive azar, mas ele mereceu".

Como também eliminou o sérvio Novak Djokovic, Wawrinka é o primeiro a vencer os números um e dois em um Grand Slam desde Sergi Bruguera em Roland Garros-93.

Wawrinka vai aparecer hoje na terceira posição no ranking e volta a jogar na sexta, quando a Suíça enfrenta a Sérvia, pela Copa Davis.

“ Com certeza, vou aproveitar bem. Não sei onde. Talvez no hotel. Há uma grande chance de eu ficar bêbado

STANISLAV WAWRINKA



<p>Impressora HP Deskjet 1000 Imprime rápida até 16 ppm em preto e 12 ppm em cores. Cód. 735236</p> <p>149,00 em 3x sem juros</p> 	<p>Tablet HP Slate 7 E0H92AA Android 4.1, câmera de 3 MP, memória interna de 8 GB, Wi-Fi, tela de 7". Cód. 221977</p> <p>599,00 em 10x sem juros</p> 
<p>Cartucho 122 HP C45621B, colorido Cód. 709313</p> <p>29,90 em 3x sem juros</p> 	<p>Caderno universitário Meu Malvado Favorito 2 SPIRAL Capa dura, 1 manilha, 96 folhas. Cód. 138923</p> <p>6,90 em 1x sem juros</p> 
<p>Caderno universitário Meu Malvado Favorito 2 SPIRAL Capa dura, 15 manilhas, com 300 folhas. Cód. 138952</p> <p>14,30 em 1x sem juros</p> 	<p>Dicionário escolar Língua Portuguesa MELHORAMENTOS Com CD-ROM. Cód. 241016</p> <p>24,30 em 1x sem juros</p> 



www.Kalunga.com +120loias

VENDAS PARA EMPRESAS: GRANDE SÃO PAULO 11 3347-7000 0800-0195566
 OUTRAS LOCALIDADES: 0800-0195566
 Não abrimos embalagens. Ofertas válidas até 2.2.2014 ou enquanto durarem os estoques.

BOXE

Estreia de Yamaguchi termina sem vencedor

Brasileiro e argentino são desclassificados

DE SÃO PAULO

Medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Londres-2012, o pugilista brasileiro Yamaguchi Falcão estreou no boxe profissional com uma desclassificação.

O brasileiro enfrentou na noite de anteontem o argentino Martín Rios, em Santos (SP), e o combate foi encerrado sem um vencedor.

Em uma luta polêmica, o árbitro José Bezerra desclassificou os dois boxeadores.

No final do segundo assalto, os dois boxeadores trocaram socos após soar o gongo. O argentino cuspiu em direção a Yamaguchi, e houve confusão no ringue. O árbitro José Bezerra anunciou a desclassificação dos dois lutadores e também foi alvo de cusparada do argentino.

"Estava me soltando no combate. Fiquei um ano e meio parado, aí o árbitro faz essa sacanagem", afirmou Yamaguchi ao SporTV. "Por isso, o brasileiro não vai para frente", completou.

José Bezerra justificou sua decisão dizendo que o combate não era "vale tudo".

"Os dois entraram em briga, mesmo eu dando voz de comando", afirmou ele. "Isso não é briga de rua, não é vale tudo. Isso é boxe".

Yamaguchi Falcão encerrou um jejum de 44 anos do boxe brasileiro em Olimpíadas ao conquistar o bronze em Londres — seu irmão Esquiva ainda ganhou prata.

Apesar do profissionalismo, Yamaguchi Falcão está fora dos Jogos Olímpicos do Rio, em 2016.



Nadal dispara na liderança e vem jogar no Rio

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Mesmo com a derrota na final na Austrália, o espanhol Rafael Nadal vai aumentar sua vantagem na liderança do ranking.

A diferença para o sérvio Novak Djokovic era de 870 pontos sobre para 3.710 —14.330 contra 10.260. Wawrinka tem 5.710.

Nadal, que não quis fazer muitos comentários sobre o problema nas costas, volta a jogar em Buenos Aires, a partir do dia 10 de fevereiro, e na semana seguinte atua no Rio Open, ambos no saibro.

F-1

Evento de apoio a Schumacher reúne 500 na Bélgica

DA APP - Uma marcha de apoio ao alemão Michael Schumacher reuniu cerca de 500 pessoas ontem no circuito de Spa-Francorchamps, na Bélgica.

O heptacampeão da F-1 sofreu um acidente de esquí no dia 29 de dezembro nos Alpes Franceses. Schumacher sofreu traumatismo craniano e está em coma.

"É uma marcha para mandar energias positivas de todos os fãs para Michael Schumacher e sua família", afirmou a belga Heidi Hendrickx, organizadora do evento.

O circuito belga foi onde Schumacher estreou na F-1, em 1991, e o local da primei-

Anexo 2 – Vai ter Copa - Juca Kfourri

FOLHA DE S.PAULO

QUINTA-FEIRA, 30 DE JANEIRO DE 2014 ★ ★ ★ esporte D3

SALVADOR ALLENDE, o presidente chileno deposto em 1973, costumava dizer que os extremos se postavam às suas costas.

Referia-se às extremas direita e esquerda que interromperam a longeva democracia no país andino, nam dos golpes mais sanguinários da América do Sul.

Guardadas as proporções, temos hoje no Brasil os extremos reunidos sob a mesma ideia: "Não vai ter Copa". Black blocs de um lado e uma certa oposição ao governo do outro.

É claro que a Copa acontecerá mais ou menos como na Copa das Confederações.

Mais se a polícia cometer excessos. Menos se a prevenção for feita com a cabeça e não com o porrete.

Mas não há como evitar que a independência crítica siga em seu tra-

balho de mostrar todos os absurdos que cercam o megaevento, postura longe de se confundir com complexo de vira-lata ou falta de patriotismo.

Se à esquerda o padrão Fifa virou paradigma para hospitais, escolas e mobilidade urbana, à direita virou rônalo das deficiências das políticas governamentais.

Nos extremos das duas posturas, juntam-se a violência que bota fogo na ferveira e a demagogia de quem só pensa nos excluídos como bucha de canhão.

A Copa brasileira não será a "Co-

Vai ter Copa

JUCA KFOURI

Como escrevi em meu blog, a Copa do Mundo é inevitável; mas parece que ninguém quer relaxar e gozar

Denunciar os elefantes brancos, o gasto desmedido de dinheiro público com estádios em vez de investimentos nas sedes, as remoções arbitrárias, por mais que irrite o jornalista chapa-branca, é obrigação de quem, como dizia Miller Fernandes, sabe que jornalismo é oposição, não armazém de secos e molhados.

Mentir e distorcer como fazem os que escodem 502 anos de História do Brasil, como se o país tivesse apenas 12, são outras 500, a outra face da mesma moeda.

As manifestações de junho passa-

do não foram exatamente contra o governo federal, mas, se também contra ele, ainda assim a seu favor, pelo aprofundamento das melhorias que trouxe para quem as desconhecia.

Lembramos que ao lado das responsabilidades indicativas do PT, vimos o PSDB cômico, em São Paulo, já excluído do Morumbi como um dos peões do torneio. E em Minas, quando já conta com duas chaves, para não falar das estradas, mas fez outro Mineirão.

Em resumo, "Vai ter Copa" — tomara com a derrota dos que apostam no quanto pior melhor e sob a vigilância dos que não se deixam cooptar nem por gregos nem por troianos, para que ao fim dela o Brasil esteja, ao menos, mais maduro. Com novo foco, a Olimpíada de 2016, história que fica para outra vez.

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourri e PVC, quarta: Tassião, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tassião

Santos faz 5, o que rival não sofria há 6 anos

PAULISTA Corinthians não tomava cinco gols desde agosto de 2007; vencedor completou quarto jogo sem derrota

RAFAEL VALENTE
ENVIADO ESPECIAL A SANTOS

Com direito a gritos de olé, timbimbo e outras provocações, o Santos impôs a maior goleada ao Corinthians de Mano Menezes, considerando a primeira passagem do técnico entre 2008 e 2010.

O time santista venceu por 5 a 1, ontem, na Vila Belmiro, no primeiro clássico do ano.

É o placar poderia ter sido mais amplo para o time do Ipiranga, dado o domínio sobre o rival da capital paulista, especialmente na etapa final.

O Santos fez 2 a 0 no primeiro tempo, com Arouca e Gabriel. Ampliou na etapa final com dois de Thiago Ribeiro e outro Bruno Peres.

Todos os gols da equipe tiveram como semelhança jogadas rápidas de contra-ataque pelas pontas do campo.

O volante Guilherme fez o gol de honra do Corinthians, em chute de fora da área, ainda no primeiro tempo.

O Santos fez 2 a 0 no primeiro tempo, com Arouca e Gabriel. Ampliou na etapa final com dois de Thiago Ribeiro e outro Bruno Peres.

Todos os gols da equipe tiveram como semelhança jogadas rápidas de contra-ataque pelas pontas do campo.

O volante Guilherme fez o gol de honra do Corinthians, em chute de fora da área, ainda no primeiro tempo.



Thiago Ribeiro comemora com os companheiros do Santos após marcar terceiro gol na vitória sobre Corinthians, ontem

quando era treinado por José Augusto. Em setembro do ano passado, o time perdeu por 4 a 0 para a Portuguesa, ainda sob o comando de Tite.

Ontem, o Santos completou o quarto jogo sem derrota em 2014. Com isso, lidera o Grupo C com dez pontos e viu, mesmo que momentaneamente, a crise referente à venda de Neymar ser esquecida — o assunto foi ignorado

no estádio durante o jogo. "Esse placar deixa a gente prazeroso. Espero que seja o primeiro de agora que vamos subir na temporada", avaliou o atacante Thiago Ribeiro.

"O lado bom do Santos é apostar na molecada da base e isso vem dando resultado. Jogando assim, vamos fazer muitos gols e envolver os rivais", completou o jogador.

Já o Corinthians perdeu a segunda partida consecutiva, ouviu seus torcedores vaiarem Pato — que entrou no final do jogo — e é o segundo do Grupo B, com seis pontos.

"Vamos avaliar o que aconteceu, treinar e cada responsável pelo Corinthians vai assumir. Não é normal. Mas sentimos os gols", tentou justificar Emerson no gramado.

O time terá até domingo para colocar ordem na casa.

Neste dia irá enfrentar a Ponte Preta, em Campinas.

LEANDRO DAMIÃO

O Santos confia na liberação de Damião para encantar o Botafogo-SP, no sábado, na Vila. A diretoria espera o fundo Doyen Sports reparar o valor da segunda parcela da compra do jogador para aceitar com o Internacional e liberar a estreia de Damião.

SANTOS		CORINTHIANS	
GOLE	ATAQUE	GOLE	ATAQUE
6	Arouca	Walter	3,5
7	Claudio	Diego Macedo	2,5
8	Mano	Luiz	3
9	G. Henrique	Paulo André	3
10	Wesley	Benedict	2,5
11	Bruno Peres	Rafael	3
12	Arouca	Guilherme	2,5
13	Alan Santos	Rodriginho	2,5
14	Guilherme	Diego	3
15	Cleber	Daniel	3
16	T. Ribeiro	Thaiane	2,5
17	Thaiane	Thaiane	2,5
18	Silfane Vaz	Thaiane	2,5
19	Wesley	Thaiane	2,5
20	T. Damiao	T. Mano	3
21	Diego	Thaiane	2,5
22	Diego	Thaiane	2,5

Estádio: Vila Belmiro, em Santos
Árbitro: Paulo César da Oliveira
Público: 13.318 pagantes
Gols: Arouca, aos 12 min.; Gabriel, aos 22 min.; e Guilherme, aos 23 min. e 30 min.; Thiago Ribeiro, a 45 min. e aos 50 min.; Bruno Peres, aos 73 min. e 74 min.

BRASILEIRO

Promotor pode pedir quebra de sigilo telefônico

DE SÃO PAULO — Para descobrir quem está mentindo, o promotor da Justiça do Consumidor da capital, Roberto Senise Lisboa, considera pedir a quebra do sigilo telefônico dos envolvidos no caso Héverton.

Ele investiga a perda de quatro pontos da Portuguesa pela exclusão irregular do jogador na última rodada do Campeonato Brasileiro do ano passado e se a decisão do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) de punir o clube fere o Estatuto do Torcedor.

As versões dos advogados Oswaldo Sestário, Valdir Rocha e do ex-presidente Manuel da Lupa são divergentes quanto às conversas após a suspensão do jogador e o clube foi informado ou não da punição.

"Quando você não consegue esclarecer alguns pontos importantes do inquérito, o caminho é pedir a quebra de dados sigilosos", disse o promotor.

Sestário, que representou a Lusa no STJD, afirma ter avisado Rocha sobre a condenação do clube. O advogado do clube paulista e o ex-dirigente juram que isso não aconteceu. "Se falamos sobre o [atacante] Gilberto", diz Rocha.

Lais Souza melhora, mas passará por 2 cirurgias

JOGOS-2014 Esquiadora está acordada, segue comandos, mas não pode mover braços e pernas

DE SÃO PAULO

Com todos os parâmetros clínicos sob controle, a esquiadora brasileira Lais Souza, 25, vai passar por duas cirurgias adicionais — uma traqueostomia e uma gastrostomia —, ainda nesta semana.

"Estes procedimentos são simples e representam os passos iniciais em seu processo de recuperação", afirmou Antonio Marinho Jr., médico do COB que está nos EUA acompanhando a brasileira.

"Lais está acordada, segue comandos, mas não pode mover seus braços e pernas neste momento e está com o auxílio de ventilação mecânica para respirar", disse o segundo boletim médico da atleta, divulgado ontem pelo Hospital da Universidade de Utah.

Segundo o médico do COB, ela apresentou um pequeno progresso do quadro neurológico. Ele ressaltou que Lais consegue mover e sustentar os ombros, o que não acontecia anteriormente.

"Reiteramos que a atleta ainda se encontra na fase aguda do trauma e qualquer prognóstico definitivo necessita de tempo", afirmou.

Na segunda, Lais esquiava sem executar saltos, acompanhada do técnico da seleção brasileira de esqui aéreo, o canadense Ivan Snow, quando

A LESÃO DE LAIS

Queda causou deslocamento da 3ª vértebra cervical



perdeu o controle e se chocou com uma árvore. O acidente causou um trauma severo na coluna cervical, e a ex-ginasta foi submetida a uma cirurgia para fazer o realinhamento da coluna.

Especialista em traumatologia ortopédia e ligado ao Hospital da Universidade de Miami, Marinho Jr. disse que o hospital poderá ser usado por Lais, Jaqueline, da seleção de vôlei, lesionada a coluna vertebral em partida do Pan-2011 e se tratou no local.

A mãe de Lais, Odete Vieira da Silva Souza, 54, viajaria ontem para Salt Lake City, acompanhada da fisioterapeuta Denise Lessio.

"É uma angústia muito grande, uma dor que não tem explicação", afirmou Odete à Folha. "É muito difícil. Não estou conseguindo dormir nem comer", completou.

"Ela [Lais] ficou muito contente ao saber que sua mãe chegara amanhã [hoje]", afirmou Marinho Jr. "É sabendo das manifestações de carinho", completou.

NOVO ESPORTE

Ex-ginasta com participação olímpica (Atenas-2004 e Pequim-2008), Lais havia decidido deixar a modalidade após ser cortada dos Jogos de Londres-12 por lesão.

Em maio de 2013, ela e a também ex-ginasta Jôsi foram convidadas para participar de seleção, em pista artificial.

No esqui aéreo, o que mais influencia na nota é a acrobacia, e foi por isso que ex-ginastas foram procuradas pela Confederação Brasileira de Desportos na Neve em busca de voga olímpica.

"Apoiamos a decisão dela competir no esqui aéreo. Todas profissões e esportes têm riscos", disse a mãe de Lais.

"Ela estava evoluindo, mas aconteceu esse acidente."

F-3

Na Espanha, Felipe Massa faz hoje sua estreia na Williams

DE SÃO PAULO — O brasileiro terá hoje seu primeiro contato com um motor diferente do da Ferrari, com o qual guiava desde seu início na F-1, em 2002.

Em Jerez de la Frontera, Felipe Massa fará sua estreia pela Williams, que a partir desta temporada está equipada com os motores Mercedes.

Massa será o sexto brasileiro a correr pela equipe inglesa, que, apesar de alguns pequenos problemas nos primeiros dias de testes na Espanha, disse estar satisfeita com o carro.

MOTOGP

Por falta de tempo para reforma, DF cancela GP no Brasil

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS — O Governo do Distrito Federal anunciou ontem que a etapa do Mundial de MotoGP, que aconteceria em Brasília, em setembro, foi cancelada, mas que continuará com as obras de reforma da instalação para fazer parte do calendário de 2015.

Seria a primeira prova da categoria no país desde 2004.

Segundo o governo, o cancelamento ocorreu por não haveria tempo hábil para a reforma do autódromo devido à complexidade das obras.



Anexo 3 – A Copa das covas - Juca Kfourri

FOLHA DE S.PAULO

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 2014 ★ ★ ★ esporte D3

O Ufanismo do governo federal e a irresponsabilidade social marqueteira querem nos convencer de que teremos a Copa das Copas.

Bobagem igual à dita pela presidenta que festejou em fala recente a conquista "cinco vezes da Jules Rimet". Ou de sua ministra da Cultura que se referiu à terceira reforma de 1999 para cá do Maracanã como se fosse "a primeira em 60 anos".

Do Rei à presidenta o que se tem ouvido de sandálie fãria a alegria de Stanislav Ponte Preta em seu "Fe-beapá", o Festival de Besteiras que Assola o País.

Porque também Pelé tem passado dos limites ao dizer que trabalhou "quatro anos pelos votos que dessem a Copa ao Brasil", embora a candidatura nacional tenha sido única, e ao falar que "o futebol não tem

nada a ver com corrupção". Cumé?! Que os envolvidos com a organização da Copa se preocupem com as manifestações, que põem em risco a realização das "Fifa fan fests", é mais que natural, é obrigatório.

Só não podem nos fazer de idiotas. Como não devem tentar fazer o inverso os que cometem excessos na direção oposta.

As sete mortes de operários nas obras dos estádios não os transformam em cemitérios — e o título da coluna alerta para o que aponta a

A Copa das covas

JUCA KFOURI

É tão exagerado dizer que teremos a Copa das Copas como prever que será a pior de todos os tempos

Organização Internacional do Trabalho: o Brasil é quarto país do mundo no trágico ranking dos acidentes de trabalho.

Dia desses a tradicionalíssima revista semanal francesa, e parceira da Fifa na premiação da "Bola de Ouro", "France Football", trouxe em sua capa uma ampla reportagem

sobre os rumos preocupantes, abraços estardecedores, gestos exorbitantes e clima de temor que cercam a Copa brasileira: "O Mundial do medo", diz a chamada de capa.

Tanto bastou para a internet ser infestada com uma versão falsa e apimentada da reportagem, o que tornou ridículo o que é sério e revelou com clareza o esforço covarde, e eleitoral, dos que apostam no quanto pior melhor. O Brasil é pintado como o fim da picada, mas o fim mesmo, sem sentido figurado, agraciado com uma lista interminá-

vel de horrores, de meias verdades piores que mentiras inteiras.

Já basta estarmos fazendo uma Copa do Mundo mais cara que as três últimas, no Japão/Coreia do Sul, Alemanha e na África do Sul, somadas. É mais que suficiente constatar o quanto não será cumprido das promessas de legados para as 12 cidades-sede para que não seja preciso inventar coisa alguma neste quadro suficientemente deprimente.

Mas, do mesmo modo, não será com propaganda ufanista que se convencerá o país das maravilhas de uma Copa certamente festiva nos estádios e problemática fora deles.

Gol mesmo seria o governo responder com a verdade às mentiras de quem trabalha sordidamente para desmoralizá-lo sem se importar com os prejuízos ao Brasil.

PAULISTA

Defesa do São Paulo volta a falhar e dá a vitória à Ponte

Time toma décimo gol em 7 jogos no Paulista

DE SÃO PAULO

Em dois erros da defesa são-paulina, o time do Morumbi viu a Ponte Preta marcar duas vezes e vencer o jogo de ontem, em Campinas, por 2 a 1, em partida válida pela sétima rodada do Campeonato Paulista.

O técnico Muricy Ramalho, que tradicionalmente monta times com defesas fortes, vem tendo dificuldade para acertar esse setor da equipe.

Só neste Paulista, o time do Morumbi já tomou dez gols em sete jogos. No entanto, ainda se mantém à frente do Grupo A, com 12 pontos.

Apesar de jogar em casa, a Ponte não fez um bom primeiro tempo. Acuada em campo, viu o São Paulo dominar o jogo e criar boas chances de gol, principalmente com as cabeçadas de Antonio Carlos em jogadas de bola parada.

Mesmo com o domínio da partida, o time do São Paulo não conseguiu marcar e acabou sendo castigado no fim da primeira etapa com o gol de Silvinho, ex-jogador do clube tricolor, para a Ponte.

Após cruzamento na área, Rodrigo Caio cortou mal e a bola ficou no pé do atacante, que girou dentro da área e bateu cruzado, no canto esquerdo do gol de Rogério Ceni.

Com a vantagem não placar, a Ponte voltou melhor para o segundo tempo. Mas quem marcou foi o São Paulo.

Álvaro Pereira, um dos melhores da equipe em campo, invadiu a área e foi derrubado por Ademir. Na cobrança, Ceni bateu rastreiro no meio do gol, mas o goleiro Roberto Caiu para o lado direito e a bola entrou.

A reação são-paulina durou pouco. Três minutos depois, Silvinho cobrou falta para dentro da área do São Paulo e Alemão, sozinho, cabeceou para o fundo do gol.

PONTE FECHADA

Após o tento da Ponte, Muricy fez duas substituições para dar mais agressividade à equipe. Lucas Evangelista entrou no lugar de Oswaldo e o garoto Ewandro, de 17 anos, substituiu o estreante Souza.

Mesmo assim, o time não conseguiu alterar o placar. A Ponte Preta se fechou bem na defesa e conseguiu segurar o resultado.

"Ainda temos que ter atenção nos detalhes. A gente viu bem e tomou o gol", afirmou Souza.

O São Paulo volta a campo no sábado para enfrentar o Portuguesa, às 21h, no Morumbi. Já a Ponte joga contra o Atlético Sorocaba, também no sábado, às 19h30.



Apostador manual de mesa EASY OFFICE
Preço: R\$ 19,90 (até 21 unidades)



Scanner portátil APP-TECH
Capacidade: 600 dpi
Cód. 6465855



Pincel marcador permanente PILOT
Atômico, preto
Cód. 6163307



Cartucho de toner HP
CE255AS, preto
Cód. 229695



Combo Promocional

Multifuncional HP Laser Pro M1332
Impressão até 18 ppm em preto, ciclo mensal de trabalho de até 8.000 páginas
Cód. 220688

RS 599,00 à vista



Cartucho de toner HP
85A
Cód. 229695

de R\$ 113,90 para R\$ 729,00
ou em 6X sem juros
R\$ 121,50 à vista

Kalunga.com
+120 loias

VENDAS PARA EMPRESAS GRANDE SÃO PAULO OUTRAS LOCALIDADES
11 3347-7000 0800-0195566

Não abrimos embalagens. Ofertas válidas até 16.2.2014



A atleta Jaqueline Mourão

JOGOS DE INVERNO

Brasil estreia em Sochi e termina em 77º no biatlo

Modalidade mistura esqui e sessões de tiro

DE SÃO PAULO

O Brasil estreou ontem nos Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi, na Rússia, com a atleta Jaqueline Mourão. Competindo no biatlo sprint 7,5 km, modalidade que mistura esqui cross country e sessões de tiros —deitados e em pé— a brasileira terminou na 77ª posição entre 84 competidoras.

Jaqueline foi bem no tiro, com apenas uma falha (acertou nove de dez), mas seu tempo final de 25min06s4 foi quase 4min maior do que o da bicampeã olímpica, a eslovaca Anastasya Kuzmina, que terminou em 21min06s8.

A russa Olga Vitukhina (21min26s7) e a ucraniana Vita Semerenko (21min28s5), completaram o pódio.

Com a estreia em Sochi, Jaqueline Mourão se tornou a primeira brasileira a competir em três modalidades diferentes em Olimpíadas.

Em Atenas-2004 e Pequim-2008, nos jogos de verão, ela participou competindo na mountain bike.

No inverno, foi a Turim-2006 e a Vancouver-2010 como esquiadora. Agora, na Rússia, ela estreou no biatlo, Jaqueline, que foi porta bandeira do Brasil na abertura dos Jogos, volta a competir amanhã, no sprint livre esqui cross country.

Na sexta-feira, dia 14, Jaqueline disputou a prova individual dos 15 km.

O DIA DE COMPETIÇÃO

Além do biatlo, outras oito modalidades tiveram suas definições ontem. Um dos destaques foi a primeira medalha de ouro da Rússia, que venceu a competição por equipe na patinação artística.

No quarto dia de competições, a Noruega lidera o quadro de medalhas, com duas de ouro e sete no total. Holanda e EUA vêm na sequência, com quatro medalhas cada.



O atacante Alemão comemora gol da Ponte Preta na vitória sobre o São Paulo em Campinas

PONTE PRETA		SÃO PAULO	
1	Ruberto	1	Rogério
2	Ferreiros	2	Douglas
3	Claudio	3	Cléo (Bianchi)
4	Diego Secolin	4	Bonifácio
5	Magal	5	Antonio Carlos
6	Alf	6	A. Pereira
7	Fernando Rê	7	Evandro
8	Luiz	8	Willington
9	(R. Oba)	9	Souza
10	Silvinho	10	Ribeiro
11	Ademir	11	Ademir
12	Alves	12	Osvaldo
13	David	13	(L. Evangelista)
14	Yaelto	14	M. Souza
		15	Romário

Estádio: Nereu Leonardo, em Campinas.
Árbitro: Marcelo Prieto Affari.
Reflexos: R\$ 93,935.
Público: 5.900 pagantes.
Gols: Silvinho, aos 43 min do 1º tempo; Rogério, aos 13 min, e Alemão, aos 45 min do 2º tempo.

Anexo 4 – O papel da Copa 2014 (2) - Juca Kfourri

FOLHA DE S.PAULO

DOMINGO, 16 DE FEVEREIRO DE 2014 *** esporte D3

O papel da Copa-2014 (2)

JUCA KFOURI

EM NOVEMBRO de 2008, no dia 20 e com o mesmo título, falou-se aqui de um oportunismo fadado a dar errado: o país, que antes de ser anunciado como sede da Copa do Mundo de 2014 tinha apenas três revistas, mensais, de futebol, a "Placar", a "Fut Lance!" e a "Tiveta", passou a ter o dobro, pois, de repente, nasceram a "Gol FC", a "Invicto" e a "FourFourTwo".

A pouco mais de 100 dias da abertura da Copa eis que, como então se previu, o oportunismo deu com os burros d'água.

Mais, atônito. Não só desapareceram as três aventuras como sobre apenas a tradicional "Placar", hoje com 44 anos.

Depois da publicação da coluna, surgiu ainda a revista da ESPN, também de vida curta.

Se jamais as revistas esportivas,

leu-se, futebolísticas, tiveram vida fácil no Brasil — que o digam as extintas "Gazeta Esportiva Ilustrada" e "Manchete Esportiva", além de outras menos votadas —, a aposta de que a Copa seria a salvação da laivoura revelou-se enorme fiasco, e não apenas pelo surgimento das novas plataformas como as proporcionadas pela internet.

Errará quem imaginar que a Copa-14 chegou como solução para velhos problemas.

A Copa do Mundo, como bem demonstra o livro "Socceromics", é a oportunidade de o país-sede fa-

Na onda do Mundial no Brasil, apareceram, e morreram sem deixar saudade, quatro revistas sobre futebol

zer um anúncio de si mesmo por 30 dias. Correndo o risco de fazer um mau anúncio.

Sem pessimismo ou mau humor, é o que tem tudo para acontecer conosco, mesmo que o hexacampeonato venha, porque a eventual vitória dentro de campo não servirá para esconder as aflições que estão postas fora dele.

O DÉRBI

De um lado, o Corinthians em crise; há cinco jogos sem vitória, vindo de quatro derrotas e um magro empate.

Com apenas seis gols marcados e 12 sofridos em sete jogos.

Do outro, o Palmeiras imponente, seis vitórias e um empate, 14 gols a favor, apenas quatro contra. Com Alan Kardec sedento por mostrar seus bons serviços ao Felipão, opção que surge diante da escassez de camisas 9 na seleção brasileira.

Se clássico é clássico e vice-versa, o dérbi é tudo isso e mais um pouco. Qualquer crítico responsável, se

chamado a apostar, não apostará no alvinegro. Apenas cravará o alvinegro sem maiores preocupações. Menos um, talvez por irresponsabilidade. Ou mera intuição. Ou desejo...

Amanhã, certamente, o irresponsável terá mil explicações para justificar por que errou.

Ou apenas uma para festejar seu acerto: no dia em que o futebol tiver lógica perderá muito de sua graça.

LIBERTADORES

Em seis jogos, os brasileiros venceram quatro, dois fora de casa e o campeão Gato e o Grêmio, e perderam duas como visitantes.

Saldo positivo, ainda mais porque o Cruzeiro perdeu mesmo foi para a altitude — misturada com racismo. Deveria ter abandonado o jogo, sem mais.

PAULISTA

Sem brilho, São Paulo empata com a Portuguesa

Árbitro errou ao anular um gol legal da Lusa

DE SÃO PAULO

Em um grupo fraco, o São Paulo deve se classificar para a próxima fase do Paulista sem maiores sustos. A equipe, porém, não jogou bem novamente, ontem à noite, contra a Lusa, no Morumbi, e empatou sem gols.

Líder da chave A, agora com 13 pontos em oito partidas, o time de Muricy Ramalho passou a maior parte do jogo com as bolas nos pés, mas sem criar chances claras.

O destaque são-paulino foi o atacante Fabon. O colombiano atuiu um pouco mais recuado no início da partida e acertou bons chutes de fora da área. Depois, mais à frente, foi quem teve as melhores oportunidades de gol.

Já a Lusa jogou principalmente nos contra-ataques, nas costas dos laterais são-paulinos, fazendo Rogério Ceni realizar algumas defesas na chuvosa noite paulistana.

Aos 30 min do primeiro tempo, a Lusa fez um gol, em cobrança de Willian Magrão, após cobrança de falta. Mas foi marcado impedimento de forma equivocada.

O melhor momento do jogo foi aos 17 min do segundo tempo. Primeiro a Lusa acertou uma bola no travessão com Régis. No contra-ataque, Fabon tabelou com Luis Fabiano e tocou na saída do goleiro Tum, que espalmou.

Com o empate, a Lusa está em quarto lugar no Grupo C (os dois primeiros avançam). Já o São Paulo pode perder a liderança do A, hoje, caso a Penapolense vença o Santos.



Tablet Galaxy 3 T2100 SAMSUNG
Android 2.1, memória interna de 8 GB, câmera de 3 MP, Wi-Fi, tela de 7".
Cód. 235888

649,00
em 10x sem juros

Ar-condicionado ELGIN
Portátil, com 9.000 BTUs, 127 V.
Cód. 738048



1.599,00
em 10x sem juros

Scanner portátil APP-TECH
Código, 900 dpi.
Cód. 626995



269,00
em 10x sem juros

Climatizador de ar ELGIN
7,5 L, 127 V.
Cód. 738064



329,00
em 3x sem juros

Projektor multimídia EPSON
PowerLite S18+
Tecnologia 3LCD, capacidade de impressão de até 5.000 horas.
Cód. 928827



1.799,00
em 10x sem juros

Kalunga.com
+120 loias

VENDAS PARA EMPRESAS: 11 3347-7000 (0800-0195506)
NÃO ABRIMOS EMBALAGENS. Ofertas válidas até 23.2.2014

ESPANHOL

Neymar entra no 2º tempo e marca em goleada do Barça

DE SÃO PAULO - O atacante Neymar voltou a campo ontem depois de quase um mês parado e fez o último gol na goleada por 6 a 0 sobre o Rayo Vallecano, vice-lanterna do Campeonato Espanhol, no Camp Nou.

Messi (2), Adriano, Alexis e Pedro fizeram os outros gols.

O brasileiro perdeu oito jogos por causa da lesão sofrida em 16 de janeiro.

Neymar entrou aos 12min do 2º tempo no lugar de Pedro quando o jogo já estava 4 a 0. No lance do gol, pegou a bola logo depois do grande círculo e, ao se aproximar da grande área, acertou um chute cruzado no ângulo direito da pior defesa do Espanhol (o Rayo levou 58 gols em 26 jogos).

Com o resultado, o Barcelona voltou a liderança do Espanhol com 60 pontos.

ESTADUAL DO RIO

Fred perde pênalti em seu retorno, leva vaia, mas Flu vence

DO RIO - No dia do retorno de Fred, que estava machucado, o Fluminense venceu o Boavista, de virada, por 4 a 1, pelo Estadual, no Maracanã.

Em razão da lesão sofrida por Fred, o técnico da seleção, Luiz Felipe Scolari, adiou a convocação dos atletas que atuam no país para o amistoso contra a África do Sul, dia 5 de março, em Johannesburgo. O camisa 9, porém, teve atuação abaixo da média. Após três gols desperdiçados, ele perdeu pênalti quando o jogo estava 1 a 0 e chegou a ser vaiado pelos torcedores.

Quem fez os gols da vitória foram Conca, Rafael Sóbis e Walter (2). Com o resultado, o Flu se manteve na liderança. Hoje, as Itch, também no Maracanã, Vasco (15 pontos) e Flamengo (16) se enfrentam.

SÃO PAULO		PORTUGUESA	
1	Aguiar Gull	1	Tum
2	Edu Ricardo	2	Régo Souza
3	Rogério Ceni	3	Wilson Magrão
4	Arbilio Carlos	4	Diego Augusto
5	Italo	5	Baron
6	Wellington	6	Raven
7	Daniel	7	Haveli
8	Wander	8	Wanderlan
9	Fabon	9	Cláudio
10	Paulo	10	Randall
11	Acácio	11	Diego
12	Cláudio	12	Henrique
13	Luis Fabiano	13	Caio
14	Marly	14	Leandro
15	Randall	15	Tuzy Arzaf
16		16	Fucks

Estádio: Morumbi
Árbitro: Flávio Rodrigues Geovani
Público: 21.405/30
Pênalti: 5/54 golpistas

Sumido na armação, Ganso cabeceia contra jogador da Lusa



Oswaldo repete escalação, e Leandro Damiano será mantido

Melhor time do Paulista, Santos pega o Penapolense, às 18h30, fora de casa

DE SÃO PAULO

O técnico Oswaldo de Oliveira deve repetir hoje diante do Penapolense, às 18h30 (com SporTV), em Penápolis, pelo Paulista, a formação que venceu o Comercial, na terça.

Ao lado do Palmeiras, que perde no critério de desempate, o Santos tem a melhor campanha no Paulista, com 19 pontos, em sete jogos.

Dessa forma, Leandro Damiano, que já disputou duas partidas e ainda não marcou, será mantido como titular.

Se levar em conta o jejum do atacante antes de chegar ao Santos, a sequência de Damiano é de cinco partidas sem gols — o último foi em 27 de

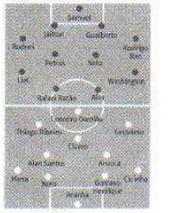
outubro, pelo Brasileiro, quando estava no Inter-RS.

O técnico está otimista com o atacante e lembrou que foi de uma assistência do atacante que surgiu o segundo gol de Geuvânio contra o Comercial. "Ele é um jogador com muita capacidade", disse.

Com Damiano de titular, Gabriel, artilheiro da equipe com quatro gols e que volta a ficar à disposição hoje após cumprir suspensão por cartão amarelo, ficará no banco.

Sobre o restante da equipe, a única dúvida é na defesa. O zagueiro Gustavo Henrique sentiu indisposição e não treinou na sexta-feira, mas deve jogar hoje. Se não puder, o substituto será Jubaíl.

PENAPOLENSE



SANTOS
T: Oswaldo de Oliveira
Estádio: Tenente Góes, em Penápolis
Árbitro: José Cláudio Rocha Filho

Anexo 5 – Que aqui dê tudo errado - Juca Kfourri

D4 esporte ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 2014

FOLHA DE SPAULO

NÃO BRIGAR com os fatos é obrigação do bom jornalista.

Deveria se o beatô de quaisquer governantes.

O país que apoiava maciçamente a Copa já a apoiava apenas por escassa maioria, de 79%, em 2008, para 52% agora, segundo a Datafolha.

Brasil já sabia disso por meio de suas pesquisas e resolveu mudar o discurso: saem os legados, quase inexistentes, entra a festa do futebol.

A "Copa das Copas" passa a ser o mote, verdade que embute uma mentira. Porque exalta a primeira Copa com todos os campeões, embora só seja a primeira com o. Com sete houve outras recentes, a da África, na qual a Espanha se tornou a oitava campeã, ou a da Ásia, em 2002, com as mesmas sete de 2010. O que lembra a célebre campa-

nha desta Folha, criada por Washington Olivetto, em 1987, que dizia ser "possível contar um monte de mentiras dizendo só a verdade" -- e remetia aos discursos de Hitler.

Longe daqui a ideia de comparar a marquetagem nazista com a do governo brasileiro, apesar do que se viu nas remoções de moradores do entorno das obras dos estádios, com o requilite de casas marcadas, como se fez com a dos judeus -- prática repudiada, recentemente, pelo atual, e arrependida, prefeito do Rio. É de se lamentar que o PAC tenha

Que aqui dê tudo errado

JUCA KFOURI

O Brasil caminha para fazer, por um mês, um mau anúncio de si mesmo; mas tomara que não seja assim

empacado em relação às promessas para 2014 e que as obras de concreto armado tenham se transformado em mera criatividade publicitária.

Como é triste constatar que arma do mesmo estará o esquema de segurança, menos para prevenir imprevisíveis atos terroristas e mais para coibir protestos.

Antipático, mas obrigatório, lembrar quantas advertências foram feitas para o pau que nascia torto, condenado a morrer torto. Ninguém minimamente responsável debruçou um empreendimento do tamanho de nosso megaevento nas mãos de um comitê organizador montado por apadrinhamentos e nepotismo. Deu no que está dando -- e tem tudo para se repetir na Olimpíada, nas mãos de quase todos que conduziram ao Rio de Janeiro em 2007, mesmo que, enfim, o Palácio do Planalto tenha passado lá um general para tentar mudar

a marcha em andamento. O Brasil poderia fazer uma Copa exemplar, com a nossa cara, feita muitas vezes, mas bala sem proclamar de maquiagem em tantas outras.

Em vez da implantação de uma política que mobilizasse a população para receber o mundo sem escamotear nossas carências, mas em torno do que somos e temos sido capazes de realizar, apela-se para a propaganda enganosa e descarada.

Enquanto isso, torcedores uniformizados são mortos a golpes a portadas pelo simples fato de estar com uma camisa que não é a dos assustados.

Ovalê não aconteça e que a campanha pré-Copa do Mundo não acabe em mau anúncio final.

Melhor estar errado, mas é o que se vislumbra.

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourri e PVC, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Xico 56, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

RAFAEL REIS DE SÃO PAULO

Bicampeão francês e inglês, vencedor da Liga dos Campeões da Europa e quatro vezes indicado ao prêmio de melhor jogador africano, o volante Michael Essien, 31, tem uma grande frustração.

Sua única participação em Copas do Mundo, em 2006, terminou sem ele em campo. O meia estava suspenso na derrota para o Brasil que tirou Gana nas oitavas de final. Quatro anos depois, uma lesão no joelho impediu que o volante ajudasse seu time na repetição da melhor campanha africana na história dos Mundiais -- as quartas.

A partir de junho, o jogador do Milan terá provavelmente sua última chance para não encerrar a carreira com a pior das imagens da competição. "Copa do Mundo é algo frustrante para mim."



Michael Essien, durante treino de Gana para a Copa de 2006, a única que jogou

Folha - Gana fez a melhor campanha da sua história em 2010, quando foi até as quartas de final. O time atual é mais forte que aquele?

Michael Essien - Não vou falar que é melhor ou pior, mas o que posso dizer é que esse é um time mais experiente, o que é bom para Gana. Estamos quatro anos mais maduros e temos jogadores que já jogaram mais de uma Copa do Mundo. Isso irá nos ajudar muito.

Você ficou fora da Copa de 2010 por lesão. Onde estava na partida contra o Uruguai? Como recebeu a eliminação?

Vi a partida da minha casa em Londres. Estávamos tão perto e detávamos escapar por causa daquele jogador de handebol [Luis Suárez impediu com a mão o gol da classificação ganense] e o penalti perdido. Jogamos bem, fomos muito competitivos e merecíamos ir às semifinais.

Qual você imagina que seria o efeito de uma classificação africana para as semifinais?

Com certeza seria uma grande arrancada para o futebol africano. Mas estamos bem preparados para alcançar agora o objetivo do qual ficamos tão perto em

ENTREVISTA MICHAEL ESSIEN

Minha história em Copas do Mundo é algo frustrante

AUSENTE DO MUNDIAL DE 2010, ASTRO DE GANA E DO MILAN VÊ BRASIL E ESPANHA FAVORITOS AO TÍTULO, MAS NÃO DESCARTA SURPRESA AFRICANA

2010. Se uma seleção africana ficar entre as quatro melhores não será um grande choque. As pessoas já estão esperando isso de nós.

Você não tem muita sorte em Copas. Além de se machucar em 2010, ficou fora da eliminação de Gana em 2006 por

estar suspenso. Essa é a maior frustração da sua carreira?

Não vejo como má sorte, mas Copa do Mundo é algo frustrante para mim. Sei que estar machucado em 2010 faz parte do jogo. Também é normal estar suspenso por cartões. O time sempre foi bem quando ficou sem mim.

Tudo isso é muito frustrante, mas sei que o futebol é assim.

Ao contrário da maioria das seleções africanas, Gana é treinada por um técnico local. Que diferença isso faz?

Cada treinador tem seus pontos fortes e suas ideias. Desde que leve seu time à

RATO-X MICHAEL ESSIEN

NOME Michael Koko Essien

IDADE 31 (3 de dezembro de 1982, em Acra, Gana)

CARREIRA Posou por Liberty (GAN), Bastia (FRA), Lyon (FRA), Chelsea (ING), Real Madrid (ESP) e defendeu o Milan (ITA)

Copa do Mundo e temos que estar prontos para isso.

O que será pior de enfrentar: o jogo coletivo da Alemanha ou Cristiano Ronaldo?

Será igualmente difícil enfrentar todos os adversários do Grupo G. Nunca achamos um rival mais fraco. Vamos nos preparar bem para Alemanha, Portugal e Estados Unidos e jogaremos nosso máximo contra todos eles para alcançar nosso objetivo.

E qual é esse objetivo?

O primeiro é fazer uma boa estreia [contra os EUA, 16 de junho] para irmos confiantes para as outras partidas. A principal meta é passar da primeira fase e aí sim vamos pensar no que vem pela frente. Esses são os nossos objetivos principais para chegarmos o mais longe que pudermos.

Quem vence a Copa?

É difícil escolher um só. São quatro ou cinco times que podem vencer a Copa. Góico entre os favoritos a Espanha, que defende o título de 2010, e anfitrião Brasil. Talvez tenha chegado a hora de um africano. Quem sabe?

FOCO



O deputado Tiririca (PR), atacado em texto deturpado

Texto faz sucesso na internet ao desvirtuar reportagem de revista de futebol da França

DE SÃO PAULO

Com "Medo do Mundial" como título da capa, a edição de 28 de janeiro da revista "France Football" adotou tom crítico para falar da organização da Copa pelo Brasil. A revista abordou temas como estádios, infraestrutura, violência e educação.

Contudo, uma tradução que circula nas redes sociais, já compartilhada centenas de milhares de vezes, apresenta

uma versão deturpada do texto original, atribuindo à revista declarações inexistentes em sua edição original.

Essas declarações exageram problemas do país, lançando mão de frases de efeito e informações falsas, como "todo brasileiro conhece alguém que foi assassinado" ou quando afirma que o ex-presidente Lula fez com que a empreiteira Odebrecht ganhasse licitação para construção do Itaquera após tem

amizade com um de seus diretores.

Como o estádio é privado, tal licitação não existiu. No texto da internet atribui-se à revista francesa acusações políticas do governo Lula, cujo "alto escalão" estaria todo "preso por corrupção"; a artistas e à população, "que acham que eles [políticos] são honestos e fazem campanhas para recolher dinheiro"; e ao deputado federal Tiririca (PR).

O político cearense, referido no texto como "o mais votado no Brasil", é chamado de "palhaço analfabeto e banguela, que faz uma dança ridícula, com roupas igualmente ridículas".

Nenhuma dessas afirmações está presente na edição da "France Football".

Em seu dossiê, a revista compara os investimentos feitos pelo país na Copa (mais de 11 bilhões de euros) e na área da educação em 2013 (12,8 bilhões de euros).

Ela também mostra preocupação com a segurança, citando briga entre torcedores de Atlético-PR e Vasco em dezembro de 2013.

Anexo 6 – Quase tudo certo – Juca Kfourri

FOLHA DE S. PAULO QUINTA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 2014 *** copa 2014 D5

“ Chegou a hora não só de representar a minha família, mas representar o Brasil Intelto ”
REYNARD, atacante do Barcelona

“ Nunca imaginei disputar uma Copa do Mundo. Não há outro pensamento a não ser vencer ”
PAUL MIRÓ, volante do Tottenham

“ Não tinha falado com o Felipão antes, estava aqui esperando ”
HENRIQUE, jogador do Napoli

JÚLIO CESAR jamais estaria na minha lista, muito menos ainda como titular. É a minha principal divergência com Felipão, mas, mais que isso, é meu maior temor na Copa. Registre-se que jamais confiei nele, nem mesmo quando era, e foi, o melhor goleiro do mundo. Não gosto de goleiros de sangue quente, em hora são Marcos tenha sido.

Torço muito para que, ao fim da Copa, Júlio César cale os críticos, obribe-os e angoli-lo e todas as outras diênsas possíveis do gênero.

Não custa lembrar, porém que, em 2002, eu não perdava Felipão por ter deixado Romário fora da Copa e até o Batistão diz hoje em dia que o técnico acertou. Teimoso, retruco, sem convicção, admito, que com ele teria sido mais fácil...

De resto, porque não envolvem ti-

culares, discordamos do secundário. Levaria Miranda, levaria Felipe Luís, mas que sei eu diante do que sabe o Felipão?

Com créditos acumulados na Copa da Ásia, e na das Confederações, quando recuperou o amor próprio da seleção, tenho de dar de batato que ele sabe mais o que faz do que eu, muito embora a simples constatação não o exima de críticas.

Como já foi diferente, não?

Em 1958, fez-se um escândalo, em São Paulo, porque Vicente Feola não convocou o corinthiano Luizinho, o

A convocação foi a esperada, com as naturais e pequenas divergências de sempre; e não ser no gol!

Pequeno Polegar, para levar o inexpressivo Pelé...

Que paçou por isso, ao ficar fora dos primeiros jogos na Suécia, vitória dos botinas do zagueiro alvinegro Ari Clemente no último amistoso antes do embargo, quando o time da CBF goleou o Corinthians por 5 a 0.

Em 1962, não houve drama, o ti-

me era praticamente o mesmo, diferentemente de 1966 quando cometeram-se as loucuras de convocar quatro times e deixar no Brasil a defesa titular: Carlos Alberto Torres, Djalma Dias, Roberto Dias e César.

Menos escandaloso, mas também inexplicável, foi o pecado de Cláudio Coutinho, ao deixar Paulo Roberto Falcão, em Porto Alegre.

Há quem diga que a ausência de Neto, em 1990, é comparável, mas aí é exagero, embora ele tenha carregado o Corinthians nas costas na conquista do Brasileirão daquele

ano, mas depois da Copa.

Nem mesmo o erro de Dunga ao não incluir Neymar e Ganso em seu grupo teve a mesma relevância.

Sim, as convocações mais recentes são menos incandescentes, porque cada vez mais são poucos os convocáveis de times brasileiros.

Convenhamos que discutir preferências entre os suplentes é menos candente que quando o polêmico se dá em torno de titulares, principalmente entre atacantes.

Sim, volto ao temor, o caso do goleiro é sério.

Os outros não, muito embora tenhamos de rezar, mas só os que rezam, para Fred suportar a dureza da empreitada e que Neymar siga sendo de borracha, plenamente recuperado da primeira lesão mais grave em sua carreira. Amém.

Quase tudo certo

JUCA KFOURI

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourri e PVC, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Setkas, sábado: Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

DO ENVIADO AO RIO DO RIO

Felipão vai até o inferno se for possível por seus atletas. Reconhecidamente um defensor dos grupos com que trabalha, técnico disse ontem que o bom ambiente será o carro-chefe para que o Brasil leve o hexa mundial em casa.

É a tentativa reedição da família Scolari de 2002.

No mês passado, o treinador fez um tour pela Europa, conversando com jogadores que passaram por alguma dificuldade naquele momento para convocá-los para o Mundial e tranquilizá-los, como revelou a **Folha** na época.

“Nunca tive dúvidas se esse seria o grupo. Nosso ambiente é ótimo, alguns já sabiam que seriam convocados porque falei a eles pessoalmente, conversei com alguns jogadores que passavam por uma ou outra dificuldade. Vou até o inferno com eles”, disse o treinador.

★

Sem aba-oba

Felipão estava calmo na entrevista que concedeu ontem após a convocação. Um estilo bem mais light do quem em 2002, por exemplo.

As perguntas de jornalistas e de internautas, por meio de uma rede social, duraram quase uma hora na casa de show, no Rio. Ele só se irritou (bem pouco) quando precisou responder se toleraria polêmicas ao redor da seleção, já que 2014 é ano de eleições.

“Espero que tenham bom

ENTREVISTA LUIZ FELIPE SCOLARI

O ambiente é ótimo, eu vou até o inferno com meus jogadores

TÉCNICO FALA EM PLANEJAMENTO EM CONJUNTO COM ATLETAS E BUSCA REEDITAR FAMÍLIA SCOLARI



Felipão durante anúncio dos jogadores convocados

senso e saiba que não recebemos A, B ou C. Podemos até convidar A, B ou C, no momento certo”, disse.

Atletas isolados

Ele garantiu que seus atletas terão que se adaptar ao isolamento em Teresópolis.

“Se quiser ficar com o câchorro é só avisar e deixar a seleção brasileira”, avisou.

A dúvida

Foi na tarde de terça, menos de 24 horas antes de anunciar os 23 eleitos para a Copa, que Scolari e sua comissão técnica decidiram que Henrique seria o quarto homem da zaga a ser chamado. “Foi essa a posição que discutimos no último minuto. Escolhi o Henrique porque confia nele”, disse.

Os sete reservas

A Fifa obriga todas as seleções a enviarem, inicialmente, uma lista com 30 nomes, até 13 de abril. O corte para 23 ocorre somente em 2 de junho.

Felipão não gosta dessa exigência e só vai contar quem são os sete “reservas” na próxima semana, e porque a Fifa também colocará em seu site.

“Não acho justo convocar mais três ou quatro atletas, anunciar, e depois cortar.”

Passo a passo

O Brasil estreia na Copa dia 12 de junho, contra a Croácia, em São Paulo. É neste jogo que seleção e torcedores têm que se preocupar, disse o técnico.

“Não achanta pensarmos lá na final. Nosso primeiro passo é a Croácia, o time que precisa

#ESPNTEM

SÓ O TIME MAIS PREPARADO TEM TRAJANO.

GOPA DO MUNDO DA FIFA 2014

TODOS OS JOGOS AO VIVO.

ESPN

“ Estou conversando com Marco Polo [Del Nero] e José Maria Marin se fico ou não após a Copa. Mas nunca disse se fico ou saio. Não penso no pós-Copa, penso em ganhar a Copa ”

FELIPÃO técnico da seleção brasileira

Alvo de críticas em 2002, técnico agora é aplaudido em restaurante

DO ENVIADO AO RIO DO RIO

Luiz Felipe Scolari optou por uma convocação previsível para a disputa da Copa e foi festejado ontem no Rio.

Apesar de praticamente o grupo que venceu a Copa das Confederações — só sete reservas do time de 2013 ficaram fora —, foi recebido com aplausos ao chegar para almoçar no restaurante Platáform, no Leblon (zona sul).

Em 2002, o treinador enfrentou protestos por causa da ausência de Romário na lista final para a Copa.

Nas quase duas horas em que o técnico permaneceu na churrascaria, nenhum cliente reclamou da lista.

tem foi bem diferente da situação vivida pelo treinador ao anunciar os convocados para a Copa de 2002.

PROTESTOS EM 2002

Na ocasião, Felipão foi hostilizado por torcedores antes e depois de definir os atletas para o Mundial da Ásia. O técnico não deu ouvido aos protestos e deixou Romário fora da vitoriosa campanha.

“Naquela noite, à espera da convocação em 2002, eu até dormi em outro hotel, ninguém sabia. Desta vez não precisei disso”, relembrou.

Três dias antes de anunciar a lista, quase foi agredido por cerca de 50 torcedores que promoveram uma manifesta-

#ESPNTEM

SÓ O TIME MAIS PREPARADO TEM JUCA KFOURI.

GOPA DO MUNDO DA FIFA 2014

TODOS OS JOGOS AO VIVO.

ESPN

Anexo 8 – Festanças e protestos - Tostão

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 2 DE FEVEREIRO DE 2014 ★ ★ ★ esporte D5

NO DOMINGO passado, o jornal "O Globo" publicou uma matéria sobre o aquecimento, nesta época, da venda de materiais (bolas, camisetas e outros) relacionados com a história do futebol brasileiro.

Segundo a reportagem, uma bola da Copa de 1966, com o meu autógrafo e os de Pelé, Rivellino e Djalma Santos, será leilada por colecionadores. Já dei dezenas de autógrafos em bolas. Não me lembro desta. Rivellino não esteve na Copa de 1966. Deveria ter ido.

Uma das camisetas que Pelé usou na final da Copa de 1970 foi leilada, na famosa loja Christie's, de Londres. No mesmo local, foi vendida uma coleção de camisetas famosas, que pertenciam a Zagallo, apaixonado pela amarelinha. Na coleção, tinha ou-

tra camiseta que Pelé usou na final contra a Itália.

As pessoas deveriam ter mais cuidado sobre a autenticidade de peças antigas. Deve haver umas 500 camisetas e bolas que foram usadas em Copas do Mundo.

Anos atrás, recebi um telefonema de Londres, perguntando se eu poderia reconhecer a autenticidade de uma bola com o autógrafo dos campeões do mundo, que tinha sido usada na final da Copa de 1970 e que eu tinha dado de presente. Os autógrafos e a oferta eram verdadeiros,

até o final da Copa, a festa terá de conviver com protestos contra a ganância e o desperdício

mas era uma bola de treino. Obviamente, não concordar. Se alguém estiver curioso para saber onde estão as camisetas que jogou a final no México, dei a do primeiro tempo ao médico Roberto Abdala Moura, presente no estádio, que tinha me operado do descolamento de retina, oito meses antes da Copa. A

do segundo tempo, muitos sabem, me foi arrancada do corpo, junto com as meias, chuteiras e calção, segundos após o árbitro terminar o jogo. Fiquei apenas de sunga. Se não fossem os policiais, teria ficado nu.

Desde até o fim da Copa, além de muitos leilões e de milhares de comerciais sobre a seleção e o Mundial, geralmente ufanistas, haverá dezenas de festas, eventos, solenidades, promovidos pela Fifa, pela CBF, pelos patrocinadores e por tantos que querem fazer. A festa terá de conviver com as inevitáveis

manifestações de rua, sem violência, contra a ganância e o desperdício de dinheiro público.

Como foi campeão do mundo, já recebi alguns convites para as festas. Se aceitasse, teria, provavelmente, de colocar na camiseta o nome do patrocinador ou com os dizeres: "Brasil, ame-o ou deixe-o". Teria ainda de falar bem da Fifa, da CBF, do governo, sempre com um largo sorriso. Os cachês são altos, uma tentação.

Nesses dias, vi um documentário, na Globo News, sobre o poeta Manuel de Barros, que sempre viveu no Pantanal. É um dos meus ídolos. Ele disse que pagou para ser poeta 24 horas e para ter direito ao ócio criativo.

Também pago ao recusar convites remunerados e alguns prêmios, para tentar manter a coerência e a independência para opinar.

Festações e protestos

TOSTÃO

Evento do ano nos EUA opõe ataque contra a defesa

NFL. Super Bowl, a final do futebol americano, terá hoje Denver Broncos contra o Seattle Seahawks

ÉDER FANTONI DE SÃO PAULO

O Super Bowl de hoje em Nova Jersey, às 20h30 (de Brasília), vai colar frente a frente os dois times de melhor campanha na temporada regular da NFL.

Mas Seattle Seahawks e Denver Broncos apostaram em fórmulas diferentes para alcançar a final da liga profissional de futebol americano dos Estados Unidos, o evento esportivo mais importante do país.

O jogo de hoje vai opor o melhor ataque (dos Broncos) e a melhor defesa (dos Seahawks) da competição. Um duelo particular de estilos que o Super Bowl nunca viu.

Pela primeira vez na história a partida será disputada entre a equipe que mais fez pontos e ganhou mais jardas contra o time que menos tomou pontos e menos cedeu jardas aos adversários.

Além disso, foi o time que mais forçou perdas de bola dos adversários, 20 no total.

downs, 22 a mais do que o Cincinnati Bengals, segundo colocado nesta estatística.

Só na temporada regular, a equipe comandada pelo quarterback (lançador) Peyton Manning anotou 606 pontos, mais do que qualquer outra equipe na história da NFL no mesmo campeonato.

"Teremos que pressionar o Manning. Ele tem um pensamento rápido e sabe para onde ir com os seus olhos", disse o técnico dos Seahawks, Pete Carroll.

Manning, 37, é o único jogador da partida de hoje que já venceu um Super Bowl, em 2007, quando ainda jogava pelo Indianapolis Colts. Se ganhar, se tornará o primeiro quarterback da história da NFL a vencer duas finais por dois times diferentes.

Já os Seahawks prepararam uma barreira em sua defesa.

A franquia de Seattle levou apenas 231 pontos na temporada regular — os Broncos, por exemplo, tomaram 399. Além disso, foi o time que mais forçou perdas de bola dos adversários, 20 no total.

"Eles realmente são muito bons na defesa. Impressionante é como eles jogam tão bem juntos, como um grupo", disse Manning.

Em contrapartida, os Seahawks contam com um quarterback jovem, Russell Wilson, 25, que está em sua segunda temporada. Nos dois jogos de playoffs neste ano, contra Saints e 49ers, completou só 25 passes e conseguiu apenas um touchdown.

PRECEDENTES

A história está do lado da franquia de Seattle. Os Seahawks são o 16º time a chegar ao Super Bowl como o que menos tomou pontos na liga. Nos 15 confrontos anteriores, a equipe com a melhor retaguarda ganhou 12.

No entanto, nas últimas sete finais, as equipes de melhor estatísticas na defesa em relação aos adversários perderam seis vezes, o que é um alento a Manning.

NA TV
Seahawks x Broncos
21h30 ESPN e Esporte Interativo

Região de Nova York espera 400 mil torcedores em sua 1ª final

ISABEL FLECK DE NOVA YORK

Após quase meio século de espera, chegou a vez de Nova York hospedar a grande final da liga profissional de futebol americano. Os organizadores do Super Bowl esperavam atrair para a região neste fim de semana pelo menos 400 mil torcedores.

O jogo — entre o Seattle Seahawks, do Estado de Washington, e o Denver Broncos, do Colorado — será realizado no MetLife Stadium, na pequena East Rutherford, em Nova Jersey. O local, no entanto, fica à mesma distância de Manhattan que algumas regiões do Queens.

Para se transformar na sede do maior evento esportivo americano, parte da dinâmica de Nova York mudou nos últimos dias. A Broadway, uma das principais avenidas da cidade, foi fechada por 13 quarteirões para dar espaço ao Super Bowl Boulevard, um corredor com atrações como um imenso tobogã, telões e algumas barracas de comida.

O Comitê Organizador estima que o Super Bowl trará entre US\$ 500 milhões e US\$ 600 milhões para toda a ma-

lha turística de Nova York e Nova Jersey.

Os ingressos ainda disponíveis para o jogo na última semana custavam, em média, US\$ 2.600 (cerca de R\$ 6.300).

Quem se dispôs a pagar o valor para entrar no estádio terá ainda que se preparar para enfrentar frio durante o jogo, já que, pela primeira vez na história do Super Bowl, a partida será realizada num estádio aberto em uma cidade de clima frio.

Durante meses, houve o temor de que a possibilidade de nevasca levasse ao adiamento ou à mudança de local do megaevento.

Nada disso assustou o torcedor do Seahawks Alan Finckelstein, morador de Seattle.

"Eles estão prevendo 8°C para o domingo, não é tão ruim assim", disse.

Além do frio, outras preocupações eram a logística para chegar ao local e a segurança, que foi reforçada.

Com fluxo tão grande de torcedores entre Manhattan e Nova Jersey, autoridades estipularam que só entrará no trem rumo ao estádio quem estiver com o ingresso. Táxis também foram proibidos de circular próximo ao estádio.

DEFESA X ATAQUE

Melhores defesa e ataque da temporada se enfrentam no Super Bowl

Estádio MetLife
East Rutherford, Nova Jersey
Noite, 21h30 (de Brasília)

SEATTLE
Seahawks

DENVER
Broncos

DEFESA

Interceptações

Seattle Seahawks	23
Denver Broncos	17

Média de jardas concedidas em passe

Seattle Seahawks	273,6
Denver Broncos	194

Média de jardas concedidas em passe por jogo

Seattle Seahawks	172,0
Denver Broncos	127,0

Média de pontos concedidos por jogo

Seattle Seahawks	14,4
Denver Broncos	24,9

ATAQUE

Total de pontos

Seattle Seahawks	417
Denver Broncos	379

Média de jardas em posse

Seattle Seahawks	340,2
Denver Broncos	202,2

Média de jardas em posse por jogo

Seattle Seahawks	136,6
Denver Broncos	83,4

ESTRUTURA DA DEFESA

Cornerbacks
Marcam os wide receivers

Linebacker
Derruba rival que corra com a bola ou o quarterback antes de ele lançar

Safety
Na última linha de defesa, ajuda os cornerbacks na marcação

ESTRUTURA DO ATAQUE

Running back
Recebe a bola do quarterback e tenta avançar correndo

Center
Inicia a jogada; ajusta seu ataque à defesa rival

Quarterback
É quem dita a jogada. Pode lançar para um receiver, dar para um corredor ou carregar a bola

Wide receiver
Rápido, corre para receber os passes do quarterback

Tight end
Desloca-se para receber passes ou para proteger o quarterback

Linea ofensiva
Protege o quarterback para que ele consiga lançar

Richard Sherman
Principal jogador de defesa dos Seahawks

Peyton Manning
Quarterback e peça chave dos Broncos

ENTENDA A PONTUAÇÃO

End zone
Área de 10 jardas em cada extremidade do campo onde são marcados os pontos

Touchdown
Quando o jogador cruza a end zone adversária com a posse da bola. Vale seis pontos

Field goal
Quando o atleta chuta a bola entre as traves. Vale três pontos

Extra point e conversão de dois pontos

Após um touchdown, o time tem a chance de chutar um field goal por um ponto, ou tentar carregar a bola até a end zone por dois pontos

Anexo 9 – Pensamento mágico - Tostão

D4 esporte *** FOLHA DE S.PAULO DOMINGO, 16 DE FEVEREIRO DE 2014



Pensamento mágico

TOSTÃO

COM O evidente crescimento individual e coletivo da seleção, que vai além da conquista da Copa das Confederações, a avaliação do time, que era excessivamente negativa, como se o Brasil estivesse mil anos atrasado na parte tática e tivesse apenas um grande jogador, Neymar, passou a ser exageradamente positiva, como se a seleção fosse a única favorita no Mundial e possuisse inúmeros jogos de série. Nem uma coisa nem outra.

Fred é um excelente contravante. Porém, mesmo irregular e sem nunca ter sido destaque mundial — era reserva na Lyon —, desperta em Felipe, e na maioria das pessoas, o sentimento de que, na hora de a onça beber água, ele brilha, mesmo sem boas condições físicas. Isso ocorre por causa das boas atuações na Copa das Confederações e em al-

guns clubes. Outro motivo é o pensamento mágico, de achar que o desejo é maior que a realidade.

Ocorre com Júlio César, que não joga, algo parecido. Sua escalção na Copa, antecipada pelo técnico, ultrapassa a realidade, como se suas excelentes atuações na Copa das Confederações fossem o único parâmetro. Ou seria também uma desconfiança em relação aos outros goleiros?

Felipão já disse que vai convocar um típico centroavante para a reserva de Fred. Nenhum convence.

A certeza de Felipão de que o Brasil será campeão é uma sabedoria técnica ou uma tática psicológica?

Poderia ser um meio ofensivo, como Kaká ou Robinho, mas os dois não merecem, por suas atuações no Milan. Nem o lobby de Galvão Bueno por seu amigo Kaká convenceu Felipão. O técnico não gosta também de chamar um jogador muito famoso para ficar na reserva. Bastaria um mau momento do time para a

torcida pedir Kaká, como se ele fosse o craque de antes. Este foi um dos motivos de não levar Romário ao Mundial de 2002. Felipão entende da alma humana.

Um dos méritos de Felipão foi fazer com que a seleção tenha sistema tático e estratégia muito parecidas com as das melhores equipes do mundo. Isso só é possível porque quase todas atuam na Europa, ao lado de muitos craques e sob o comando de ótimos técnicos, como Mourinho, do Chelsea, clube com quatro brasileiros na seleção.

Existem muitas incertezas em relação à Copa do Mundo. O grande número de pessoas indiferentes ou revoltadas com os absurdos gastos públicos vão vestir a amarelinha, quando a bola rolar? Muitos destes falam hoje que vão torcer pela Argentina. As manifestações serão maiores, menores ou tão intensas quanto às do ano passado?

O Brasil vai ganhar a Copa? São inúmeras análises e possibilidades, muitas lógicas e convincentes. Quando o Mundial acabar, só uma será aceita, de acordo com o resultado. As outras serão ignoradas e criticadas. O mais interessante de tudo isso é que muitas das partidas equilibradas serão decididas nos detalhes, por causa de uma dor de cotovelo ou por uma bola que bateu na trave e entrou, em vez de sair.

AS MEMÓRIAS DE AUTORES SOBRE UMA COPA E SUA ÉPOCA



• POR SÉRGIO DÁVILA

Meia hora antes de os jogos começarem, os meninos da Fifa passavam distribuindo papéis impressos com a escalação dos times que iam se enfrentar logo mais para nós, jornalistas que cobríamos a Copa da França de 1998.

Assim que recebi o meu, no espaço reservado à imprensa no Stade de France naquele 12 de julho de 1998, dia da final entre Brasil e França, vi que algo estava errado.

Nos titulares brasileiros, faltava alguém entre o capitão, Dunga, camisa 8, e o meia Rivaldo, número 10. No fim da lista, depois de Beto (20), aparecia Edmundo, com a 21. Entre os reservas, o susto: Ronaldo (9).

Liguei para a Redação em São Paulo, mas não consegui completar a chamada. Eram tempos pré-massificação da internet, e a telefonia celular também claudicava. Foi teclando os números fixos de minha lista de contatos em busca de alguém que visasse o jornal.

No terceiro, atendeu um amigo, jornalista que acompanhou a Copa toda como espectador, mas já tinha voltado ao Brasil por falta de ingresso para o jogo de encerramento. Estava numa das milhares de festas que se organizaram em torno da final por todo o país.

Eu contei a novidade. Ele deu uma risada. Tampou o bocal do telefone e gritou para os presentes, ainda rindo: "Cêntre, o Sérgio está dizendo que o Animal foi escalado no lugar do Ronaldinho!" — naquela época, o Penômeno ainda era Ronaldinho, e o Ronaldinho Gato era uma jovem revelação do Grêmio.

Um gato gritou de volta: "É isso que dá mandar quem não entende nada de futebol cobrir Copa do Mundo!" Mais risos. Eu não entendo nada de futebol. Entendi um pouco mais em 1998, mas ainda assim mal dava para o gasto.

'OUTSIDER' Essa minha "qualidade" valeu minha convocação pela Folha para o time que cobriu o evento.

O jornal queria um "outsider", alguém com olhar "esnombrado" que fizesse reportagens chamadas no jargão de "sides", textos sobre as-

AMARELOU?

Ronaldo estava doente? Acidentou-se? Eram muitas as conjecturas... A Copa de 1998 mostrou que um fato isolado pode contaminar um país



Ronaldo após o jogo contra a França, na final da Copa

- 1998 EM RAIÃO-X
- ONDE França
- CAMPEÃ França
- ARTILHEIRO Suar (França) 2 gols

Foto: Roberto M. / Luz Photo / Luz Photo / Luz Photo

pectos humanos, curiosos e não necessariamente ligados ao futebol.

Um deles falava do aumento da prostituição nas vans estacionadas num bosque que cortava a cidade de Orzella-Ferrière, a 45 minutos de Paris, onde a seleção brasileira ficou concentrada.

Outro trazia título premonitório: "Mãe de Ronaldinho diz que briga do filho com namorada foi 'à-toa'". Relatava os rumores sobre o rompimento entre o jogador e a modelo Suzana Werner e como isso poderia afetar a performance dele no campo.

Pois bem. Naquele dia Ronaldo não iria jogar a final. Logo a informação se espalhou pelos jornalistas no estádio, na sala de imprensa, nas Redações do mundo inteiro. Ele estava doente. Acidentou-se! Amarelou? Muitas eram as conjecturas.

Minutos depois, antes mesmo de o jogo começar, quando o estádio foi tomado pelos azuis cantando a "Marseilhaise", como lembrou Juca Kfourfi em almoço recente, nós já sabíamos: naquela noite, o Brasil seria vice.

Minha Copa foi a de 1998, que mostrou como um fato isolado pode contaminar um time, uma torcida, um país,

Composição das equipes

Brasil (1998)	França (1998)
TITULARES	TITULARES
1. CASARIN	1. BARRAGAN
2. LUCAS	2. LEBLANC
3. LEONARDO	3. LEBLANC
4. RIVALDO	4. LEBLANC
5. RONALDO	5. LEBLANC
6. EDUARDO	6. LEBLANC
7. RONALDO	7. LEBLANC
8. EDUARDO	8. LEBLANC
9. RONALDO	9. LEBLANC
10. EDUARDO	10. LEBLANC
11. RONALDO	11. LEBLANC
12. EDUARDO	12. LEBLANC
13. RONALDO	13. LEBLANC
14. EDUARDO	14. LEBLANC
15. RONALDO	15. LEBLANC
16. EDUARDO	16. LEBLANC
17. RONALDO	17. LEBLANC
18. EDUARDO	18. LEBLANC
19. RONALDO	19. LEBLANC
20. EDUARDO	20. LEBLANC
21. RONALDO	21. LEBLANC
22. EDUARDO	22. LEBLANC
23. RONALDO	23. LEBLANC
24. EDUARDO	24. LEBLANC
25. RONALDO	25. LEBLANC
26. EDUARDO	26. LEBLANC
27. RONALDO	27. LEBLANC
28. EDUARDO	28. LEBLANC
29. RONALDO	29. LEBLANC
30. EDUARDO	30. LEBLANC
31. RONALDO	31. LEBLANC
32. EDUARDO	32. LEBLANC
33. RONALDO	33. LEBLANC
34. EDUARDO	34. LEBLANC
35. RONALDO	35. LEBLANC
36. EDUARDO	36. LEBLANC
37. RONALDO	37. LEBLANC
38. EDUARDO	38. LEBLANC
39. RONALDO	39. LEBLANC
40. EDUARDO	40. LEBLANC
41. RONALDO	41. LEBLANC
42. EDUARDO	42. LEBLANC
43. RONALDO	43. LEBLANC
44. EDUARDO	44. LEBLANC
45. RONALDO	45. LEBLANC
46. EDUARDO	46. LEBLANC
47. RONALDO	47. LEBLANC
48. EDUARDO	48. LEBLANC
49. RONALDO	49. LEBLANC
50. EDUARDO	50. LEBLANC
51. RONALDO	51. LEBLANC
52. EDUARDO	52. LEBLANC
53. RONALDO	53. LEBLANC
54. EDUARDO	54. LEBLANC
55. RONALDO	55. LEBLANC
56. EDUARDO	56. LEBLANC
57. RONALDO	57. LEBLANC
58. EDUARDO	58. LEBLANC
59. RONALDO	59. LEBLANC
60. EDUARDO	60. LEBLANC
61. RONALDO	61. LEBLANC
62. EDUARDO	62. LEBLANC
63. RONALDO	63. LEBLANC
64. EDUARDO	64. LEBLANC
65. RONALDO	65. LEBLANC
66. EDUARDO	66. LEBLANC
67. RONALDO	67. LEBLANC
68. EDUARDO	68. LEBLANC
69. RONALDO	69. LEBLANC
70. EDUARDO	70. LEBLANC
71. RONALDO	71. LEBLANC
72. EDUARDO	72. LEBLANC
73. RONALDO	73. LEBLANC
74. EDUARDO	74. LEBLANC
75. RONALDO	75. LEBLANC
76. EDUARDO	76. LEBLANC
77. RONALDO	77. LEBLANC
78. EDUARDO	78. LEBLANC
79. RONALDO	79. LEBLANC
80. EDUARDO	80. LEBLANC
81. RONALDO	81. LEBLANC
82. EDUARDO	82. LEBLANC
83. RONALDO	83. LEBLANC
84. EDUARDO	84. LEBLANC
85. RONALDO	85. LEBLANC
86. EDUARDO	86. LEBLANC
87. RONALDO	87. LEBLANC
88. EDUARDO	88. LEBLANC
89. RONALDO	89. LEBLANC
90. EDUARDO	90. LEBLANC
91. RONALDO	91. LEBLANC
92. EDUARDO	92. LEBLANC
93. RONALDO	93. LEBLANC
94. EDUARDO	94. LEBLANC
95. RONALDO	95. LEBLANC
96. EDUARDO	96. LEBLANC
97. RONALDO	97. LEBLANC
98. EDUARDO	98. LEBLANC
99. RONALDO	99. LEBLANC
100. EDUARDO	100. LEBLANC

Papel com escalações de Brasil e França; setas indicam Edmundo titular e Ronaldo na reserva

SÉRIE É PUBLICADA AOS DOMINGOS

O texto de Sérgio Dávila, editor executivo da Folha, faz parte da série "A Minha Copa", publicada aos domingos. Leia os textos anteriores em www.folha.com.br/folhanacopa

Anexo 10 – Ainda não é, mas pode ser - Tostão

D4 esporte ★ ★ ★ DOMINGO, 9 DE MARÇO DE 2014

FOLHA DE S. PAULO

APÓS OS amistosos das seleções, aumentou o favoritismo do Brasil. A turma dos eufóricos, pachecos, acha que é impossível perder a Copa em casa, que Xavi e Iniesta são craques de museu, que a troca de passes do Barcelona e da Espanha está ultrapassada e sem graça, que a Alemanha é uma ilusão, por causa do sufoco contra o Chile, e que a defesa da Argentina é pior que a do Ibs. A seleção brasileira é a única pronta para o Mundial. Um ano antes, era o contrário. Méritos para Felipe, ele já definiu o sistema tático, as variações, o time titular, as reservas com chances de entrar durante as partidas e os que estarão na Copa, mas que, dificilmente, terão oportunidade de atuar.

Felipão é um desses profissionais que não ruminam e que não têm

Ainda não é, mas pode ser

TOSTÃO

eternas dúvidas. Fiz, às vezes, mais pelo que deu certo que pela realidade de atual. Isso pode ser perigoso.

O Brasil deveria ter enfrentado, nesse amistoso, uma seleção que marcasse mais atrás, como fez a Romênia, contra a Argentina. Times que deixam muitos espaços nas costas dos defensores, como a África do Sul, vão penar contra jogadores hábeis e velozes, como Neymar, Messi, Agüero e outros.

Neymar tem de atuar mais perto do gol, como fez nesse jogo. Com isso, não dá para voltar para prote-

Seleção está pronta há quase um ano. Isso é bom e me preocupa. Receio que falte o novo, que pode ser melhor

ger Marcelo, como Hulk faz pela direita. Se Oscar atuar pela esquerda, melhora a marcação, mas falta o armador pelo centro. Os outros técnicos estão de olho no Brasil.

Enquanto isso, Espanha e Alemanha ainda não definiram o centro-avante. Diego Costa deu muita careluda na estreita, contra a Itália. Pa-

rece que os alemães estão preocupados em escalar Klose, para ele tentar bater o recorde de gols de Ronaldo em Copas do Mundo.

A pior defesa do mundo, a da Argentina, como os ufanistas gostam de dizer, foi melhor que o poderoso ataque, contra a Romênia. O time tem sofrido poucos gols. Messi, Agüero e Higuain, mais uma vez, ficaram embotados pelo meio. Não havia jogadas pelos lados, a não ser quando Di Maria avançava pela esquerda. Os dois laterais marcam muito, mas são fracos no apelo.

Estou otimista com a seleção brasileira, confiante, desconfiando. O time está muito bem, pronto, mas pode melhorar. Preocupa-me o fato de tudo ter sido definido a um ano do Mundial. É muito tempo.

Planejamento é essencial, mas me fascina, e é também importante, o novo, a surpresa, o acaso, o que ainda não é, o que não mostrou suas garrafas. Costumam ser as coisas mais belas e eficientes.

Assim que precisamos do microscópio, da lupa, do tira-teima, para ver alguns lances, nossa visão do que está nebuloso, encoberto, é precária. Não emergimos o mais importante, o que está à frente. Após o fato, as explicações ficam claras, óbvias.

Bem que estava desconfiado, dirá o comentarista.

Duda conquista o bi no salto em distância

ATLETISMO Brasileiro saltou 8,28 m na última tentativa na Polônia e venceu o Mundial indoor pela segunda vez

DE SÃO PAULO

O paulista Mauro Vinícius da Silva, Duda, 27, conquistou ontem o bicampeonato mundial indoor do salto em distância, no torneio disputado em Sopot, na Polônia.

A vitória veio somente no último salto, quando atingiu 8,28 m. No primeiro, Duda havia chegado à marca de 8,06 m. Terminou a primeira rodada em segundo lugar, atrás do chinês Jinchu Li, que abriu a disputa com 8,23 m.

Nos dois saltos seguintes, a performance do brasileiro não foi a mesma. Na segunda tentativa, atingiu 7,91 m. Na terceira, queimou. Ao seu lado, Li parecia se encaminhar para a vitória. Em seu terceiro salto, o chinês conseguiu 8,23 m novamente.

Concentrado, Duda chegou a 8,04 m em seu quarto salto, mas voltou a queimar no quinto, assim como Li, até então líder da prova. O paulista tentou que passar por uma situação parecida com a eliminatória, quando conseguiu

avancar para a final apenas no último salto. E assim foi.

Na sua sexta tentativa, Duda alcançou 8,28 m, igualando o recorde brasileiro indoor, que era dele mesmo desde 2012, em Istambul, na Turquia, quando alcançou o seu primeiro título mundial. Bastou, então, apenas esperar os saltos dos rivais para confirmar o título.

"Eu não consigo acreditar que acabei de me tornar bicampeão mundial. Acho que só amanhã [hoje] vou entender mais ou menos o que está acontecendo. Nós trabalhamos muito. Não existe nenhum campeão sem muito treino e dedicação. O treino tem que ser muito forte", disse Duda em entrevista para o canal SporTV após a vitória.

"Na hora [do salto], temos que ter muita calma, porque sem a calma, vem lesão, erro e o resultado, não. Eu tinha que fazer o mais próximo do meu melhor. Hoje, sou o cara mais feliz do mundo por ter igualado o meu recorde mundial", afirmou o atleta.



O brasileiro Duda salta no Mundial indoor na Polônia

FOCO



João Victor Marcarí Oliveira, durante treino em competição no Chile

Cavaleiro, filho de Hortêncio leva ouro em seu primeiro torneio internacional

PAULO ROBERTO CONDE
ENVIADO ESPECIAL A SANTIAGO

"Acho que agora provei que estou na linhagem da família", afirma João Victor Marcarí Oliveira, 18, que carregou no gene a herança de uma heroína do esporte nacional.

Ele é filho de Hortêncio, campeã mundial de basquete em 1994 e vice-campeã olímpica em Atlanta-1996. Ontem, João Victor obteve uma façanha, que acredita, "deu um pouco de orgulho

para ela". Logo em sua primeira competição internacional pelo país, os Jogos Sul-Americanos de Santiago, ele levou uma medalha de ouro.

Cavaleiro, foi ao alto do pódio na prova de adestramento por equipes, com Leandro da Silva, João Paulo dos Santos e Elisabeth Aragão. "Saiu dentro do que esperava."

A prova teve só três times participantes — Brasil, Chile e Argentina. O baixo quórum é comum na competição. Ele ainda disputará a prova de

adestramento individual.

Se de Hortêncio herdou o talento esportivo, foi com o pai, o empresário José Victor Oliveira, que conheceu a equitação e se manteve no —ca —ricíssimo— esporte. O atleta treina em um haras, com cerca de 120 cavalos, mantido pelo pai em Sorocaba (SP).

Também sai do bolso de José Victor, que foi a Santiago acompanhar as provas, quase todas as despesas do filho. "Meu pai paga a comida dos cavalos, treinador, veteriná-

rio, tratamento", enumerou. O gasto mensal médio de um cavaleiro, segundo ele, varia de R\$ 5.000 a R\$ 10 mil.

"É na base do 'patrocínio' mesmo", contou João, que cursa o 3º colegial e, como o pai, quer envolver-se pelos negócios. "Minha ideia é ajudar nas empresas que ele tem."

Ele sonha em disputar os Jogos Olímpicos do Rio, em 2016, quando terá 20 anos.

O sobrenome famoso pode operar a favor ou contra. O que João Victor não quer é pressão para seu lado. "Se eu chegar só perto do que minha mãe fez, já está ótimo".

O repórter PAULO ROBERTO CONDE viajou a convite do Comitê Olímpico Brasileiro

O maior rival do Brasil é o próprio Brasil, diz Magnano

BASQUETE A cinco meses do Mundial, técnico da seleção brasileira espera contar com todos os jogadores que atuam na NBA

EDER FANTONI
DE SÃO PAULO

Ainda faltam quase cinco meses para o Mundial masculino de basquete. Mas o técnico da seleção, o argentino Rubén Magnano, já mandou uma mensagem aos atletas.

"Espero uma resposta positiva de todos os jogadores que eu compozer", disse Magnano em entrevista à Folha.

O treinador quer evitar passar de novo pelo cenário sombrio da Copa América do ano passado, quando seis jogadores com contratos com times da NBA pediram dispensa.

O Brasil foi eliminado com quatro derrotas e só obteve a vaga no Mundial graças a um convite da Fiba (Federação

Internacional de Basquete). O torneio será disputado entre os dias 30 de agosto e 14 de setembro. O Brasil está no Grupo A, com Espanha, França, Sérvia, Irã e Egito.

Magnano pede, contudo, que os torcedores respeitem os jogadores que pediram dispensa. Em setembro, o pivô Nerlens O'Connor, do Washington Wizards, foi vaiado durante partida contra o Chicago Bulls, em turnê da NBA pelo Rio.

"Espero que eles recebam todo o apoio da torcida, porque vão representar o país na Olimpíada de 2016", afirmou.

Rubén Magnano — Não, mas é o mais competitivo.

Qual é o objetivo no Mundial? Vai depender muito do material que eu tiver em mãos. Temos que estar o mais preparado possível.

Qual é a equipe mais difícil? O Brasil tem que pensar em seu primeiro rival, que é o próprio Brasil. É importante que todos os atletas estejam à disposição para jogar, para fazer uma equipe como na Olimpíada [de 2012]. É temos que seguir trabalhando comprometidos com a seleção.

O Brasil poderá ter os jogadores que atuam na NBA? Espero uma resposta posi-

tiva de todos os jogadores. Não só os da NBA, mas também dos que jogam na Europa e no Brasil. A ideia é levar o maior potencial possível.

Você acha que a torcida vai "perseguir" esses jogadores que atuam na NBA? Espero que não, que os jogadores recebam todo o apoio da torcida, porque muitos deles vão representar o país, não só no Mundial, mas também na Olimpíada de 2016. Acho muito feio ser vaiado por seu próprio país.

A seleção do Mundial deve ser diferente do time que disputou a Copa América. Isso atrapalha o planejamento? Faz quatro anos que estou

aquei. Não vai mudar o jeito de jogar. A essência do jogo não se perde. E todos eles sabem como jogar.

A pressão em cima dos jogadores, depois do fracasso na Copa América, atrapalha? Temos jogadores preparados para isso. O que para um cara normal pode ser pressão, para eles é um desafio.

O que mais pesou para a Fiba convidar o Brasil? Primeiro, o trabalho excelente da CBB. E tem a história do basquete brasileiro. O Brasil é um país com 200 milhões de habitantes e tem jogadores importantes na NBA. É para a Fiba é um produto comercial muito importante.

“O Brasil tem que pensar em seu primeiro rival, que é o próprio Brasil

“Espero que os jogadores [que atuam na NBA] recebam todo o apoio da torcida, porque muitos vão representar o país, não só no Mundial, mas também na Olimpíada de 2016. Acho muito feio ser vaiado por seu próprio país

RUBÉN MAGRANO Técnico da seleção brasileira masculina de basquete

Folha — Considera a chave do Brasil um "grupo da morte"?

Anexo 11 – Procurando Trajano - Tostão

FOLHA DE S.PAULO

QUARTA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2014 ★ ★ ★ esporte D3

Procurando Trajano

TOSTÃO

LI, EM poucos dias, o delicioso livro "Procurando Mônica", escrito por José Trajano. São lembranças de sua adolescência. Desde a Copa de 2010, não o vejo pessoalmente. De vez em quando, falamos por telefone. Em 1998, antes da Copa, sei da TV Bandeirantes, recebi convites da Globo e de outras emissoras, mas preferi a ESPN Brasil, por causa de Trajano, que já conhecia. A emissora tinha poucos anos de vida.

Todos os dias, pela manhã, ligo a TV, procurando Trajano, para escutar suas opiniões inteligentes, críticas e trônicas sobre futebol (sem fitebolês), música, política e todos os assuntos. Não o encontro. Acabou o "Pontapé Inicial". Mas posso vê-lo no "Linha de Passe".

O tencinismo invadiu o futebol na televisão. As análises técnicas, táticas

e as estatísticas são essenciais, desde que não sejam exageradas. O jogo é também uma representação da vida. Os sistemas táticos servem de referência, de repressão e de avisos aos atletas, de que eles não podem ultrapassar certos limites. Isso gera conflitos. Os momentos diferentes de um jogo e de uma existência se entrelaçam e formam uma história. Quando termina, dissecamos os fatos, sem as emoções do instante em que aconteceram. Muda-se a história.

A grande diferença entre a vida e o futebol é que, na vida, sempre perdemos no fim. O narcisismo huma-

O jogo de futebol é uma disputa técnica, tática, física e também uma representação da vida

no não suporta a finitude da vida.

RACISMO

Concordo com Hélio Schwartzman, mas já pensei diferente. É absurdo fechar estádios e punir clubes e uma imensa torcida por causa de um ou de alguns vândalos e racistas. Esses precisam ser identificados, proibidos de frequentar estádios e penalizados duramente pe-

las leis. Na época em que jogava, o racismo, este hediondo crime, era mais frequente, e as pessoas se indignavam menos que hoje.

ENTENDIDOS

Os comentaristas gostam de elogiar a maneira de jogar dos times europeus, com dois volantes, que ataca e defende, e outro mais centralizado e próximo do centroavante. Quando Oswaldo de Oliveira faz o mesmo no Santos, os mesmos entendidos, como Nelson Rodrigues gostava de chamar os analistas, fa-

lam que o time fica muito ofensivo e que só pode jogar desta maneira contra os pequenos.

LIGA DOS CAMPEÕES

Se o Barcelona, com dois gols de vantagem, for eliminado hoje, em casa, para o Manchester City, viro a folha e passo a torcer para o Bayern ou para o Real Madrid, ativamente, os dois melhores times da Europa. Além dos problemas já conhecidos, o Barcelona passou a ter dificuldades para vencer os pequenos, que marcam muito atrás e não deixam espaços para a equipe trocar passes para alguém penetrar e receber a bola dentro da área, como geralmente faz.

No Campeonato Espanhol, Neymar não tem a moleza que teve contra a fraquíssima África do Sul.



senhor estívia

No São Paulo há mais de um mês, Pato tenta repetir hoje o seu retrospecto favorável quando defende um time pela primeira vez

O atacante Alexandre Pato, no centro de treinamento do São Paulo, na Barra Funda

RAPHAEL VALENTE DE SÃO PAULO

Após um mês de espera, a torcida do São Paulo finalmente verá Alexandre Pato, 24, principal reforço da equipe em 2014, entrar em ação. Se depender do retrospecto, o torcedor deve comemorar gol e a vitória hoje diante do CSA, às 23h, em Maricá, pela Copa do Brasil.

Pato costuma estrair com o pé direito por onde passa. Até hoje, sempre marcou gols e nunca foi derrotado ao debutar por uma nova equipe. Foi assim no Internacional, em 2006. Tinha 17 anos, fez um gol e deu duas assistências na goleada por 4 a 1 sobre o Palmeiras.

Ele repetiu a dose no Milan, quando fez o último gol no triunfo por 5 a 2 sobre o Napoli, em 2008, no italiano.

O mesmo ocorreu na seleção brasileira, quando saiu da reserva e fez belo gol de cobertura, de fora da área, na vitória por 1 a 0 sobre a Suécia, em 2008, em Londres.

No ano passado, pelo Corinthians, também deixou a reserva e fez um no triunfo de 5 a 0 no Oeste, no Pacaembu.

Hoje, tudo que o são-paulino deseja é presenciar algo semelhante. A espera para vê-lo em campo, além de ser longa, foi também tortuosa.

Pato passou um mês inteiro treinando, sem poder entrar em campo por força do regulamento do Paulista.

Ao ser contratado pelo São Paulo no início de fevereiro, ele já havia feito cinco jogos no Estadual pelo Corinthians —o mínimo permitido pela federação são três. Assim, teve de abrir mão do torneio.

O mesmo não ocorreu com

Jadson, também envolvido na negociação entre São Paulo e Corinthians. Mas, enquanto Pato foi em prestado por dois anos, o meia foi para o arquirival de forma definitiva.

E Jadson havia feito só um jogo pelo São Paulo no Estadual.

MANO PEDE FOCO EM JADSON, NÃO EM PATO

O Corinthians ainda não esqueceu o atacante que custou R\$ 40 milhões e foi uma decepção. A situação chegou ao ponto de Mano Menezes pedir para todos se preocuparem apenas com Jadson e não pensarem em Pato. Mas a irritação no clube é geral, ainda mais após o jogador festejar no Twitter a vitória tricolor no clássico de domingo. O Corinthians paga 50% de seu salário (R\$ 400 mil),

dual. No Corinthians, em cinco jogos, fez três gols e deu quatro assistências.

O desempenho de Pato será comparado com Jadson. Além desta pressão, ele deve substituir Oswaldo, que vive a melhor fase no time após um 2013 bastante irregular.

Qu seja, um início ruim pode esfriar o ânimo da torcida.

Nesse caso, Pato também tem a tabela contra. Depois de hoje, ele só voltará a atuar em 9 de abril, se houver o jogo de volta da Copa do Brasil —o São Paulo pode eliminar o rival se vencer por dois ou mais gols de diferença.

Al, Pato só voltará a jogar em 20 de abril, no Brasileiro.

A diretoria do clube até ensaiou fazer um acordo para ter o jogador contra o Corinthians no segundo semestre, mas o presidente corinthiano rechaçou a ideia.

CSA
T: Oliveira Carneiro
Estádio: Rui Paiva, em Maricá
Árbitro: Renan Roberto de Souza (PB)

SÃO PAULO
T: Mirley Ramalho
Estádio: Rui Paiva, em Maricá
Árbitro: Renan Roberto de Souza (PB)

NA TV
22h ESPN Brasil, Globo e SporTV 2

VILHENA
T: Marcos Bigli
Estádio: Portal de Amazônia, em Vilhena
Árbitro: Paulo Schleich Volkoff

PALMEIRAS
T: G. Kleina
Estádio: Estádio do Pacaembu

NA TV
19h30 ESPN Brasil e SporTV

PALMEIRAS Até derrota dará 'bicho' para o rival de Rondônia

Vilhena levará R\$ 100 mil se houver 2º jogo DE SÃO PAULO

Para o elenco da equipe do Vilhena, de Rondônia, perder por até um gol de diferença para o Palmeiras hoje pela primeira fase da Copa do Brasil, valerá mais do que um mês de trabalho.

O diretor de futebol do clube, José Natal Pimenta Jacob, prometeu um "bicho" (premiação) de R\$ 100 mil caso o time force a realização do segundo jogo, em São Paulo, em 10 de abril. O Palmeiras elimina o jogo da volta se vencer por dois gols de diferença.

A folha salarial do Vilhena é cerca de R\$ 80 mil —o valor corresponde ao salário do lateral Wendel, do Palmeiras.

"É um momento único", disse o dirigente. A prefeitura da cidade decretou ponto facultativo hoje.

Os 13 mil bilhetes colocados à venda foram vendidos por valores que variam de R\$ 50 a R\$ 70 —reajuste de até 250% em relação aos R\$ 20 cobrados na Copa Nordeste e no Estadual.

No Palmeiras, o técnico Gilson Kleina vai apostar em Alan Kardec, Vinícius e Patrick Vieira para evitar o jogo no Pacaembu.

Embora Vilhena não tenha sido afetada diretamente, Rondônia enfrenta problemas com a cheia do rio Madeira. Há cidades que decretaram estado de calamidade pública, (até o momento)

RATAÇÃO Novo técnico de Cielo diz que gostaria de vê-lo treinando para os 100 m livres

DO ENVIADO A SANTIAGO - O australiano Scott Volkert terá dois anos e cinco meses trabalhando até os Jogos do Rio, em 2016.

Conforme a Folha antecipou, ele será, a partir da próxima semana, o treinador do nadador Cesar Cielo, tricampeão mundial dos 50 m livre.

Ele foi confirmado ontem como atleta do Minas Tênis Clube e estrairá pela equipe no Troféu Maria Lenk, em abril.

Volkert substituirá o norte-americano Scott Goodrich,

com quem Cielo trabalhava desde 2013. Sob Goodrich, Cielo levou o ouro nos 50 m livre e nos 50 m borboleta no Mundial de Barcelona. Mas o norte-americano recebeu propostas, o que gerou o fim da parceria.

Na segunda, Volkert, que compõe a comissão técnica do Brasil nos Jogos Sul-Americanos do Chile, falou pela primeira vez sobre o novo pupilo.

Chefe de natação no Minas, ele acredita que Cielo tem condições de voltar a treinar seriamente para os 100 m livre.

Recordista mundial da prova (46s91), o brasileiro disse após os Jogos de Londres que se concentraria nos 50 m livre.



» QUEDA Marcelo Moreno (foto) desperdiçou chances, Dagoberto perdeu pênalti e o Cruzeiro foi batido ontem pelo Defensor, do Uruguai, por 2 a 0, na Taça Libertadores

BASQUETE Oscar recebe alta após 22 dias de internação em SP

DE SÃO PAULO - Oscar Schmidt, ex-jogador da seleção brasileira de basquete, recebeu alta ontem de manhã. Ele estava internado há 22 dias no Hospital Sírio-Libanês para tratar de uma arritmia cardíaca.

Em 2011, Oscar foi diagnosticado com câncer no cérebro e os médicos o mantiveram hospitalizado para investigar se a arritmia tinha algo a ver com a doença.

Ontem, o maior cestinha da história da basquete profissional, com 49,703 pontos, postou mensagem em sua conta no Facebook para dizer estar lutando com garra contra o câncer.



Anexo 12 – Começou a festa – Tostão

D8 copa 2014 ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 2014

FOLHA DE SÃO PAULO



NA PRIMEIRA vez em que fui convocado para a seleção, entre os 44 jogadores que iniciaram os treinos para a Copa de 1966, na Inglaterra, recebi a notícia pelo rádio, em um táxi. Tinha 19 anos e não possuía carro. A lista final dos 22 saíra na Suécia, onde o Brasil foi treinado e jogar, antes de ir para Liverpool.

Era reserva de Pelé e não estava garantido. Dias antes do anúncio, encontrei, no corredor do hotel, o supervisor Carlos Nascimento (o técnico era Feola), um homem duro, disciplinador. Distrato ou por um ato fático, perguntei quando iríamos para a Inglaterra. Ele me olhou e disse: "Quem falou que você vai à Copa"? Percebi minha petulância, o mico, e pensei que isso me tiraria do Mundial. Ou foi o contrário? A comissão técnica poderia ter me achado

do decidido, um garoto que sabia o que queria.

Como era esperada, a convocação da seleção foi um show, um espetáculo, visual e comercial. Não faltou também o beija-mão.

Eu também convocaria Hernanes, mas pensei que Felipe chamaria Lucas Leiva. Explico. Como o técnico gosta de um volante mais recuado, para marcar, fazer a cobertura dos laterais, que apoiam muito, imaginei que Lucas Leiva seria o reserva de Luiz Gustavo, por ter essas características.

Começou a festa

TOSTÃO

O único contestado pela maioria foi Henrique; ainda bem que, como última opção, dificilmente vai jogar

Fernandinho pode atuar no lugar de Luiz Gustavo, mas perderia o que tem de melhor que é a chegada à frente, os dribles, os passes e as finalizações. No Manchester City, ele e Taurie se alternam na marcação e no apoio.

A convocação de Henrique é injustificável. O técnico tem de ter confiança em todos os jogadores. Hen-

rique, para o nível de seleção, é fraco como zagueiro, como volante ou como lateral-direito. Ainda bem que dificilmente vai jogar. É a última opção entre os quatro zagueiros. Talvez essa seja a razão de sua convocação, a confiança do técnico de que ele não vai entrar.

Achava também que Hernanes não seria chamado porque Ramires ocupou as funções de Hernanes na Copa das Confederações, a de terceiro volante, quando o técnico queria mudar o sistema tático, ou de meia. Ramires poderá ser, na Copa, o pri-

meiro reserva em várias posições. Nunca vi uma seleção, antes de uma Copa, tão pronta e com um técnico tão bajulado, o super-herói do povo brasileiro. O time titular já foi escalado um ano antes do Mundial. O sistema tático e as opções já são conhecidos. Parte dessa tranquilidade é por causa da Copa das Confederações, uma conquista supervalorizada. Nos dois últimos mundiais, o Brasil também brilhou nessa competição.

É óbvio que planejar e definir, como fez muito bem Felipe, é importante em qualquer atividade. Nada pior que um técnico indeciso. Porém, há sempre um porém, as seleções que mais brilharam ficaram prontas durante a competição. As coisas mais encantadoras e eficientes são as que surpreendem.



Em Manaus

Torcedores acompanham a convocação diante de barcos atracados no porto da cidade



Em São Paulo

Pessoas no centro da cidade param para ver quem foi chamado pelo técnico Felipe

STF confirma benefícios à Fifa na Copa

MUNDIAL. Se entidade sofrer prejuízo causado por manifestações em perímetro de arenas, governo terá de ressarcir

MÁRCIO FALCÃO DE BRASÍLIA EDUARDO GHATA DE SÃO PAULO

O STF (Supremo Tribunal Federal) considerou legal ontem benefícios concedidos pelo governo à Fifa, como a responsabilidade civil da União por danos a entidade que controla o futebol mundial resultantes de questões relacionadas à segurança. "Se alguém, durante um protesto violento ligado à Copa, atrair um tijolo no carro do presidente da Fifa, Joseph Blatter, por exemplo, é o governo que terá de pagar pelo prejuízo", argumentou

o especialista em direito esportivo Eduardo Carlezzo. Por esse artigo estão cobertos pela Fifa ou seus representantes que forem produto de eventuais manifestações violentas que acontecerem nos estádios do Mundial. As medidas foram fixadas pela Lei Geral da Copa.

A decisão de ontem foi tomada durante julgamento de uma ação do Ministério Público Federal que questionava a constitucionalidade de três pontos da lei, de 2012.

Aprovada em 2012, a norma foi discutida por anos e até causou desgaste na relação do governo com a Fifa.

O STF também confirmou o prêmio de R\$ 100 mil pago e mais um auxílio mensal aos jogadores das seleções que representaram o Brasil nas Copas de 1958, 1962 e 1970. O auxílio especial mensal aos ex-atletas, que será pago

“O que me incomoda é essa visão ingênua. O que está em jogo é muito dinheiro.

Essa entidade [Fifa] e seus satélites vão ganhar bilhões e nós brasileiros ficaremos com a conta

JOAQUIM BARBOSA presidente do STF

pelo INSS, completará a renda mensal até que seja atingido o valor máximo do salário de benefício da Previdência Social. A medida vale para jogadores sem recursos ou com recursos limitados. "O auxílio aos atletas que

foram campeões nas três Copas foi uma medida inserida na Lei Geral da Copa, mas que não possui qualquer relação com a Copa do Mundo de 2014", apontou Carlezzo. "Sua constitucionalidade foi confirmada pelo reconhecimento da possibilidade de o governo estabelecer auxílios especiais para um grupo que pretende honrar, bem como pela existência de benefícios semelhantes já concedidos a outros indivíduos", concluiu o advogado.

O julgamento foi marcado por fortes críticas ao presidente do tribunal, Joaquim Barbosa, "às exonerções gigantescas" em favor da Fifa,

sustentando que ela ganhará bilhões e os brasileiros vão ficar com a conta.

Por conta das manifestações da parte de cada um dos ministros que participaram da votação, a sessão foi mais demorada do que o previsto. Dez ministros rejeitaram a ação na totalidade. Barbosa votou pela inconstitucionalidade apenas da dispensa tributária para a Fifa nas despesas com processos.

Nesse caso, essa questão será relevante apenas nos casos em que exista um processo judicial envolvendo a Fifa, suas subsidiárias no Brasil, seus representantes legais, consultores e empregados.

Clubes de SP ficam sem jogador na seleção pela 2ª vez na história

DE SÃO PAULO

Pela segunda vez na história, nenhum jogador de clube paulista irá defender o Brasil na Copa do Mundo.

Só uma vez na história, em 1930, o Brasil não teve nenhum jogador de time paulista convocado para a Copa.

Na ocasião, a equipe estava desfalcada dos atletas de São Paulo devido a uma briga política entre federações. Uma coincidência em relação aos convocados que atuam no Estado de São Paulo na época da Copa é que na conquista dos cinco títulos do Brasil havia jogadores de São Paulo e Palmeiras.

Neste ano, o Estado não ficará de fora da busca pelo hexa. O número de nascidos em São Paulo é o terceiro maior da história do Brasil em Mundiais. Dos 23 convocados ontem pelo técnico Luiz Felipe Scolari, nove são paulistas.

Apenas um a menos do que marca de 1974 e a dois do recorde de 1954, quando 11 paulistas disputaram a Copa.

Além dos quatro grandes clubes de São Paulo, a lista de Felipe também não contempla nenhum jogador de Flamengo, Vasco, Grêmio, Cruzeiro ou Internacional.

Assim, as nove maiores torcidas do Brasil, segundo Datafolha, não terão representantes na seleção brasileira nesta Copa do Mundo.

Segundo pesquisa Datafolha publicada em dezembro de 2012, estes são os times preferidos dos brasileiros.

O décimo colocado na lista é o Atlético-MG, clube que tem dois jogadores entre os convocados: o goleiro Victor e o atacante Jo. O Brasil ainda terá mais dois atletas que jogam no país: o goleiro Jefferson, do Botafogo, e o atacante Fred, do Fluminense.

O Botafogo é o clube que mais creta jogadores à seleção em Copas. Com Jefferson neste ano, são 47 atletas.

Em 2010, o Brasil teve dois atletas que atuavam no país: Riebersson, do Flamengo, e Robinho, emprestado do Manchester City ao Santos.

Anexo 13 – Bola e apito - Juca Kfourri



FOLHA DE SÃO PAULO ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2014



Com pênalti inexistente, Brasil ganha a primeira

GRUPO A Com 1 a 1 no placar, Fred cai na área em jogada com o zagueiro Lovren e ilude o árbitro japonês; croatas se revoltam

BERNARDO TIRI
MARCEL RIZZO
RAFAEL VALENTE
SÉRGIO RANDEL
DE SÃO PAULO

Com ajuda da arbitragem, a seleção brasileira venceu, de virada, nesta quinta-feira (12), a Croácia por 3 a 1, no Itaquero lotado, na abertura da 20ª Copa do Mundo.

O segundo gol foi marcado por Neymar, depois de um pênalti cavado por Fred.

Aos 23min da segunda etapa, o atacante do Fluminense desabou na área após o zagueiro Lovren ter feito um movimento e encostado a mão em seu braço.

O árbitro japonês Yuichi Nishimura, 42, marcou a penalidade máxima e foi imediatamente cercado e criticado pelos jogadores croatas.

Aos 26min, Neymar converteu o pênalti. O atacante do Barcelona já havia feito o primeiro gol do Brasil, aos 29min do primeiro tempo.

"Foi ridículo o que aconteceu aqui. Se continuar assim, vai virar um circo. Precisamos disso e espero que as coisas melhorem", disse o técnico da Croácia, Niko Kovac.

"Quando você está jogando em algum lugar, lógico que o árbitro tem alguma vantagem. Mas as regras devem ser iguais para todos. A regra da Fifa fala em respeito e tinha que acontecer isso aqui."

O japonês Nishimura havia atuado na eliminação da seleção na Copa de 2010, contra a Holanda. Na ocasião, ele expulsou o volante Felipe Melo, que deu um pisão no atacante holandês Robben, e deixou de marcar um pênalti de De Jong em Kaká.

O terceiro gol foi de Oscar, aos 46min. O meia do Chelsea e Neymar foram os destaques da seleção na estreia.

'FOI PÊNALTI'

"Milhares não viram [falta em Fred], mas ele [Nishimura] viu. Achamos que foi pênalti também", disse Felipeão. "Talvez tenham organizado cinco círculos mundiais freferindo-se aos títulos da seleção para o Brasil ser campeão. Nunca tivemos Pelé, Garrincha, Tostão, Milton Santos... Respeito a posição do colega [Kovac], mas não adianta discutir isso aqui."

Apesar da ajuda da arbitragem, a seleção teve uma boa atuação no Itaquero. O apoio dos torcedores emocionou os atletas. Alguns chegaram a chorar. No banco, Felipeão e Carlos Alberto Parreira também se emocionaram, assim como Dilma Rousseff, durante o Hino Nacional.

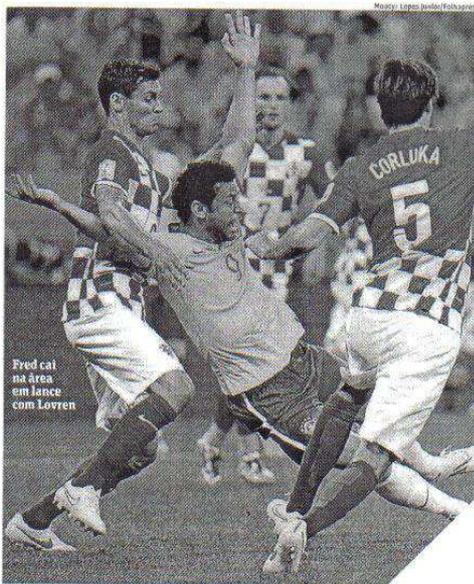
A presidente foi alvo de vitas e xingamentos de torcedores no menos cinco vezes, antes, durante e após o término da partida.

Em relação ao time, havia forte apoio, porém a seleção não se impôs no início.

E, com a defesa brasileira confusa, a Croácia abriu o placar aos 10min, num contra-ataque nas costas de Daniel Alves. Olic, que havia antecipado que a defesa do Brasil dava espaços, cruzou da esquerda, Jelavic desviou, e Marcelo marcou contra.

Mesmo em desvantagem, o Brasil se organizou para reagir, com Neymar e Oscar comandando a virada.

"Tivemos poder de reação. Evoluímos um pouquinho mais. Ainda vamos ter que melhorar bastante", disse Felipeão. Na terça (11), a seleção pegou o México, em Fortaleza.



Fred cai na área em lance com Lovren

Moisés Lopes (Imagem/Folha.com.br)



JUCA NA COPA

Bola e apito

PRIMEIRO TEMPO de primeira, disputado palmo a palmo, os brasileiros com a iniciativa do jogo, os croatas dedicados a marcar e contra-atacar, perigosos ao extremo porque, como dissera Olic, espaços há na defesa de Felipeão e a averida Daniel Alves é um deles.

Assim nasceu o gol contra de Marcelo e não fosse a jornada inspirada de Oscar dificilmente Neymar teria empatado ainda no primeiro tempo, embora deva se destacar o controle emocional do time nacional, que não se desesperou com a desvantagem logo de cara.

O segundo tempo não manteve o mesmo nível, até porque os croatas trataram de ficar mais com a bola, dificultando a iniciativa de jogo brasileira.

Até então é que apareceu o apitador japonês, para cair no conto de Fred, que desmoronou de maneira clara ao ser levemente tocado na grande área.

Brasileiros e croatas dignificaram a abertura da Copa. A arbitragem quase pôs tudo a perder

A virada brasileira em má cobrança de Neymar mudou a atitude croata e reacendeu o jogo, que voltou a ficar muito bom de ver.

Oscar em noite de gala fazia e desfezia a tal ponto que terminou por fazer o terceiro gol, de certa forma para amenizar o erro do árbitro, embora só um pouco e embora, também, um de seus auxiliares e contrariedade tivesse errado três vezes contra o Brasil.

O que vale, e mais que a má arbitragem, até mais que a vitória, foi a atuação dos dois times, certamente os de melhor nível no grupo, provavelmente os que seguirão adiante para as oitavas de final, porque o México dificilmente jogará com o nível de excelência que vimos ontem no estádio corinthiano.

Que, se não funcionou 100% como deveria, comportou-se melhor que o Soccer City quatro anos atrás.

Comportamento ruim mesmo só o da torcida, que, depois de cantar belissimamente o Hino Nacional à capela, singou a presidente da República de maneira a envergonhar seus filhos.

REPERCUSSÃO

Jornais internacionais discutem favorecimento do Brasil na abertura da Copa



OLÉ
Argentina
O jornal argentino destacou que a vitória do Brasil por 3 a 1 sobre a Croácia, nessa quinta (12), na abertura da Copa do Mundo, "foi roubada".



MARCA
Espanha
"Um favor ao Brasil para começar", escreveu o jornal espanhol "Marca", após o polémico pênalti marcado pelo árbitro japonês Yuichi Nishimura.



EL PAÍS
Espanha
Outro jornal da Espanha, o "El País" afirmou que Neymar finalizou o trabalho do árbitro. O jogador teve boa atuação no jogo, marcando duas vezes.



LIBÉRATION
França
O jornal francês "Libération" atribuiu a vitória ao "pênalti" de Neymar e ao árbitro. O jornal ainda afirma: as vezes é bom jogar o Mundial em casa.



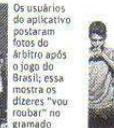
L'ÉQUIPE
França
A publicação francesa destaca a atuação de Neymar, mas lembra o erro da arbitragem no pênalti marcado no atacante Fred.

BEM BOLADO

Enquanto isso, usuários do Instagram fazem piadas e publicam montagens com o árbitro japonês Yuichi Nishimura



Os usuários do aplicativo postaram fotos do árbitro após o jogo do Brasil; essa música os dizesse: "you roubou" no gramado.



Uma foto com o árbitro japonês usando uma camisa do Brasil, ao lado de Thiago Silva e David Luiz, também foi postada na rede social.



"Um tropeção não é uma queda, é um pênalti para o Brasil", dizia a montagem feita com a foto de Nishimura, após o pênalti.



"3 PENAL PARA BRASIL"

Imprensa mundial critica arbitragem de Nishimura

DE SÃO PAULO

A atuação do japonês Yuichi Nishimura roubou o holofotes da vitória brasileira na imprensa mundial.

O diário espanhol "El País" enfatizou a influência do juiz no jogo. "Neymar arreata o trabalho do árbitro".

O argentino "Old" foi taxativo: "Começou roubando". O também argentino "La Nación" apontou que o Brasil foi beneficiado por um pênalti inexistente e por outros lances, no mínimo, poéticos.

Na Croácia, o "Sportske Novosti" reproduziu a frase do técnico Niko Kovac: "O pênalti foi escandaloso".

No Twitter, a hashtag #RoboACroacia foi a mais comentada do mundo por horas.

Para o mexicano "Recore", não houve dúvidas sobre o pênalti: "Brasil foi beneficiado na estreia".

O diário esportivo italiano "Gazzetta dello Sport" cravou: "O Brasil passou pelo primeiro desafio com ajuda [do árbitro]".

A OPINIÃO DA FOLHA E DE DAN STULBACH

Ator, apresentador e diretor de teatro

Daniel Alves
Deixou gigantes espaços em suas costas

Oscar
Participou dos três gols e foi o cérebro do time

Neymar
Chamou o jogo e fez dois gols em sua estreia em Copas

Fred
Pôs o encosto na bola, mas cavou o pênalti decisivo

BRASIL		NOTAS DO CONTEÚDO		CROÁCIA	
Julio Cesar	6	6,5	6	Pletikosa	6
Daniel Alves	3,5	4	4	Sena	6
Thiago Silva	5,5	6	3,5	Corluka	6
David Luiz	4,5	7	5	Lovren	6
Marcelo	5,5	6	3,5	Vrsaljko	6
Paulinho (Hernanes)	4,5	5,5	6,5	Modric	6
Luiz Gustavo	6	7,5	6,5	Rakitic	6
Oscar	8	8	6,5	Perisic	6
Neymar (Ramires)	8	8,5	6,5	Kovacic (Brazovic)	6
Hulk (Bernard)	4	5,5	6,5	Olic	6
Fred	6	6	7	Jelavic (Rebic)	6
T.: Luiz Felipe Scolari	5,5	6	6	T.: Niko Kovac	6
	6	6	6		

Pletikosa
Boas defesas e por pouco não defendeu o pênalti

Corluka
Gates em Neymar quase o jogo todo

Rakitic
"Formiguinha" no meio de campo e muito bom na marcação

Olic
Falou que tinha e achou espaço nas costas de Daniel Alves

JUIZ DIZ QUE ESCOLHEU CARRERA AO VER ERRO

"Eu era técnico de times de garotos e num jogo o juiz cometeu erro. Percebi que o árbitro ajuda a tornar realidade o sonho do jogador. Decidi virar árbitro", disse Yuichi Nishimura à Fila TV.

Anexo 14 – Que Brasil é este? - Juca Kfourir

D12 **folha** FOLHA DE SÃO PAULO ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 2014



JUCA NA COPA

Que Brasil é este?

COM PAULINHO a seleção foi uma coisa. Insegura, incolor, irritante, embora nada seja apenas isso quando Neymar está em campo com seu repertório inesgotável de chapéus, canetas, toques de primeira e, fundamentalmente, gols, muitos gols, como se já tivesse longa vida no time. Com Fernandinho a seleção foi outra coisa.

Vibrante, rápida, certa, colorida, e nem precisou dos gols de Neymar, porque Fred e ele mesmo trataram de marcá-los para estabelecer o 4 a 1 que se queria 4 a 0, mas quem tudo quer nada tem.

O gol de Camarões serviu para revelar mais uma vez o tamanho da avenida Daniel Alves, urgentemente necessitada de um Maicon para congestioná-la.

A troca de Paulinho por Fernandinho falou por si só e não passa pela cabeça de ninguém que será desfeita contra o Chile, no sábado, em Belo Horizonte.

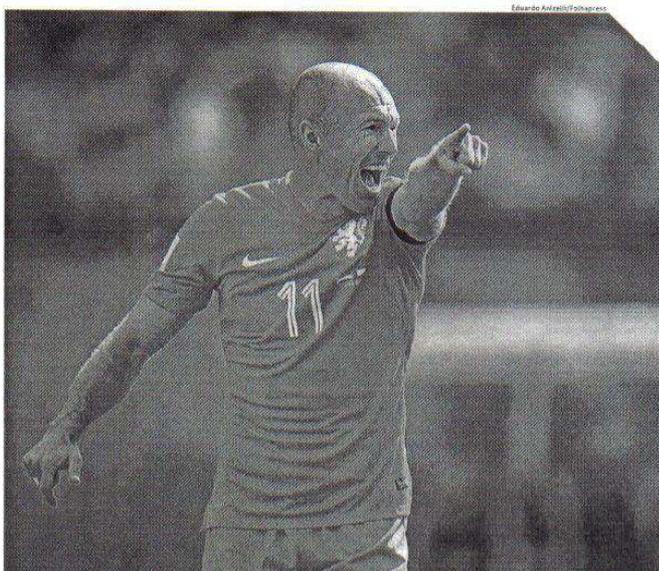
O time foi um no primeiro tempo e outro, melhor, no segundo. Felipão concorda?

Oscar ainda esteve melhor que Fred, sem confiança, incapaz de decidir como sempre fez, apesar de, enfim, ter desencantado.

O Chile vem aí, para nos enfrentar pela quarta vez em fases finais de Copas do Mundo. Nas outras três perdeu por muitos gols: 4 a 2, em 1962, pelas semifinais, no Chile; 4 a 1, em 1998, na França e 3 a 0, em 2010, na África do Sul, ambas pelas oitavas, como agora. Claro que a história não decide, mas pesa e pesará ainda mais depois que os andinos, eternos aspirantes a subir um degrau no pódio do futebol mundial, foram superados pelos holandeses, muito mais próximos da glória definitiva.

O Chile pode, mas só se houver um milagre ou se seleção brasileira facilitar sua vida e não tratar dos defeitos que ainda estão visíveis.

Mas infelizmente foi impossível ver Willian no lugar de Oscar, pois quando Felipão iria ver, preferiu poupar Neymar, no que fez muito bem.



Robben, que deu assistência para o segundo gol da Holanda, marcado por Memphis Depay, e foi eleito o melhor em campo

Para ficar 100%, Holanda troca bola por neurônios

GRUPO B Equipe concentra-se em neutralizar ataques do Chile e, com só 36% de posse de bola, faz 2 a 0; agora, pega o México



O time mais inteligente venceu (...) Pudemos neutralizar a posse de bola chilena (...). Criamos mais oportunidades, e eles só tiveram uma chance

LOUIS VAN GAAL, técnico da Holanda

DIEGO IWATA LIMA RAFAEL VALENTE ROBERTO DIAS DE SÃO PAULO

Se ainda restava alguma dúvida sobre o camaleão tático em que a Holanda se transformou, ela acabou na partida com o Chile. O time não só voltou ao esquema 5-3-2, com cinco zagueiros, como entregou o

controle do jogo para os chilenos, concentrando-se em neutralizar ataques do adversário e esperando a oportunidade para cirurgicamente matar a partida.

É o que o técnico Louis van Gaal chama de vitória "do time mais inteligente".

Inteligência corajosa, a ponto de deixar a bola 64% do tempo nos pés do adversário — um índice usualmen-

te observado em equipes muito fracas, o que certamente não é o caso desta Holanda.

A partida foi tão incomum que o técnico do Chile, Jorge Sampaoli, deixou o laqueirão pedindo que seu time volte a jogar exatamente como fez na derrota por 2 a 0.

Van Gaal não pode dizer o mesmo do lado holandês — seu esquema, explica, é montado de acordo com as circunstâncias. Diante do Chile, tinha um adversário ofensivo e um jogo disputado às 13h, com sol. Sua preocupação foi não "matar de cansaço" seus dois homens de frente, Robben e Lens.

A estratégia provou-se pagara sem a bola, os holandeses conseguiram chutar quase o dobro de vezes do adversário.

As duas bolas que entraram não só asseguraram aos holandeses o primeiro lugar da chave, tirando o Brasil do seu caminho nas oitavas, como lhes permitiram dormir como o único time com três vitórias.

Um bocadinho da Holanda mutante vem do banco.

Quando não tem Van Persie — que estava suspenso por cartões amarelos —, a equipe saca Fer e Depay para fazer

os gols que está procurando. Outro tanto dessa personalidade camaleônica está embutido no próprio leito do seu treinador, capaz de numa mesma entrevista discutir educadamente sua política liberal de concentração dos jogadores e atacar jornalistas que fazem perguntas táticas.

GRITARIA LATINA

A próxima mudança dos holandeses é em direção ao norte do país. Seu primeiro jogo no mata-mata será em Fortaleza, no domingo (29), contra o México. Duelo em que deverá encontrar, além de um dos goleiros que mais se destacaram na Copa, Ochoa, um estádio dominado pela torcida adversária, assim como foi contra o Chile.

Não que a gritaria latina chegue a assustar uma seleção que já bateu três vezes na trave ao disputar uma final de Copa. Desta vez, o time parece mais disposto a falar do que a ouvir, e o recado é claro: "Não é aqui que queremos parar", diz Robben, o melhor em campo nesta segunda.

O México reúne algumas das características dos chilenos: joga com três zagueiros e atua com insistência.

O JOGO E A OPINIÃO DA FOLHA E DE ANDRÉCIO DE SOUZA

HOLANDA 2 x 0 CHILE

Blind Com muito vigor, mudou o jogo pela esquerda

Sneijder Nem de longe lembrou o algoz do Brasil

Fer Em minutos fez mais do que Sneijder

Robben Teve que fazer tudo sozinho, e fez

NOTAS DE AMÉRICIO DE SOUZA

NOTAS DA FOLHA

GOLE DA HOLANDA Fer, nos 31 min.; Depay, aos 46 min.; 2º tempo

Jara Errou na marcação no gol holandês

Aranguiz Errou em todos os ângulos do campo

Mena Melhor opção ofensiva para os chilenos

Gutierrez Substituto de Vidal, perdeu a melhor chance do primeiro tempo

Estádio: Itaipava, em São Paulo. Árbitro: Edgar Gaitaneri (URU). Público: 42.596 presentes

GRUPO B Alvo de piadas, geração 'tique-taque' da Espanha se despede com 3 a 0

DE CURTIDA - Foi uma vitória de 3 a 0, numa partida bem jogada e com o melhor do tique-taque espanhol, mas ainda assim com um gosto melancólico.

Eliminada por antecipação, a Espanha encerrou nesta segunda (23) sua participação na Copa vencendo a Austrália — e, poucas horas depois, embarcou para casa.

Foi o fim de uma geração que notabilizou o "tique-taque" espanhol e faturou o Mundial de 2010 e duas Eurocopas, em 2008 e 2012.

A emoção dos jogadores, num misto de frustração com despedida, era visível.

O time demonstrou a engrenagem. Iniesta se destacou e fez boas enfiadas de bola, inclusive a que terminou no primeiro gol, de Villa, aos 30min.

A Austrália recusou e foi anulada pelo domínio de bola espanhol. Fernando Torres e Juan Mata fecharam o placar. Os poucos espanhóis que se aventuraram a ir à Arena da Baixada foram provocados por brasileiros com gritos de "Chile!" e "Adios, Espanha".

O JOGO E A OPINIÃO DA FOLHA E DE THIAGO PEREIRA

AUSTRÁLIA 0 x 3 ESPANHA

Ryan Fez boas defesas, mas não compensou a eficiência do toque de bola espanhol

Bresciano Frustrado por lesão, entrou no 2º tempo e se destacou em jogadas individuais

Leckie Jogou com vontade e foi responsável por boas armações da Austrália

Taggart Substituto do estrela Cahill, o atacante não conseguiu aparecer no jogo

NOTAS DE THIAGO PEREIRA

GOLE DA ESPANHA: David Villa, nos 35 min; Iniesta, nos 37 min; Torres, nos 42 min; 2º tempo

Juanfran O zagueiro, reserva, apareceu bem e animou a time espanhol pelo lado direito

Iniesta Cabeço do time espanhol, fez boas armações e fez o passe para dois gols

David Villa Autor de um gol de letra, destacou-se e foi aplaudido ao sair de campo

Mata Entrou bem no segundo tempo e marcou um bonito gol para a Espanha

Estádio: Arena da Baixada, em Curitiba. Árbitro: Néstor Simón (ARG). Público: 39.173 presentes

Anexo 15 – Júlio César redimido - Juca Kfour

D10 **FOLHA DE S. PAULO** ★ ★ ★ DOMINGO, 29 DE JUNHO DE 2014

Itaú extra CVC ESPN BRASIL



JUCA NA COPA

Júlio César redimido

A CÉSAR O que é de César, o Júlio. Depois de ser um dos responsáveis pela eliminação da seleção brasileira na Copa do Mundo da África do Sul, ao falhar, com Felipe Melo, no gol do empate que viraria virada holandesa, eis que o goleiro brasileiro virou o herói do time, e não "apenas" por ter defendido as duas primeiras cobranças da marca de pênalti dos chilenos, mas também, e principalmente, pela defesa espetacular que fez, com a bola em movimento, ali pela metade do segundo tempo, num tiramão de Aránguiz.

Redenção maior impossível. E, entre tantos vacilos revelados até aqui nesta campanha sofrida e sofrível, eis um acerto colossal de Felipe, ao apostar na experiência do goleiro e em suas enluvadas mãos salvadoras e condenar as do colonista, prazerosamente à palmaria.

O goleiro não se limitou a pegar dois pênaltis: pegou ainda a bola do jogo, no chute de Aránguiz

de Marcelo. Daí em diante tocou o terror.

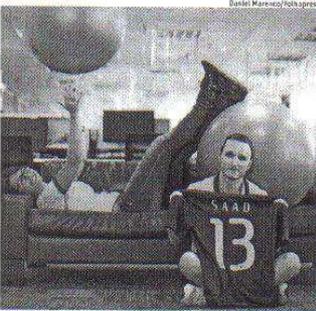
A seleção não se achou mais e, no máximo, cinco jogadores mantiveram a lucidez: Júlio César, Thiago Silva, David Luiz, Luiz Gustavo e Neymar.

Os demais pareciam ter caído do caminho de mudanças enquanto o Chile gostava do jogo e jogava melhor até a prorrogação, quando despencou, esfalfado. Mesmo assim, segundos antes de a prorrogação terminar, o travessão brasileiro e o Brasil tremeram com uma bomba de Pinilla. A seleção esteve muito perto do inferno e, cá entre nós, chegou a merecê-lo.

Mas, entre ir para as quartas ou para os quintos, felizmente David Luiz, Marcelo e Neymar, nas cobranças, permitiram a sobrevivência.

Até quando é difícil dizer, porque as quartas devem ser realmente complicadas, diante de um rival melhor que os, como sempre, abatidos chilenos.

FOCO



Camilla, líder do bolão, e Fernando, entre os últimos

Zebras fazem bolões serem liderados por 'chutadores'

FÁBIO TAKARASHI DE SÃO PAULO

Quando os atuais campeões do mundo levaram 5 a 1 da Holanda no começo da Copa do Mundo, não foram apenas os espanhóis que lamentaram. Sentiram o golpe também muitos entendi-dos de futebol que participam de bolões pelo país.

Essa partida, além de Costa Rica 3 x 1 Uruguai, está entre as que tiveram menos acertos em bolões de oito empresas, que reúnem mais de 20 mil participantes, ao fim da primeira fase do Mundial.

É logo o primeiro jogo das oitavas, no empate do favorito Brasil, sinaliza que os apostadores seguirão com dificuldades até o fim.

"Os placares estão derrubando o pessoal", brinca

Marcelo Rouco, da agência de comunicação d'Ále ideias, que organiza os palpites para sete companhias. "Quem litorra em geral é aquele que não acompanha futebol."

É o caso, por exemplo, das apostas dos funcionários da empresa Peixe Urbano. Camilla Schiavon, 27, está em primeiro entre os 159 participantes. "Chutei tudo, nem vejo muito futebol." O resultado da primeira etapa deixou o colega dela Fernando Saad, 29, descon-solado. "Assisto ao Brasilei-ro, Inglês, Italiano, Espanhol. Não serviu para nada, estou entre os últimos", diz.

Já um dos líderes do bolão do Walmart.com, Eduardo Leite Silva Pinto, 30, escolheu uma estratégia meio camica-se: "Estou apostando em várias zebras. Deu certo".



ANTES

O aposentado Roberto Reis deixa a sala onde fica a TV antes do começo da partida



DURANTE

Cardíaco, Reis tenta se distrair com o computador no quarto enquanto o Brasil joga



DEPOIS

Reis, 68, festeja após assistir a seu primeiro lance ao vivo, ontem, a cobrança de Jara

TORCIDA PRECAVIDA

Dicas para diminuir riscos cardíacos ao acompanhar jogos de futebol



Se faz tratamento médico, não se esqueça de tomar a medicação e, se puder, fale com o médico para tirar dúvidas ou até antecipar algum dos remédios



Evite cafeína – presente nos refrigerantes, energéticos, chás e chocolate



Moderar nas bebidas. Oprie pelas de baixo teor alcoólico. A cerveja é uma opção, mas olhe na quantidade: duas latas para homens e uma para mulheres



Se achar necessário, tome um tranquilizante prescrito pelo médico ou fitoterápico



Caso seja muito ansioso, se afaste da TV



Nunca fique sozinho

Fonte: cardiologista Nabil Ghoreib

aguenta, CORAÇÃO

Cardíaco troca seleção por jogo de paciência, passa nervoso e comemora vitória do Brasil

EDUARDO OHATA DE SÃO PAULO

Pouco antes da partida deste sábado (28) entre Brasil e Chile, o aposentado Roberto Reis, 68, era só animador. Falava sem parar de futebol europeu, de Corinthians, seu time, e claro, dos Mundiais que acompanhava.

Mas, quando as equipes entraram em campo... Reis deixou a sala e se recolheu para o quarto, onde passou a jogar paciência no computador.

Dono de personalidade forte e com histórico de um infarto, dois pré-infartos, creditados em parte ao futebol, uma ponte de safena e duas mamárias, Reis deixou de assistir as partidas da seleção na Copa do Mundo de 1982.

"Sou um pouco ignorante com isso [seleção]" diz Reis, ao aumentar seu tom de voz. "Pô, o cara [chileno] vem fazer festa na minha cozinha? Não dá para assistir numa boa."

Ao se acomodar em frente ao computador, próximo à porta da sacada do quarto e pensa na distração cibernética, Reis é alvo de uma brincadeira da mulher, Nanci, 68. "Ai, hein? Fica assim, curtindo um solzinho e jogando paciência. Em plena Copa do Mundo...", provocou, rindo. Resignado, em um profundo silêncio, Reis foi colecio-

nando vitórias na paciência.

De repente, gritos dos vizinhos e estouros de rojões.

Não foi preciso perguntar.

"Vamos ver", exclamou Reis ao trocar o modo de seu monitor de computador para TV e assistir ao replay do gol de David Luiz, que abriu o marcador, e voltar o monitor para o modo computador.

Veze por outra ouviam-se gritinhos estridentes de Nanci, que via jogo na sala.

Quando faltavam 15 minutos para o final do segundo tempo, Reis reclamou: "Só 1 a 0? É pouco... Tá acabando [a partida], não é?".

O CHILE FEZ GOL?

Ao ser informado pela reportagem da Folha de que provavelmente haveria prorrogação, espantou-se: "Como assim? Só se o Chile fez gol. Benê, o Chile fez gol?"

A confirmação da mulher provocou gritos de palavrões.

"Achei que o Brasil ia fazer 1 a 0, 2 a 0, 10 a 0, 15 a 0, e está empatado?", protestou. Sem o estouro de rojões durante a prorrogação, a irritação de Reis foi progressiva.

Esqueceu a paciência.

Arfava, bufava, olhava para o relógio, inclinava-se na mesa com uma das mãos na nuca, tirava o suor da testa, e derramava a sua cerveja.

"Caralho! Tem que ser gol,

gol, gol, porra", gritou, ao perceber que a prorrogação também chegava ao final.

Nas cobranças de pênaltis, foi para a cozinha, de onde saía só ao ser informado se a bola entrara. Ao assistir aos replays, xingava aos gritos os brasileiros que erravam.

Em uma frase recheada de palavrões, criticou até o cabelo de William, que perdeu seu pênalti. "É com esse cabelo, você vai fazer o quê?"

Já para Marcelo, que converteu e que tem corte igual ao de William, foi só elogios.

"Ai, meu menino", disse. O único lance da partida a que assistiu em tempo real foi a última cobrança chilena.

Comemorou o erro de Jara — e a vitória da seleção — com uma sonora saraivada de socos aplicada no sofá e gritos. Recebeu ligação do cardiologista. "Tudo bem, segunda estou indo fazer um exame."

PESQUISA

O cardiologista Nabil Ghoreib pesquisou, desde a Copa de 2010, a relação entre a Copa e problemas cardíacos.

"Quando o Brasil foi eliminado pela Holanda [em 2010], o número de infartos naquele dia cresceu entre 28% e 30% [em relação aos outros dias de jogos da seleção]", diz, ao acrescentar que a pesquisa prossegue nesta Copa.

Anexo 16 – O inferno de Dante - Juca Kfour

D4 FOLHA DE S. PAULO ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 2014

Itaú extra CVC



JUCA NA COPA

O inferno de Dante

DA ESTRELA de David Luiz para o inferno de Dante, e de seus companheiros, foi um passo. Ou melhor, cinco. Cinco passos, cinco passes, cinco gols em menos de meia hora numa semifinal de Copa do Mundo em casa!

Entre tantas exclusividades que o futebol brasileiro amechou em sua portentosa história, agora há mais uma, acachapante.

Claro que a culpa não foi de Dante, mas ele, na defesa vazada sete vezes, e Bernard, no ataque inoperante, foram as novidades de Felipão, que agora apanhará o feitiço do ladrão porque resolveu atacar em vez de defender.

A vida é assim. Nós, brasileiros, que detestamos a prudência dos três volantes, regredimos tanto no futebol de fantasia que já foi jogado por aqui que invertemos as prioridades.

Se o cartola da CBF falou em ir para o inferno em caso de derrota, esperemos que de lá ele não volte e que os que ficaram por aqui entendam que a derrota tem de servir para fazer desta merecida lição a base para novos tempos, como os alemães fizeram depois da Copa deles, em 2006, no saneamento das finanças dos clubes, na presença dos torcedores nos estádios, na execução do

Jamais a seleção brasileira sofreu um massacre semelhante, nunca foi tão humilhada

Os 5 a 0 do primeiro tempo, como uma homenagem aos pentacampeões, um gol para cada título, soaram tão espantosos que ensinaram que a humilhação dói menos que o golpe inesperado, como o de 1950, no Maracanã.

Convenhamos que, por mais que o futebol permita tudo, que piores ganhem de melhores e que a esperança é sempre a última que morre, se a frustração de 50 foi uma surpresa, a derrota de agora era meio que inevitável, embora não por 7 a 1, algo tão inverossímil que até parece mesmo conta de mentiroso.

Jamais havia visto um estado de tamanha perplexidade num estádio e não apenas entre os derrotados. Os vencedores também não esperavam tamanha facilidade, tanta que ficou constrangedor comemorar.

Castigo pior só o de ter de conviver com o Brasileiro daqui a uma semana se a lição que nossos treinadores tirarem desta bela Copa de gols e goleiros seja de jogar atrás para não tomar de sete, em vez de jogar na frente para fazer sete.

Que Dilma Rousseff, ao menos, comece desde já a reforma que prometeu ao Bom Senso FC, porque é evidente que trocar Marin por Del Nero não remove coisa alguma, como não removerá a mera troca de técnicas da seleção.

O resto, como diria Felipão, que vá para o inferno.

Técnico fica até sábado; Tite é o favorito para assumir seleção

DOS ENVIADOS A BELO HORIZONTE

O vexame contra a Alemanha nesta terça (8) encerra a era de Luiz Felipe Scolari, 65, como treinador da seleção. Ele ainda deve trabalhar no sábado na disputa do terceiro lugar, mas deixará o cargo após o Mundial.

A CBF deve oficializar a saída do técnico nos próximos dias, e o preferido para assumir o posto pensando na Copa de 2018, na Rússia, é Tite, ex-Corinthians.

Com o massacre desta terça, Felipão completou 54 partidas à frente da seleção —contabilizadas as duas passagens: entre 2001 e 2002 e de 2012 até esta Copa. Ainda terá mais uma partida, a disputa de terceiro lugar, no sábado, em Brasília.

Felipão obteve 74,6% de aproveitamento na seleção. Foram 38 vitórias, sete empates e nove derrotas. Os principais títulos foram a Copa das Confederações de 2005 e o Mundial de 2002.

Apesar do fracasso nesta Copa do Mun-

do em casa, oficialmente o presidente da CBF pregava a continuidade de Felipão na entidade.

Mas o gatoço não deve permanecer como treinador. Uma das ideias era realocá-lo em um outro posto dentro da comissão técnica.

Carlos Alberto Parreira, coordenador técnico, também deve deixar a CBF.

Tite, o preferido para substituir Felipão, está desempregado desde o fim de 2013, quando foi dispensado pelo Corinthians.

Oficialmente, Tite não comenta se estaria esperando o término da Copa para assumir a seleção. No entanto, ele já recebeu sinais de que é o mais cotado para treinar o time nacional após o torneio.

ESCALAÇÃO
Há também outro nome cogitado: Alexandre Gallo, que hoje é técnico das categorias de base da CBF.

O problema é que foi Gallo, ao lado do outro observador dos rivais nesta Copa, Roque Júnior, quem sugeriu a Felipão o esquema tático colocado em campo contra a Alemanha. E aconteceu o que aconteceu no Mineirão.

O novo técnico terá que iniciar já o trabalho para as eliminatórias.

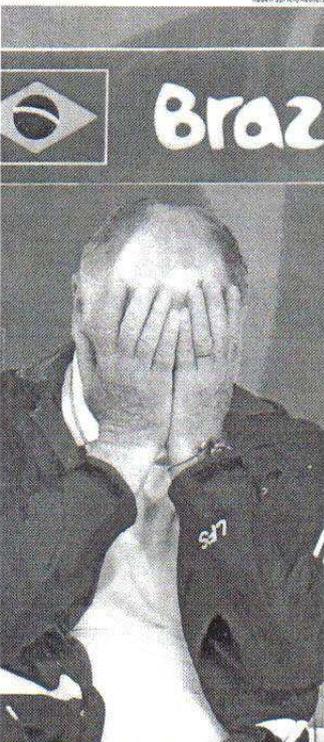


Luiz Felipe Scolari gesticula para Bernard nos 7 a 1 no Mineirão, a maior derrota de um anfitrião na história das Copas

Felipão pede desculpas e diz que foi o pior dia de sua vida

SEMIFINAL Técnico assume culpa e afirma que sabia dos riscos de ser responsabilizado por eventual derrota ao aceitar voltar à seleção

Ruben Spink/Reuters



Felipão se lamenta no banco da seleção durante a goleada

DOS ENVIADOS A BELO HORIZONTE

Luiz Felipe Scolari assumiu a culpa pelo vexame no Mineirão. Campeão mundial em 2002, o treinador pediu desculpas ao povo brasileiro e disse que esta terça-feira (8) foi "o pior dia" da sua vida.

"Se eu não tivesse pensado na minha vida como jogador, técnico, professor de educação física, acho que foi o pior dia de minha vida, mas vou seguir", disse Felipão, após a goleada alemã em Belo Horizonte.

Contrariado para levar o título ao título, o treinador admitiu que será lembrado a partir de agora pela derrota.

"O resultado pode ser dividido porque os jogadores querem, porque dividimos as responsabilidades. Mas as escolhas, a parte tática, sou eu... o responsável sou eu. Vou ser lembrado pela pior derrota, mas era o risco. Quando assume o risco, tem que assimilar", afirmou.

Neste Mundial, o treinador apostou na equipe que conquistou a Copa das Confederações em 2013 e praticamente não testou novos jogadores.

No período de treinamento em Teresopolis, ele ensaiou poucas mudanças e manteve o time com Fred, Hulk e Daniel Alves. O lateral do Barcelona só foi barrado na vitória contra a Colômbia. Já os outros dois só saíram da equipe no segundo tempo, quando a equipe já era goleada.

Na véspera da decisão, o treinador apostou numa estratégia insólita. Ele testou seis formações diferentes e colocou Bernard no time titular nos minutos finais.

"Vocês cobrem treinos, passam informações ao jornal de vocês e adversário vê. A gente também quer confundir".

Felipão disse que o time sofreu "uma pane" no Mineirão

e classificou a atuação da seleção de catastrófica.

"Fizemos e tentamos fazer aquilo que tivemos condições. Perdemos pra uma grande equipe que decidiu o jogo de forma fantástica."

O treinador não acredita que sua declaração antes da Copa de que o Brasil tinha obrigação de ser campeão tenha pressionado sobre o time.

"Eles sabiam desde o início. Nossa obrigação principal era jogar em casa e ganhar. Não era uma pressão nenhuma em cima deles. Não tem arrependimento. Não tem como cobrá-los."

Felipão também disse que com Neymar em campo não teria sido diferente. "Não tem por que imaginar que a gente não sofreria os gols. Ele é um atacante, não um defensor."

SELEÇÃO CHEGA AO RIO SOB PROTESTO

A seleção brasileira foi

vendida por 15

torcedores nesta

quarta (9), ao

deixar de ônibus

a base aérea

do Galeão, no

Rio, a 9h10.

Eles gritaram:

"vergonha" e

acenaram com

dinheiro diante

da barreira de

policiais que

acompanhava

o ônibus.

Um torcedor

arremessou uma

laranja contra o

vidro do veículo.

Cúpula da CBF teme CPI e vê poder sob ameaça

DOS ENVIADOS A BELO HORIZONTE

Presidente e vice da CBF, José Maria Marin e Marco Polo Del Nero temem que o vexame brasileiro se torne palanque para investigações na confederação e que, assim, seus cargos fiquem sob risco.

Os dois cartolas sabem que os seus opositores no futebol e no meio político vão tentar tirar proveito do fracasso da seleção para mexer na CBF.

O receio é que agora seja

instalada nova CPI para investigar a confederação.

A CPI chegou a ter a quantidade de assinaturas necessárias para sua criação no fim de 2013. Mas, para não afetar a Copa, o governo articulou com senadores, houve retirada do apoio à investigação.

Marin e Del Nero temem que, ao fim da Copa, se repita o que aconteceu com a derrota da seleção brasileira em 1998. Na época, após a perda do título, começou a se arti-

cular uma CPI, que acabou sendo instalada em 2000.

Em março, Marin foi realista ao dizer que a derrota o deixaria em situação delicada. "Estamos no purgatório. Se ganharmos, vamos para o céu. Se perdemos, vamos todos para o inferno. Eu falei isso para o Felipão", disse o presidente da CBF à Folha.

Marin foi praticamente escaqueado pelo governo. Comandante também do COL (Comitê Organizador da CO-

pa), o cartola não conseguiu nem realizar seu desejo de se encontrar com Dilma.

A presidente não esconde sua simpatia pelo Bom Senso F.C., movimento organizado pelos principais jogadores do país para mudar a estrutura do futebol e que se opõe à CBF.

Marin e Del Nero são acusados de gastar muito desde que chegaram ao poder, em 2012, depois de Ricardo Teixeira renunciar. (REMANADO ITRI, MARCEL RIZZO E SÉRGIO RANGEL)

Anexo 17 – Nós temos Neymar - Tostão

D12 **Copa** FOLHA DE SÃO PAULO ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2014

TOSTÃO NA COPA

Nós temos Neymar

FELICIDADE à festa de abertura. A Croácia dificilmente venceu, mas o Brasil venceu, graças a Neymar, a Oscar e ao erro absurdo do árbitro. Será que, inconscientemente, por causa da expulsão de Felipe Melo, na Copa de 2010, ele quis agradar o Brasil? Vão aumentar as crenças, as suposições e as paranoias de que, se aperta, na dúvida (nesse lance, não houve dúvida), a seleção brasileira será beneficiada.

Faltou ao Brasil um Modric no meio-campo. Ele joga demais. Os lances perigosos, como o gol, saíram de jogadas pelas laterais, especialmente em cima de Daniel Alves. Como todos os outros times vão bloquear os avanços das laterais brasileiros, como fez a Croácia, será que Maicon, por marcar melhor, não seria a melhor opção? Luiz Gustavo e a zaga atuaram bem. Já Hulk, Fred e Paulinho foram mal. Fred quase não pegou na bola. Oscar foi excepcional, no ataque, na marcação e ainda fez um gol, no contra-ataque, após uma bela defesa de Júlio César. Ainda bem que temos Neymar.

Quero salientar que a seleção, mesmo sendo a maior favorita, não é nenhuma maravilha

Avitória e a atuação do Brasil não mudam em nada os prognósticos para a Copa. Quando questiono o excessivo otimismo, às vezes, a prepotência de achar que é impossível perder a Copa em casa, não digo isso porque os jogadores podem diminuir a vibração. Isso nunca vai ocorrer. Quero apenas salientar que a seleção, mesmo sendo a maior favorita, não é nenhuma maravilha. Não será uma grande surpresa se o Brasil perder.

Se existem outras três seleções fortes (Argentina, Espanha e Alemanha), além de outras, que têm poucas chances de ser campeãs, deduzo, mesmo sendo um péssimo estatístico, que as possibilidades de o Brasil ganhar o título são menores que 50%.

Tenho também a sensação e a vontade de afirmar que o Brasil será campeão, mas o futebol e a vida me ensinam que essa certeza é mais fruto do desejo e da onipotência do pensamento.

OPINIÃO

O dia em que ônibus da seleção atropelou a Globo

KELIA JIMENEZ COLUNISTA DA FOLHA

Cerca de 300 profissionais, cinco câmeras exclusivas, duas de apoio helicóptero, 34 câmeras da HBS (emissora geradora de imagens da Fifa) e a Globo foi atropelada, praticamente ignorou um dos momentos mais esperados da cerimônia de abertura da Copa: o chute inicial do Mundial de futebol, dado por um paraplégico vestindo um exoesqueleto.

Sim, amigos da Rede Globo, no momento exato do chute, a Globo dividia a tela de transmissão para mostrar a imagem aérea — mais uma — do ônibus da seleção brasileira entrando no estádio, com Galvão, narrador da cerimônia na emissora avisando: "E vem chegando a seleção brasileiraaaaa". E lá se foi um projeto de uma vida inteira do neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis.

Na Band, a transmissão marcou oito pontos de iBope. Cada ponto corresponde a 65 mil domicílios na Grande São Paulo. Mas, para Datena, o que valeu foi a festa, mesmo que simples, pois ela teve "a cara do povo brasileiro". Segundo o âncora, a abertura estava "animada demais", "linda" e "pegando fogo". Pois é. Escalado para transmitir a cerimônia pelo BandSports, o narrador do apocalipse diário na cidade tentou fazer milagre com santo de casa. Não deu.

O mea-culpa veio minutos depois, pouco antes de o jogo da seleção começar. A Globo tentou se redimir com um replay da imagem em câmera lenta, três vezes, com direito a Galvão de voz embargada narrando dramaticamente o momento "histórico".

Antes Galvão e Patrícia Poeta, sua companheira na transmissão na Globo, tiveram seu calado em outros momentos da cerimônia. Pois veio deles constatações da festa que mudaram as nossas vidas como: "Sim, é uma samambaias", sobre um bailar-

no vestido de verde. Desanimada com a abertura, a turma do SporTV cortava a todo momento a transmissão para mostrar brevíssimas de técnicos, jogadores e imagens da seleção. ESPN e Fox Sports deixaram o áudio sofrível da festa correr solto, rezando para acabar logo. Eles e a audiência que, mesmo assim, compareceu. Na Globo, a cerimônia de abertura registrou prévia de 27,4 pontos de audiência, com 52% de share (participação no total de televisores ligados no horário).

Na Band, a transmissão marcou oito pontos de iBope. Cada ponto corresponde a 65 mil domicílios na Grande São Paulo.

Mas, para Datena, o que valeu foi a festa, mesmo que simples, pois ela teve "a cara do povo brasileiro". Segundo o âncora, a abertura estava "animada demais", "linda" e "pegando fogo". Pois é. Escalado para transmitir a cerimônia pelo BandSports, o narrador do apocalipse diário na cidade tentou fazer milagre com santo de casa. Não deu.

JAIRO MARQUES COLUNISTA DA FOLHA

Em um rápido esbarão com o filósofo Mário Sérgio Cortella, dias atrás, ele me aconselhou a nunca questionar esperanças, apenas respaldá-las e tentar entendê-las. Assim, preciso admitir que a também rápida, rapidíssima, papa-léguas demonstração da roupa robótica, usada por um paraplégico, que entrou em uma bola em plena abertura da Copa do Mundo, pode abrir uma nova era de possibilidades.

O exoesqueleto, supostamente comandado por sinais do cérebro, oferece promes-

Pontapé inicial simbólico ocorre de forma discreta

Chute dado por paraplégico usando veste robótica foi exibido por segundos na TV e deixa dúvidas sobre avanços do projeto

FERNANDO TADEU MORAES DE SÃO PAULO

Um dos momentos mais aguardados da abertura da Copa do Mundo passou de forma quase despercebida. O pontapé inicial simbólico da competição dado por um jovem paraplégico utilizando uma veste robótica controlada da pelos seus sinais cerebrais ocorreu na lateral do campo e durou poucos segundos.

Mais tarde, a TV Globo voltou a exibir as imagens, elogiando o feito. Em câmera lenta, foi possível ver o rapaz mexendo a perna e chutando a bola. As imagens, porém, não mostram o brasileiro caminhando, como havia sido prometido pelo projeto.

Um texto no site oficial da Copa, publicado no dia 9 de junho, afirma que "um paciente paraplégico, movimentando uma veste robótica controlada pela atividade cerebral (exoesqueleto), irá se levantar de uma cadeira de rodas, caminhar por cerca de 25 metros no campo e dar o primeiro chute da Copa".

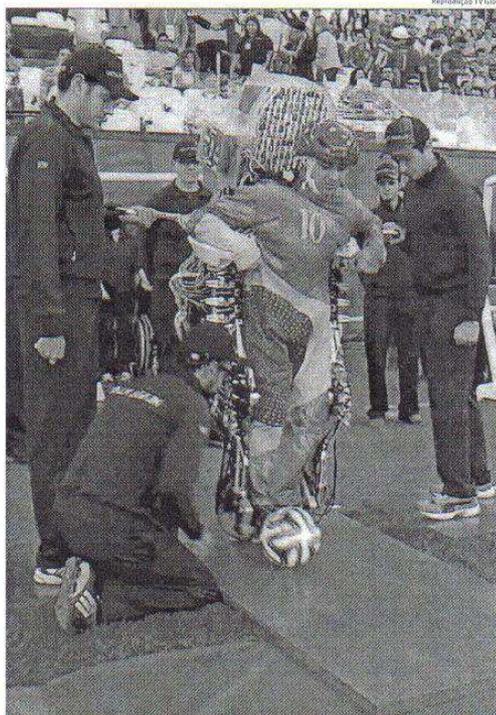
Resultado de quase dois anos de esforços, o projeto Andar de Novo que desenvolveu o esqueleto-robô batizado de "BRA-Santos Dumont 1" foi liderado pelo neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis, que trabalha desde o fim dos anos 1980 nos Estados Unidos. O projeto recebeu R\$ 33 milhões do governo federal.

Pelo Twitter, Nicolelis comemorou: "Wed it!!! (conseguímos). Em sua página no Facebook, internautas aplaudiam por não terem visto a apresentação e outros se diziam decepcionados.

"Nem deu pra saber exatamente o que aconteceu. Eu fiquei sem saber se na hora H não funcionou ou se era só aquilo mesmo, já que não houve nenhum tipo de anúncio nem nenhuma informação", disse a neurocientista Suzanaerculano-Houzel, colunista da Folha.

O fato de Nicolelis não ter publicado nenhum artigo científico desprezando o exoesqueleto e não ter dado declarações após o pontapé inicial torna impossível avaliar o projeto e saber quanto da demonstração foi controlado pelo robô e quanto foi controlado pelo usuário.

A pessoa que utilizou a veste robótica chama-se Juliano



O atleta Juliano Pinto, 29, executa o pontapé inicial simbólico na abertura da Copa

É só o começo de um futuro em que pessoas com paralisia poderão andar de novo

MIGUEL NICOLELIS Líder do projeto Andar de Novo

Fiquei sem saber se na hora H não funcionou ou se era só aquilo

SUZANA HERCULANO-HOUZEL neurocientista da UFPA

Pinto, 29, é atleta, vive na cidade de Gália (a 393 km de São Paulo) e sofreu o acidente de carro que o deixou paraplégico aos 26 anos. Juliano é um dos oito voluntários que participaram dos testes na AACD, em São Paulo.

Por meio de sua assessora, Nicolelis disse que esse "é só o começo de um futuro em que pessoas com paralisia poderão abrir mão de cadeiras de rodas e, literalmente, andar de novo". Segundo ele, os resultados serão apresentados à comunidade científica por meio de publicação em revistas científicas nos próximos meses.

Segundo especialistas ouvidos pela Folha nos últimos meses, embora tenha sido a primeira vez que foi apresentado um exoesqueleto que recebe comandos do cérebro e devolve estímulos táteis ao usuário por meio de uma pele artificial, os componentes são conhecidos e já foram usados anteriormente.

Já há pelo menos dois projetos internacionais terminados que resultaram em exoesqueletos similares ao divulgado por Nicolelis e que fixaram os usuários a caminhar. Já a tecnologia de pele artificial é conhecida há quase uma década.

OPINIÃO

Chute de exoesqueleto é, mais uma vez, oferta de baú misterioso de salvação

JAIRO MARQUES COLUNISTA DA FOLHA

Em um rápido esbarão com o filósofo Mário Sérgio Cortella, dias atrás, ele me aconselhou a nunca questionar esperanças, apenas respaldá-las e tentar entendê-las. Assim, preciso admitir que a também rápida, rapidíssima, papa-léguas demonstração da roupa robótica, usada por um paraplégico, que entrou em uma bola em plena abertura da Copa do Mundo, pode abrir uma nova era de possibilidades.

O exoesqueleto, supostamente comandado por sinais do cérebro, oferece promes-

sas futuras de mais conforto, mais mobilidade e mais independência para pessoas com deficiência física. A tecnologia tem potencial para destrancar sonhos guardados no campo do impossível.

Dito isso, o cutuque na bola — visto por alguns superentusiasmados — que consumiu R\$ 33 milhões de dinheiro público, traz consigo elementos contrários para um arrazoado respeito e aceitação.

Vendido como "cura", o exoesqueleto se posicionou com a imponência de um avião que abriria fronteiras jamais cruzadas, sobrepôs-se à necessidade de entender a diversidade humana e a ur-

gência de promover inclusão no planeta de hoje, de amanhã e de vários séculos.

É emocionante ver: fêz o que imaginava. É prazeroso acreditar. Porém, mais uma vez, um baú misterioso foi aberto diante daqueles que sensivelmente se agarraram em qualquer fio de gelatina.

O experimento propagou o andar como algo estritamente motor, bastando vestir um suporte para que o corpo de um lesado medular saísse sacoteando como pinto no livro.

A realidade é brutalmente mais complexa. Ficar em pé e dar uns passinhos, a Rede Sarah de Reabilitação já con-

segue com êxito há décadas, e de forma mais clara do que o que foi exibido.

Um paraplégico voltar a andar vai implicar interferências em um sistema circulatório debilitado, em ossos enfraquecidos, em um tecido dérmico sujeito a feridas.

Tratar de dentro para fora, como os experimentos com células-tronco e estimulação elétrica têm tentado, com menos holofotes, é rumo bem mais certo.

A melhoria da qualidade de vida para os "presos a cadeiras de rodas" — como arrotou ao vivo o narrador Galvão Bueno — exige uma atenção contínua, plural e menos espetacular.

Toda sorte e incentivo à ciência, a todos os corações a esperança e um bocadinho mais de cuidado e respeito com a realidade.

AUDIÊNCIA
27,4
pontos teve a Globo em cerimônia de abertura

Anexo 18 – Faltou mais talento - Tostão



Itaú extra CVC ESPN BRASIL

FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2014

pa D7

TOSTÃO NA COPA



Faltou mais talento

O MÉXICO FOI melhor coletivamente, trocou mais passes, mas as melhores chances foram do Brasil. O goleiro mexicano foi um dos destaques da partida. Júlio César não precisou fazer uma grande defesa.

Mais uma vez, o Brasil não teve meio-campo. É defesa e ataque. Luiz Gustavo protege os defensores (faz mais uma ótima partida) e Paulinho não aparece para receber a bola. No intervalo, deveria ter entrado um armador (Willian, Hernanes ou Fernandinho), e não um atacante (Bernard). O time depende demais de jogadas aéreas e, principalmente, de lances individuais, estocadas, quase sempre com Neymar.

Paulinho, Oscar, Fred, Ramires e Bernard atuaram muito mal. Já se movimentou mais que Fred. Daniel Alves foi discreto. Já Thiago Silva, David Luiz, Luiz Gustavo, Marcelo e Neymar, mesmo longe de seus melhores momentos, atuaram muito bem. Hulk fez falta.

O time mexicano foi superior à Croácia. Marcou melhor do que eu esperava. O México chegou com facilidade à intermediária e finalizou muitas vezes de fora da área, com perigo. Os dois atacantes foram anulados pela zaga brasileira.

A atuação do Brasil foi regular, como contra a Croácia. Continuamos fortes candidatos ao título. Mas o time não pode depender tanto de Neymar nem achar que basta ser guerreiro e cantar, com força, o hino nos jogos mata-mata. É necessário mais talento e fantasia.

Foi mais um bom jogo, apesar do 0 a 0. Está, na média, excelente o nível técnico da Copa. Não é surpresa. É o futebol que vemos nos principais campeonatos europeus, onde se concentram os melhores jogadores do mundo. É um jogo rápido, coletivo, com vários excepcionais jogadores, com muita troca de passes e também com muitos gols de jogadas aéreas. O torcedor que só acompanha os times brasileiros está adorando ainda mais. Descobriu um novo futebol.

No mata-mata, será preciso mais do que Neymar, espírito guerreiro e hino cantado com força

DA

Grupo de torcedores mexicanos em meio a brasileiros no estádio

Torcedora do Brasil assiste ao jogo no Castelhão



Fantasiados de Chapolin, mexicanos chegam ao estádio



Torcedores não fazem manifestações políticas no CE

DE FORTALEZA

Diferentemente do que houve na abertura da Copa do Mundo, quando a presidente Dilma Rousseff foi xingada no Itaqueroão (SP), a torcida que compareceu ao Castelhão nesta terça-feira (17) para o jogo Brasil x México não fez manifestações políticas.

Antes do jogo, pelas redes sociais, chegou a ser divulgado que torcedores gritariam "olé, olé, Dilma" na partida realizada em Fortaleza — o que não aconteceu.

O governador do Ceará, Cid Gomes (Pros), não foi ao jogo. O senador Eunício Oliveira (PMDB), pré-candidato pela oposição, esteve presente no setor VIP da arena. Do lado de fora do estádio

houve protesto, que terminou com 27 detidos. Os manifestantes entraram em confronto com os policiais após terem lechado parte da BR-116 — uma das vias de acesso ao Castelhão.

Ativistas jogaram bombas e a PM revidou com gás lacrimogêneo. De acordo com a polícia, cerca de 400 pessoas participaram do protesto.

MEMÓRIA

No dia 12, na partida que inaugurou o Mundial, no estádio do Corinthians, Dilma foi hostilizada por torcedores quatro vezes. "É, Dilma, vai tomar no c...", gritaram, em coro, os torcedores.

No dia seguinte, a presidente afirmou que os apupos não a intimidariam.

No sábado, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que quem ofendeu a petista não sabe o que é "cair na mão", "porque aquelas pessoas tinham cara de tudo, menos cara de trabalhadores". (A4)

Anexo 19 – Ufa! Salve, Júlio! - Tostão

D12 **folha** FOLHA DE S. PAULO *** DOMINGO, 29 DE JUNHO DE 2014

Itaú extra CVC **ESPN** BRASIL



Ufa! Salve, Júlio!

A HISTÓRIA SE repetiu. O Brasil eliminou o Chile, nas oitavas de final. Que sufoco! Nos pênaltis. Até o árbitro do jogo foi o mesmo de 2010.

O primeiro tempo foi eletrizante. Os dois times fizeram bem o que fazem sempre, a pressão sobre quem está com a bola. Assim, saiu o primeiro gol, e quase o segundo, do Chile. Dessa forma, o Brasil criou algumas chances de gol e marcou, como se esperava, em uma cobrança de escanteio. O Chile tinha mais posse de bola, e o Brasil abusava dos chutes e dos lançamentos longos. Neymar teve chance de fazer uns dois gols, mas não estava com sua habitual precisão. No segundo tempo, pouco mudou. O Brasil continuou sem meio-campo e com chutes e passes longos. O Chile teve uma grande chance e não aproveitou.

O Brasil se classificou, mas jogou mal. O problema não foi emocional. Foi técnico e tático

Mas, no fim, teve a grande chance, em um chute na trave. Por pouco, o Brasil ficava fora. E, nos pênaltis, para aumentar a emoção e o sofrimento, o Brasil ganhou a vaga. Neymar, que não foi bem durante a partida, fez o gol na quinta cobrança.

O Brasil se classificou, mas jogou mal. Não foi nenhuma surpresa o jogo difícil e igual. Coletivamente, o Chile é melhor. Individualmente, o Brasil tem dois zagueiros excepcionais e Neymar. Se ele estivesse mais inspirado, a seleção teria vencido no tempo normal. O problema do Brasil não foi emocional. Foi técnico e tático. Haverá novos sufocos. Mesmo assim, o Brasil continua forte candidato ao título. Há muitas seleções boas, mas nenhuma excepcional.

Os destaques do Brasil foram Thiago Silva, David Luiz e Júlio César, que, além dos pênaltis, fez uma defesa espetacular. Os outros foram mal ou muito abaixo do que poderiam jogar.



Uruguaios exibem máscaras de Suárez no Maracanã

Hábito de morder é caso para terapia, diz psicanalista

CASSIANO ELEX MACRADO
EDITOR DA "ILUSTRASSIMA"

Sigmund Freud não escapou das dentadas de Luis Suárez. Minutos após o camisa 9 uruguaio ter enfiado seus caninos no ombro esquerdo de Chiellini, o nome do pai da psicanálise já era fartamente evocado na internet. "Suárez não passou da fase oral", cravaram usuários de redes sociais, evocando aquela que o intelectual austríaco acreditava ser a primeira das etapas do desenvolvimento psicosexual.

Apoiado em Freud, o psicanalista inglês Michael Bloomfield prontamente questionou, no site do britânico "Guardian": "Haverá um Suárez secreto em cada um de nós?" E, à "BBC", o doutor Tom Fowcett retomou o insidioso mordedor à infância de Luisito — sem deixar de atestar: "Ele voltará a fazê-lo".

Jérôme Valcke, da Fifa, não foi o primeiro nem o único a prescrever tratamento para o uruguaio. "A mordida dele caracateriza um distúrbio de impulso", diz, em psicanálise, Eduardo Ferreira-Santos, 61. Supervisor no Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria da Medicina da USP por 30 anos, Ferreira-Santos afirma que a conduta do atacante pede tratamento.

"Brincaram na internet que ele não precisava de treinador, mas de um adestrador, mas o fato é que precisa de um terapeuta".

A repetição das dentadas, ressalta o psiquiatra, dissocia o quadro do uruguaio do de outros atletas marcados por rompantes. "Zidane não ficou danificado cabeçadas no peito de adversários por toda a carreira e ao que tudo indica Mike Tyson não morreu outras orelhas que não as de [Evander] Holyfield".

Embora condenáveis por unanimidade, trocas de socos e de cotoveladas são considerados parte do esporte. O uso da boca, ressalta Ferreira-Santos, não é um método de defesa ou de ataque de adultos. "É algo muito comum na pré-escola. É infantil não só no sentido leigo".

O professor da USP diz que Freud defende que o desenvolvimento psicológico é semelhante a um Exército em marcha.

"Uma vez avançado um território, estabelece-se uma base. Quando sofre ataque do exército inimigo, regredir-se para a fase mais forte na personalidade de cada um".

Especialista em transtornos de estresse pós-traumático, Ferreira-Santos crê que, a julgar pelo perfil público de Suárez, ele deve estar "deprimido como uma criança que é pega e reprimida". "Um jogador com perfil de Messi talvez não sentisse tanto".



Cristian Rodriguez (7) e Rios, após a derrota para a Colômbia

Torcida brasileira no Maracanã festeja queda do Uruguai

OITAVAS Antes do jogo, uruguaios provocaram brasileiros com cantos alusivos à Copa de 1950

CRISTINA GRILLO
DO RIO

Faltavam cinco minutos para o fim do jogo entre Brasil e Chile quando gritos vindos da pequena torcida uruguaia presente àquele momento no Maracanã emulacem os brasileiros.

"Volveremos, volveremos/ volveremos otra vez/ Volveremos ser campeones/ Como la primera vez." (volveremos, volveremos/volveremos outra vez/ volveremos a ser campeões) como na primeira vez", cantavam. O grito de guerra relembra o Maracanã, a derrota para o Uruguai na final da Copa de 1950.

O Maracanã tinha sido aberto mais cedo neste sábado (28) para que torcedores com ingressos para a partida Uruguai x Colômbia pudessem assistir, nos telões do estádio, a partida do Brasil, em Belo Horizonte. No início do jogo, 2.000 pessoas já estavam nas arquibancadas; no segundo tempo já eram 8.000.

A resposta dos brasileiros veio quatro horas depois. Faltavam cinco minutos para a Colômbia eliminar o Uruguai, quando os torcedores brasileiros, apoiados por colombianos, começaram a gritar "eliminado". No meio do jo-

go, ainda se ouviu "É Júlio César" e "O campeão voltou!". Os colombianos continuaram cantando: "Quem vencerá, quem vencerá, o Uruguai não será".

A alegria dos colombianos com a classificação se somou a dos brasileiros com o fim do pesadelo de um novo Maracanã, mas o "amor" acabou logo em seguida, com o corinho "O Colômbia, pode esperar, a sua hora vai chegar".

PROVOCAÇÕES

Ao fim do jogo, seguranças formaram barreiras para se-

SUÁREZ DIZ QUE CAIU E SE CHOCOU COM ADVERSÁRIO

Suspenso por causa de uma mordida, o astro alegou à Fifa que se desequilibrou e bateu a boca no ombro de Chiellini. A explicação consta em sua defesa.

paros os torcedores uruguaios dos colombianos. Irritados com a alegria dos rivais, faziam gestos de ameaça.

De acordo com a Polícia Militar, houve quatro registros de brigas na saída do estádio, e sete pessoas foram detidas. As brigas envolveram torcedores uruguaios, colombianos e brasileiros. A PM também prendeu 38 pessoas que estavam negociando ingressos.

Mais cedo, uruguaios se queixavam de que tiveram máscaras de Luis Suárez apreendidas pela polícia. A ação ocorreu com base na lei estadual que não permite o uso de máscaras, promulgada após as manifestações de 2013. A explicação, no entanto, não convencia uruguaios.

"Vocês não gostam de nós, a Fifa não gosta de nós, por isso querem nos tirar as máscaras de Luisito, mas entramos com elas escondidas sob a camisa", disse um uruguaio, que não quis se identificar, mostrando a máscara. Suárez era lembrado a todo momento. Além de máscaras, havia torcedores com dentaduras de vampiro e mordidas do personagem Hannibal Lecter. Também levavam cartazes onde se lia: "Luisito mordeu um homem, ustedes mortifieran una nación".

DO RIO COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DO RIO

pela belga Daphné Cornez, a mesma responsável pela cerimônia de abertura.

A festa também contará com o cantor Alexandre Pires e com o guitarrista mexicano Carlos Santana. A Fifa ainda negocia com nomes como a cantora Ivette Sangalo.

Fala-se ainda da possibilidade da participação da cantora colombiana Shakira, sucesso na Copa de 2010, na África do Sul, ao cantar o hit "Waka Waka" na abertura e no encerramento. Ela também está no CD oficial, da Sony, com a música "La La La".

(PEDRO SOARES E BRUNA FANTTO)

Anexo 20 – Derrota histórica – Tostão



É necessário reformular tudo, dizem ex-campeões

SEMIFINAL *Piazza pede humildade para parar e repensar; já Pelé diz que 'futebol é caixa de surpresas'*

DE SÃO PAULO

A derrota humilhante do Brasil para a Alemanha pode (ou deve) ser o ponto de partida para uma reformulação do futebol brasileiro, segundo ex-campeões mundiais.

"A gente tem que ter humildade, precisamos dar uma parada e repensar o futebol brasileiro, não só dentro das quatro linhas mas fora delas também", disse o ex-volante Wilson Piazza, campeão com o Brasil na Copa de 1970.

"Hora de pensar em reformulação do nosso futebol. Parece fácil falar depois de uma derrota dessas, mas é a verdade", escreveu no Twitter o volante Gilberto Silva, campeão mundial em 2002 com Luiz Felipe Scolari.

O ex-zagueiro Edinho, que disputou três Copas (1978, 82 e 86), disse que a derrota não é resultado apenas do jogo.

"As coisas têm de mudar há muito tempo. Futebol não é grupinho, não é fechar grupo, futebol é futebol".

Para ele, o resultado foi "uma tragédia total, com pessoas despreparadas dentro e fora de campo". "Eu não vejo mudança a curto prazo. Precisa mudar toda a estrutura do futebol brasileiro."

O ex-atacante Pepe, bicampeão com a seleção em 1958 e 1962, disse que a derrota tem de ser atribuída a toda a seleção. "É culpa de todo o mundo, da comissão técnica, dos jogadores", afirmou.

Para o ex-goleiro Waldir Peres, que defendeu o Brasil na Copa de 1982, "vai haver uma cobrança muito grande para que tenha mudanças".

"Mudar aquilo que precisa ser mudado no nosso futebol. A gente tem que voltar ao nosso toque de bola", defendeu.

Para o ex-treinador Valdir Espinosa, campeão mundial de clubes com o Grêmio em 1983, não adianta buscar um só culpado. "Temos que encarar de frente os problemas, a partir daí que a gente melhora. A derrota do Brasil não aconteceu hoje. A seleção brasileira é reflexo do futebol brasileiro e o futebol brasileiro não é nada faz tempo."

Maior campeão com o Brasil em Copas (três títulos), Pelé profetizou parabéns à Alemanha e dizer que o Brasil vai buscar o hexa na Rússia, em 2018. "Sempre digo que futebol é uma caixa de surpresas. Ninguém no mundo esperava esse resultado."



SOBRE NEYMAR

NEYMAR
A contusão no jogo contra a Colômbia acabou deixando o camisa 10 lesado da humilhação ante a Alemanha, saiu do Mundial como o único "craque" do time



DAVID LUIZ
Ganhou a torcida com seu cartão, apesar do desastre da semifinal



TITE
Ex-técnico do Corinthians passa a ser favorito para assumir a seleção



ARGENTINOS
Ganharam um motivo para tripudiar o Brasil por muito tempo

É CEDO PARA DIZER...

DILMA
Foi varada e angada em estádios e corre o risco de sofrer nova valia na entrega da taça, mas leva crédito pelo bom andamento da Copa

OPOSIÇÃO
Impacto do Mundial nas pesquisas eleitorais ainda está por ser medido

MANIFESTAÇÕES
Protestos podem voltar, passada a euforia do torneio



CHORÕES
Com Thiago Silva à frente, jogadores passaram imagem de fragilidade emocional



FRED
Virou alvo de piada em redes sociais por sua falta de mobilidade nos jogos; foi votado no Mineiro

FELIPÃO
Convocou mal, ficou sem alternativas e demorou para meter no time na semifinal; não deve continuar na seleção



CBF
Goleada torna-se símbolo da má gestão do futebol brasileiro

RONALDO
Perdeu o posto de maior artilheiro das Copas para o alemão Klöse



TOSTÃO NA COPA

Derrota histórica

S E UM ET assistisse ao jogo de ontem, sem saber em que país estava, sem conhecer a cor da camisa de cada seleção e tivesse detalhadas informações sobre a história do futebol, diria, após a partida, que o Brasil, o país do futebol, da camisa rubro-negra, mostrou toda a magia, a técnica e a fantasia de seus jogadores, além de dar um show de talento coletivo.

O hexa não chegou, contrariando o que estava escrito no ônibus da seleção brasileira. A taça escapou, contrariando a frase dita por Parreira, de que o Brasil estava com ela nas mãos. O Brasil perdeu, pior, de goleada, para contrariar Felipão, que tinha dito que ganhar o Mundial era obrigação e que a seleção seria campeã.

A desculpa de que perdeu pelas ausências de Thiago Silva e de Neymar não faz nenhum sentido, diante da enorme superioridade alemã. A entrada de Bernard foi uma decisão desastrosa, prepotente, porque, mesmo se Neymar estivesse presente, o Brasil teria de reforçar o meio-campo, principal qualidade da Alemanha.

É preciso mudar conceitos e diminuir a promíscua troca de favores que assola o futebol e o país

Foi uma tragédia. Triste, muito triste, a maior derrota de toda a história da seleção brasileira. De consolo, quem sabe, sirva para que haja grandes mudanças, para valer, dentro e fora de campo, desde as categorias de base. É preciso haver uma mudança de conceitos e diminuir a promíscua troca de favores, uma praga nacional, que assola o futebol e o país.

É interessante é que os alemães não comemoram a goleada histórica com a emoção que se esperava. Eles não são frios. São emotivos. Penso que estavam felizes e também constrangidos, por fazerem gols na música seleção brasileira, que tanto admiram. Os jogadores, Felipão e a comissão técnica têm de ser criticados por erros técnicos, mas não devem ser massacrados. Eles trabalharam com seriedade e fizeram tudo para o Brasil ser campeão.

"... Depois da hora ruidosa a hora dura do esporte, sem a qual não há prêmio que conforte, pois perder é tocar alguma coisa mais além da vitória, é encontrar-se naquele ponto onde começa tudo a nascer do perdido, lentamente" (Carlos Drummond de Andrade).



BRASIL EM PROMOÇÃO

VIAJE EM JULHO COM CRIANÇA GRÁTIS

Viaje pelo Brasil com criança grátis na hospedagem pagando em até 10x iguais sem juros.

Porto Seguro 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 63, REAIS A vista R\$ 430. Inclui passagem aérea e hospedagem no Hotel Fênix com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.	Salvador 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 62, REAIS A vista R\$ 420. Inclui passagem aérea e hospedagem no Hotel Sítio Plaza Silvio com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.	Natal 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 87, REAIS A vista R\$ 570. Inclui passagem aérea e hospedagem no Hotel Natal Plaza Porto de Galinhas com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.	Caldas Novas 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 59, REAIS A vista R\$ 590. Inclui passagem aérea via Brasília e hospedagem no Hotel Garden Diários Agrícola com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.	Balneário Camboríu com Beto Carrero 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 59, REAIS A vista R\$ 590. Inclui passagem aérea e hospedagem no Hotel Beto Carrero com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.
Porto de Galinhas 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 74, REAIS A vista R\$ 540. Inclui passagem aérea e hospedagem no Pousada Bora Bora com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.	Maceió 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 83, REAIS A vista R\$ 530. Inclui passagem aérea e hospedagem no Hotel Laguna Mar com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.	Fortaleza 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 77, REAIS A vista R\$ 570. Inclui passagem aérea e hospedagem no Hotel Meridional com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.	Bonito 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 52, REAIS A vista R\$ 520. Inclui passagem aérea via Campo Grande e hospedagem no Lucia Hotel Bonito com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.	Serra Gaúcha 4 dias - Saídas diárias R\$10x SEM JUROS 66, REAIS A vista R\$ 440. Inclui passagem aérea e hospedagem no Hotel Fênix com café da manhã. Consulte preços em outros hotéis.

Vá até a CVC mais próxima, fale com seu agente de viagens ou acesse www.cvc.com.br

LOJAS NA ZONA LESTE ITAÚ PAULISTA - HIPER D'ÁVIO 2502-2876 PENHA - HIPER CASABLANCA 2208-2259 SHOPPING MET NÓ TABOADA 2038-8269 LOJAS NA ZONA OESTE PARAGUÁ 2144-9311 ACLIMACÃO 5952-7780 AVENIDA MOREIRA 5951-2031 AVENIDA SANTA CATARINA 5543-8222 BOBENA D'ÁVIO - FLORIDA CENTER 5254-9772 CHACARÁ KLASIN - HIPER EXTRA 2048-2192 CENSAE OUTRA - HIPER EXTRA 5048-2070 CUSCUDO 5058-8599	IMIGRANTES - HIPER CARREFOUR 2791-9880 MORUMBI - HIPER EXTRA 3758-4312 PRACADA JOVENE 2371-0267 SHOPPING INTELEADDS 5561-4188 SHOPPING MARETE PLACE 2175-0777 SHOPPING MIRA-OLÍ 2169-4388 SHOPPING PÁTIO PAULISTA 3784-6520 TANGAREM NEVES - HIPER EXTRA 2784-2777 LOJAS NA ZONA NORTE HIPER BENSAMINI 2248-8888 NOVA CANTAREIRA 2491-0318 TÊ-TE PLAZA SHOPPING 3972-2299	VOLUNTÁRIOS DA PATRIA 2343-1074 LOJAS NO EX-INDO 3758-4312 AVENIDA ANGÉLICA 3642-2252 BOM RETIRO 3332-4243 CONES JACÁ 2783-1777 LOJAS NA ZONA OESTE ALTO DA LAPA 2984-5758 NOGUEIRA - HIPER PÃO DE AÇÚCAR 3322-2252 SHOPPING ELDRADU 3815-2878 SHOPPING WALK OF BONSUCESSO 3802-8828 LOJAS NO ABC ITABERÊ 4278-6399 SANTO ANDRÉ (CENTRO) 2141-8700	SÃO BERNARDO - AVENIDA TABOADA 447-5278 LOJA EM GUARULHOS LOJA EM PALMEIRO DULCE LOJA EM BRASILIA CONTINENTAL SHOPPING 3718-5280 LOJA EM FRANCO SÁO PAULO MARIPÓLA 4001-5770 MOGILAR - HIPER EXTRA 4790-2700 SHOPPING MÓDICA CRUZES 4792-2142 SHOPPING TAMBORE 2878-7199 SHOPPING THE SQUARE 2878-7199 TABOADA - HIPER EXTRA 4798-7600
--	--	---	---

CVC sempreComVC

Anexo 21 – Uma tetra épico - Juca Kfourri

D8 **pa** FOLHA DE S. PAULO ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2014



JUCA NA COPA

Um tetra épico

A CABOÙ A COPA que se imaginava um vexame fora dos estádios e uma apoteose brasileira dentro, com a consagração do hexacampeonato.

Dei-se exatamente o inverso. A seleção brasileira registrou seu maior fiasco em cem anos de história e, embora a Copa do Mundo tenha sido, futebolisticamente falando, de grande qualidade, o legado esportivo que deixa é a tardia, e urgente, reforma de métodos de gestão na podre estrutura de poder da CBF e suas apamiguadas federações, com a tradicional cumplicidade dos clubes, todos, perdão, pelo chavão, farinha do mesmo saco da corrupção e da incompetência.

Ganhou a Alemanha, exemplo de racionalidade em busca da excelência, capaz de em apenas 14 anos dar a volta por cima, retornar ao pódio sem jamais ter deixado de disputar as primeiras posições.

Chega ao tetra 24 anos depois de seu tri, a exemplo do que fizeram as seleções do Brasil e da Itália no mesmo espaço de tempo, com a diferença de tê-lo conquistado com bola em andamento, graças ao golão de Gótzze no segundo tempo da prorrogação de um jogo épico no Maracanã, disputado palmo a palmo, com domínio germânico, melhores chances argentinas e um pênalti de Neuer em Higuaín não assinalado.

A Alemanha tem um timeço, repleto de craques, muitos mais que a aguerriada Argentina, cuja única andorinha não pode mais fazer verão nem lá nem em time nenhum do mundo, porque cada vez mais o futebol é coletivo e depende menos de individualidades, por melhores que sejam e por mais que sigam fazendo diferença.

Além do mais, a Alemanha dá o exemplo com seu futebol autossustentável fora de campo, com clubes que vivem dentro de seus orçamentos e investem nas categorias de base e com média de público de mais de 45 mil torcedores por jogo, com coragem para apostar num técnico jovem que batalha por um futebol não só vencedor como bem jogado.

Seria ruim, neste momento brasileiro, vemos uma vitória que os áulicos atribuíam a alguém como Julio Grondona, não nefasto como os nossos cartolas.

De certa forma, o Maracanã acabou por viver outro Maracanazo, mas agora em castelhano.

Pela primeira vez um time não precisa de pênaltis para chegar ao tetra. Os alemães mereceram por tudo

Registre-se que, mesmo doloridos, os jogadores platinos permaneceram no gramado para a premiação, diferentemente do que fizeram os brasileiros no Mané Garrincha, falta de educação que repetiu a Olimpíada de Atlanta.

Messi foi o melhor da Copa para a Fifa, embora Robben tenha sido o melhor, para a coxinha.

Por menos que os adeptos do quanto pior melhor queiram admitir, o Brasil, graças à simpatia popular e às suas belezas que encantam e cegam os estrangeiros, também ganhou.

Fez um bom anúncio de si mesmo, mesmo que não possam ser relevados os aspectos não considerados pelos que vieram de fora; elefantes brancos que ficaram como heranças pesadas, superfaturamentos, mortes de trabalhadores nos estádios ou embaixo de viadutos, feridos para minimizar congestionamentos, desocupações desumanas, falta de iluminação no jogo de abertura, invasão de torcedores no Maracanã, prisões arbitrárias para evitar manifestações, shows pifios de abertura e encerramento, enfim, o rebaixamento, como vingança, do tal padrão Fifa, por mais que, de fato, os estádios sejam belos e confortáveis.

Aspectos para nós, brasileiros, digerimos daqui para a frente em relação aos megaventos, que, no mínimo, devem passar por consultas populares, porque está claro que são muito bons para os que os promovem e não necessariamente para quem os recebe e paga por eles.

Porque não há maior exemplo de complexo de viralata do que se bastar com os elogios externos, mesmo que, muitas vezes, superficiais, quase folclóricos, influenciados pelo exotismo, por exemplo, das favelas.

Repita-se: o Brasil ganhou a 20ª Copa do Mundo da Fifa e ainda por cima prendeu gente dela que há décadas atenta contra a economia popular, um legado inestimável, exemplar, digno de ser aplaudido de pé assim como a hospitalidade nacional.

Nossa Copa foi muito melhor que a da África do Sul, mas não foi, como organização, melhor que a de 2006.

Claro, da Alemanha se espera perfeição, e a Alemanha esteve perto disso.

Do Brasil esperava-se uma catástrofe, e o Brasil ficou longe disso.

MÔNICA BERGAMO
SEGUNDO TEMPO

monica.bergamo@grpfolha.com.br



Vladimir Putin, Joseph Blatter, Angela Merkel e Dilma Rousseff na final, no Maracanã; à direita, Merkel comemora

‘VEJA QUANTOS ARGENTINOS’, DIZ MERKEL ‘NERVOSA’ NO MARACANÃ

“Sim, eu estou muito nervosa”, disse à coluna Angela Merkel no intervalo da partida entre a Alemanha e a Argentina, ontem, no Maracanã, no Rio. Antes mesmo de começar o jogo, ela circulava de um lado para o outro, sempre com uma taça de champanhe na mão. Bebeu várias.

A Folha acompanhou a partida final no camarote V-VIP (“Very-VIP”, espaço de segurança máxima reservado aos chefes de Estado e à cúpula da Fifa. Nele também estavam a presidente brasileira, Dilma Rousseff, e o presidente russo, Vladimir Putin — que chegou cercado por cerca de 20 seguranças. Jornalistas são vetados no lugar.

Com mais de 45 minutos de jogo, as duas seleções seguiam empatadas. É a Argentina conseguia segurar os europeus com a ajuda de sua torcida azul e branca, uma das mais aguerriadas de toda a Copa.

Merkel havia deixado a sua poltrona e, na companhia de um assessor, olhava para o gramado vazio. Depois de um certo tempo, começou a observar as arquibancadas.

“Veja quantos argentinos. Há muitos aqui no estádio. Ali [no lado oposto em que ela estava] só tem argenti-

nos”, afirmava a alemã.

A Folha diz a Merkel que, embora em menor número, os alemães contam com o apoio quase unânime dos brasileiros na arena.

“Agora eu tenho que me concentrar no jogo”, despediu-se ela, retomando à sua poltrona.

“Eu disse ao [presidente da Rússia, Vladimir] Putin: mais um pouco e a [Angela] Merkel ia ter um ataque do coração”, contava Dilma Rousseff.

No intervalo, a presidente conversava com convidados da Fifa —entre eles, Dunga, o capitão da seleção campeã do mundo em 1994 e depois técnico em 2010.

“Eu tô torcendo para nenhum dos dois ganhar”, cochichou o ex-jogador no ouvido da presidente. Dilma riu até ir às lágrimas. “Essa foi boa!”, disse ela. “Eu também, Dunga. Mas não dá, um vai ter que vencer.”

Ainda que inconfessado, havia certo nervosismo entre assessores da presidente com a possibilidade de ela ter que entregar a taça a Messi, o craque da seleção arquirival do Brasil. As crises vividas da torcida, que já eram esperadas com

qualquer resultado em campo, poderiam tomar proporções históricas.

“Olha, eu estou tranquila, viu? Eu estou me mirando no exemplo do rei sueco Gustavo 6º. Na final da Copa de 1958, na Suécia, o Brasil fez cinco gols na seleção deles, que estava na final. Fomos campeões e eles nos entregou a taça”, disse Dilma à coluna.

“Aqui dentro, como presidente da República, eu não torço por ninguém. Você tem que admitir que é um esforço sobre-humano, né?”, disse.

O gol da Alemanha, nos últimos minutos da prorrogação, foi o grande teste para Dilma. Ela levou a mão direita à boca, como quem segura o rosto inteiro para evitar transparecer qualquer emoção.

“Não, você está enganada. Eu fiz esse gesto várias vezes. Eu fiquei perplexa em alguns momentos do jogo, que foi muito bom”, descobriu quando a Folha perguntou se aquele movimento poderia ser uma pista de sua predileção pela Alemanha, como ocorria com quase toda a torcida brasileira no Maracanã.

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, parecia

uma estátua no momento em que a Alemanha definiu a partida.

No camarote V-VIP, entre taças de champanhe flutuantes, o assunto altrda era o vexame do Brasil na Copa. “Faltou experiência. Faltou o Kaká e o Ronaldinho”, dizia o tenor Plácido Domingo para o presidente da CBF, José Maria Marin.

O vice-presidente da GBF, Marco Polo Del Nero, também demonstrava desânimo. “Nem dá vontade de ver o jogo hoje, né?”

“Eu não conseguia acordar no dia seguinte [da goleada da Alemanha sobre o Brasil]”, dizia o ex-jogador Beбето numa roda com Cafu e Dunga. “Eu como se eu estivesse no meio de um pesadelo. Eu fiquei com vergonha de sair na rua.”

Fim de jogo. “A Alemanha passou sufoco agora com a Argentina, com Gana e também com a Argélia. Não são eles apenas que são bons. O Brasil é que jogou muito mal”, dizia Dunga.

O jogo duro dos vencedores contra a Argentina não reforça o fracasso do Brasil?, responde Dilma à coluna, antes de sair do espaço V-VIP para entregar a taça aos campeões do mundo.



Anexo 24 – Ei, Marin, e o 7 a 1? - Juca Kfourri

FOLHA DE S.PAULO

QUINTA-FEIRA, 31 DE JULHO DE 2014 ★ ★ ★ esporte D3

Ei, Marin, e o 7 a 1?

JUCA KFOURI

ALCIS ALZHEIMER era alemão, como Müller, Klöse, Kroos, Khedira e Schürrle.

Não era jogador de futebol como os autores dos sete gols alemães na semifinal da Copa do Mundo no Brasil. Era psiquiatra e descobridor da terrível doença neurodegenerativa, causadora do apagão (lembra de já ter ouvido o termo recentemente?) da memória. A doença tem o nome de quem a identificou pela primeira vez e a cartolagem da CBF adota até lá contornar o Brasil para o país esquecer a goleada.

Alé convocar Dunga a pretensa expertise da dupla Marin/Nero convocou, certa de despertar rejeição e eventuais escândalos para sair de cena de flúmen.

Pois não sairá. Se Marin foi praticamente invisível durante a Copa, apesar de trazer chamativa gravata amarela — imitação de Paulo Machado de Carvalho e sua gravata marrom do bicampeonato mundial —, nem por isso assim permanecerá no pós-Copa. Nem ele nem Nero.

A goleada germânica impulsionou a criação de nova história sobre gravatas e superstições e permitiu apontar os responsáveis pela humilhação.

Marin prometeu ir ao inferno em caso de derrota e não cumpriu. Cumprirá a nós, sobreviventes e testemunhas da catástrofe, lembrar

Lembraremos sempre da semifinal no Mineirão; porque os cartolas se acham mais espertos do que são

sempre dele e de seu parceiro Nero — este, não satisfeito em reduzir o futebol do interior paulista a cinzas, vai em busca de botar fogo também no futebol brasileiro.

Pois veja você, a presidência da República tem ouvido os jogadores e os clubes sobre a reforma de nosso futebol e os machucados da CBF ficam

nam de fora, porque presenças contrangedoras no Palácio do Planalto. Ambos, filhos da ditadura, não podem ser esquecidos, além, é claro, do 7 a 1, por mais manobras de pigritagem maçacaveirismo arquitetadas pela dupla, uma dupla a ser invertida em abril de 2015, para Nero/Marin. Tenha qualquer nome, enquanto perdurar, com a cumplicidade da cartolagem dos clubes, será denunciada pela lembrança do dia 8 de julho de 2014.

Trata-se de uma dupla nefasta, tanto quanto Havelange/Teixeira,

fruto de estrutura doente, apodrecida, longe de merecer ser irrigada por legislação complacente, perpetuadora dos privilégios e da corrupção. Legislação reivindicada por clubes em busca da manutenção da impunidade, inimiga do interesse público e do Estado brasileiro.

Entre o choro da cartolagem e o miserê dos jogadores, entre os golpes dos engratados e as corretas reivindicações dos de chuteira, não cabe dúvida, ou não pode caber dúvida para o governo federal.

A hora é agora a se ir para ser por meio de Medida Provisória haverá de contemplar o pedido dos atletas, não só por serem eles os atores do espetáculo como por serem os acolhidos pelos torcedores.

Jogadores e torcedores, a dupla, enfim, a ser atendida.

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourri e PVE, quarta: Testão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Siqueira, sábado: Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVE e Testão



Alemães festejam gol contra a Austrália

Cobiçado por Gallo veste a 10 de Portugal

DE SÃO PAULO

A camisa 10 de Portugal na final do Europeu sub-19, contra a Alemanha, estará com um jogador que o coordenador da base da CBF, Alexandre Gallo, quer no processo de renovação da seleção brasileira.

No início do ano, o cartola visitou Marcos Lopes, 18, na Europa, para tentar convencê-lo a defender o país onde nasceu e morreu até o quarto aniversário.

O meia, apelidado de "Rony" pela camisa de Ronaldo que não saía do seu corpo na infância, ainda não deu resposta final. Mas a decisão de jogar o Europeu aponta que ele dificilmente estará no projeto olímpico brasileiro.

A decisão sobre qual seleção defender só é definitiva quando o atleta estreia por uma seleção adulta em jogo de torneio oficial.

Lopes pertence ao Manchester City e já disputou jogos da Copa da Inglaterra e da Copa da Liga. Para ganhar experiência, foi emprestado ao Lille (FRA). O parense marcou dois gols nos três jogos de Portugal que disputou na fase final da competição. (R8)

Alemanha busca 1º título pós-Copa com 'garotos adultos'

EUROPA Campeã mundial enfrenta Portugal na final de torneio sub-19 com geração já lembrada por Löw

RAFAEL REIS DE SÃO PAULO

Dois dias depois da conquista do tetracampeonato mundial, no Brasil, a Alemanha joga nesta quinta-feira (31) por um novo título.

Desta vez, quem vai a campo em busca da taça não é Lahm, Götze, Kroos, Neuer e Schweinsteiger, mas sim a geração que já está sendo preparada para sucedê-los.

Não é exagero afirmar que o grupo nascido a partir de 1995, que disputou a final do Europeu sub-19 contra Portugal, na Hungria, está sendo moldado para formar a seleção adulta em futuro breve.

O técnico Joachim Löw incluiu na lista preliminar da Copa do Mundo dois jogadores com idade para disputar o torneio de base: os meias Max Meyer, 18, e Leon Goretzka, 19, ambos do Schalke 04. A dupla jogou amistosos pré-Mundial e acabou sendo

cutada da convocação final. Mas não importa. O objetivo principal, de ganhar experiência, estava cumprido.

Desde 2002, quando entrou em prática a série de medidas que reestruturou o futebol alemão, a ordem é clara: priorizar a juventude.

O processo começa com as 366 bases de prospecção de talentos espalhadas pelo país e termina na implantação de uma filosofia aos treinadores de clubes (e também da seleção) para que deem espaço aos jogadores mais jovens.

Não à toa, mesmo sem Meyer e Goretzka, já astros do Alemanha e liberados do Europeu, os 18 jogadores da Alemanha sub-19 acumulam 74 partidas de primeira divisão — enquanto isso, nenhum português entrou em campo na elite de uma liga nacional.

O zagueiro e capitão Stark foi titular do Nuremberg em boa parte da temporada passada. O meia Brandt marcou

pelo Bayer Leverkusen e jogou duas vezes no mata-mata da Liga dos Campeões.

O objetivo deles é repetir a mesma trajetória de 22 dos 23 jogadores do tetra alemão. E já dentro de um curto prazo.

Do elenco que voltou do Brasil com a Copa do Mundo, somente o atacante Miralem Pjanić não disputou competições de base pela Alemanha. E sete atletas, inclusive Götze, autor do gol do título, têm no máximo 23 anos.

Bem diferente da seleção anfitriã. Oscar, Bernard e Neymar foram os únicos sub-23 convocados por Felipão.

A equipe contava ainda com 11 atletas que disputaram competições oficiais pelo Brasil. Mas o time que rendeu o último título mundial do país, o sub-20 de 2011, gerou só um convocado: Oscar.

NA TV Alemanha x Portugal 14h SporTV 2

PREPARAÇÃO A LONGO PRAZO

Integração das categorias de base com seleção principal é destaque na Alemanha

Seleção alemã	Seleção brasileira
Todos os jogadores campeões da Copa, exceto Klöse, passaram pelas categorias de base da seleção	Apenas 11 dos 23 convocados por Felipão para a Copa jogaram torneios oficiais nas categorias de base da seleção
Neuer, Zieler e Weidenfeller	Goleiros: Jefferson e Julio César
Grosskreutz, Ginter, Howedes, Hummels, Durrn, Lahm, Mertensacker, Boateng e Mustafi	Defensores: Daniel Alves, David Luiz, Marcelo e Maicon
Khedira, Schweinsteiger, Özil, Draxler, Kroos e Kramer	Meias: Fernandinho, Oscar e Willian
Müller, Schürrle, Podolski e Götze	Atacantes: Neymar e Jô

APROVEITAMENTO DA BASE

■ Campeões da Copa de 2014 ■ Foi à última Copa

A Alemanha campeã

européia sub-21 de 2009* Neuer, Beck, Howedes, Boateng e Boenisch; Hummels e Khedira; Johnson, Castro e Özil; Sandro Wagner

O Brasil campeão mundial

sub-20 de 2011* Gabriel, Danilo, Bruno Uvini, Juan Jesus e Gabriel Silva; Fernando, Casemiro, Philippe Coutinho e Oscar; Henrique e Willian José

*Dados títulos oficiais referentes competições pelas categorias de base

CONSTRUA O CARRO QUE DEU A AYRTON SENNA SEU PRIMEIRO TÍTULO NA FÓRMULA 1

Uma coleção incrível!

- Detalhes fielmente reproduzidos
- Modelo em escala 1:8
- Fácil de montar

McLaren Honda MP4/4

CONSTRUA O CARRO QUE DEU A AYRTON SENNA SEU PRIMEIRO TÍTULO NA FÓRMULA 1

Nos fascinações, uma visão retrospectiva da vida do homem mais rápido do mundo, além de vários carros com os quais ele já competiu.

REVIVA EMOÇÕES COM ESTA LENDA DO AUTOMOBILISMO!

Comece já a sua coleção! Confira mais detalhes em:

mclarensenna.planetadegostini.com.br ou ligue: (11) 2171-7111

Anexo 26 – Título merecido - Tostão



Título merecido

A PESAR DOS sete gols contra o Brasil, a Alemanha mostrou a mesma dificuldade de outras partidas, de criar chances de gol, mesmo com o domínio do jogo e da bola. Já a defesa da Argentina, tão criticada antes do Mundial, foi, mais uma vez, o ponto forte. Seus defensores são melhores do que diziam, além de serem muito bem protegidos pelo meio-campo. Como a Argentina não conseguiu contra-atacar bem, houve poucas chances de gol dos dois lados, e o jogo terminou em 0 a 0. Na prorrogação, em uma bela jogada de Schürrle, Götze fez um belo gol. Os destaques foram os zagueiros Boateng, Hummels e Garay. A Argentina merece aplausos, por enfrentar, no mesmo nível, a Alemanha e ter tido chance de vencer. Por seu talento, Messi foi discreto.

O time alemão começou a se formar em 2006. Esperou chegar ao mais mítico estádio do mundo para ser campeão. Enquanto isso, no Brasil, por causa do marketing espetacular, da indústria do entretenimento e da prepotência, as coisas aconteceram antes dos fatos. O time ganhou a Copa das Confederações como se tivesse vencido a Copa do Mundo. Teve uma atuação heroica, contra a Espanha, no momento errado. Não dá para ser herói dois anos seguidos. A turma do oba-oba, por desconhecimento e/ou por otimismo exacerbado e/ou para aumentar a audiência, foi cúmplice dessa mentira. Raríssimos foram os que, antes do Mundial, criticaram Felipão e o time, como Mauro Cezar Pereira, da ESPN Brasil.

Antes do Mundial até o jogo contra a Alemanha, a maioria estava otimista com o Brasil, por entender que seria uma enorme vantagem decidir em casa, mesmo contra seleções mais fortes e sem ter apresentado um futebol convincente nos cinco primeiros jogos. Agora, a maioria dos que eram otimistas critica os que não conseguiam enxergar a realidade.

Foi uma Copa espetacular, mesmíssima.

Enquanto isso, no Brasil, a indústria da prepotência fez as coisas acontecerem antes dos fatos

‘Você é melhor do que o Messi’, disse Löw a Götze

Técnico da Alemanha pediu ao ‘menino prodígio’ de 22 anos, que marcou o gol do título, que mostrasse essa condição ao mundo

DIOS ENVIADOS AO RIO
DE R\$9

No final do segundo tempo, o técnico Joachim Löw chamou o reserva Mario Götze e foi direto. “Mostre ao mundo que você é melhor que o Messi”, disse o treinador, ao comentar sobre as orientações que dera ao meia, autor do gol do título.

O jogador do Bayern de Munique entrou no lugar de Klose aos 43 min do segundo tempo e conseguiu acabar com o jejum de 24 anos sem ganhar a Copa do Mundo. Aos 7 min do segundo tempo da prorrogação, ele recebeu o cruzamento de Schürrle e teve categoria para dominar a bola, em velocidade, e chutar forte, sem defesa para o goleiro Romero.

“O Götze é um menino prodígio que tem essas capacidades imensas, essa habilidade excepcional. Ele sempre pode decidir um jogo e marcou um belo gol nessa noite”, afirmou o treinador, que colocou o jogador no banco nos três jogos finais do Mundial. Herói do título da Alemanha, o meia não sabia explicar como marcou o gol que deu início à festa no Matacán. “Na realidade, é uma sensação indescritível. Você chuta para o gol e não sabe o que está acontecendo. Não dá para descrever. É um sonho que



Mario Götze comemora o gol do título

RAIO-X MARIO GÖTZE

NASCIMENTO
3 jun. 1992 (22 anos), em Memmingen, Alemanha

TRAJETÓRIA
Ronsberg (1995-1998); Eintracht Homburg (1998-2001); Bayern de Munique (2001-2013); Bayern de Munique (2013-); categorias de base da seleção (2007-2009); seleção principal (2010-)

PRINCIPAIS TÍTULOS
Campeonato Alemão (2011, 2012 e 2014); Mundial de Clubes da Fifa (2013); Copa do Mundo (2014)

virou realidade para nós”, declarou Götze, 22.

Um dos mais festejados pela torcida alemã, o jogador do Bayern de Munique ficou em campo por pouco mais de 33 minutos, deu 11 passes e dois chutes ao gol na final no Matacán. Antes, ele havia marcado apenas um gol na Copa.

Nascido em 1992, Götze é uma das maiores revelações do futebol local. No ano passado, o clube de Munique pa-

gou cerca de R\$ 110 milhões ao Borussia Dortmund. Ele foi a primeira contratação do técnico Pep Guardiola.

A transferência foi uma das mais polêmicas do país. Ele foi negociado quando os dois times se preparavam para decidir a Liga dos Campeões, principal torneio da Europa. “A Copa não foi um torneio de elite. Estou muito feliz, tenho muito orgulho da seleção e do que aconteceu aqui.”

AS NOTAS DO JOGO

A opinião da Folha e de Paulo Betti



NOTAS DA PAIXÃO				NOTAS DO CAMBUSTÃO									
8.10	8.8	5.8	6.5.7	8.10	8.9	6.6	-	5.7	9.7	6.7	7.9	5.9	9.10
Defendeu quanto foi possível, o melhor goleiro da Copa.	Driblador capaz e responsável a fazer do veterano.	Tranquilizador, rumo em toda a linha, colaborou no trave.	Seguiu a tática, como sempre diante da Copa.	Grande atuação, pelo primeiro e último melhor que foi marcado.	Bem nos momentos decisivos no jogo, deu o sangue pelo time.	Melhorou nos momentos decisivos no jogo, deu o sangue pelo time.	Jogo pouco tempo.	Jogo muito pouco tempo, vive alterado.	Entrou bem, fez um rico a defesa argentina e foi o jogador do gol.	Estreou abando da grande Copa que fez.	Teve ótima atuação rum a forte defesa argentina, mas foi bem.	Apagou de última hora, não conseguiu o gol.	O golador do jogo, o melhor em tempo.

ALEMANHA

1

ARGENTINA

0

Estádio: Matacán, no Rio de Janeiro.
Árbitro: Nicola Rizzoli (Itália)
Público: 74.739 presentes
Gol da Alemanha: Götze aos 8 min do segundo tempo da prorrogação.

T.: J. Löw
9.8
Foi chamado ao campo com volante por um meio atacante no 15 tempo.



T.: A. Sábella
7.8
Tubo nas pernas, não ofereceu ao alemão e arrastou o plano que estava ganhando o jogo.



6.5.8	6.7	6.6	5.7	5.5.8	6.5.8	7.7	6.5.7	5.6.5	6.7	4.5.7	5.4	6.8	4.5.5
Sem culpa no jogo e foi o melhor jogador argentino.	Garbaino, todos os dias das partidas.	Muito preocupado com a marcação, não conseguiu atacar.	Quase entregou um gol para a Alemanha na prorrogação.	Demora do plano tático de Sábella, substituiu ao atacar mesmo do que de costume.	Bons passes, especialmente no primeiro tempo.	O melhor argentino na Copa, Messi, viveu o momento de conexão do time.	Compreendeu uma função tática fundamental, explicou as jogadas no lado direito.	Estudou e não fez qualquer diferença na partida.	Enquanto teve espaço, tentou fazer pressão e marcar o gol na prorrogação.	Perdeu grande chance no primeiro tempo e teve dificuldade para dominar as bolas.	Leve a bola do jogo pelo lado direito do ataque, Deschamps ou...	Foi uma boa atuação direta no ataque, não teve intervalo.	Apático, como foi durante todos os jogos em que entrou no Mundial.

Anexo 27 – Triste realidade - Tostão

FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 23 DE JULHO DE 2014 ★ ★ ★ esporte D3

POR QUÊ Dunga? Tenho o hábito de tentar compreender as razões das atitudes humanas, mesmo quando as acho absurdas, ridículas, mas a escolha de Dunga me deixou perplexo, surpresa. Não entendi nada. Já a de Gilmair Rinaldi, para coordenador das seleções, dá para explicar. Ele, com os privilégios na seleção. Tratou mal a todos.

Por que Dunga? No campo, ele não é melhor, pior nem diferente de Felpão e de outros treinadores. É um bom técnico, padrão, com uma estatística favorável, como todos os outros da seleção, por motivos óbvios. Para Dunga, o futebol se resume a ganhar ou perder. Por isso, disse, tempos atrás, que não entendia porque o time de 1982, que perdeu, é tão elogiado. Ele nunca vai entender.

Por que Dunga? Será que Marin,

quinhos, como vários ex-ataques, e que acabou com os privilégios na seleção. Tratou mal a todos.

Por que Dunga? No campo, ele não é melhor, pior nem diferente de Felpão e de outros treinadores. É um bom técnico, padrão, com uma estatística favorável, como todos os outros da seleção, por motivos óbvios. Para Dunga, o futebol se resume a ganhar ou perder. Por isso, disse, tempos atrás, que não entendia porque o time de 1982, que perdeu, é tão elogiado. Ele nunca vai entender.

Por que Dunga? Será que Marin,

Triste realidade

TOSTÃO

A escolha de Dunga para técnico da seleção me deixou perplexo, surpresa; não entendi nada

Del Nero e Gilmair querem um técnico duro, que não permita tantas pessoas nos treinos nem a decisão de helicópteros com celebridades para fazer entrevistas especiais? Será que eles associaram a Gregg Comary com a bagunça de Weggis, na Copa de 2006, e, por isso, escolheram Dunga, novamente, para moralizar a seleção?

Pensa que foram duas situações diferentes. Não faltou comprometimento aos jogadores nessa Copa. O marketing enganoso e exagerado também contribuiu para o fracasso. David Luiz é um bom exemplo. Ele se tornou um herói nacional, um fenômeno como garoto propaganda, uma mistura de anjo barroco com artista pop, antes de ser campeão. Tudo por causa de algumas boas atuações, embora tenha dado dezenas de lançamentos longos inúteis, e por seu jeito extrovertido, além de seu discurso de bom moço, preocupado com

a felicidade de todos.

Ele acreditou em tudo isso. Com as ausências de Neymar e de Thiago Silva, David Luiz, além de capitão, quis ser zagueiro, armador e atacante. Suas atuações contra Alemanha e Holanda foram péssimas. Agora, entendo porque Mourinho, no Chelsea, o colocava na reserva de Gary Cahill, que tem muito menos talento.

A seleção precisa de um técnico que uma conclusão científica com a sabedoria de um bom observador, a gana de vencer com o prazer de jogar bem, de uma maneira agradável, e que tenha independência e criatividade, sem esquecer o pensamento cartesiano. Esqueça! Tive apenas uma fantasia. Passou. A realidade é outra, triste. A realidade é Dunga. Vámas lá, Brasil!

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfouri e PVC, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfouri, sexta: Fábio Seltzer, sábado: Xico Sá, domingo: Juca Kfouri, PVC e Tostão

Dunga admite erro com jovens em 2010

SELEÇÃO Técnico faz mea-culpa em acerto com CBF; na Copa da África do Sul, havia clamor por Ganso e Neymar

MARCELO RIZZO
de SÃO PAULO

Dunga fez um mea-culpa na conversa com a cúpula da CBF na qual acertou seu retorno à seleção brasileira. A Folha apurou que o técnico admitiu ter falhado em sua primeira passagem, de 2006 a 2010, ao ignorar jovens talentos.

Essa admissão era a chave para que seu nome se trans-

formasse de ideia a consenso, já que o plano da CBF para os próximos quatro anos é formar jogadores da base para o time principal.

O projeto apresentado pelo coordenador da base e treinador olímpico, Alexandre Gallo, prevê que uma cota de seis a oito atletas entre 20 e 22 anos seja chamada em cada convocação, seja para amistoso ou torneio oficial. Dunga continua achando

que o jogador tem que ser convocado quando estiver pronto, e não por ser jovem, mas concordou com parte da ideia visando a Copa da Rússia. De dois a três jovens devem aparecer com frequência nas listas do treinador.

No bate-papo com Dunga, Gallo avaliou que tem atletas mais preparados no setor defensivo e nas laterais. Posições em que a renovação é importante para 2018, principal-

mente na lateral direita, já que os escolhidos para 2014, Daniel Alves e Malcom, passaram dos 30 anos.

Jogadores como os zagueiros Marquinhos, do PSG, e Dória, do Botafogo, e o lateral direito Gilberto, do Inter, devem ser as apostas nas primeiras convocações.

Quando Dunga assumiu a seleção em 2006, Neymar e Ganso ainda não tinham destaque no Santos. Ambos só

apareceram no primeiro semestre de 2010, às vésperas da Copa da África do Sul.

Na época, o técnico não os considerou prontos para o torneio. E o clamor popular nem era por Neymar, principal jogador da seleção neste ano, mas por Ganso.

A promessa agora é que Dunga trabalhe em conjunto com Gallo em busca das principais promessas das categorias de base da seleção.

SÓ UM ARREPENDIMENTO

Na conversa decisiva com os dirigentes, Dunga não disse arrependido pelas brigas com jornalistas em sua primeira passagem como técnico —apesar de ter admitido que seu temperamento é forte—, ou por ter isolado demais a seleção —algo que a direção da CBF que ocorre agora, após o fracasso na Copa no Brasil, com menos exposição e marketing.

O INTERCÂMBIO DE DUNGA

Técnico da seleção aproveitou a Copa para trocar informações com colegas

Zvonimir Boban

O ex-jogador de 48, participou da melhor campanha da Croácia em uma Copa. Escriba do time que ficou em 19 lugar na França, em 1998. Foi meia do Dinamo Zagreb, Milan, Bari e Celta de Vigo.

Ronald Gullit

Aos 51, antigo técnico holandês está afastado do futebol. Seu último clube foi o Terek Groznyj, da Rússia, em 2011. Passou também pelo Chelsea e Newcastle. Como atacante, foi titã pelo italiano no Milan.

José Carlos

Nepomuceno Mozer jogou com Dunga na Copa 1990. Após se aposentar, virou técnico. Foi assistente de José Mourinho, também em início de carreira. Hoje, aos 53, está sem clube.



Arrigo Sacchi

De 1987 a 1991, Sacchi conduziu o Milan, sendo conquistador de diversos títulos. Foi técnico da seleção da Itália na Copa de 1994, quando perdeu o título para o Brasil, do capitão Dunga. Desde 2001 é comentarista esportivo.

José Mari Bakero

Aos 51, o técnico espanhol está sem clube, mas teve passagens por Puebla, Real Sociedad e Juan Aurich. Foi meia do Real Sociedad, do Barcelona e Veracruz. Jogou as Copas do Mundo de 1990 e 1994.

Arsène Wenger

O francês de 64 anos é o técnico do Arsenal há 18 anos. Suas maiores glórias foram alcançar o título da Liga das Campeões de 2006, quando o time inglês perdeu a taça para o Barcelona, e três títulos do inglês.

SAIBA MAIS

Afastado desde 2001, Sacchi inovou na Itália

de SÃO PAULO

Arrigo Sacchi, 68, o italiano chamado de Enrico por Dunga, foi o técnico que revolucionou o futebol italiano nos anos 80.

Introduziu o 4-4-2, inspirado na seleção da Holanda de 1974, eliminou o liberto na defesa e deixou o jogo do país mais ofensivo. Testou o sistema no Parma e levou a equipe de Sèrie C até a A em dois anos. Depois foi contratado pelo Milan, onde viveu o melhor fase da carreira.

Com jogadores como Gullit, Rijkaard e Van Basten, foi bicampeão europeu e mundial. Em 1991, assumiu a Itália. Não conseguiu a vaga na Euro-92 e foi vice na Copa 1994. Voltou ao Milan e passou por Atlético de Madrid e Parma. Não foi bem. Deixou de ser técnico em 2001. Virou comentarista de TV.

ANÁLISE

Em resposta à cobrança pública, técnico quer mostrar atualização

PABLO VINICIUS COELHO
COLUNISTA DA FOLHA

Dunga citou Arrigo Sacchi, Ronald Gullit, José Mari Bakero, Zvonimir Boban, Arsène Wenger... Sem querer questionar, fez questão de afirmar que está atualizado.

Seu trabalho como comentarista nas TVs Al Jazeera e Azteca, durante a Copa, na companhia dos citados ac-

ma, serve como anteparo para dizer que vê o futebol internacional de perto.

O discurso vai ao encontro do desejo e da cobrança dos torcedores para que o futebol brasileiro se atualize.

Dunga aceita ao falar em futebol total, mas erra ao afirmar que, na Copa, só o Chile jogou no ataque. Faltou uma adequação do discurso.

Se Dunga viu certo ao afir-

mar que a seleção chilena atinou com três ataques e a Alemanha com apenas um, se chegou ao alvo quando disse que as seleções começaram suas montagens pelo sistema defensivo, errou, no mínimo, na construção do pensamento ao dizer que só viu desejo pelo ataque nos chilenos.

Acertou em falar em futebol total e ao dizer que a Ale-

manha teve qualidade e planejamento em toda a sua história. Os alemães foram mesmo os que mais uniram técnica e força em todos os seus times, de Rummenigge e Beckenbauer a Schweinsteiger e Thomas Müller.

Acertou ao dizer que enfrentará seleções fortes da América do Sul, como Chile, Argentina e Uruguai.

Chega de ironizar a frase

"não há mais bobo no futebol." Ou o atraso poderá ser atribuído a nós, críticos, em vez dos técnicos.

A reflexão sobre o relacionamento com a imprensa na primeira passagem, entre 2006 e 2010, é positiva. Não é prioridade se relacionar com os jornalistas. Com as pessoas, sim. Dunga tem razão ao dizer que jamais teve problemas com jogadores.

Teve com dirigentes das divisões de base do Inter, com o gerente de futebol do clube gaúcho, Newton Drummond, e com o assessor de imprensa José Evaristo Villalobos.

Dunga não precisa mudar seus princípios. Só pode prestar mais atenção aos fantasmas, para não enxergá-los onde não existem.

Se fizer isso, poderá fazer um trabalho melhor do que o de quatro anos atrás. Não foi ruim. Mas se fosse excelente, teria chegado no mínimo às semifinais.

TÊNIS

Bellucci vence em estreia na Suíça

O tenista Thomaz Bellucci, brasileiro mais bem colocado no ranking mundial, na 93ª posição, começou com vitória o ATP 250 de Estaad, na Suíça. Nesta terça (22), ele venceu o austríaco Gerald Melzer, 148º

do mundo, por 2 a 0 (parciais de 6/3 e 6/4). Bellucci é bicampeão do torneio (2009 e 2012). Na próxima rodada, o brasileiro enfrenta o argentino Federico Delbonis, cabeça de chave 5 do saibro suíço.

F1

Ecclestone confirma GP na Rússia

Apesar da tensão na Ucrânia, na última quinta (17), Bernie Ecclestone, detentor dos direitos comerciais da F1, disse não estar preocupado com a realização do GP da Rússia, programado para estreiar no calendá-

rio em 12 de outubro. "Sempre digo que nós não nos envolvemos em política. Temos um contrato com eles [russos] e sabemos que irão respeitá-lo. Não obviamente faremos o mesmo", disse o dirigente inglês.

TURF

Cavalo da rainha não passa em antidoping

O palácio de Buckingham anunciou que um cavalo de corrida da rainha Elizabeth 2ª foi reprovado em exame antidoping. Vencedor em 2013 da Gold Cup, prova das mais importantes do turf bri-

ânico, Estimate testou positivo para morfina, segundo o jornal "The Guardian".



Anexo 28 – De vez em quando - Tostão

D4 esporte *** QUARTA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 2014

FOLHA DE S.PAULO

HÁ COISAS boas no futebol brasileiro. De vez em quando, vejo excelentes partidas, belos lances e times com um jogo coletivo, moderno e eficiente. De vez em quando, vejo partidas com poucas faltas, poucas simulações, poucos chutes, poucas trombadas, poucas discussões e poucas ofensas. De vez em quando, vejo estádios cheios e boas arbitragens. De vez em quando, vejo dirigentes com boas ideias.

De vez em quando, vejo, escuto e leio ótimas análises sobre o jogo coletivo, e não apenas sobre lances isolados e/ou erros dos árbitros. De vez em quando, vejo que algumas pessoas explicam e compreendem o futebol. "Os que têm estudo explicam a clareza e a treva, dão aulas sobre os astros e o firmamento, mas nada compreendem do univer-

so e da existência, pois bem distinto de explicar é compreender e quase sempre os dois caminham separados" ("O Albatroz Azul", de João Ubaldo Ribeiro).

O problema do futebol brasileiro é que as coisas boas acontecem de vez em quando. E preciso haver um grande esforço de todos para que as coisas boas ocorram com mais frequência. Para isso, é necessário ter mudanças, dentro e fora de campo, que deveriam começar pela CBF. Não se pode também esconder a realidade. Jogos péssimos, como o

De vez em quando

TOSTÃO

De vez em quando, vejo coisas boas no futebol brasileiro; pena que só de vez em quando

entre Flamengo e Botafogo, precisam ser ditos que são péssimos, mesmo quando são emocionantes. No fim de semana, vi coisas boas, como a estreia de Kaká, as ótimas atuações do Cruzeiro, de Ricardo Goulart, de Everton Ribeiro, de Elias e, mais uma vez, a excelente estrutura tática do Goiás, de Ricardo Drub-

ky, preparada para um time muito modesto de valores individuais, que me lembra a Costa Rica na Copa. Kaká, mais pela esquerda, e Ganso, mais pelo centro, podem formar uma boa dupla. Sempre usaram na mesma posição, mas são completamente diferentes. Kaká é muito mais um atacante, e Ganso, um armador. O meio-campo, para Kaká, é apenas passagem, para ele receber a bola e ir em direção ao gol. Para Ganso, é a moradia. Alguns assistiram à Copa e não compreenderam nada. Querem que Ganso jogue como Kaká.

Ricardo Goulart tem as características muito parecidas com as de Kaká, e Everton Ribeiro, com as de Ganso. Evidentemente, Ricardo Goulart não tem o talento que Kaká teve na maior parte da carreira. Everton Ribeiro se movimenta muito mais que Ganso e é, hoje, mais eficiente.

De vez em quando, ou melhor, várias vezes, vi momentos espetaculares de Romaldinho no Atlético-MG. Um lanceador me disse que foi a todas as partidas do Galo, que se sentava nas primeiras filas, só para ver Romaldinho, para ele, o melhor jogador que viu tão de perto. Ele falou ainda que nunca viu alguém dominar tão bem uma bola, mesmo vindo de um chute, para, em seguida, olhando para um lado, dar um passe tão preciso para outro. Ele completou: "Nem acredito no que vi."

COLUMNISTAS DA SEMANA segunda: JUCA KFOURI e PVL; quarta: TOSTÃO; quinta: JUCA KFOURI; sexta: FÁBIO SERRAS; sábado: XICO SÁ; domingo: JUCA KFOURI, PVL e TOSTÃO



Velejador treina para evento-teste no Rio

Daniel Marcano/Filipepress

→ AUSTRALIANO ENCONTRA CÃO MORTO EM BAÍA. Medalha de ouro na classe 470 nos Jogos de Londres, o velejador Matthew Belcher, 31, achou até um cachorro morto nas águas da baía de Guanabara em treino de reconhecimento para um evento-teste da Rio-2016. "Já fizemos dois treinos até agora, onde encontramos muitas garrafas e sacos plásticos. Ontem vimos um cachorro morto na água", disse Belcher, ao chegar com seu barco na Marina da Glória. Ele está no Rio desde sábado para disputar a competição, que vai reunir 320 atletas de 34 países, de 2 a 9 de agosto. "A poluição é realmente um problema. Vários atletas estão falando sobre isso", avaliou ele, que até parou o treino para tirar pedaços de plástico de seu barco.

Adaptações das obras do Pan ainda não têm custo

2016 Arenas usadas em 2007 serão ajustadas; orçamento vai a R\$ 37,6 bi

ITALO NOGUEIRA DO RIO

Sete anos após o Pan do Rio e a saída da Olimpíada, os governos ainda não definiram o custo para adequação de arenas usadas no evento de 2007. E o que mostra a Matriz de Responsabilidades, atualizada nesta terça (29).

O documento, que lista o preço das instalações esportivas e o ente responsável pela execução, indica que o custo das arenas chega a R\$ 6,5 bilhões. Mas não há estimati-

va de custo de 15 dos 52 projetos. Entre os que não têm valor definido estão as readequações dos parques aquáticos Maria Lenk e Julio Delamaré, do Engenhão, do Estádio de remo da Lagoa — todas do Pan.

O general Fernando Azevedo e Silva, chefe da Autoridade Pública Olímpica, disse que a reforma das arenas, por serem de pequeno porte, não preocupam a organização.

Agora, a previsão de gasto com a Olimpíada chega a R\$ 37,6 bilhões, incluindo obras de infraestrutura e legado urbano. Esse valor vai subir, a medida em que projetos ho-

verem orçamento definido — são 18 nessa situação.

A estimativa de gasto total em 2009, quando o Rio foi eleito sede, era de R\$ 28,9 bilhões — ou R\$ 38,1 bilhões em valor atualizado pelo IPCA.

O legado do Pan é alvo de questionamento de entidades e atletas. O Velódromo erguido para o evento, por exemplo, teve de ser demolido para a construção de uma nova. Instalações que puderam ser reaproveitadas devem se ajustar ao padrão olímpico.

O Maria Lenk, sede de nado sincronizado e saltos ornamentais, terá a montagem de piscinas de aquecimento. O Engenhão necessita tro-

car a pista de atletismo e ampliar, com assentos temporários, sua capacidade de 45 mil para 60 mil pessoas.

A Empresa Olímpica Municipal afirmou que a adaptação do Maria Lenk começa até o fim do ano. Já o Engenhão só terá intervenções em 2016.

O governo do Estado afirmou que o projeto básico da reforma do Julio Delamaré aguarda análise dos órgãos de licenciamento para início da obra. Já o do estádio de remo está em elaboração, com previsão de licitação em até três meses.

O local das quadras de aquecimento do Maracanzinho ainda será definido.

DO PAN PARA O PADRÃO OLIMPÍADA

Readequação de arenas não tem custo definido

ARENAS DO PAN COM CUSTO DE ADAPTAÇÃO INDEFINIDO

► Pq. Maria Lenk	► Pq. Aquático	► Estádio de Remo da Lagoa
► Maracanzinho	► Julio Delamaré	
► Engenhão		

BALANÇO DE CUSTOS DA OLIMPÍADA

Custos parciais, em R\$ bilhões



INFORME PUBLICITÁRIO

Vai começar o 11º Mídia's Cup como padrão Fifa de sempre

Maior campeonato interagências de publicidade começa hoje a noite

O Grupo de Mídia de São Paulo abre hoje a noite a 11ª edição do Mídia's Cup, o maior campeonato interagências de publicidade do Brasil e que esse ano reúne os profissionais de mídia das 16 maiores agências de São Paulo - Africa, Almap BBDO, Borghi/Lowe, DM9, F/ Nazca, Havas, JWT, Leo Burnett, Lew Lara/TBWA, NBS, Neogama/BBH, Ogilvy, Publicis, Talent, W/ McCann e Young & Rubicam.

A abertura do campeonato acontece com o tradicional Torneio Início, onde todos os 16 times jogam entre si apenas para confraternização. O Mídia's Cup possui regras inéditas, proporcionando um ambiente descontraído, a disputa é realizada por equipes compostas por homens e mulheres, onde o gol delas tem a pontuação dobrada, o que contribui para o "Fair Play" e é decisivo no resultado das partidas.

Os times são divididos em dois módulos, Ouro e Prata, onde os quatro melhores classificados na primeira fase são promovidos para as semifinais, os vencedores das semifinais realizam o jogo final de seis módulos e na final disputam o título de campeão do Mídia's Cup 2014. Na Série Prata, aqueles que disputam a final, estarão automaticamente classifica-

dos para a Série Ouro no Mídia's Cup 2015. Já os quatro piores times da primeira fase, disputam entre si a permanência no campeonato, onde os dois maiores derrotados darão espaço a duas novas agências em 2015.

A Primeira Fase e Semifinais serão realizadas todas as quartas-feiras, às 20h, enquanto as Finais serão realizadas num domingo.

O campeonato é organizado pela Divisão de Integração do Grupo de Mídia São Paulo com o patrocínio das Casas, Globo e da Folha de São Paulo. Os jogos acontecem na Arena Soccer Grass Neymar Jr, na Av. Guido Caloi, 701 - Santo Amaro.

Você poderá acompanhar a tabela com os resultados dos jogos e a pontuação do campeonato através das redes sociais e do site do Grupo de Mídia.

Anexo 30 – Enquanto isso... - Tostão

D4 esporte *** QUARTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 2014

FOLHA DE S. PAULO

A MAIORIA das equipes, em todo o mundo, joga com dois volantes, um ao lado do outro. Geralmente, desarmam e entregam a bola ao meia de ligação. Quando o adversário inicia a marcação no próprio campo, cada vez mais frequente, os meias e atacantes ficam sem espaço para receber a bola, o que obriga os volantes a tocar um para o outro ou para o lateral. São raros os volantes que possuem um passe rápido, preciso e para frente, para jogar a defesa despreocupada. O enorme número de erros de passe no Brasileiro não é somente porque os jogadores passam mal. É também porque, para se livrar da bola, tocam para o companheiro marcado.

Alemanha e Espanha, os dois últimos campeões mundiais, o Barcelona, há tempos, o Bayern, com Guardiola, o atual Real Madrid,

campeão da Europa, e algumas outras equipes, geralmente as que mais encantam, atuam com um volante e dois armadores, que marcam como meias. Em vez de dois marcadores no meio-campo, são três, e, em vez de um meia de ligação, são dois. O time ataca e defende melhor com mais jogadores.

Contra o Brasil, a Alemanha, quando perdia a bola, tinha cinco no meio-campo: os três do meio mais um jogador de cada lado, que voltavam para marcar e receber a bola. Quando a recuperava, quatro dos cinco

Enquanto isso...

TOSTÃO

O Brasil precisa estudar e aprender, em vez de repetir condutas e discursos ultrapassados

avançavam e se aproximavam do centroavante. O time defendia com cinco no meio e atacava com cinco. Enquanto isso, Luis Gustavo atuava encostado nos zagueiros. Oscar, encostado no centroavante, Bernard e Hulk, encostados à lateral, e apenas Fernandinho no meio-campo. Eram cinco contra um. E Felipe disse que a seleção sofreu apenas uma

pane de seis minutos.

O Brasil precisa estudar e evoluir. Dunga, para mostrar que estava atualizado, disse que conversou, durante a Copa do Mundo, com vários treinadores. Gilmar Rinaldi falou que ele e Dunga vão viajar para conversar com outros técnicos. Bom, desde que não sejam apenas conversas durante o café da manhã, no intervalo das partidas e em outras rápidas situações parecidas.

Lembra-me de Guardiola. Antes de ser técnico do Barcelona, ele viajou à Argentina, para conversar com os treinadores Menotti e Bielsa. Ele

e Bielsa passaram todo o dia e uma noite vendo tapes e discutindo detalhes de partidas.

Lembra-me também de Tite. Ele deixou de trabalhar, de ganhar muito dinheiro, para viajar, estudar e se preparar para ser técnico da seleção, já que Felipe não saía, mesmo se o Brasil fosse campeão.

Lembra-me ainda de uma recente entrevista de Edu Lobo a Roberto D'Ávila, na GloboNews. Ele disse que, no auge do sucesso, largou os shows e, como um desconhecido, passou anos nos EUA, para estudar com os maiores músicos.

Enquanto isso, pessoas despreparadas, interessadas, bajuladoras e sem nenhuma gana de aprender e de evoluir repetem condutas e discursos ultrapassados e se perpetuam no poder e no comando técnico do futebol. Enquanto isso...

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kloori e PVC, quarta: Tostão, quinta: Joca Kloori, sexta: Fábio Seixas, sábado: Xico Sá, domingo: Joca Kloori, PVC e Tostão

Ministério Público critica projeto da CBF

FUTEBOL. Entidade do futebol quer que garotos a partir de 12 anos possam estar ligados a seleção e clubes

MARCEL RIZZO DE SÃO PAULO

A proposta da CBF de diminuir de 14 para 12 anos o vínculo de garotos com clubes, o que hoje é vetado pela Constituição, coloca de um lado a entidade e de outro, o Ministério Público do Trabalho e entidades dedicadas à defesa do Estatuto da Criança e do Adolescente.

"Imagino que a proposta será rejeitada pelo parlamento", disse Rafael Dias Marques, coordenador nacional do Coordenação Nacional do Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente, do MPF.

Na terça (12), a Folha publicou entrevista com o coordenador da categoria de base da CBF, Alexandre Gallo, que abordou a dificuldade da entidade e dos clubes brasileiros para formar atletas com a impossibilidade de tê-los por mais tempo em centros de formação.

"Entendemos que qualquer criança alojada em um clube está participando de campeonatos, ou seja, está sendo preparada para se transformar em jogador de futebol profissional. Isso se

configura em desporto de rendimento, o que é trabalhoso", disse Marques.

O MPF tem denunciado alguns clubes nos últimos anos por terem em seus CTs garotos com menos de 14 anos. Em 2013, o Cruzeiro foi multado em R\$ 100 mil.

O projeto da CBF prevê adendo na Lei Pelé, que cria uma nova forma do desporto, o de formação. Assim, menores entre 12 e 13 anos poderiam se ligar a clubes, sem que a relação seja tratada como trabalho.

Para Ariel de Castro Alves, membro do Condeco-SP (Con-

selho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente), é preciso evitar que essas crianças peçam direitos, como a convivência familiar.

"Outro problema é criar traumas para essas crianças, que passam muito cedo a conviver em um mundo muito competitivo", disse Alves.

ALICIAAMENTO

Em nota divulgada no seu site na terça (dia 12), a CBF respondeu às críticas da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) à proposta, publicada pela Folha. A OAB considera o projeto "nefasto".

"O que se estabelece hoje, sim, de maneira ilegal e nociva, é o aliciaamento feito a partir do momento em que muitos meninos com 12, 13 anos e seus familiares recebem propostas que incluem o pagamento de elevadas quantias. Esse tipo de relação perversa que a medida proposta pela CBF pretende dar fim", escreveu.

Segundo a CBF, as outras 208 federações filiadas à Fifa têm legislações que permitem que crianças menores de 14 anos pratiquem futebol em clubes ou centros de formação das confederações.

→ ALEMANHA REPETE CINCO

GOLS EM UM SOLO TEMPO. A seleção brasileira feminina sub-20 foi eliminada nesta terça-feira (12) do Mundial da categoria, no Canadá, ao perder de 5 a 1 para a Alemanha. As alemãs fizeram os cinco gols no segundo tempo, repetindo o time profissional masculino, que na semifinal da Copa do Mundo, pouco mais de um mês atrás, fez cinco gols no primeiro tempo na histórica vitória de 7 a 1 sobre o Brasil.

'NOVO' REAL JÁ É CAMPEÃO

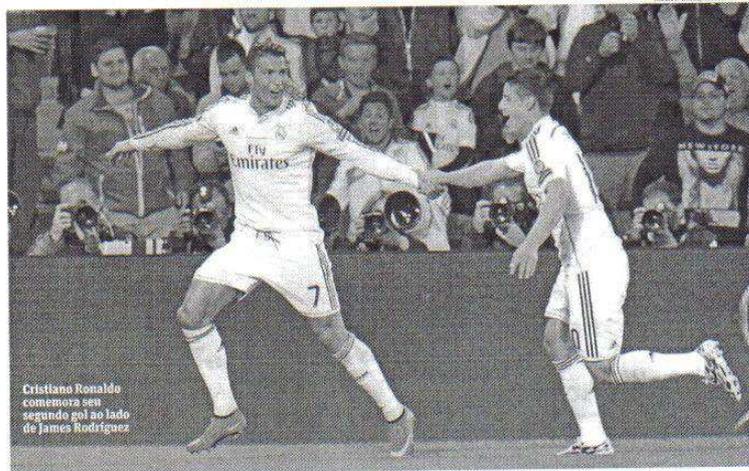
DE SÃO PAULO - O Real Madrid contou com as estrelas do meio colombiano James Rodríguez e do meia alemão Toni Kroos, principais protagonistas da decisão da Supercopa da Europa. Mas quem garantiu o título contra o Sevilla foi Cristiano Ronaldo.

O atacante português, marcou os gols da vitória madriense por 2 a 0 nesta terça (12) em duelo de clubes espanhóis, em Cardiff, no País de Gales.

A equipe da capital conquistou seu segundo troféu da competição, que reúne os vencedores da Liga dos Campeões e da Liga Europa. O primeiro foi vencido em 2002, contra o holandês Feyenoord.

Contratado por € 80 milhões (R\$ 244 milhões), James Rodríguez jogou mais pela esquerda e teve uma atuação discreta.

Já Kroos, que custou € 30 milhões (R\$ 91,5 milhões), atuou mais recuado no meio e mostrou segurança. Outro reforço, o goleiro costarriquenho Keylor Navas, ficou no banco.



Cristiano Ronaldo comemora seu segundo gol ao lado de James Rodríguez

Treinador do Shakhtar critica ausência de Bernard

UCRÂNIA. Atacante, que não voltou à equipe após a Copa, ironiza declaração pelo Twitter

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

O técnico do Shakhtar Donetsk (Ucrânia), Mircea Lucescu, criticou nesta terça (12) o meia-atacante Bernard, que ainda não retornou ao clube.

Segundo o treinador, o ex-jogador do Atlético-MG não entra em contato com a comissão técnica desde o dia 15 de maio, quando foi liberado para participar do Mundial.

"Já vai fazer quase três meses que a gente não o vê. E hoje desse tempo, ele continua recebendo", disse Lucescu.

"A sensação que dá é que ele é um jogador de Twitter. Ali ele conta os fatos. Mas, ao

mesmo tempo, não se comunica com a sua equipe."

Pouco depois, por sua conta no Twitter, Bernard ironizou as declarações.

"Três meses... Sendo que a Copa acabou faz um mês! A falta de matemática", escreveu. No início do mês, Lucescu criticou a "falta de profissionalismo" dos atletas brasileiros que se recusaram a voltar ao Shakhtar depois das férias alegando medo dos conflitos na Ucrânia. Todos, exceto Bernard, já retornaram.

A reportagem da Folha tentou entrar em contato com Bernard, mas não obteve retorno da assessoria do atleta.



» RESSACA. Jo-Wilfried Tsonga voleta na derrota para o russo Mikhail Youzhny por 6/1 e 6/4 no Masters 1.000 de Cincinnati; domingo, ele havia sido campeão em Toronto

Após 5 anos, Emanuel e Ricardo reatam parceria

VÔLEI DE PRAIA. Ouro nos Jogos de Atenas, dupla volta a se unir para participar da Rio-2016

DE SÃO PAULO

Ricardo e Emanuel, que juntos conquistaram ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, e bronze nos de Pequim, em 2008, reataram a parceria. Ambos estavam separados desde 2009.

A dupla faz seu primeiro treino no reencontro nesta quarta-feira (13), na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. O retorno tem como objetivo os Jogos Olímpicos de 2016.

A volta aos torneios oficiais acontece ainda neste mês. Primeiro, jogam a etapa de Vitória do Circuito Brasileiro, entre os dias 28 e 31.

De 23 a 28 de setembro, disputam a etapa de Barueri do Circuito Mundial.

Nas oito temporadas em que atuaram lado a lado (de 2002 a 2009), Ricardo e Emanuel conquistaram cinco títulos do Circuito Mundial e o ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio, em 2007.

Emanuel, 41, dono de três medalhas olímpicas (um ouro, uma prata e um bronze), formou até recentemente parceria com Pedro Solberg.

Ricardo, 39, também detém três títulos olímpicos em Jogos Olímpicos. Ele atuou nos últimos anos com Pedro Cunha e Alvaro Filho.